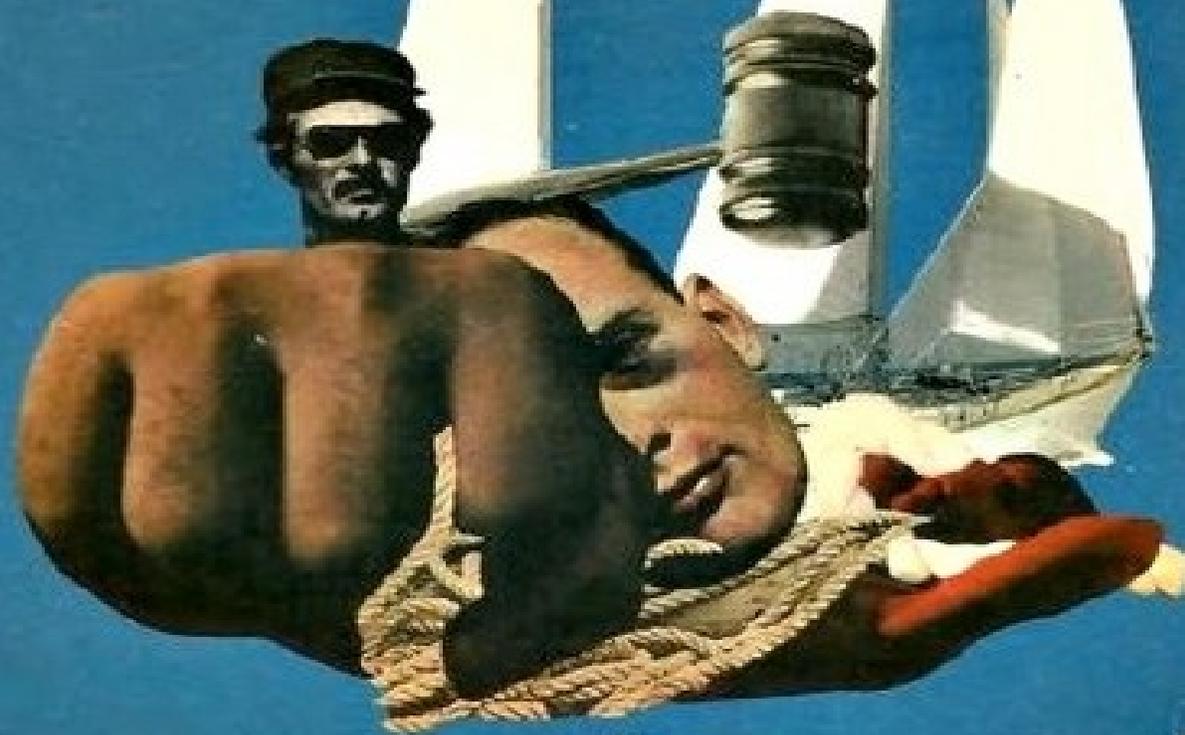


o livro mais diabólico do nosso tempo

# VINGANÇA EM ALTO-MAR

'SEA TRIAL'

FRANK DE FELITTA



  
Francisco  
Alves

LEIA O LIVRO  
ANTES DO FILME

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

***"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."***



Aba(s)

Tudo começou com simples cruzeiro... agradável, romântico e perfeito.

Phil e Tracey contratam por duas semanas os serviços do iate *Penny Dreadful*, de propriedade do Capitão McCracken e sua esposa Penny.

O mar azul do Caribe como cenário, Phil, longe da mulher e filhos, e Tracey, aproveitando uma viagem distante do marido — uma relação ilícita em busca de prazeres eróticos para fugir da monotonia do casamento.

Mesmo sabendo que está traindo o marido, Tracey deseja uma última aventura com Phil, para então não se encontrarem nunca mais.

Serão quinze dias de amor e despedida, de prazer e de luxo.

O cruzeiro inicia perfeito para os dois amantes. Mas aos poucos o prazer começa a desaparecer. Pequenas tarefas domésticas são requisitadas a Tracey. As refeições começam a escassear. O iate entra em pane.

Há algo errado a bordo do *Penny Dreadful*.

Algo pavoroso e diabólico.

**FRANK DE FELITTA**

**VINGANÇA EM ALTO-MAR**

**Tradução de**

**LUIZ HORÁCIO DA MATTA**

**LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S.A.**

Copyright © 1980 by Frank De Felitta

Título original: Sea Trial

Capa: Jader Marques Filho

Revisão: João Dilcler

1981

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Todos os direitos desta tradução reservados à

LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S.A.

Rua Sete de Setembro, 177 — Centro

20.050 Rio de Janeiro, RJ

Não é permitida a venda em Portugal e países de língua portuguesa.

Digitalização, formatação e correção:

**Chuncho (LAVRo)**

===== LV =====

**Para Grace**

Desejo expressar meus agradecimentos  
a Joyce Lukon e Joe Wizan, que se foram,  
e a Robert Wise, por seu comentário casual.

## ANÚNCIO

Revista Sol e Lazer, 14 de Dezembro de 1979

Embarque num iate particular lindamente equipado para um descontraído cruzeiro de duas semanas através do cintilante Caribe. Viaje à vontade, em total anonimato. Seus anfitriões, um casal de marujos amistosos e experientes, oferecem oportunidades de vislumbres impossíveis a bordo de grandes navios de cruzeiro. O tempo será lindo, proporcionando um sol inigualável na mais propícia das estações do ano. E quando o sol baixa no horizonte a vida a bordo eleva-se a níveis dignos da ocasião. Nossas noites são repletas de deleites gastronômicos, de retinir de copos de cristal e de conversas agradáveis — ou, se você preferir, de repousante silêncio. Escreva-nos resumindo seus interesses. Só aceitamos casais.

Caixa Postal 212 — Coral Gables, Flórida.

# Um

Não vai acontecer, pensou Phil. Consultou o relógio. Quase cinco horas. Sentindo-se torrar ao sol poente da Flórida em roupas adequadas para um clima mais ameno, permaneceu imóvel no pátio do Hotel Flamingo. Olhou por entre a fileira de pequenas palmeiras para a poeira branca que, levantada pelos carros que passavam, tornava a pousar no asfalto ardente. Colocou os óculos escuros, com a impressão de chamar demasiadamente a atenção naquele ambiente, enquanto seus ouvidos captavam as vozes frívolas que vinham dos luxuosos salões do restaurante.

— Querido...

Phil voltou-se. Uma jovem surgira na extremidade oposta do pátio. Usava blusa branca, saia azul e um chapéu de palha de abas largas. Parecia miúda e, por um breve instante, amedrontada.

— Tracey... — murmurou Phil.

Correram para abraçar-se e Phil a estreitou até que a timidez desapareceu. Sentiu-a comprimida de encontro a seu corpo, o calor passando através da fina blusa rendada.

— Não pensei que você viesse — disse Phil.

— Também não pensei que viria, mas aqui estou.

Phil cobriu-lhe o pescoço de beijos e depois segurou-lhe o rosto entre as mãos.

— Quer tomar alguma coisa? — indagou. — Está com fome?

— Não. Vamos logo.

— Está bem. Precisamos pegar um táxi.

— E minha mala. Deixei na recepção.

— Cuidaremos disso depois.

Phil conseguiu um táxi e, pouco depois, deixaram para trás o ofuscante calor da marina e da baía.

— Já viu o barco? — indagou Tracey.

— Sim. É todo decorado por dentro. Coisa de louco.

— E o capitão?

— Um sujeito mais velho que nós. Tranquilo.

Tracey recostou-se voluptuosamente no peito de Phil. Sabia o que ele estava pensando. Os dedos de Phil tremiam levemente ao acariciar-lhe a nuca. Ela notou que o motorista do táxi os observava pelo espelho retrovisor. Lá fora, as movimentadas avenidas cederam lugar aos mercados e, depois, a amplos jardins verde jantes e frescos.

O táxi parou. Tracey saltou do carro e viu-se diante de uma enseada sombria. Correu os olhos em volta, perscrutando nervosamente as densas touceiras de hibiscos, salgueiros e plantas tropicais de folhas largas que orlavam a enseada e ocultavam as lanchas brancas atracadas nos cais.

Phil sorriu.

— Não se preocupe — disse num tom tranquilizador. — Ninguém aqui nos conhece.

— Você deu nossos nomes ao capitão?

— Somos o Sr. e Sra. Williams.

No pé da escada que descia até a água havia um bote com motor de popa atracado a uma estaca. Um homem alto, de constituição quadrada, trajado numa camisa branca, estendeu a mão para Phil.

— Olá, Capitão Jack — disse Phil. — Esta é minha esposa, Tracey.

O Capitão exibiu um largo sorriso. Tinha a testa tisonada de sol. Vincos profundos marcavam o rosto bonito. Tinha mais de cinquenta anos, mas o peito volumoso e braços fortes revelavam um homem acostumado às intempéries do oceano.

— Tenho muito prazer em conhecê-la, Sra. Williams — disse ele. — Meu nome é John McCracken. “Capitão Jack” para os amigos.

— Olá, Capitão Jack — disse Tracey, um tanto encabulada.

Tracey segurou recatadamente a saia e embarcou no pequeno bote. Sentou-se de frente para a proa, ao lado de Phil. O Capitão McCracken empurrou o bote para afastá-lo do cais. De repente, o motor de popa rugiu e o barco deslizou através da enseada. Leques de reflexos verdes e ondulados se alastraram pela superfície da água.

As curvas da enseada revelavam-se majestosamente. Aves marinhas gritavam ruidosamente no ar antes de darem vôos rasantes à superfície e desaparecerem além dos salgueiros. O bote enveredou por um canal mais estreito. Paredes impenetráveis de troncos, raízes, flores e folhas cobertos de musgo quase escondiam as lanchas brancas e silenciosas atracadas aos molhes pintados de branco.

— É como um sonho — sussurrou Tracey.

Levara menos de três horas para chegar à Flórida, encontrar-se com Phil e, agora, ver-se deslizando ao longo do pitoresco canal. Tudo acontecera tão depressa, a grande barreira fora transposta e Tracey se sentia ao mesmo tempo eufórica e confusa ante o ritmo repentinamente acelerado da vida. Seu marido já se encontrava nas vastas regiões desoladas e geladas próximas à União Soviética, mantendo-se incomunicável nas instalações de radar destinadas à Força Aérea. E não voltaria a algum lugar onde houvesse ao menos um telefone antes de meados de janeiro. A essa altura, naquele ritmo tão acelerado, Tracey poderia viver três vidas inteiras.

McCracken fez o bote descrever um amplo arco, penetrando na parte mais remota da enseada, onde estavam as casas mais antigas. As casas e atracadouros eram cuidadosamente isolados uns dos outros por sebes floridas e palmeiras. Alguns dos moradores reclinavam-se em espreguiçadeiras. Tudo constituía um ambiente oculto, organizado, cheio de calma e privacidade. McCracken desligou o motor de popa e, no silêncio absoluto, o bote deslizou vagarosamente, levado pelo impulso.

— Lá está ele, Sra. Williams! — exclamou McCracken.

— Agora, diga-me se não é uma visão capaz de mexer com o coração da gente!

O *Penny Dreadful*[1] flutuava pacificamente à sombra fresca, branco e sensual, indiferente a tudo, aninhado entre um emaranhado de ciprestes na extremidade da enseada e afastado dos olhos dos vizinhos, todas as superfícies polidas e imaculadas, refletindo os raios de sol que se infiltravam através das folhas das palmeiras. A cabine era arrematada com madeira de tonalidade vermelha, que adicionava um toque de luxo às linhas aerodinâmicas e fortes do barco.

Era maior do que Tracey imaginara.

— É lindo! — disse ela. — Podemos embarcar?

— Devem embarcar, Sra. Williams. Será o seu lar nas duas próximas semanas. Portanto, devem conhecê-lo.

McCracken amarrou habilmente a espia, subiu ao convés e ajudou Tracey e Phil a passarem do bote para o iate. Seu rosto rude refletia a satisfação de estar novamente a bordo do comprido barco branco.

— Devem estar totalmente satisfeitos com ele — declarou com absoluta segurança.

— Tenho certeza de que ficaremos satisfeitos.

— É importante que as pessoas combinem bem com o barco.

Tracey pisou desajeitadamente o convés branco do *Penny Dreadful*. Era um barco comprido, com quase vinte e seis metros, e de aparência sólida. As sombras das palmeiras pareciam brincar nas amuradas e portas. Tracey passou por uma ponte do comando luxuosamente aparelhada e desceu a escada que levava ao salão principal. O interior tinha um leve odor de resina, semelhante ao de um verniz suntuoso, que se tomava mais pungente à medida em que ela descia.

O salão era fresco. Todos os arremates eram de madeira avermelhada que despertava os sentidos. O salão tinha um bar, uma estante envidraçada exibindo uma coleção de armas antigas, uma parede forrada por outra estante repleta de livros, uma comprida mesa lateral, tipo aparador, sobre a qual estavam dois modelos em escala de veleiros *clipper*, bem como dois sofás amplos e confortáveis. No centro, uma grande mesa com quatro maciças cadeiras presas ao convés. Mapas, uma prateleira para cachimbos, cartas de navegação decoravam as paredes interrompidas a intervalos por vigias providas de cortinas, que apresentavam uma vista do convés à altura aproximada dos joelhos de uma pessoa normal.

Phil tecia comentários a respeito da arrumação e de outros pontos interessantes do salão. Tracey ficou sabendo que o camarote de McCracken ficava na proa e o dos passageiros na popa do barco — separados por um amplo espaço que garantia total privacidade. Entre os dois camarotes, um estreito corredor estabelecia a ligação com o salão principal. Num dos lados desse corredor, à ré do salão, ficava a entrada da cozinha, um compartimento compacto, com armários embutidos e equipamentos de aço inoxidável polido e brilhante.

O camarote dos passageiros era decorado com madeira num tom mais escuro, os reflexos esverdeados da enseada dançavam no teto. Abaixo de uma vigia ficava a grande cama de casal, com travesseiros fofos e dois cobertores em padrão escocês. O baú aos pés da cama era muito antigo, marcado pelo mar, reforçado com espessas tiras de ferro escuro. Das paredes pendiam um lampião com os vidros esfumaçados e um par de sabres com lâminas embotadas pelo tempo, os punhos gastos e cheios de marcas.

— São objetos genuínos — explicou Phil. — O capitão é um colecionador.

Sobre a cômoda pesada e maciça, com puxadores de ferro pendendo das gavetas de madeira entalhada, estavam velhos instrumentos de navegação, pedaços de bússolas, capas de lentes, mapas antigos das Índias Ocidentais — todos discretamente presos nas prateleiras para o caso de uma tempestade.

— É lindo — murmurou Tracey.

— Veja isto.

Sob a vigia menor ao lado da pia estava um tonel com inscrições em inglês antigo que outrora contivera rum. Em cima do tonel, outro lampião — em perfeito estado — que também tinha mais de cem anos.

Phil pisou no tapete trançado de preto e vermelho que cobria o assoalho de tábuas avermelhadas, fazendo um gesto que abrangia o ambiente.

— Sabe, eu temia que fôssemos encontrar algo semelhante a um motel moderno.

— É tudo tão bonito, tão limpo.

Várias cavilhas de um velho cabrestante com mais de duzentos anos e malaguetas holandesas estavam empilhadas no canto oposto, como se à espera de serem utilizadas outra vez. As maçanetas das portas eram esculpidas em madeira maciça. Na crescente obscuridade do crepúsculo da Flórida, Tracey notou que a cabeceira da cama colocada sob a grande vigia era velha, arranhada e trazia esculpidas

palavras de castelhano antigo.

O silêncio era palpável e nem mesmo a brisa se fazia ouvir ao balançar os frondosos salgueiros que serviam de teto ao ancoradouro. Tracey ficou à parte do ambiente, como uma *Madonna* ou uma boneca, parecendo frágil e insegura, como se esperasse por Phil.

Ele avançou até ela, encostando o peito às suas costas e escorregando suavemente a mão por seu pescoço, enfiando-a por baixo da blusa. Tracey fechou os olhos, sentindo-se percorrer por um estremecimento. Voltou-se para Phil, cuja mão penetrou ainda mais por baixo da blusa. Beijaram-se demorada e apaixonadamente.

— Já nem sei mais o que pensar — sussurrou ela, indefesa.

— Não vamos pensar. Já pensamos demais.

— Vamos ficar aqui. Para sempre.

Paulatinamente, porém, o encanto se quebrou. Tracey alisou a saia e fechou o botão superior da blusa. Phil acariciou-lhe os cabelos. Beijaram-se outra vez.

— Creio que o Capitão está esperando — disse ele.

Subiram juntos para o convés. O crepúsculo já chegara, fresco e animado pelo zumbido e pelos ruídos de insetos e aves.

— Apaixonaram-se por ele? — indagou McCracken.

— Como? — replicou Phil.

— Não é um barco adorável? Vinte e cinco metros e meio de mais pura arte de construção naval. Fresco e limpo como a brisa do oceano.

— Um excelente barco — replicou Phil. — Exatamente o que procurávamos.

— A decoração foi imaginada por minha mulher. Não é encantadora?

— Um sonho — disse Tracey, achando o Capitão um tanto engraçado.

McCracken estudou Tracey por um momento, dando a impressão de gostar das linhas esbeltas da bonita mulher à sua frente.

— Sim — concordou ele. — O encanto de um sonho. Venham. Vamos à minha casa. Brindaremos a uma boa viagem.

McCracken levou-os por um caminho de pedras que subia através de um gramado fresco e úmido. As luzes do jardim estavam acesas. Nada era visível através das sebes e folhas de palmeiras. Phil e Tracey, de mãos dadas, aspiraram o delicioso perfume dos salgueiros ao longo da margem.

McCracken parou junto à porta.

— Minha mulher se chama Penny — informou. — A bordo, ela é o Imediato.

Phil sorriu e McCracken abriu a porta. Lá dentro fazia calor, embora o aparelho de ar condicionado zumbisse na parede oposta da sala de visitas. Troféus alinhavam-se sobre o aparador da lareira. Fotografias de veleiros decoravam a parede do corredor que levava à parte íntima da casa. Um ambiente modesto, decorado com vasos de plantas e suportes de passamanaria, mas havia inequívocos indícios de riqueza nas mesas exóticas e móveis antigos perto da lareira.

— Penny — chamou McCracken. — O Sr. e a Sra. Williams estão aqui.

Dos fundos da casa veio uma mulher de aparência jovem, com rosto sereno e simétrico. Possuía os olhos vivos, penetrantes, as feições bronzeadas de sol e aura peculiar das pessoas independentes, confiantes em si. Examinou Phil e Tracey com um único olhar, sorriu e estendeu a mão. Sua voz era mais profunda e suave do que Phil esperava:

— Sou Penny McCracken. É um grande prazer conhecê-los.

— Como vai? — murmurou Phil, apertando-lhe a mão,

McCracken pigarreou,

— Gostam do barco, Penny. E eu gosto deles. Sugiro que façamos um brinde a isso.

— Sim, sim, é claro — disse Penny, deleitada. — A nossos novos hóspedes.

McCracken remexeu nas garrafas opacas de um armário forrado com espelhos de cristal. Após rejeitar várias delas, escolheu uma bojuda garrafa preta e trouxe-a juntamente com quatro cálices.

— Faça o favor de sentar-se, Sr. Williams — disse ele.

Sentaram-se num sofá macio e escuro, quase negro. Usando a mesa de noqueira em frente ao sofá, McCracken serviu com delicado prazer a bebida dourada. Ergueu um dos cálices e todos o imitaram no brinde. Provaram a bebida. Era extremamente forte e Tracey reprimiu um engasgo.

— Rum da Jamaica — sorriu McCracken. — Livre de impostos.

Phil riu, refletindo que seria uma viagem agradável. Bebericou o rum e Tracey o imitou.

— O barco foi batizado em sua homenagem? — perguntou Tracey a Penny.

Penny recostou-se no sofá e riu.

— De certo modo.

— A princípio, eu pretendia chamá-lo de *Pretty Penny*[2] em homenagem à minha mulher — esclareceu McCracken, inclinando-se para diante.

— E aos meus gostos dispendiosos — acrescentou Penny.

— Todavia, quando vi a nota de compra e o custo dos acessórios, o choque me fez mudar de idéia — disse McCracken com um risinho divertido.

Phil não conseguia identificar-lhe precisamente o sotaque, que quase engolia as sílabas à moda inglesa, mas era decididamente americano.

— Estão em lua-de-mel? — quis saber Penny, sorrindo.

— Não exatamente — respondeu Phil. — É uma espécie de segunda lua-de-mel.

— Bem, o *Penny Dreadful* foi construído para proporcionar conforto.

McCracken debruçou-se para tomar a encher os cálices de rum.

— É marinheiro, Sr. Williams?

— Não sei distinguir entre uma vela grande e uma bujarrona.

— Já que não possuímos nenhuma delas a bordo, o senhor está seguro sob esse aspecto — comentou McCracken.

— E a senhora, já velejou? — indagou Penny a Tracey.

— Não de verdade. Quero dizer, só quando era criança. Velejava em água doce.

— Mas nunca em alto mar?

— Não. Esta será a primeira vez.

Penny olhou para o Capitão, a fim de chamar-lhe a atenção.

— Talvez devamos fazer um estoque de Dramamine — sugeriu ela. — O que acha?

— Suponho que sim, embora deteste imaginar que nossos hóspedes fiquem adormecidos durante nosso primeiro dia nas ilhas do Caribe.

A essa altura, Phil relaxara-se por completo. Julgara que os McCracken seriam mais formais. Pelo contrário, porém, aparentavam comportar-se de maneira totalmente aberta. Era evidente que marido e mulher gostavam-se e se entendiam muito bem. Davam a impressão de compartilhar da mesma atitude harmoniosa em relação à vida.

— Os termos lhe são satisfatórios, Sr. Williams? — indagou amavelmente McCracken.

— Perfeitamente. Duas semanas, dois mil dólares. Creio que é muito justo.

Seguiu-se um silêncio confortável, até mesmo íntimo, quebrado apenas pelo zumbido do condicionador de ar. O rum começava a suavizar ainda mais o ambiente. Phil segurou a mão de Tracey.

Após longo intervalo, McCracken mexeu-se como um velho cão despertando da modorra e pegou a

garrafa preta. Tracey recusou, mas Phil aceitou outra dose.

— Sabem — disse McCracken maciamente —, Penny e eu começamos esse negócio de fazer cruzeiros quase por acaso. No início, íamos apenas os dois. Depois, passamos a levar amigos. Então, começamos a cobrar. Entretanto, jamais consideramos a atividade como um comércio, mas como um modo de conhecer pessoas e fazer novos amigos.

— É um dos grandes prazeres da vida — disse Penny. — Encontrar pessoas com as quais possamos compartilhar a vida, mesmo que seja apenas por uma ou duas semanas.

— Brindarei a isso — disse Phil amavelmente, erguendo o cálice.

— Bem — disse McCracken em tom decidido, erguendo o seu —, a um bom barco e um tempo bonito.

— E aos nossos nobres capitães — acrescentou Tracey, erguendo também o seu.

McCracken sorriu largamente, satisfeito com as palavras dela. Terminaram de beber. Phil levantou-se e apertou a mão de McCracken.

— Capitão Jack, minha mulher e eu estávamos imaginando se seria possível passarmos a noite a bordo.

McCracken fez uma pausa, a sombra de um sorriso surgindo no rosto curtido.

— Gostaram do barco, não é mesmo? — replicou afinal, satisfeito. — Claro que podem ficar.

— Pagaremos pela noite, naturalmente.

— Esqueça isso. Em que hotel se hospedaram?

Phil enfiou a mão no bolso e pegou a chave.

— No Flamingo — disse ele. — Quarto Doze D. A mala de minha mulher está na recepção.

— Sua bagagem estará no lado de fora da porta amanhã de manhã — declarou McCracken.

Penny acrescentou:

— E se quiserem comer alguma coisa, sintam-se à vontade para se servirem de tudo o que encontrarem na cozinha.

— Zarparemos de manhã bem cedo — disse McCracken, acompanhando-os até a porta. — Mas podem dormir até quando desejarem.

Phil e Tracey desceram pelo caminho de pedras ladeado por luminárias embutidas no gramado fresco e perfeito. Phil passou o braço pelos ombros dela. Permaneceram calados por algum tempo. Então, embarcaram no *Penny Dreadful* — o *História de Horror*.

— O que acha? — sussurrou Tracey.

— Suponho que sabem.

— Acha que faz diferença?

— Não.

Ele tinha razão, refletiu Tracey. Nada importava. Não agora. Era a sua nova estratégia de vida. Desde que Phil se insinuara, primeiro estabelecendo uma firme amizade e, depois, passando a um relacionamento mais íntimo, ela enveredara por um novo destino. Via tudo aproximar-se e nada fazia para evitar. Por que haveria de fazer? Quando terminasse, ela voltaria à vida anterior. Retomaria o curso normal das coisas no grande apartamento elegante e formal, retornando à regularidade de uma vida imaculada e bem ordenada. Talvez fosse a realidade; nesse ínterim, porém, Tracey optará por seu novo e inquestionável destino. Com Phil, não havia indagações ou respostas. Seria apenas um cruzeiro marítimo de duas semanas. Era assim que ambos desejavam.

Desceram no escuro. Não conheciam a localização dos Interruptores de luz, de modo que se movimentavam com cautela, mantendo-se muito juntos, ao percorrerem o comprido corredor que levava a seu camarote. Phil empurrou a porta e um reflexo azul escuro, como o do luar, pairou sobre a cama. Ele fechou a porta com um som abafado e firme.

— Consegue enxergar? — sussurrou.

— Sim.

Os olhos de Tracey acostumaram-se ao leve brilho dos luxuosos arremates de madeira. Afinal, as cortinas se mexeram quando a brisa soprou da enseada escura.

— Oh, Phil, é tão lindo! — exclamou ela de mansinho.

Foi à vigia e puxou as cortinas. A casa dos McCracken ficou visível apenas através de uma estreita abertura no tecido. Por detrás dela, Phil espiou por cima do ombro para as viçosas e escuras plantas aquáticas que balançavam na margem. Suas mãos puxaram Tracey para si. Ela prendeu a respiração, sentindo-o beijar-lhe o pescoço. Fechou os olhos e escutou o som estranhamente abafado de uma repentina ondulação na superfície da enseada.

— Phil...

Roupas farfalharam. As mãos de Phil soltaram o cinto que prendia a saia de Tracey, fazendo-a escorregar para o chão. A forma dos braços dele tomou-se visível por baixo da blusa rendada, acariciando a pele macia. Os bicos dos seios ficaram eretos no silêncio do camarote, iluminados pelo luar.

— Phil, devo tomar banho...

A voz de Tracey tremia.

Em resposta, Phil pousou as mãos cálidas nas nádegas nuas da mulher. Mais roupas farfalharam. No

escuro, Phil ergueu-a num súbito assomo de paixão e Tracey engasgou-se de desejo. Caíram juntos, entrelaçados, sobre as cobertas e travesseiros da cama.

O *Penny Dreadful* balançou suavemente sob os salgueiros, movido pela ondulação que se afastava, e tomou a imobilizar-se.

# Dois

Phil ergueu a cabeça e viu apenas escuridão. Não obstante, o *Penny Dreadful* estava em movimento, deslizando para fora da enseada. Pairava no ar o cheiro fresco e úmido de canais, plantas aquáticas e cipós pendentes. Silenciosamente, ele estendeu o braço e afastou ligeiramente a cortina da vigia. O barco deslizava irresistivelmente na direção do mar aberto, mas Phil sentiu a preguiça triunfar sobre a curiosidade e tornou a mergulhar na escuridão do sono.

Tornou a acordar muito mais tarde. Agora, o sol penetrava pela vigia, lançando um círculo luminoso em torno de seus pés. Os artelhos de Tracey mexeram-se preguiçosamente ao lado dos seus. Phil piscou, despertando totalmente, e sentiu-se satisfeito ao ver os topos das árvores passarem lá fora.

— Estamos navegando? — murmurou Tracey.

— Há horas.

Tracey aninhou-se de encontro ao peito dele. Por um instante, ficaram escutando as aves distantes piando muito acima do barco. Phil beijou-a de leve nos lábios.

— Creio que ainda estamos nos canais internos — disse ele.

— Sinto o cheiro do oceano.

Phil respirou fundo.

— Tem razão. Ar salgado.

Phil retirou o lençol, de modo que os seios, estômago e pernas de Tracey ficaram em contato com o corpo dele. Tracey prendeu momentaneamente a respiração e depois beijou-o sem dizer uma palavra..

— Creio que estamos navegando ao longo da costa, murmurou Phil com voz rouca.

Tracey colou-se ainda mais a ele, tornando-se mais quente e macia, envolvendo-o até que ele teve a impressão de que o sol se transformava em mel e o dissolvia em luxuriosa doçura. Tracey o abraçou com os braços e as pernas, envolvendo-o com uma força surpreendente. Durante todo o tempo, até ficarem exaustos, respirando lentamente nos braços um do outro, ela não parou de repetir baixinho o nome dele.

Phil sentou-se na beira da cama, sorriu e passou a mão ao longo da perna de Tracey. Esta também

sorriu, o cabelo nas têmporas úmido de perspiração.

Um raio de sol, abrindo caminho por entre as cortinas, executava uma dança ardente sobre o tapete. Mesmerizada, Tracey lembrou-se de outro raio de sol avançando através do espesso tapete no apartamento dúplex que ela e Larry possuíam, com ampla vista para o Central Park. Bastavam pequenas sugestões para despertar a lembrança daquela linda tarde de inverno, especialmente após fazerem amor.

Ela estivera fitando a luz dourada que iluminava o tapete e a escultura de ébano perto da escada. Na repentina pausa da conversa, percebeu que Phil Sobel a observava, como se procurasse avaliá-la. Então, ele e Larry retomaram a discussão sobre dissolução do exército do Vietnã. Phil era veemente, curioso, sarcástico; Larry frio e analítico. A política sempre os dividira desde a universidade. A discussão pouco importava; argumentavam porque isso lhes dava a sensação de amizade. À suave luz do sol, Tracey sentiu os pensamentos de Phil se estenderem, envolvendo-a, enquanto ele discutia. Larry nada percebia. Era incapaz de sentir e raciocinar ao mesmo tempo. Phil divertia Tracey pelo modo como se deixava levar pelas emoções, exuberante, com um sorriso infantil encrespando-lhe os lábios. Por detrás daquele sorriso, ele a observava abertamente e ela tinha consciência do fato.

Phil viera jantar várias vezes. Sempre discutiam agrada-velmente as últimas notícias de Washington. Phil era um cínico, não acreditando em nada que lhe diziam. Larry era um intelectual profissional. Acreditava nos peritos e defendia o Senado. Com o decorrer dos meses, Tracey deu-se conta do quanto ansiava pelas visitas de Phil; a partir de então, sentiu-se nervosa e procurava arranjar desculpas para não se fazer presente quando ele vinha ao apartamento.

Durante um temporal, Phil e Tracey ficaram à espera de Larry, mantendo-se num silêncio nervoso e desconfortável enquanto observavam a rua deserta. Era como se ele a torturasse, aguardando que falasse primeiro. Então, Phil revelou a Tracey, de modo simples e direto, seus sentimentos por ela. E disse-lhe também tudo o que adivinhara a seu respeito. Tracey negou categoricamente e Phil se calou. Todavia, ela ficou abertamente nervosa e, mesmo quando Larry chegou, não conseguiu se acalmar. Durante o jantar, lançava olhares a Phil. Em sua própria concepção, já estava comprometida. Refletiu que o desejo era como o hipnotismo. Ela já não era responsável por seu próprio destino.

Foi uma noite fria em Nova York. Os minúsculos flocos de neve destacavam-se de encontro à silhueta desolada dos arranha-céus quando Tracey fez sua escolha. Tinha apenas uma vaga lembrança do luxuoso saguão do hotel, das luzes noturnas da metrópole através da vidraça, do que Phil dissera ou fizera. Mas lembrava-se bem do vinho tinto e do aroma de seu próprio perfume. Para sua surpresa, a presença de Phil não lhe provocava remorso ou sentimento de culpa, mas apenas conforto. Ele era menos palhaço do que pretendia aparentar. Ao fazer amor com Tracey, atenuava sua ambição com uma ternura genuína.

Tracey esperava que, ao voar para a Flórida a fim de estar com Phil, conseguisse amá-lo como desejava no fundo do coração. Desse modo, talvez fosse capaz de exorcizá-lo e retornar à vida antiga.

— Vamos para o convés — sugeriu mansamente Tracey.

Trajando um calção branco e uma camisa olímpica azul-marinho novos, Phil sentia-se estranhamente infantil naquele ambiente cheio de lampiões, dobrões e instrumentos de navegação. Tracey vestiu-se de modo semelhante, com roupas também recém-compradas, fechou a mala nos pés da cama e acompanhou Phil pelo corredor.

A imaculada cozinha e a saleta de refeições estavam desertas.

Phil galgou os degraus que levavam ao convés. Viu um mar quente e cinzento, carregado de forte luminosidade branca. Ao largo, no lado direito, o litoral da Flórida ia passando, com espessas folhagens chegando quase à linha da rebentação. As praias se estendiam por quilômetros em ambas as direções, repletas de pedaços de madeira embranquecidos pelo sol.

— Bom-dia, Sr. Williams!

McCracken acenou da casa do leme. A pala do boné lançava-lhe sombra sobre os olhos.

— Dormiram bem?

— Como bebês — respondeu Phil — Que horas são?

— Sete e meia.

— Só isso?

— No mar amanhece cedo, Sr. Williams. Venha fazer-me companhia.

Phil auxiliou Tracey a subir para a plataforma da casa do leme. A mão estendida por McCracken puxou-a de forma delicada mas firme, ajudando-a a completar o trajeto. O interior da casa do leme era mais amplo do que aparentava de fora e acomodava facilmente três pessoas. Os braços bronzeados e musculosos de McCracken repousavam com familiaridade sobre a roda do leme de estilo antigo, com inscrições em caracteres arcaicos ao longo da base. Os instrumentos eram uma mescla de moderno e antigo, com uma velha bitácula com bússola, uma mesa antiga de navegação, feita de ébano e bastante arranhada pelo uso, tendo escaninhos para guardar cartas náuticas e livros de registro, e numerosos instrumentos metálicos e brilhantes, de fabricação recente. Um grande sino de bronze, de origem incerta, fora cerimoniosamente instalado e brilhava sob qualquer tipo de luz que penetrasse na casa do leme.

— Um velho sino de navio — explicou McCracken. — Do início do século dezoito, tenho certeza. Britânico. De um navio não muito grande. É tudo o que sei a respeito. Comprei-o num leilão em Miami, por incrível que pareça.

Phil apontou para uma tela escura na qual uma linha verde descrevia, da direita para a esquerda, um contorno sinuoso.

— Isso, Sr. Williams, é a imagem do fundo do oceano abaixo de nós. Indica a profundidade. Posso mudar para a indicação numeral, se o senhor preferir.

Com um movimento do polegar, McCracken acionou um interruptor preto e uma leitura numeral surgiu sobre a linha verde, em algarismos iluminados. O fundo do oceano estava aproximadamente a doze metros da superfície.

— O que é isso?

— Um rádio. Capta sinais de várias estações emissoras. Eu os utilizo para determinar nossa posição.

Phil cruzou os braços e observou os instrumentos brilhantes.

— Isso é o radar — prosseguiu McCracken. — E isto é o diário de bordo. Mantenho um registro constante do progresso do barco.

— Maravilhoso — comentou Tracey. — Inspira-me total confiança.

— O que significa “auto”? — indagou Phil.

McCracken sorriu.

— Insere-se o rumo, liga-se esta parte do console em “auto” e os instrumentos mantêm os motores na velocidade desejada e o barco no rumo determinado. E, devo acrescentar, fazem as devidas correções referentes a correntes marinhas e ventos, por meio de leituras da bússola. Uma leitura constante, é claro.

Phil assoviou baixinho.

— Como vê — confidenciou McCracken —, hoje em dia os barcos funcionam praticamente sozinhos, desde que se conheça o princípio de cada instrumento. Com duas semanas de treinamento, o senhor seria capaz de navegar o *Penny Dreadful*.

— Eu? Nunca! — protestou Phil. — Nada sei a respeito de marés, ventos e coisas semelhantes...

— As marinas são bem abrigadas. Basta seguir as informações que elas fornecem e evitar tempo ruim — atalhou McCracken. — Antigamente, arriscava-se a saúde e até mesmo a vida. Hoje, porém, é muito mais seguro. E menos interessante, se me permite dizer.

McCracken fitou com ar tristonho os instrumentos. De repente, pareceu deslocado — uma figura severa e corpulenta, com eriçadas sobrancelhas brancas, em meio a brilhantes instrumentos transistorizados.

— Bom-dia!

Penny McCracken, usando óculos escuros e um lenço vermelho na cabeça, olhava-os do convés de proa.

— Bom-dia — respondeu Tracey. — Perdemos o café da manhã?

— Café em meia hora.

Lá embaixo estava mais fresco. Reflexos brilhantes casca-teavam sobre o fogão branco. O céu azul dava a impressão de entrar pelas vigias e pela escotilha aberta, transformada numa fonte de luz forte. Phil e Tracey sentaram-se nos bancos forrados com almofadas marrons. Penny McCracken acendeu cautelosamente um queimador, colocando sobre ele um bule amarelo.

— Aonde iremos primeiro? — quis saber Tracey, entusiasmada.

— O Capitão precisa embarcar víveres — disse Penny. — Combustível, frutas frescas, enlatados. Coisas assim.

Colocou diante dos passageiros duas pesadas canecas de café fumegante. As asas das canecas eram esculpidas sob forma de cipós entrelaçados e as canecas apresentavam o desenho da lua nascendo nos trópicos.

— Enfim, cafeína — exclamou Phil, aspirando o rico aroma do café.

— Na verdade, não é café — explicou Penny. — Trata-se de uma infusão preparada pelo Capitão. Melhora a circulação.

Phil olhou para a densa infusão na caneca. Pedacos de farelo boiavam nas bolhas. Tracey apertou-lhe a perna por baixo da mesa.

— Beba, querido — disse ela. — Fará bem à sua circulação.

— Eu já circulo muito bem — respondeu Phil, bebericando com ar obediente.

Para sua surpresa, o líquido quente era levemente ado-cicado, denso, quase como mel. Era bastante agradável e ele o tomou de boa vontade.

A manhã se escoou em preguiçoso relaxamento. O almoço foi servido exatamente ao meio-dia, no salão de ré. Uma refrescante compota de frutas e fatias finas de presunto em pão preto com manteiga. A refeição foi acompanhada por cerveja norueguesa gelada.

Agora, Phil compreendia por que motivo tanto preferia não ver *shopping centers*, postos de gasolina e iates de luxo. A frescura de leve brisa que entrava pela vigia e Tracey a seu lado eram tudo o que ele desejava por longo, longo tempo. Por volta de duas horas, ouviram o ruído de outro motor na água. O *Penny Dreadful* diminuiu de velocidade. Phil escutou homens falando em voz baixa no convés superior.

— Estamos atracando! — exclamou Tracey, espiando peia vigia.

— Com licença — disse Penny, tirando o avental.

O barco fez uma curva. Tudo o que Phil conseguiu ver foi uma massa de algas marinhas entrelaçadas que subiam e desciam com o balanço das ondas.

Não havia metrópole. Nem iates luxuosos. Nem píeres pintados de branco. Havia apenas um barracão numa angra cercada de vegetação densa e um velho cais de madeira que chegava até a água. Ao longo da margem, homens trabalhavam com evidente esforço, carregando caixotes para bordo do *Penny Dreadful*. A curva do litoral escondia o barco do resto da costa. Lixo boiava no mar.

— Que lugar estranho — sussurrou Tracey.

— Muito diferente das marinas dos magnatas, não é?

McCracken estava encostado ao barracão de zinco, abanando-se e observando os carregadores em terra. A areia dura estava repleta de latas vazias, pedacos de arame e garrafas quebradas. Fazia um calor infernal. A blusa de Tracey, ensopada de suor, grudava-se à pele, revelando as formas de seu corpo. Embaraçada, ela abotoou a parte de cima.

— Que diabo é este lugar? — resmungou Phil.

Sentindo-se tolamente bem arrumados em seus trajes de cruzeiro comprados na Quinta Avenida, Phil e Tracey desceram para o cais, passaram pelos carregadores suados e chegaram à praia. Sentiram a areia dura sob os pés. Pequenos insetos negros pulavam das bulbosas algas sobre as quais eles pisavam. Ao se aproximarem do depósito, sentiram o odor desagradável que dele emanava.

— Sr. Williams — disse McCracken —, se houvesse algo para verem em terra eu os teria avisado.

— Estamos apenas explorando, Capitão.

— Muito bem, mas trata-se somente de um depósito para embarque de mantimentos. Um trabalho quente e sujo, nada mais.

Através da porta de tela do depósito, Phil avistou um acúmulo de barris, caixas, lampiões, lanternas, peças de motores, rolos de arame e de corda, caixas de enlatados precariamente equilibradas nas prateleiras. Um negro estava sentado num canto. Seus olhos amarelados piscavam pensativamente.

— Sr. Williams! — chamou Penny.

Atrás do barracão do depósito, segurando uma prancheta, Penny McCracken controlava as caixas empilhadas de encontro à parede. Sob sua direção, homens sem camisa erguiam as caixas nos ombros e as levavam para bordo do *Penny Dreadful*.

— Já que desembarcou, deve trabalhar — declarou Penny em tom decidido. — Essa é a norma.

Phil sentiu-se repentinamente desajeitado. Tracey o fitou com preocupação.

Contudo, Penny sorriu e entregou a Phil um pequeno punhado de varetas semelhantes a bambu. Esfregou as pontas para tirar a sujeira.

— Lamba as pontas — disse ela.

Através da aspereza amarga, veio um rico sabor adocicado de mel. Phil lembrou-se da infusão de café preparada pelo Capitão. O gosto reviveu velhas memórias de infância, que lhe escaparam evasivamente no terrível calor.

— E para você, Sra. Williams.

Penny passou às mãos de Tracey uma pequena penca de bananas rosadas, que exalavam um aroma pesado, quase maduro demais, sensual e atraente, mas, não obstante, dando uma leve impressão de apodrecimento.

— Bananas das índias Ocidentais — explicou Penny.

Tracey provou uma banana, constatando-a mais polpuda que qualquer outra que já saboreara. Fria, refrescante. Seus olhos se arregalaram de deleite.

— É mesmo um sabor delicado!

Penny andou por entre os caixotes, virou-se e pareceu surpresa ao verificar que Phil e Tracey ainda estavam ali.

— Isso é tudo, Sr. Williams. Está dispensado até a hora do jantar.

— O quê? Oh, muito obrigado. Quero dizer, sim, senhora.

Phil prestou continência com o punhado de canas-de-açúcar e acompanhou Tracey até a sombra do telhado de zinco que se projetava na parte da frente do depósito. Ali permaneceram por quinze minutos, espantando as moscas. O calor desagradável, o brilho ofuscante do sol e a escuridão da sombra causavam-lhes desconforto. O solo era duro e áspera. Logo filas de formigas lhe passavam sobre os pés.

— Não foi um começo dos melhores — comentou Phil.

A mão de Tracey tocou levemente a dele. Phil apertou-a suavemente.

— Quer voltar para bordo? — murmurou ela.

— Quero.

Uma vez a bordo, Phil fechou a porta do camarote e observou Tracey despir-se. Os seios pequenos ficaram pendentes, tremendo ligeiramente, quando ela se abaixou para descalçar as sandálias. O ventre arredondou-se levemente. O camarote estava silencioso; o único som parecia vir da pulsação do sangue que latejava em seus ouvidos. A pele de ambos vibrava, excitada pelo encontro com o calor tropical.

Phil andou até a vigia, fechou as cortinas e abotoou os colchetes. Despiu-se e ficou inteiramente nu à luz suave e difusa. Tracey corou ao vê-lo pelo espelho, desfilando desavergonha-damente como os homens costumam fazer, a semi-obscuridade engolfando-o perto da vigia. Phil avançou em direção a ela.

— Phil — sussurrou Tracey, rindo. — Estou toda suada...

Phil postou-se atrás dela. Trazia na boca o último pedaço de cana-de-açúcar. Pegou a cana e a enfiou na boca de Tracey. O sabor era agridoce, pegajoso através da casca áspera como bambu. Ela riu quando as mãos dele seguraram-lhe os seios, puxando-a para trás. Fechou os olhos, sentindo o rosto de Phil encostado em seu ombro, e gemeu baixinho ante o vigor dele.

Então, respiraram com maior lentidão. Abrindo os olhos, viram-se no espelho, à meia-luz, abraçados sem pudor e com luxúria. Tracey esticou-se languidamente para trás, abrindo a boca de prazer, observando no espelho seu corpo ágil e miúdo, deliciando-se com suas linhas esbeltas e curvas suaves. Fez leve pressão para trás, beijando o rosto de Phil, segurando-lhe o braço de encontro aos seios. Não o largou, recostando-se preguiçosamente nele até sentir-lhe o desejo crescer. Então, riu baixinho ao ver-se erguida pelos seus braços.

Phil levou-a para o imaculado box do chuveiro, onde lavaram-se mutuamente, em silêncio, com suaves sabonetes e loções, perdidos no universo dos sentidos. A água cascadeava em lâminas frias sobre os corpos excitados enquanto eles se comprimiam ritmadamente contra as paredes de vidro do box. O barulho do chuveiro trovejava-lhes nos ouvidos. Exausta, Tracey sentiu-se delicadamente envolvida numa toalha branca felpuda e carregada como um bebê na direção da cama.

Quando acordaram, o crepúsculo era diferente. O sol já passara por cima do *Penny Dreadful*. Insetos zumbiam contra as telas que protegiam as vigias tapadas pelas cortinas. O som era diferente. Lá fora, o compressor de ar estava desligado e apenas as ondulações suaves da água marulhavam contra o casco do barco e as pilastras do cais. Vozes masculinas altercavam. Phil despertou vagarosamente até concentrar-se no barulho das vozes. Era uma linguagem dura e brusca, nem inglês nem espanhol. Teve a impressão de escutar a voz de McCracken falar raivosamente naquele idioma estrangeiro. Então, Tracey acordou gradativamente a seu lado.

— Ainda estamos aqui? — indagou, surpresa.

— Temo que sim.

Tracey sentou-se na cama e espiou através das cortinas. O crepúsculo assumia um tom azul-marinho e pesadas nuvens quase negras rolavam no céu. O ar era úmido, sulfuroso, quase palpável. A intervalos um clarão branco brilhava além do horizonte: relâmpagos distantes.

— Por que estão discutindo? — indagou Tracey.

— Dinheiro, provavelmente. É a única razão pela qual as pessoas discutem, querida.

Tracey lançou um olhar estranho a Phil, mas este já se vestia ao lado da cama. Ela tornou a espiar pela vigia. McCracken gesticulava de modo brusco, os ombros poderosos numa atitude expressiva, as sobrancelhas franzidas sobre os olhos. Agora, a água lambia constantemente a praia, formando pequenas ondas que atiravam detritos na areia escura.

— Talvez devamos permanecer a bordo — disse Tracey.

— Por quê? O que temos a temer?

Subiram a escada para observar a cena do convés. McCracken postara-se diante do que parecia ser um conjunto de peças do motor arrumadas sobre cobertores estendidos no cais, os parafusos e porcas cuidadosamente separados. Os lampiões iluminavam-lhe a camisa ensopada de suor, fazendo-lhe brilhar a pele úmida. Os trabalhadores, com fisionomias indecifráveis, estavam sentados ou em pé nas proximidades, imóveis. Por detrás deles, o barracão fora engolido pela escuridão e as palmeiras mesclavam-se numa única silhueta escura desenhada contra a obscuridade do céu.

McCracken encostou-se à amurada do *Penny Dreadful*, um brilho furioso no olhar.

— Algum problema, Capitão? — perguntou Phil.

McCracken moveu repentinamente os olhos, esforçando-se para controlar a raiva.

— O que conhece a respeito de disputas trabalhistas? — redarguiu secamente.

— Já estive envolvido em algumas.

— Esses macacos me estragaram o motor.

Phil pesou as consequências. A massa escura da folhagem que ocultava a angra dava a impressão de

ter-se tornado uma muralha impenetrável naqueles últimos instantes. No cais, os homens continuavam imóveis, taciturnos, desafiadores. Tracey surgiu no convés.

— Eles praticamente destruíram o distribuidor — vociferou McCracken. — Largaram um parafuso dentro dele. Acredita nisso?

— Bem, acidentes acontecem..

— Não foi acidente, Sr. Williams. Maldita negligência.

Phil olhou para McCracken, sentindo um aperto de ansiedade no peito. Baixou os olhos para a água escura que subia e descia em volta do barco.

— A que distância estamos, exatamente, de outro distribuidor? — indagou Phil em tom suave.

— Mandei vir outro, por um bote com motor de popa — replicou McCracken, irritado. — *Motor de popa!*

A noite parecia rodeá-los com uma escuridão impalpável. McCracken virou-se, encarando maldosamente os homens.

— Nos velhos tempos, o culpado seria agarrado e obrigado a andar até a ponta de uma prancha, com um peso atado aos pés.

Phil sorriu:

— Isso não consertaria o distribuidor.

— Não — fungou McCracken. — Mas o maldito idiota nunca mais cometeria semelhante engano!

Phil e McCracken riram, embaraçados. Os homens os observavam Tracey debruçou-se na amurada, olhando para os reflexos dos lampiões no mar.

— Vai demorar muito? — perguntou ela.

— Algumas horas, receio — disse McCracken. — Sinto muitíssimo...

— Deixe pra lá, Capitão — atalhou Phil. — A culpa não foi sua.

— Muito obrigado — resmungou McCracken. — Essa gente... Só aprendem mecânica pelo método das tentativas.

O silêncio fantasmagórico da expectativa cresceu durante o prolongado período. O tempo deu a impressão de tornar-se denso à medida que a noite se fechava sobre a angra. Não obstante, os homens no cais permaneciam imóveis, impassíveis como aves aquáticas fitando o mar. Afinal, a lua se ergueu no horizonte e o *Penny Dreadful* lançou uma sombra escura na água.

McCracken estudou Phil e levantou inquisitivamente uma basta sobancelha. Mantinha os braços cruzados, assumindo uma aparência de força bruta.

— Você negocia com couro? — indagou de repente.

— Na verdade, dedico-me ao desenho. Em camurça e diferentes tipos de couro. Moda feminina.

— Imaginei que o inverno fosse sua estação mais ocupada.

— As festas natalinas, é claro. Naturalmente, a maior parte do trabalho é feita com meses de antecedência.

McCracken teve dificuldade para acender o cachimbo. Tirou baforadas vigorosas, franziu a testa e voltou a encarar Phil.

— Gostaria de telefonar para Nova York? — perguntou. — Há um telefone no barracão.

— Ora, nada disso — replicou Phil, rindo. — Esqueça. Estou de férias.

— Suponhamos que ocorresse uma emergência?

— Sempre ocorrem emergências, Capitão, mas há quem trate de tudo. Para dizer a verdade, ninguém sabe onde estou.

McCracken sorriu e ficou calado por algum tempo, parecendo pensativo.

— Bem, Sr. Williams, é evidente que tratou de isolar-se por completo. Espero que aproveite o cruzeiro.

Phil experimentou a vaga sensação de ter sido submetido a um interrogatório. Provavelmente não passava de imaginação, mas, não obstante, ficou abalado. Tracey não mostrava sinais de perturbação. Os homens no cais sentavam-se em caixotes vazios. Um deles bebia no gargalo de uma garrafa escura. Então, Penny McCracken veio à amurada de popa do *Penny Dreadful*.

— O Capitão e eu gostaríamos de acrescentar mais um dia ao cruzeiro — anunciou. — Para compensar a perda de hoje.

Phil ficou visivelmente tocado.

— Não é preciso — murmurou. — Gostamos...

— Nós fazemos questão — interpôs McCracken. — É um caso encerrado.

Pouco à vontade, permaneceram alguns momentos junto à amurada de popa. Depois, Penny desceu ao interior do barco e voltou com uma bandeja e quatro copos contendo um líquido castanho e licoroso.

— Bebam devagar — advertiu ela.

Era uma mistura densa, doce e pesada de licores que queimava a garganta. Tracey engasgou-se. Em questão de minutos, a cabeça de Phil começou a rodar. Ele não sentia fome e, na verdade, ansiava por embriagar-se.

— Ao nosso novo distribuidor — brindou Tracey.

Os McCracken ergueram os copos.

Durante uma hora não houve sinal nem som de um bote a motor que se aproximasse do norte. Muitos dos carregadores adormeceram sobre os caixotes vazios. Penny se levantou.

— Acho melhor preparar o jantar.

— Não para mim — declarou Phil. — Prefiro esperar o café de amanhã.

— Eu também — concordou Tracey. — Está quente demais para comermos.

— Durmam um pouco. Partiremos antes da maré matinal — prometeu McCracken. — Garanto.

Tracey parou no silêncio do camarote, lembrando os arranjos finais. Se Larry telefonasse e não encontrasse ninguém em casa, telefonaria para o vizinho. Portanto, Tracey dissera aos vizinhos que ia visitar a irmã. Como tinha duas irmãs e não mencionara qual delas iria visitar, era provável que Larry não as procurasse. Se o fizesse, porém, num caso de emergência, Tracey deveria tê-las prevenido para dar-lhe cobertura? Inventaria uma história a respeito de ter-se perdido em Boston, ficando deprimida e resolvendo voltar para casa. Como tudo era tão complicado! Se Larry regressasse com antecedência? E como explicaria ela a pele bronzeada de sol? Um tratamento de beleza, talvez.

— Em que está pensando? — quis saber Phil.

— Nada — replicou Tracey, tirando a meia.

— Arrepende-se de ter vindo?

— Absolutamente.

— Quero dizer, não é culpa deles.

— Eu não disse que era.

Phil deitou-se ao seu lado. O desejo voltou à medida que os licores dourados afastaram a depressão. Sentia-se confortável com Tracey a seu lado. A brisa fresca atravessava a cortina, afagando-lhes os pés, mãos e rostos. Trazia o cheiro de mares distantes, de zéfiros dançando ao luar, de correntes marinhas contorcendo-se por entre os recifes de coral.

— Seria tão gostoso tomarmos o café da manhã em alto mar — comentou Tracey.

— Você escutou o Capitão prometer.

Tracey aninhou a cabeça no ombro de Phil, encostando o rosto no seu peito. Logo adormeceu. A respiração suave aquecia levemente a pele de Phil, os seios subindo e descendo maciamente sob a camisola branca. Então, a lua subiu, o bastante para lançar sua luz prateada através da vigia, banhando o rosto e as pernas de Tracey. Phil acariciou-lhe o rosto. Depois, adormeceu também.

Num sonho, Phil viu seus dois filhos atravessando o gramado de sua casa de verão em Long Island. O sol era cruel, as sombras compridas, e os meninos se moviam como aleijados, aos arrancos, na direção do alpendre. Procuravam pelo pai. Phil acordou suando. O camarote estava fresco. Os dobrões brilhavam à luz pálida dos lampiones lá fora. Através da vigia, Phil avistou apenas dois carregadores adormecidos no cais. Os McCracken dormiam em espreguiçadeiras no convés.

Phil tornou a deitar-se. Então, teve um segundo sonho. Seus dois filhos nadavam no Canal de Long Island. Um tubarão avançava velozmente para eles. Phil acordou sobressaltado. O *Penny Dreadful* estava em movimento. Do fundo do barco vinha a vibração suave e ritmada do motor.

Portanto, o distribuidor chegara, refletiu Phil vagamente. Estava prestes a mergulhar novamente no barulho acalentador dos motores quando outro som começou a insinuar-se em seu cérebro: o som de uma voz — profunda, masculina, ininteligível, cuja cadência cantada e melodiosa se sobrepunha ao contínuo zumbido da máquina.

Tracey dormia profundamente. Phil levantou-se caute-losamente da cama e vestiu o roupão. Andou até a porta e abriu-a um pouco. A voz pertencia a McCracken e parecia vir de algum ponto acima do camarote. Phil percorreu silenciosamente o corredor e chegou ao salão principal. Os primeiros raios da madrugada iluminavam suavemente a decoração elegante. Phil foi à vigia mais distante e espiou para fora.

No convés, parcialmente oculto pela caixa de iscas, a figura ereta do Capitão McCracken silhuetava-se nitidamente contra a linha azul e rosa do horizonte. Lia em voz alta um pequeno livro gasto pelo manuseio. Suas costas empertigadas inclinavam-se de leve contra a brisa do oceano enquanto ele lançava as palavras à imensidão que se estendia à frente do barco.

— "... aqueles que afundam no mar com os navios, que labutam nas águas sem fim; eles vêem as obras do Senhor e as maravilhas que Ele fez nas profundezas..."

Phil esgueirou-se de volta ao corredor e tornou a deitar-se na cama. Tracey aconchegou-se ao seu corpo e murmurou, sonolenta:

— Estamos navegando.

— Sim — replicou Phil.

Esforçou-se por adormecer novamente, mas não conseguiu.

# Três

A espuma voava sobre a proa do *Penny Dreadful* quando este entrou na Corrente do Golfo. Tracey gritava e ria ao segurar o leme. Sob sua direção, o barco pulava para diante, enfiando a proa no mar verde-azulado. Cada onda desfazia-se em espuma branca que lhes voava sobre as cabeças.

— Segure firme, Sra. Williams — disse McCracken sorrindo. — Ele reage mais devagar que um automóvel.

Tracey girou a roda do leme. O barco levou alguns segundos para mudar o rumo de suas toneladas de madeira e metal.

— Para onde? — perguntou Tracey.

— Cinco pontos a leste — respondeu McCracken, observando a bússola.

— Que potência! — exclamou Tracey de encontro à espuma.

Phil, em pé atrás deles, espiava por cima da borda da lata de cerveja. O mar era infinito. No horizonte longínquo, nada se movia. Algumas cristas brancas dançavam e dissolviam-se na massa azul-escura, mas a proa do *Penny Dreadful* furava trovejante onda após onda, sem que o menor tremor se fizesse sentir a bordo.

— Ótimo barco — comentou Phil amavelmente.

— Oh, sim. É clássico — replicou McCracken. — Foi construído na década de vinte, por um mestre. Há quem prefira os luxuosos modelos de acrílico e fibra de vidro, mas satisfaço-me com a velha e segura madeira, por mais fora de moda que esteja. Naturalmente, fui obrigado a fazer modificações para obedecer os padrões de segurança, mas procurei efetuar-las sem prejuízo do encanto e da bela sensação do passado.

Phil assentiu com a cabeça. Reclinou-se para trás até sentir o sol incidir no rosto, aquecendo-o. Ao mesmo tempo, o vento fresco do mar o revigorava fustingando-lhe a face. Refletiu que seria capaz de ficar ali para sempre.

— Experimente, querido! — disse Tracey.

Phil abriu os olhos.

— É vez de um novo timoneiro? — perguntou.

Largou a lata de cerveja e se aproximou do leme. Estava embriagado apenas o suficiente para achar graça nos mostradores embutidos no painel de madeira. Encontrou a bússola, um instrumento circular com duas agulhas, uma das quais tremia ligeiramente.

— Rumo leste, Sr. Williams — disse McCracken.

— Vejamos... — murmurou Phil. — Deve ser esta direção.

Foi preciso pouco tempo para acostumar-se ao barco. Em questão de minutos, Phil sentiu-se à vontade. Só entregou o leme a McCracken quando desceu para buscar mais creme de bronzear.

Ao subir, constatou que Tracey tirara as bermudas e a blusa a fim de tomar sol no convés, usando apenas o biquíni. Penny estava numa espreguiçadeira, os olhos fechados, a pele bem bronzeada, o cabelo desbotado pelo sol esvoaçando ao lado do rosto.

— É melhor você passar mais um pouco deste creme — sugeriu Phil.

Tracey espalhou o creme dourado nos braços e pescoço. Phil agachou-se e beijou-a abaixo da orelha. Ela sorriu:

— Quer nadar? — perguntou ele.

— Agora?

— Claro. Vou falar com o Capitão.

Phil aproximou-se de McCracken, que o encarou por baixo de um visor branco.

— Qual é a possibilidade de nadarmos antes do almoço? — indagou Phil.

— Excelente.

McCracken puxou o controle do acelerador. Os motores silenciaram bruscamente e o barco furou as ondas cada vez; mais devagar até parar, balançando-se muito de leve na imensidão do oceano azul.

— Sabem nadar bem? — perguntou McCracken, despindo as bermudas brancas sob as quais usava um calção de banho vermelho e amarelo.

— Razoavelmente.

— O mar está um pouco agitado. Vamos baixar o bote. Vocês podem descansar nele.

McCracken e Penny baixaram o bote para a água. Tracey e Phil desceram cautelosamente pela escada que Penny prendeu à amurada. A Corrente do Golfo estava surpreendentemente aquecida e Tracey afundou vagarosamente no mar.

— Ei, existem tubarões por aqui?

Phil replicou com um sorriso:

— Ora, o Capitão não nos permitiria nadar em águas infestadas de tubarões, não é mesmo?

Tracey hesitou, quase encabulada.

— Qual é o problema? — indagou McCracken, remando o bote ao longo do barco.

— Minha mulher quer saber se existem tubarões por aqui — explicou Phil.

— Existem tubarões por toda parte do oceano.

— Quero saber se é seguro nadarmos aqui — disse Tracey com um sorriso hesitante.

Creio que sim — respondeu McCracken, afastando o bote do barco. Acrescentou: — Mas se sofreu algum corte ou está no período menstrual, é melhor voltar para bordo.

McCracken remou o bote para uma posição a cerca de vinte metros do *Penny Dreadful*. Tracey boiou por alguns segundos e, em seguida, começou a nadar de costas, afastando-se do barco. Phil pisou o último degrau da escada e mergulhou.

— Espantoso! — comentou em voz baixa. — A profundidade deve ser mais de um mil e quinhentos metros.

— Sim. E cheia de seres vivos.

Phil riu e acompanhou as braçadas de Tracey na direção do bote. Ela nadava sem pressa, a água escorrendo sinuosamente por cima dos ombros e busto. Movimentava-se sem esforço graciosamente, embora não tivesse resistência para nadar mais de cem metros. Os dois pararam de nadar, boiando, as pernas movendo-se de modo estranho nas águas esverdeadas e profundas.

— É capaz de beijar-me enquanto bóia?

— Não com todo mundo olhando para nós.

Phil virou a cabeça e viu McCracken sentado no bote, o corpo musculoso muito cabeludo no peito e nos braços, parecendo quase insensível à existência de terceiros em seu segundo lar — o oceano.

— Onde está o imediato? — indagou Phil.

— Lá está ela. Vai mergulhar!

De pé na amurada, perto da escada, Penny McCracken parou um instante para ajustar a touca de natação e a alça do biquíni laranja. Quase sem dobrar os joelhos, deu um súbito impulso que a lançou para longe do barco num mergulho perfeito, penetrando na água como uma faca.

— Viu? — murmurou Tracey. — Aposto que ela é campeã de natação.

— Está mesmo em forma — admitiu Phil.

Penny aproximou-se deles com braçadas longas, seguras e graciosas.

— Por que não nadam até o bote? — indagou ela.

— É um bom lugar para descanso.

— Boa idéia — respondeu Phil, começando a nadar.

Quando ergueu a cabeça, constatou que Penny já estava debruçada na borda do bote, conversando com o Capitão. Tracey nadava ao lado de Phil, subindo e descendo ao sabor das ondas. Naquele instante, ocorreu a Phil que ela ficaria bronzeada em poucos dias, com os cabelos queimados de sol. Que tipo de complicações enfrentaria ao voltar para casa? Phil mergulhou na Corrente do Golfo, sentindo os braços impulsionarem a água para trás, a infinidade do oceano, a profundidade translúcida que o envolvia. A sensação de estar perdido e ser insignificante era maravilhosa. As complicações: lhe sumiram da mente. Voltando à superfície, sacudiu a cabeça e riu.

— Quer ajuda, Sr. Williams? — perguntou McCracken.

— Não, obrigado — respondeu Phil, subindo para o bote.

O corpo de Phil, embora menos bronzeado, era mais perfeito, com os peitorais mais rígidos, que o do Capitão. Phil teve consciência de sua juventude e saúde. Pressentiu que Penny o observava, notando-lhe a forma — da maneira que um atleta avalia outro: por uma questão de hábito. Phil debruçou-se e estendeu a mão, ajudando Tracey a subir para o bote. Ela sacudiu a cabeça, respingando água salgada.

— Estamos mais longe do que parece — disse ela, rindo.

— Com alguns dias de prática, será capaz de nadar o dobro da distância — replicou bondosamente Penny.

Embora o espaço do bote fosse acanhado para quatro pessoas, conseguiram acomodar-se confortavelmente em posições alternadas, reclinando-se nas bordas com os pés apoiados no lado oposto. A rápida natação deixara Tracey sonolenta e ela encostou preguiçosamente o rosto na perna de Phil.

— Você foi atleta? — indagou Phil a Penny. — Isto é, chegou a competir ou algo semelhante?

Penny corou levemente e sorriu.

— Faz muitos anos, Sr. Williams. Pela equipe estadual de Nova York.

Repentinamente, McCracken desceu para a água como uma foca, sem balançar o bote.

— Peça ao Imediato para lhe ensinar como remar um bote desses — disse ele. — É um truque especial.

— Vai embora?

— O dever me chama.

McCracken mergulhou bruscamente por baixo do bote e nadou com braçadas desajeitadas mas vigorosas na direção do *Penny Dreadful*. Phil presumia que o Capitão aprendera a nadar por conta própria ou sofrerá há muito tempo alguma lesão, pois sua perna direita dava um impulso vertical poderoso enquanto a esquerda batia de viés, como um pontapé lateral. Não obstante, o corpulento homem idoso já estava a meio caminho entre o bote e o barco, parecendo avançar sem esforço.

— Seu marido também competiu? — indagou delicadamente Phil.

— Não, mas possui uma resistência incrível — respondeu Penny num tom estranhamente inexpressivo. — Todavia, eu ainda sou mais veloz.

Phil sentia o agradável balanço do bote, que lhe causava sonolência. Fechou os olhos contra o calor do sol, sentindo o rosto de Tracey de encontro à perna.

Protegendo os olhos contra a luminosidade, Penny comentou:

— Creio que o Capitão está fazendo sinal para nós. Gostaria de remar de volta até lá?

— O Capitão disse que era um truque especial — murmurou Phil, sonolento.

— É muito fácil — disse Penny, colocando os remos nas forquetas. — Basta lembrar o momento de virar o punho.

Penny puxou os remos com facilidade várias vezes, girando-os no final da remada de modo a deslizarem de volta sobre a água para ganhar propulsão. Phil pegou os remos, manipulando-os com virilidade. O bote balançou de um lado para outro, sem ganhar impulso.

— Os botes não têm motor de popa?

— Muitos têm, mas o Capitão Jack não gosta de mecanização total. Veja, está pegando o jeito — disse Penny, mudando de assunto. — É questão de ritmo. Com o tempo, torna-se natural.

Phil parou e, depois, recomeçou a remar, procurando conscienciosamente o ritmo adequado. Todavia, as pás dos remos empurravam o bote de lado. Frustrado, Phil agarrou os remos com força e caprichou na sincronização dos movimentos. O bote progrediu com lentidão na direção do barco.

— Acho que vou embora — provocou Tracey.

— Vai ficar exatamente onde está, jovem senhora, mesmo que demore a tarde inteira.

— Gire os remos quando saírem da água — instruiu Penny. — Isso... Agora gire... Espere... Gire... Espere... Gire e puxe... Aprendeu!

Após algum tempo, Phil aproximou-se do barco o bastante para permitir que Penny segurasse a escada.

— Trabalho duro, Sr. Williams — disse ela amavelmente. — Fez por merecer o almoço.

Na sala de refeições, o sol incidia sobre as paredes de teca, fazendo brilhar os cristais sobre a mesa. A luz se refletia nas pratarias e nos aparelhos de aço inoxidável. Uma grande fruteira estava colocada no centro da mesa. O ensopado fumegava em quatro pratos.

— Mmmmmm! — farejou Phil, deleitado. — Siri?

Tracey enfiou o garfo numa enorme saladeira ao lado do seu prato.

— Meu Deus! — exclamou com a boca cheia. — Está deliciosa. Tão temperada! Tem diversas espécies de peixes. Consigo sentir o gosto de três.

— Ora, é bastante adequado — replicou Penny, bebendo um suculento ponche de frutas. — Há pouco vocês nadavam entre os amigos deles.

Tracey riu. O picante ponche de frutas era encorpado, contendo fibras de melancia. Phil serviu-se de outra porção de ensopado. Penny colocou sobre a mesa uma cestinha de pães.

Quando terminaram de comer, McCracken foi a um armário e pegou uma garrafa de conhaque quase branco, erguendo-a para Phil com olhar indagador.

— Não faça cerimônia, Capitão — disse Phil.

McCracken pegou quatro cálices numa prateleira e os colocou sobre a mesa. O conhaque escorreu, enchendo os cálices. Phil ergueu o seu para Tracey, cujos cabelos captavam a luz do sol com um esfuziante brilho prateado.

— A você, querida.

— A você — replicou ela, corando levemente.

Após algum tempo, McCracken pigarreou. Phil recusou uma segunda dose. Penny tirou a mesa, deixando a fruteira. Phil serviu-se de uma laranja, usando uma faca para descascá-la.

— É correto comermos esses peixes e chuparmos essas frutas — comentou McCracken.

Acendeu o cachimbo grosso e preto. Phil notou que era um cachimbo velho, arranhado pelo uso.

Perdão? — disse Phil.

— As espécies se desenvolvem através dos tempos. Algum dia, não existirão homens.

— Creio que não o compreendo bem, Capitão.

— É muito simples, Sr. Williams. Houve uma época em que não existiam homens. Agora existem. Mas dentro de poucos milhões de anos, tudo voltará a ser diferente.

— Suponho que tenha razão, até certo ponto.

Phil e Tracey entreolharam-se disfarçadamente, divertidos com a filosofia do Capitão. Phil passou a

Tracey um grande pedaço de laranja descascada.

McCracken chupou contrariadamente o cachimbo. Consta-tando que estava apagado, tomou a acendê-lo com um fósforo que estava sobre o fogão. Com ar satisfeito, tirou algumas baforadas. Obviamente, não estava acostumado a discussões filosóficas, e o fato de que Tracey pudesse ser mais esperta que ele no assunto tolhia-lhe a disposição de arriscar uma opinião.

— Eles não têm um ponto de vista — disse — McCracken. — Só a espécie dominante pode ter um ponto de vista.

— Estou certa de que os tubarões e polvos discordariam — replicou amavelmente Tracey.

— Que discordem, Sra. Williams. Afirmo que a inteligência governa o mundo. Por isso eles terminam em nossa salada e não terminamos na salada deles. A inteligência construiu o *Penny Dreadful*. A inteligência permite-nos praticar esportes onde antes só existia uma luta mortal pela sobrevivência..

Penny sorriu de modo indulgente ao recolher as migalhas da mesa numa pá de prata, como se já tivesse escutado toda aquela conversa muitas vezes. Phil trocou um sorriso com ela. McCracken enrubesceu ligeiramente.

— Talvez algum dia a inteligência não governe o mundo — sugeriu Tracey. — É possível que alguma outra coisa predomine.

— Como, por exemplo? — quis saber McCracken.

Tracey sacudiu os ombros.

— Como posso sugerir algo que nem mesmo consigo imaginar? Todavia, houve uma época em que a espécie era governada pela capacidade de reprodução. Depois, veio a capacidade de mudar. Hoje é a inteligência. Talvez em poucos milhões de anos a característica dominante seja outra.

— Nesse ínterim, a inteligência estabelece as regras — concluiu McCracken secamente. — As regras dos jogos que jogamos.

Tracey pegou mais um pedaço da laranja de Phil.

— E gostamos de jogar — acrescentou ela.

— Exatamente — concordou McCracken, amável.

Phil teve a impressão de escutar a conversa através de alguma barreira vaga e atenuada de absurdo. Imaginou se Tracey considerava o homem idoso tão divertido. Era como estar embriagado: podia-se travar uma conversa durante longo tempo antes de topar com a constatação de que tudo era totalmente desconexo.

— Permite-me indagar o que está fumando? — perguntou Phil.

McCracken ergueu os olhos, espantado, arrancando os pensamentos da trilha seguida pela conversa.

— Meu fumo o incomoda?

— Não, não. Pelo contrário. Só que nunca senti esse cheiro antes.

— É uma mistura da Jamaica. Alguns fumos da América do Sul com algumas espécies locais. Não é muito cheiroso, mas tem um gosto surpreendente.

— Eu gostaria de experimentar, se possível.

— Talvez seja possível, Sr. Williams — disse McCracken.

Obviamente satisfeito, não fez menção de satisfazer a vontade de Phil.

Tracey bocejou.

— Tanto sol e natação... — murmurou preguiçosamente. — Se não se importam, vou tirar uma soneca.

— Aproveite o repouso, Sra. Williams — disse McCracken, fazendo o gesto de erguer-se da cadeira.

Penny foi para o camarote de proa e logo Phil escutou o barulho do chuveiro contra as paredes de vidro do box. McCracken virou-se e percebeu que Phil espiava pela vigia.

— Sr. Williams.

— Sim?

— Deixarei que experimente meu fumo se subir comigo para o convés.

McCracken foi ao camarote e voltou com um cachimbo de haste de marfim, que entregou a Phil. Subiram juntos para o convés.

A tarde continuava quente, mas a brisa voltara a soprar. Deliciado com a sensação do sol no corpo, Phil despiu a camisa. Sentiu o calor espalhar-se pelos ombros e braços. McCracken foi à casa do leme e ligou a ignição. O *Penny Dreadful* reviveu repentinamente, avançando devagar pelas ondas suaves até que McCracken abriu mais o acelerador e a proa rasgou o mar, erguendo espuma de ambos os lados.

Abrigando-se na ponte de comando, Phil deixou que McCracken lhe acendesse o cachimbo. O fumo seco e áspero tinha uma qualidade revigorante, aparentando possuir um aroma diferente, de madeira negra e retorcida. Phil sentiu o sangue acelerar-se nas veias, restaurando-lhe as energias.

— Julga-me um pouco esquisito? — indagou McCracken.

— O quê? Claro que não. Por que pergunta?

— Tive a impressão de que você e sua mulher trocaram olhares durante nossa conversa.

Phil refletiu que o homem podia ser esquisito, mas era observador como uma águia.

— Oh, é isso? Devo dizer-lhe que minha mulher estudou filosofia e moral. Na verdade, lecionou a matéria.

— É filósofa?

— Não, apenas pesquisadora de estudos de ética. Quando a conheci, ela estava escrevendo um livro — mentiu Phil.

— Sobre filosofia e moral?

— Sim.

— Chegou a publicá-lo?

— Não creio. Isto é, alguns capítulos foram publicados em revistas especializadas. Mas não sob forma de livro. Não, não foi publicado.

Phil tirou outra baforada do cachimbo e simulou examiná-lo. Tinha consciência de não saber mentir e nem mesmo compreendia por que motivo se incomodava em fazê-lo. McCracken o observava com ar amistoso, os olhos pequenos e penetrantes fixos em seu rosto.

Os dois homens permaneceram por algum tempo em silenciosa comunhão, unidos pela vibração do pesado barco, pela apreciação mútua do oceano que se estendia infinitamente ao seu redor, pelo calor do sol e o gosto de sal no ar. Além disso, era a primeira vez que ficavam a sós a bordo, sem a presença das duas mulheres, o que acrescentava à sua companhia uma espécie de intimidade rude e relaxada.

— Lindo tempo — comentou Phil.

— Pode escrever, Sr. Williams: chegará o dia em que terá vontade de estar mais perto dele.

— Não seria impossível.

— Na verdade, nada existe no norte que valha a pena, exceto ganhar muito dinheiro — disse McCracken, tendo na voz um tom de amargura e dureza peculiar, que não lhe era costumeiro. — E chegará o dia em que isso não será o bastante.

Phil não tinha certeza do que o outro queria dizer com aquilo. Temeu novo labirinto de considerações filosóficas.

— Existem compensações — declarou.

— Quais?

— O teatro. As artes. A sociedade. Você compreende... as pessoas que lá trabalham.

Como resposta, McCracken desligou o piloto automático e passou a navegar manualmente.

— Pode ter certeza de uma coisa, Sr. Williams — afirmou bruscamente. — Verá a vida de modo diferente... algum dia.

Phil sacudiu os ombros.

No horizonte longínquo, a bombordo, pequenas nuvens escuras corriam pelo céu azul, como se tentassem acompanhar o *Penny Dreadful*. Sombras escuras seguiam-nas na superfície do mar, contrastando estranhamente com o brilho refletido pelas ondas.

— Chuva, Sr. Williams. Muito longe. É provável que nem cheguemos a vê-la.

No final da tarde, Phil percebeu que as nuvens se tornavam mais escuras, mas menores, e o céu assumia uma tonalidade mais profunda de azul. McCracken emprestara-lhe um blusão leve para evitar queimaduras de sol nos braços e ombros. Phil considerou brevemente a possibilidade de algum exercício, mas ficou totalmente satisfeito com não fazer nada pelo resto da tarde.

— Acho melhor ir cuidar de sua esposa — sugeriu — McCracken. — As mulheres gostam de um pouco de tempo para se arrumarem antes do jantar.

Phil consultou o relógio.

— Tem razão, Capitão. A tarde praticamente sumiu. Vou acordar minha mulher.

Phil deixou McCracken junto à amurada de ré, olhando para a esteira deixada pelo barco.

No camarote, Tracey dormia sob um lençol leve, a camisola transparente mal cobrindo os ombros e quadris. Phil pousou-lhe a mão na coxa. Ela acordou de imediato, com os olhos em foco.

— Pode não acreditar, mas já é quase hora do jantar — disse Phil com voz macia.

Vestiram-se. Phil tomou banho por último e penteou o cabelo em frente ao espelho.

— A propósito, querida, se McCracken indagar, você está escrevendo um livro sobre filosofia e ética, alguns capítulos do qual já foram publicados em revistas especializadas.

— Por que você inventou isso?

— Fiquei encurralado quando ele começou a bisbilhotar. Antes mesmo de perceber, eu já tinha inventado a desculpa.

— Diabo, não tenho pensado no assunto desde que me formei na universidade.

— Finja — replicou Phil com uma risadinha. — Era isso que você fazia na época.

Um travesseiro cruzou o espaço, batendo-lhe na cabeça. Phil deu uma risada e tomou a pentear o cabelo. Saíram do camarote para jantar.

Todavia, quando chegaram ao salão de ré, o jantar não estava posto na mesa, como também não havia panelas ou frigideiras no fogão da cozinha. Apenas uma tábua de cortar carne em cima da pia, ao lado de uma faca suja de sangue.

Penny saiu do camarote dos McCracken, usando um vestido bege, os cabelos meticulosamente penteados para trás e atados num coque.

— Não querem juntar-se a nós no convés, Sr. e Sra. Williams? — indagou ela.

— Jantar no convés! — exclamou Tracey. — Que ideia maravilhosa!

— Pode esfriar — comentou Penny. — Talvez deseje um agasalho.

— Certo. Obrigada.

Penny subiu para o convés enquanto Phil voltava ao camarote para buscar o xale de tricô de Tracey. Esta esperou um momento no local onde os degraus metálicos se juntavam à área aberta que levava à cozinha. A seu lado estavam os armários que abrigavam os extintores de incêndio, os equipamentos de chuva e o material sobressalente de pesca. Prateleiras de tela de alumínio, instrumentos e um conjunto de chaves e alicates cuidadosamente arrumados em gabinetes de madeira. De onde estava, Tracey podia avistar a porta entreaberta do camarote dos McCracken na extremidade do corredor, na proa do *Penny Dreadful*.

O crepúsculo descia e as luzes estavam apagadas, de modo que ela tateou no escuro em direção à porta. De repente, teve medo de que o Capitão ainda estivesse no camarote. Espiou com cuidado e constatou que o compartimento estava vazio. Espingardas antigas presas às paredes, facas arrumadas em série ao longo de uma comprida escrivaninha de mogno, uma estante envidraçada cobrindo a parede oposta, contendo grossos volumes vermelhos cuja encadernação era escurecida pela idade, os títulos desbotados em relevo no couro. Várias penas de escrever enfiadas num tinteiro sobre a escrivaninha. A tinta numa delas ainda parecia úmida. Curiosa, Tracey verificou que existia uma velha carta náutica presa à parede, mostrando uma parte do Grande Banco das Bahamas. Cerca de doze linhas sinuosas escuras estavam traçadas no mapa. Tracey presumiu que marcassem a rota de várias viagens pela região.

— Tracey — sussurrou Phil do corredor. — Onde está você?

Ela surgiu à porta, com o dedo nos lábios em sinal de silêncio, gesticulando para que Phil se aproximasse.

— Olhe! — comentou. — Parece um cenário de filme antigo, ao estilo de Errol Flynn.

— Vamos. Não quero ser apanhado espionando. Além disso, já estão esperando por nós.

Relutante, Tracey acompanhou Phil pelo corredor. Quando subiam a escada, ela se voltou para murmurar:

— Você não viu o livro de registro.

— Que livro de registro?

— O que estava sobre a escrivaninha, ao lado da pena de escrever. E a pena ainda estava úmida. Ele deve ter acabado de escrever alguma coisa no livro.

— E daí?

— Não acha exótico?

— Totalmente.

— Você não tem curiosidade: eis aí seu problema.

Contornavam a ponte de comando quando avistaram os McCracken sentados a uma mesinha no convés de proa. Talheres e cristais brilhavam sobre a toalha branca. Uma caçarola fumegante e várias outras travessas estavam à vista. Uma série de nuvens magenta e marrom completavam o perfeito cenário de sonho.

— Oh, não é lindo? — murmurou Tracey.

O capitão, como de hábito, fez menção de levantar-se da cadeira quando Tracey se aproximou da mesa.

— Boa-noite e *bon appétit* — disse Penny, apontando para uma cadeira vazia. — Não quer sentar-se, Sra. Williams?

— Obrigada.

O vinho branco foi servido delicadamente. Meio-seco, era adequado ao ambiente relaxado da noite. Phil percebeu que a mesa fora posta de modo a favorecer o Capitão; em vez de quatro pessoas sentadas em posição de igualdade, McCracken ocupava inequivocamente um lugar privilegiado, de costas para o sol poente. Olhando para ele, os outros viam as nexas de nuvens alaranjadas formarem uma espécie de auréola às suas costas, mas o rosto de McCracken assumira uma expressão severa, como se esculpido em granito. Mantinha-se calado, pensativo.

— Algum problema, Capitão? — indagou Phil.

— Oh, é possível que tenhamos uma pequena tempestade.

— Isso é problema?

— Não se for apenas chuva.

— Espera algo realmente grave? — quis saber Tracey, com um toque curioso de excitação.

McCracken deu de ombros.

— É nisso que estou pensando.

— Então, refere-se a um furacão, Capitão — disse Phil.

— É possível, Sr. Williams. É possível.

— Entendam — disse Penny com naturalidade, servindo da caçarola fatias de peixe-espada com um molho espesso. — Estamos na proximidade da área onde nascem quase todas as grandes tempestades.

— Não estamos na estação delas — acrescentou McCracken depressa.

— Às vezes, porém, elas não sabem disso, hem? — comentou Phil.

— Não deixa de ter razão, Sr. Williams — replicou McCracken com uma risadinha. — Mesmo assim, não constitui um problema. Ainda não existe tempestade, mas apenas a possibilidade de que surja uma.

— E, se isso acontecer, teríamos que procurar um porto — disse Penny. — Provavelmente Nassau, na minha opinião.

Phil e Tracey trocaram um rápido olhar.

— Talvez isso lhe agradasse, Sr. Williams — continuou Penny. — Teriam oportunidade de fazer compras. Nassau é um porto livre, como sabem.

— Oh, não — interpôs Tracey apressadamente. — Prefiro ficar longe dos grandes centros. Estou realmente gostando do isolamento.

McCracken piscou um olho para Phil.

— Eis uma esposa que vale seu peso em ouro. Aprenda a lição, Penny.

Penny sorriu e sentou-se. O filé de peixe-espada foi servido com batatas *sautées*, molho cremoso, finas fatias de pão com manteiga e um prato de legumes variados que exalava um rico aroma de temperos.

Phil, incapaz de resistir à tentação do fumegante jantar à sua frente, enfiou depressa o garfo no filé de peixe-espada. Estava mastigando com entusiasmo quando sentiu a mão de Tracey em seu braço. Os McCracken observavam em silêncio, polidamente. Baixaram a cabeça, fazendo uma prece.

Phil engasgou-se de leve, baixou a cabeça e pousou o garfo, permanecendo naquela atitude pelo que lhe pareceu uma eternidade. Tracey foi obrigada a desviar o rosto para conter uma gargalhada. Então, McCracken ergueu a cabeça e começou a comer. Notou que Phil estava ruborizado.

— Está passando bem, Sr. Williams? Parece um pouco vermelho.

— Eu... sou alérgico a assuntos de tempestades.

Comerem em silêncio por algum tempo. McCracken trocou olhares com a esposa.

— Uma alegria um tanto peculiar, Penny. Creio que nunca ouvi falar dela antes.

Tracey explodiu numa risada, cobrindo a boca com um guardanapo branco.

— Minha família sofre disso há várias gerações — murmurou Phil.

— Creio que o Sr. Williams esteja pilheriando — disse Penny, sorrindo à custa do marido.

— Compreendo — murmurou McCracken em tom duvidoso.

Após algum tempo, o crepúsculo assumiu um profundo tom de púrpura. As estrelas vespertinas surgiram no leste: O *Penny Dreadful* balançava-se suavemente no mar manso e escuro. As nuvens dispersaram-se quase totalmente, à exceção de algumas nesgas esparsas no horizonte do poente. Phil refletiu que era difícil acreditar na possibilidade de uma tormenta a quilômetros de distância.

— Creio que seria excitante enfrentarmos uma tempestade em alto mar — disse Tracey. — Não um furacão, mas uma pequena tormenta.

— Uma pequena e suave tormenta — censurou Phil.

— Sabe muito bem o que quero dizer.

— Creio que a lua está nascendo — interpôs McCracken.

Tracey voltou-se para olhar. Por cima do ombro, ao longo da linha reta do horizonte no leste, avistou um crescente luminoso que parecia brotar do oceano. Era límpido, prateado e nítido, de uma pureza visível.

— O oceano possui uma característica — disse ela. — Faz-no apreciar o infinito. É algo em que não pensamos normalmente.

— Mas o oceano é finito — replicou McCracken.

— Ah, mas é muito vasto, Capitão. Altera nossa perspectiva.

— Tem razão, Sra. Williams.

— Há quanto tempo está no mar, Capitão? — indagou Phil.

— Eu diria a minha vida inteira, Sr. Williams, pois minha vida começou no dia em que fui para o mar.

— E antes disso?

McCracken fez um gesto vago e tomou um gole de vinho.

— Vivi e trabalhei numa variedade de lugares, mas isso foi em outra era.

— Não é apenas a vastidão, Sra. Williams — interpôs Penny. — Mas a solidão, o isolamento. É como uma força que nos cerca por todos os lados. Isso também altera nossa perspectiva quanto à vida humana.

— Todos nós somos meros joguetes — disse McCracken com um toque repentino e surpreendente de estranha amargura. — Jogamos e somos jogados de acordo com as normas que discutimos durante o almoço, Sra. Williams.

— É possível, Capitão — respondeu Tracey, ciente de que supostamente era uma autora de trabalhos já publicados sobre moral e filosofia.

Para seu alívio, McCracken limitou-se a franzir a testa.

A lua já se elevava bem acima do horizonte, tomando-se perceptivelmente mais brilhante, quase azulada, com sombras mais escuras mal visíveis em sua superfície. Um brilho pálido banhava o *Penny Dreadful*, refletindo-se em sua vagarosa esteira. Os braços de Tracey estavam iluminados pelo brilho suave do luar.

— Não seria gostoso vagarmos à deriva no escuro? — sugeriu ela. — Quero dizer, apenas por alguns instantes? O barco à deriva sob as estrelas?

McCracken meneou a cabeça, compreensivo.

— Infelizmente, a lei exige que determinadas luzes permaneçam acesas.

— Apenas durante um minuto, Capitão — intercedeu Penny. — Vá apagá-las.

McCracken olhou para Tracey. Sorriu afetuosamente para a mulher mais jovem no outro lado da mesa.

— Está bem. Apenas por um momento.

O Capitão foi à casa do leme, tateou no escuro e, de repente, as luzes de convés do *Penny Dreadful* se apagaram. Tracey enxergou apenas a vaga sugestão de sombras na escuridão mais profunda. Então, o oceano lhe pareceu azul-marinho e não negro, e ela avistou as silhuetas brancas do convés e da casa do leme. McCracken caminhou pesadamente de volta à mesa.

— Está vendo? — perguntou em voz baixa. — O oceano fica totalmente escuro.

Tracey verificou que o luar se refletia na água, dando cristas brancas a ondas distantes, cobrindo a imensidão escura do mar com um manto azul-prateado. Provocava a sensação impressionante de luz sutil, azul e vasta, que parecia permear o oceano e filtrar-se em direção ao céu noturno.

— O que são aquelas faixas prateadas, lá longe, perto do horizonte?

— Na verdade, são recifes, Sra. Williams— respondeu McCracken. — As ondas se encrespam um pouco ao chegarem a uma região mais rasa.

— Parece brilhar dentro da noite.

— A lua é excepcionalmente brilhante nesta área. Não tem comparação em outras zonas do mundo.

Tracey suspirou. Estendeu a mão por cima da mesa, co-brindo de leve a mão de Phil. Por alguns instantes, ninguém disse nada, cada qual envolvido numa comunhão silenciosa, numa serena observação da superfície encrespada do Oceano Atlântico. Phil sentiu-se livre dos pequenos encargos. Uma espécie de nervosismo evaporou-se dele, deixando-o purificado, sozinho e estranhamente exaltado. Embaraçado, estendeu, a mão para outro copo de vinho. O som da bebida jorrando da garrafa foi amplificado, sobrepondo-se suavemente ao barulho das ondas que os cercavam por todos os lados.

— Já que estamos na disposição adequada... — murmurou misteriosamente McCracken.

Foi à ponte de comando e desligou os motores. O ruído parou lentamente, deixando apenas o som líquido da água no casco do barco. O *Penny Dreadful* balançou uma ou duas vezes, perdeu velocidade e deu a impressão de ficar suspenso sob as estrelas.

— Estão sentindo? — murmurou Penny. — O isolamento? Magnífico, não é? Agora, começam a compreender por que motivo não podíamos voltar.

— Lá, é impossível sentirmo-nos grandiosos — disse McCracken, tornando a ocupar a cabeceira da mesa. — Aqui, somos maiores que o tamanho natural.

O vinho foi consumido. O tempo passara depressa. Phil apertou a mão de Tracey. Ela o fitou e retribuiu o sinal. Per-maneceram sentados por alguns momentos sob as estrelas, que davam a impressão de dançarem no céu quando eles erguiam a cabeça para olhá-las.

Phil simulou sonolência.

— Acho que remar me derrubou — comentou, admirado. — Com sua permissão... e agradecimentos pelo jantar mais gostoso de minha vida, Capitão... vou recolher-me.

— Durma bem, Sr. Williams.

Tentando não aparentar pressa mas, ao mesmo tempo, embaraçados por terem colocado um ponto final na noite, Phil e Tracey fizeram questão de caminhar lentamente pelo convés, olhando para o mar. Pararam para conversar um instante antes de descerem ao camarote. Depois de fecharem a porta, abraçaram-se.

A tranquilidade era incrível. O silêncio parecia emanar da velha cômoda, da cama e das cortinas das vigias. A intervalos; escutavam o leve som de uma onda lambendo o costado do *Penny Dreadful*. Lá em cima, os McCracken deviam estar sentados no escuro, como os capitães de antanho, refletiu Phil.

Seus lábios cálidos encontraram os de Tracey, compri- mindo-os. Beijando-se, despiram-se mutuamente.

Passaram a metade da noite fazendo amor, incapazes de explicar aquele extraordinário desejo, aquela energia física repentinamente ilimitada. Não sentiram fadiga, nem sonolência, nem um cansaço de fazer doerem os ossos. E quando os motores finalmente recomeçaram a funcionar nas entranhas do barco, voltando a singrar vagorosamente o oceano, já passava das três horas da manhã. A mão de Tracey afastou o cabelo dos olhos num gesto lento. Phil retomou do banheiro, sorriu para ela e sentou-se na beira da cama. Rindo baixinho, quase encabulada, Tracey sentiu o desejo crescer ainda mais uma vez. Aproximou-se de Phil e, tirando as pernas de cima da cama, aconchegou-se novamente a ele. Balançaram em ritmo com o barco.

Phil jamais conhecera tamanho bem-estar, uma exaustão que não tinha limites. Deitado sonolentemente ao lado de Tracey, tinha a impressão de que a noite ainda emanava um perfume revigorante e tentador, uma intoxicante quietude prateada. Apoiou a cabeça no selo de Tracey. Com os dedos entrelaçados, deixaram-se mergulhar na escuridão.

Quando a luz fria e vermelha do amanhecer entrou obliquamente pela vigia, as mãos do Tracey

puxavam Phil para si com uma ânsia cada vez maior. Sua respiração tomou-se cada vez mais ofegante.

Phil tomou-lhe a cabeça nas mãos. Ainda mais surpresos diante da própria capacidade, fizeram novamente amor e, depois, mais uma vez — sobre a cama e perto da escrivaninha — antes de tomarem banho e se vestirem para o café da manhã e o início de um novo dia.

# Quatro

O *Penny Dreadful* navegava ao longo da orla fria e azul da Corrente do Golfo, no Atlântico. Embora o sol incidisse diretamente sobre o barco, uma brisa fresca soprava sobre o mar pontilhado de espuma branca, varrendo o convés aquecido. Phil deitou-se com as costas nuas sobre as tábuas do convés, os olhos fechados protegidos por óculos escuros, o peito e as pernas sentindo o calor do sol.

Tracey, deitada ao lado dele, mantinha os olhos fechados. Um chapéu de aba larga chegava-lhe quase aos óculos escuros. Usava biquíni de fundo azul com listras diagonais vermelhas. Esticava os braços para bronzear-se por igual, deixando-se invadir pela imensa paz de vagar com o movimento do barco.

— Sr. Williams!

Phil olhou para a casa do leme.

McCracken desligara os motores do *Penny Dreadful* e descia para o convés. Trazia nos braços um comprido tubo verde. Phil avistou o mecanismo do gatilho na parte dianteira e o sulco duplo ao longo do tubo. McCracken fez sinal a Phil para juntar-se a ele na popa, longe de Tracey que dormia profundamente.

— Tem boa pontaria, Sr. Williams? — perguntou jovialmente o Capitão.

— Nunca experimentei.

McCracken municiou rapidamente o arpão. Encaixou uma seta com sessenta centímetros de comprimento no sulco duplo e puxou para trás uma curta alavanca preta, dobrando uma tira de aço ao ponto máximo de tensão. Em seguida, prendeu uma corda fina num furo existente na base da seta.

— Percebeu? — Carregue apontando para baixo, mas nunca para seus pés.

McCracken obrigou Phil a praticar o carregamento do arpão, que era mais leve que um fuzil e parecia um tanto despido. As farpas do arpão brilhavam na ponta da seta. A coroa de metal repousava de encontro à axila de Phil.

— Dá muito coice? — indagou Phil.

McCracken sacudiu a cabeça.

— Não deixe o nariz atrás. Só isso.

— Em que vamos atirar?

McCracken piscou um olho.

— Depende do que encontrarmos lá embaixo, não é?

— Lá embaixo? Quer dizer, sob a superfície?

— É claro.

— Mas eu nunca...

— Então, já é tempo.

McCracken retirou do armário de equipamentos dois tanques de ar comprimido para mergulho. A máscara incomodou O rosto de Phil. Uma fina linha de dor se fez sentir em volta da testa e bochechas. Com o tanque preso às costas e pés-de-pato mal conseguia andar. McCracken precisou ajudá-lo a descer a escada até a água.

Phil penetrou repentinamente no mundo aquático. Sob a superfície, aquele mundo não tinha horizonte, sol ou ar — apenas um perpétuo crepúsculo esverdeado.

McCracken nadava vigorosamente. Empunhando o arpão, fez sinal para que Phil o acompanhasse. O fundo do oceano estava muito abaixo deles, uma difusa coloração pardacenta com vagas ondas de luz brincando na areia.

McCracken parou bruscamente. Tomando uma posição vertical, apontou para um cardume de peixes listrados, com uma faixa escura ao longo do dorso e das barbatanas ventrais, que faziam arrancadas e paradas repentinas, os olhos imóveis, fixos, numa expressão de estupidez. O cardume dividiu-se em reflexos verdes que pareciam voar na água. Restou apenas um peixe, imóvel como um adereço de cenário teatral, com uma seta comprida atravessada no flanco. O peso do arpão fez o peixe tombar vagarosamente de lado. McCracken puxou a corda, trazendo a presa para si.

Phil nem percebera o disparo. McCracken soltou as farpas do arpão, segurando o peixe e esfregando o estômago com a mão livre, num gesto que indicava uma boa refeição. Em seguida, colocou o peixe morto num saco de lona que trazia preso à cintura e tomou a armar o arpão.

Por meio de mímica, indicou a Phil que era a vez deste. Phil hesitou, mas McCracken lhe entregou o arpão.

Phil quase não sentiu o peso da arma. Sob a superfície, tudo era mais leve, como num sonho. Era difícil acreditar que tivesse nas mãos um instrumento capaz de matar até mesmo um homem naquele balé de cores verdes e brilhantes. A sensação causou-lhe frio nos braços. Depois, estranhamente, conferiu-lhe uma segurança máscula, como se tivesse ingressado num mundo novo, cheio de riscos e perigos, de matadores e vítimas. Agora, tendo McCracken como guia, deixara de ser uma vítima.

McCracken apontou para a frente.

Peixes prateados, com poucos centímetros de comprimento, passavam velozmente com o sol faiscando-lhes no dorso. Atrás deles, vinha um peixe maior, de aparência azeda, como um velho sem dentes e desmemoriado, que nadava pesadamente e descia em direção ao fundo do oceano. McCracken gesticulou outra vez. Outros peixes listrados surgiram do eterno crepúsculo verde, olhando fixamente para Phil. Mexiam as bocas, como se conversassem entre si. Phil acionou o gatilho. O arpão varou a água, chegando ao fim da linha. O arranco da corda puxou a arma das mãos de Phil.

McCracken nadou para pegar a arma e o arpão, voltando à superfície. Phil o acompanhou. Encabulado, explicou que calculara mal a distância.

McCracken riu.

— Eu podia remover a corda, mas perderia muitos arpões!

O tempo passou depressa. Phil feriu um peixe na base da espinha, mas constatou que não conseguia aproximar-se o bastante para melhorar a pontaria antes que os peixes se afastassem com impulsos das caudas e nadadeiras. McCracken fisgou outro e subiram de volta ao *Penny Dreadful*.

— Não desanime — disse o Capitão, dando uma palmada no ombro de Phil. — É preciso ter prática. Pescaremos novamente. É uma promessa.

No convés de proa, Penny tocou de leve o braço de Tracey.

— Sra. Williams?

— O que é? — murmurou Tracey, abrindo os olhos.

— Gostaria de me ajudar com os peixes?

— Peixes?

— Sim. Seu marido e o Capitão fisgaram duas belas percas do mar.

Tracey sentou-se e esfregou sonolentemente os olhos. Despertando por completo, suspirou, debruçou-se com os braços cruzados sobre os joelhos e olhou para o mar, franzindo a testa contra a claridade dos reflexos.

— Vou esperar na cozinha.

— Está bem. Descerei em seguida.

Penny estava ralando queijo sobre o balcão da cozinha. Tracey viu uma faca e uma raspadeira de escamas em cima de uma cadeira. No chão, um balde cheio de água continha dois peixes grandes e listrados, um dos quais batia com a cauda contra o metal.

— Está vivo — comentou Tracey, repugnada.

— A carne se conserva melhor assim, até o último minuto. Eis o segredo.

— Pobrezinho.

Penny terminou de preparar uma grande assadeira com queijo, temperos variados, cebolinha picada e um pouco de vinho. Trabalhava com rapidez e eficiência. Tracey lançava olhares ocasionais ao peixe que se debatia no balde.

— Chegou o último minuto para ele, não é? Que tristeza! — disse Tracey.

Penny sorriu.

— Quer fazer a oração fúnebre? — perguntou, empunhando uma grande faca de lâmina larga e pesado cabo preto.

Tracey fez um gesto negativo.

— Não, por favor. Eu não conseguiria.

— Eu lhe ensino. Eles não sentem dor.

— Prefiro não fazer.

Penny debruçou sobre o balde e agarrou com ambas as mãos o peixe que se debatia, depositando-o em cima do balcão. Pegou a faca e desferiu um único golpe que atravessou a pele, carne e espinha na base da cabeça, batendo na madeira. Com um movimento lateral, separou a cabeça do corpo, que manteve seguro com a mão esquerda até que as contrações cessassem inteiramente.

O sangue do peixe correu pelo balcão até um rego que o conduziu à pia. Jorrou por vários segundos, diminuiu, passando apenas a pingar, e se espalhou pelo balcão, manchando as mãos e o avental de Penny.

— O problema é escondermos a morte, como se fosse um mistério — declarou Penny. — Isso falsifica nossas vidas.

Lançando um olhar a Tracey, acrescentou:

— O que é, Sra. Williams? Parece pálida.

— Esqueci que os peixes têm sangue.

— A visão de sangue lhe causa tonteiras?

— Sim — confessou Tracey, virando-se para a parede, Penny pegou o outro peixe. Horrorizada, Tracey sentiu a cauda molhada roçar-lhe no cabelo.

— Uma beleza! — exclamou Penny.

Tracey escutou a cauda dura do peixe bater com violência na madeira do balcão. Então, seguiu-se

um prolongado silêncio, como se Penny não tivesse a menor pressa. A espera tornava-se insuportável, mas foi interrompida pelo barulho de um golpe cortante e uma pancada forte; os movimentos do rabo do peixe cessaram, substituídos por pingos de sangue na pia. Tracey só voltou a olhar quando ouviu Penny lavar o balcão.

— Você faz isso muito bem — comentou, desanimada.

— Tenho muita prática — replicou Penny. — O segredo é não decepar os dedos quando o mar está revolto.

Em seguida, ergueu a perca decapitada.

— É capaz de limpar o peixe? — indagou.

— Suponho que sim.

— A maior parte do sangue já escorreu.

Penny colocou as duas percas do mar num tabuleiro, depositando-o sobre a cadeira ao lado de Tracey. Mostrou como remover as barbatanas e escamar o peixe. Depois, usou a faca para raspar o interior, explicando:

— Remova todas as entranhas, mas deixe o osso.

Tracey teve a sensação de que a voz de Penny era um som autoritário e impessoal que ecoava no ambiente. Começou a raspar o interior do peixe.

— Raspe *para longe* de si.

As entranhas do peixe se agarraram à ponta da faca. Tracey bateu com a lâmina na borda do balde e as entranhas caíram na água, afundando-se com um movimento giratório.

Penny entornou rapidamente numa panela condimentos moídos. Deu a impressão de refletir sobre alguma coisa, pois ficou parada com um dedo nos lábios, como se argumentasse consigo mesma. Finalmente, estendeu a mão para a prateleira e pegou um pacote de noz moscada. Pensou por um momento, resolveu experimentar e polvilhou um pouco na panela sobre o balcão.

— Remova bem todo o tecido escuro — instruiu, movendo os ingredientes na panela.

A mistura resultou num molho leve, cremoso e amarelo. Penny colocou a panela no fogo baixo e deixou o molho ferver. Depois, começou a preparar um caldeirão para os dois peixes.

— Têm filhos? — perguntou ela a Tracey.

— Não.

— Por decisão sua ou de Deus?

Tracey não conseguiu conter um sorriso ante a natureza infantil da indagação.

— Nossa — respondeu, afinal.

Penny pegou um saco de farinha de trigo. Lavou as mãos antes de continuar e parou um momento, tentando lembrar-se de algo. Então, apressou-se em adicionar sal ao molho fervente.

— Sempre me esqueço do sal — comentou.

Tracey sorriu, replicando:

— Presumo que não seja bastante exótico para ser lembrado.

Lá fora, o mar se tornara mais frio, menos encapelado e ainda mais carregado de cinzento. Penny olhou através da vigia, concentrando-se num pensamento distante e mantendo os olhos fixos no horizonte.

— O Capitão e eu tivemos um filho. Morreu na guerra do Vietnã, mas somos gratos pelos anos que passou conosco.

Tracey permaneceu calada.

— O prazer de vê-lo de manhã cedo, dar-lhe banho, vê-lo crescer e mudar, aprendendo, transformando-se num indivíduo ... foi a grande alegria de nossas vidas. Acho que não conseguiríamos viver sem aquilo.

Tracey limpou do rosto um pedaço imaginário de peixe e continuou a raspar o interior do animal morto.

— Principalmente no inverno — acrescentou Penny, com um olhar de esguelha a Tracey, que se debruçara sobre a cadeira. — Eu via o rosto dele perto da janela, olhando para a neve que caía lá fora, e nos sentíamos tão felizes juntos dentro de casa, com o inverno lá fora. Não, eu não poderia: ter vivido sem esse tipo de alegria.

Penny recuou, limpando as mãos, e sorriu.

— Por enquanto, chega. Quer um copo de ponche de frutas? Com um pouco de vinho tinto?

— Eu... bem, acho melhor não. Acho que preciso de um pouco de ar fresco.

— Vejo que tem uma constituição muito delicada. Neste caso, é melhor juntar-se a seu marido. Ele já deve estar imaginando o que foi feito de você.

Tracey saiu. A brisa marinha no convés era espantosamente fresca e forte. Phil vestira um casaco branco leve e estava recostado numa espreguiçadeira encostada à cabine.

— Teremos um almoço *exótico* — anunciou Tracey com um toque de sarcasmo. — Graças a você e ao Capitão.

— Graças ao Capitão; foi ele quem físgou os peixes.

Tracey sentou-se numa espreguiçadeira ao lado de Phil e colocou os óculos escuros.

— E eu fui a responsável pelo funeral. Nunca tinha limpado um peixe em minha vida! Você sabe que eles têm *sangue*?

Phil desviou a cabeça, deixando-se mergulhar num sono leve. Tracey passou meia hora fitando as ondas azul-escuro que cercavam o iate. Pareciam mais azuis que na véspera. Tracey teve a impressão de avistar minúsculas pregas na vasta extensão de águas ondulantes, algo escuro e maciço, mas não percebeu o que eram. Então, também deve ter adormecido, pois a voz de McCracken, embora delicada, atingiu-a como um balde de água fria.

— Sra. Williams? Sinto muito interromper seu repouso, mas os peixes não podem esperar.

Tracey tirou os cabelos dos olhos, removeu os óculos escuros e sacudiu o marido até que ele acordasse.

— Capitão Jack — disse Phil, arrastando as primeiras palavras. — Seu barco induz ao sono.

— É o ar fresco — replicou McCracken. — Somado ao sol e ao balanço das ondas.

— E pouco sono durante a noite — acrescentou Tracey.

Phil lançou-lhe um olhar que ela não percebeu. McCracken, porém, notou a expressão e sorriu.

— Talvez precisem de mais exercício — sugeriu. — De todo modo, não querem juntar-se a nós no salão?

A voz de McCracken assumira um tom mais semelhante ao de um capitão de navio, com um toque de polidez e uma forma-lidade sutilmente disfarçada em deferência aos passageiros. Seu sorriso era como o sorriso de todos os comandantes marítimos do mundo: juvenil, cativante, mas um tanto vago e revelando muita prática.

Desceram para o salão de ré, onde a mesa estava posta com uma alegre toalha de quadriculado azul. As panelas e louças no mesmo padrão azul davam um ar festivo ao ambiente. Algumas flores — talvez algas marinhas secas — enfeitavam com curvas graciosas pequenas tigelas de cerâmica. Uma brisa fresca soprava pelas vigias.

— Estamos oficialmente fora da Corrente do Golfo — informou McCracken, puxando uma cadeira para Tracey.

— Acho que nem perceberam, não é?

— Não — disse Phil.

— Tive a impressão de que a água mudou de cor — disse Tracey.

Viu isso, Penny? Os indícios de uma boa maruja. Sim, a água muda mesmo de cor. Agora, será capaz de dizer para que cor ela mudou?

McCracken estava sentado à cabeceira da mesa, com a cabeça maciça quase bloqueando o profundo azul do céu visível pela vigia da direita.

— Creio que mudou de azul-esverdeado para azul-marinho — disse Tracey.

— *Bravo!*

Penny depositou a panela de peixe, que ainda fervia sob a tampa, num descanso de madeira decorada.

— A Sra. Williams aprende depressa — comentou. — Ajudou-me a preparar esta refeição e foi uma excelente observadora.

— É mesmo? — disse McCracken, jovial. — Esplêndido!

Phil deixou cair o guardanapo, abaixou-se para pegá-lo embaixo da mesa e viu o pé de McCracken tocar de leve o de Penny. Então, o pé dela correspondeu, roçando no do Capitão.

— É muito importante — dizia McCracken quando Phil voltou à posição normal. — Precisamos observar e obedecer as ordens. Ora, eu poderia contar-lhe muitas histórias em que a falha de um único tripulante que não cumpriu adequadamente uma ordem resultou na perda de uma dúzia de vidas. Sem mencionar toda a carga do navio.

— Bem — disse Tracey, sorrindo —, espero jamais ser responsável por algo assim.

— Esperemos que não — replicou McCracken, pegando a faca de trinchar.

Penny serviu o vinho.

— Como se comportou o Sr. Williams? — indagou ela alegremente.

— Bem; muito bem — replicou McCracken. — Eu lhe daria nota seis.

Phil deixou escapar uma gargalhada.

— Então, também entrou no jogo de atribuir notas, hem? Seis, não é? — disse ele, piscando um olho para Tracey. — Nada mau, considerando que não sou uma loura de curvas sensacionais.

Ignorando o comentário de Phil, McCracken cortou o peixe, servindo uma generosa porção a Tracey e outra a Phil.

— Comportou-se muito bem — disse ele, afinal, servindo-se de vinho. — Muito poucos conseguem grau superior a seis. Agora, recomendo-lhes que experimentem o peixe com um pouco de pão. Se não estiver quente demais, podem comer à vontade.

Advertido, Phil mordeu cautelosamente, enchendo a boca com o pão escuro e encorpado do Capitão. O sabor salgado do peixe dominou-lhe a língua e as narinas ao mesmo tempo que a sensação-ardente dos temperos lhe penetrou pela boca. Com os olhos começando a lacrimejar, estendeu a mão para o ponche de frutas.

— Não foi por falta de aviso — riu Tracey.

— Tomará o gosto — declarou McCracken, sorridente, mastigando gostosamente o peixe. — Aprenderá que muitos dos ilhéus dos trópicos sabem temperar bem os frutos do mar.

— Temperam para valer — concordou Phil.

O Capitão estendeu automaticamente a mão para impedir que um copo com o fundo molhado escorregasse ao balanço de uma onda.

Passaram um quarto de hora comendo em silêncio. Então, Phil recostou-se na cadeira. Com a boca ardendo agradavelmente, tirou do bolso do casaco dois grandes charutos.

— Capitão? — ofereceu. — Uma pequena lembrança de Nova York.

— Para mim?

— Sei que parece que alguém sentou em cima deles, mas já são feitos assim.

McCracken riu, permitindo que Phil segurasse a chama para ele.

— Creio que o Imediato preferiria que fumássemos no convés.

— Boa idéia. Gostaria de esticar o corpo.

Phil e o Capitão se levantaram da mesa.

— Vem conosco, querida? — indagou Phil com nítida ênfase.

Tracey estava recolhendo os pratos da mesa e entregando-os a Penny na pia.

— Subirei em seguida — respondeu.

Disfarçando o desagrado que lhe passou pelo rosto como uma sombra, Phil tirou uma baforada do charuto, virou-se e acompanhou o Capitão até o convés.

No salão, Tracey guardou rapidamente a louça e passou um pano na mesa e no balcão, seguindo as instruções de Penny. Esta lavou as panelas, guardou-as, fechou as portas dos armários e enxugou a pia. Tracey passou uma última revista no ambiente, despiu o guardanapo que atara na cintura e foi juntar-se aos homens.

Phil ajudou Tracey a subir para o convés superior, onde McCracken arrumara dois pares de espreguiçadeiras.

— Serviço de cozinha não estava incluído no anúncio — resmungou Tracey em voz baixa.

— Ora, não se zangue, querida. É gostoso ajudar.

— Bem, desde que não se torne costume. Eles já começam a fazer questão.

Tracey pegou uma almofada da espreguiçadeira, ajeitou-a e sentou-se, esticando as pernas na

direção do mar aberto. Umhas poucas nuvens mais escuras enfileiravam-se no horizonte, como se acompanhassem o *Penny Dreadful*, que singrava a velocidade reduzida, controlado pelo piloto automático.

— Inteligência, como pode ver, Sr. Williams — disse McCracken, emergindo da casa do leme. — Em última análise, passa a significar sobrevivência, mais cedo ou mais tarde. Antigamente, os homens do mar tinham plena consciência do fato.

Phil suspirou. Refletiu que ver-se às voltas com um anfitrião tagarela em alto mar era muito mais grave do que enfrentar situação semelhante num coquetel em Nova York. Aqui, não havia escapatória.

— Sim, eu sei, Capitão — disse ele.

Penny veio sentar-se ao lado do Capitão, como uma ajudante perfeita. Não lhe perturbava o fio dos pensamentos, da mesma forma que ele não lhe ignorava a presença. Phil não pôde deixar de perceber que o trabalho de equipe de ambos formava um todo unificado. Penny fitava o ponto invisível do oceano que parecia atrair a atenção do Capitão. Embora parecessem relaxados, ambos se mantinham atentos a quaisquer incongruências nas águas do oceano.

— De certo modo, aqueles eram bons tempos — comentou finalmente McCracken, em voz baixa.

— Claro: escorbuto, motins, piratas.

McCracken ergueu a mão para eliminar as objeções apresentadas por Phil.

— Não existia... como poderei dizer, Sr. Williams? ... *Não existia falsidade.*

— Não entendo, Capitão.

— Não existia *proteção*. Nem civilização. Não no mar.

— Existiam leis. Códigos de conduta.

McCracken coçou a cabeça, levemente frustrado.

— Parece que tenho dificuldade para expressar-me, Sr. Williams. Quero dizer que todos os limites eram eliminados quando um homem estava em alto mar. Era a luta da inteligência e da vontade contra os elementos.

— E contra os outros homens — acrescentou Penny.

— Sim — prosseguiu McCracken. — Também contra os outros homens. Não existiam rádios. Nem comunicações com as autoridades em terra. Antigamente, isso era coisa que não existia em alto mar. Só existiam a força bruta e a inteligência.

Phil tossiu e deixou o charuto apagar-se vagarosamente. Jogou-o na água, perdendo-o de vista.

— Bem — disse ele, afinal. — Sou favorável aos métodos modernos. Acho que não me agradaria estar a bordo de um navio governado por “força bruta e inteligência”, como o senhor diz.

McCracken voltou-se repentinamente para Phil, com os Olhos brilhantes, provocadores mas amistosos. Seus dedos grossos gesticularam para Phil com o charuto.

— Diz isso porque nunca foi *juogado*, Sr. Williams. Não experimentou a emoção do isolamento, do risco, do domínio!

— Suponho que isso tome minha vida incompleta — replicou Phil com uma ponta de sarcasmo.

— Certamente, Sr. Williams — concordou McCracken, tornando a relaxar-se e assumindo a expressão anterior. — Torna mesmo.

Durante alguns minutos, limitaram-se a ficar como estavam. Tracey parecia ignorar o desconforto de Phil. Talvez estivesse adormecido por detrás dos óculos escuros, refletiu ele. O sol esfriara um pouco. Erguendo os olhos, Phil avistou alguns flocos de nuvens que encobriam o astro, até que um disco branco apareceu nitidamente através do vapor.

— Dar-lhe-ei um exemplo — disse McCracken.

O Capitão pegou o isqueiro, encontrando dificuldade para reacender o resto do charuto negro e retorcido. Phil o auxiliou, colocando as mãos em copa ao redor da chama, protegendo-a contra o vento. McCracken tirou baforadas e agradeceu com um movimento da cabeça.

— Barba Negra — murmurou ele, sobre a ponta do charuto.

— O pirata?

McCracken assentiu com a cabeça.

— Ora, isso ocorreu nos tempos em que a marinha temia os piratas. E por bom motivo. Barba Negra era mais esperto que eles. E cruel. Muitos marujos de boa qualidade serviram de alimento aos tubarões por tentarem capturar Barba Negra.

— Que horror — comentou Tracey.

Phil virou-se para ela, sorrindo.

— Julguei que estivesse adormecida, querida.

— Estava mas escutei algo a respeito de tubarões.

— Sra. Williams, seu marido e eu conversávamos a respeito de um famoso pirata — explicou McCracken, fazendo uma pausa antes de acrescentar em voz baixa: — O Barba Negra. Usava fogos de artifício na barba. Fedia a metros de distância. Usava roupas manchadas de sujeira e sangue, Tinha quase dois metros de altura. Castrava os marinheiros que conseguia pegar. A maioria das mulheres se suicidava antes que ele chegasse até elas.

Tracey estremeceu, colocando a blusa sobre a parte superior do biquíni, para cobrir os ombros.

McCracken recostou-se, cruzou as mãos e olhou para a água escura que passava ao longo do casco.

Parecia em total concentração, como se Phil nem estivesse a seu lado.

— Um homem que não tinha a mínima *ideia* de moralidade — prosseguiu o Capitão. — Nem mesmo em relação à sua própria tripulação. Amarrava seus homens à quilha do barco como castigo pelas menores infrações. E quando se embriagava, Barba Negra via infrações por toda parte.

— O que é amarrar um homem à quilha? — quis saber Tracey.

— O quê? Oh, amarram-se as mãos de um homem a uma corda e os pés a outra. Em seguida, ele é passado por baixo da quilha do barco, de um lado para outro, sob a superfície, raspando nos mariscos.

Phil franziu a testa.

— Mariscos? Cortam como navalha.

McCracken sacudiu os ombros.

— Nunca cheguei à conclusão se dá certo. É preciso dar um jeito de raspar o casco. Naturalmente, é necessário usar um homem de cada vez.

Tracey fez uma careta e desviou o olhar, procurando não imaginar um homem sendo cortado em tiras sob a imensa quilha de um veleiro antigo.

— Por que se amotinavam? — indagou Phil. — Parece-me...

— Porque os marujos não tinham direitos. E, naturalmente, os piratas eram ainda piores que os marujos. Alguns se amotinavam, é claro. Mas não posso relatar diante da Sra. Williams o que se faziam com eles.

A contragosto. Phil sentia-se estranhamente fascinado pelas histórias de McCracken a respeito dos velhos tempos em que não existia lei nos mares. Sem olhar para Tracey, sabia que esta ficava contrariada pelo assunto e tratava de evitar McCracken e o marido.

— Diga-me uma coisa, Capitão — pediu ele. — O que aconteceu a esse demônio? Não posso acreditar que um monstro tão sinistro tenha chegado a uma morte tranquila.

McCracken riu baixinho.

— Não existe relação alguma com a maldade, Sr. Williams. Muito, simplesmente, o Barba Negra foi apanhado por um homem mais inteligente que ele.

Seguiu-se um longo silêncio. McCracken tragava profundamente, procurando aproveitar ao máximo o que restava da ponta do charuto. Finalmente, atirou-a por cima da amurada, observando-a rodar pelo ar até cair na água. Penny permanecia sentada como uma cúmplice silenciosa, escutando e encorajando o marido sem pronunciar uma palavra.

— Já experimentou empunhar aquela velha espada no seu camarote, Sr. Williams?

— Não.

—É uma arma pesada para um homem normal, destinada a ser utilizada em combate apenas uma vez, talvez duas. Não mais que isso — disse o Capitão, fazendo um gesto amplo à altura do pescoço e outro em diagonal sobre o peito. — Um homem forte, realmente forte, consegue abrir com um só golpe o ombro, pescoço e peito do adversário.

Phil meneou a cabeça.

— Ora — prosseguiu McCracken. — O caso é que o Barba Negra e sua tripulação usavam espadas quase duas vezes mais pesadas e pelo menos trinta centímetros mais compridas. Portanto, o senhor entende que uma pessoa atingida pelo golpe de uma arma desse tipo...

— Perderia a coragem de continuar lutando.

McCracken olhou para Phil, concluiu que este procurava mostrar-se brincalhão, e pigarreou.

— Eram homens muito fortes, Sr. Williams. E muito cruéis...

O Capitão virou a cabeça, não para olhar Penny, mas na sua direção. A despeito do constante avanço do *Penny Dreadful* no rumo leste, uma muralha de nuvens se erguera no oeste.

— O que faria, Sr. Williams? — indagou McCracken.

— Eu?

— Se recebesse a missão de capturar o Barba Negra?

Phil percebeu que os olhos de McCracken, escondidos nas sombras, examinavam os seus, à procura de algo que o Capitão definia como inteligência mas, na verdade, aproximava-se mais de crueldade...

— Bem, suponho que o segredo seja a inteligência — replicou Phil. — Não é isso a essência do que o senhor quer dizer?

McCracken sorriu largamente, exibindo uma fileira de dentes de ouro na parte lateral da boca.

— Excelente, Sr. Williams. Está realmente aprendendo. Talvez eu não seja um professor perfeito, mas o senhor aprende depressa.

— Obrigado.

McCracken recostou-se na espreguiçadeira, aproximando-se de Phil e assumindo uma atitude confidencial, relaxada.

— Evidentemente, o senhor está certo — disse ele. — Acontece que Maynard, o homem que pegou o Barba Negra, treinou sua tripulação com sabres.

Phil olhou para o Capitão.

— Aquelas espadas finas de esgrima?

— Exatamente.

Phil pensou um momento, piscou e sacudiu a cabeça.

— Um sabre é muito leve — explicou McCracken suavemente. — Pode-se esgrimir durante muito tempo com um sabre.

— E daí?

— Uma espada é muito pesada, mesmo para quem é tão forte quanto o Barba Negra. Oito, dez quilos. Um homem que a empunha durante mais de um minuto fica com o braço cansado. Treme de fadiga. Para e descansa. Muda a arma para a outra mão.

Phil esperou calado.

— E naquela fração de segundo de vulnerabilidade — prosseguiu McCracken, num tom insistente —, naquele instante em que se baixa a guarda, o adversário enfia o sabre. De ponta. Perfura um pulmão, fura uma veia, cega o oponente.

Phil meneou a cabeça, tentando imaginar a cena.

— Foi isso que aconteceu?

— Sim — disse McCracken. — Não muito longe de onde estivemos. Maynard apanhou o Barba Negra na maré vazante, abordou-lhe o navio e esgrimiu contra ele. Foi preciso coragem para perseverar num plano como aquele, quando os homens sob seu comando rolavam-lhe entre as pernas com os membros decepados a golpes de espada. No final, porém, Maynard prevaleceu. Inteligência, Sr. Williams. Uma ideia muito Simples.

— Espantoso, Capitão.

— Não é mesmo?

Phil experimentou um estranho tipo de mesmerização, o sabor da história do Capitão, o sopro do vento, o balanço do barco e uma espécie de sensação de sonho. Mal tinha consciência de qualquer coisa, exceto da forte personalidade do Capitão a seu lado.

— Sr. Williams — disse McCracken cautelosamente.

— O quê?

— Um pouco de exercício? Que me diz da ideia?

— Não creio que estejamos em condições.

— Bobagem! — riu o Capitão. — Vamos!

Havia na voz do Capitão um sutil tom de comando que obrigou Phil a erguer-se na direção da casa do leme. McCracken parou diante de um armário pintado de branco, à esquerda da porta da casa do leme.

O armário continha bolas de praia, barracas vermelhas e amarelas, camisas esporte havaianas, bermudas, bolas de pólo aquático, uma rede de voleibol e uma *medicine-ball*.

— Aqui está a rede — disse McCracken. — Leve-a enquanto eu procuro a bola.

— Não sei se poderei correr muito. Aquele almoço...

— Eis a bola — disse McCracken, pegando uma bola branca e esmurrando-a energicamente. — Em excelentes condições. Venha comigo.

No convés de popa havia dois pares de argolas presas ao mastro da popa e à parte posterior da cabine. McCracken limitou-se a enganchar a rede em ambos os lados, em cima e embaixo.

— Bem simples, não é? Não se preocupe; as bolas flutuam.

Desligando o motor, McCracken chamou Tracey. Ele e Tracey jogaram contra Phil e Penny. Tiraram as sandálias e vestiram camisas havaianas, protegendo a cabeça com chapéus de abas largas feitos de palha trançada.

Em breve o convés de popa apresentava um movimentado aspecto de cores vivas, e a bola branca passava de um lado para outro por cima da rede. Uma vez McCracken saltou pela borda para buscar a bola que caiu no mar. O jogo terminou quando McCracken ergueu Tracey do convés permitindo-lhe desferir uma cortada na cabeça de Phil.

— Ponto! — gritou ela, rindo, quando a bola bateu na testa de Phil.

— Revigorante, não é mesmo? — comentou McCracken, com o rosto corado de divertimento, ao passar por baixo da rede para apertar a mão do adversário.

— Ótimo! — concordou Phil. — Nunca me senti tão... ora, tão legal em toda a minha vida!

Na verdade, quando Phil olhou para o horizonte azul-turquesa, vendo à suave imensidão azul que cercava o convés branco, sentiu-se expandir, como se seu peito, estivesse livre de todas as cargas e preocupações que ele presumia serem uma parte permanente de sua vida. Era como ser jovem outra vez, cheio de um potencial de vida que mal começara a ser utilizado.

No final da tarde, o ar refrescou sensivelmente. Ondas escuras eram visíveis a distância, banhando os recifes de coral que se projetavam pouco acima da superfície. Em largos trechos, massas escuras estendiam-se sob a água, nunca aflorando, mas logo abaixo das ondas, como imensos e imóveis tubarões.

— Creio que seu desejo será satisfeito — disse McCracken, com uma corda nas mãos.

Phil pousou o dedo na linha em que interrompeu a leitura do romance. Usava um leve suéter azul e calção de banho.

— Como assim?

— Um pequeno temporal — disse McCracken com um brilho no olhar. — Exatamente o que sua esposa pediu.

Phil olhou para: cima. O sol ainda brilhava, mas estava cercado, por pequenas nuvens, que se movimentavam rapida-mente, como um cardume de peixinhos ameaçadores.

— Onde *está* minha mulher? — perguntou Phil.

— Lá embaixo. Agora é primeiro-oficial.

— Primeiro-oficial?

— Subordinada ao Imediato, é claro. Estão lavando os banheiros e arrumando os camarotes.

Phil deixou o livro de lado e coçou a barba que começava a crescer no queixo...

— Lavando os banheiros?

O senhor se espantaria com o quanto se aprende num barco ficando de quatro no convés.

— Ouça, Capitão...

— Sabia que o motor esquenta a água dos canos que o senhor usa para tomar banho quente de chuveiro?

Não... não sabia. Capitão... McCracken...

— Bem, sua esposa sabe. Porque aprendeu, Na prática.

McCracken causava a Phil uma sensação desagradável. Phil já se acostumara de tal, forma ao relaxamento e até mesmo sonolência, que encontrou dificuldade para assumir a expressão severa que costumava usar no norte. Endireitou-se na espreguiçadeira, largando-o livro.

— A ideia foi dela, Sr. Williams. Quis que eu lhe contasse.

O olhar de McCracken parecia desafiá-lo.

— Bem, ela certamente tem um modo muito peculiar de aproveitar o cruzeiro — murmurou Phil.

McCracken riu. Uma risada forte, franca, amistosa.

— O que é trabalho para alguns é divertimento para outros. O que é descanso para alguns é tédio para outros — comentou.

Phil baixou os olhos para o livro, sobre cuja capa lustrosa haviam caído dois pingos grossos de límpida água da chuva.

— Por mim, prefiro ler — replicou na defensiva.

— Todos nós gostamos — disse McCracken em tom agradável. — Na hora adequada. Agora, temos trabalho a fazer.

— Nós?

McCracken ergueu uma pesada corda trançada de três polegadas de diâmetro, na qual estava enroscado um forte cordão de plástico.

— Percebi que a corda do bote, está um pouco gasta — explicou. — O senhor gostaria de ajudar-me a trocá-la? Sé Já terminou a leitura, é claro.

A essa altura, vários outros pingos tinham caído sobre a lustrosa capa do livro. A ilustração dos olhos da heroína assumiu uma estranha configuração sob a chuva. Phil tirou o suéter para proteger o livro olhou em volta à procura de um lugar para guardá-lo.

— Na casa, do leme, Sr. Williams, — sugeriu, McCracken.

Phil seguiu McCracken a casa do leme, onde jogou o, dispendioso suéter sobre os mapas num. local abrigado. Alguns pingos lhe caíram nos ombros queimados de sol. Gotas frias, fortes, fustigaram-lhe os braços! Cada uma lhe provocava leves arrepios, devido à inexplicável frieza do impacto.

— Ao convés da popa, Sr. Williams — disse McCracken com voz ríspida.

— É o lado esquerdo?

— É o lado traseiro.

— Perdão. Estou a caminho.

A corda que passava pela espia de metal e prendia o bote estava de fato muito gasta, desfiando-se no lugar onde o metal causava atrito nos infundáveis balanços das ondas. Dava a impressão de que uma faca cortara laboriosamente as fibras. Phil maravilhou-se com a força do mar, aquela plácida arena na qual perigos e forças ocultas, sem falar em estranhas maravilhas, eram imperceptíveis a seus olhos leigos.

— Passe a corda pela espia e jogue-a para cá — ordenou McCracken.

Com dificuldade, Phil passou a grossa corda através da espia, puxou cerca de meio metro e segurou o peso do bote. McCracken prendeu a nova corda num robusto cunho de metal.

— Bom trabalho, Sr. Williams.

— Muito obrigado, senhor — replicou Phil, ofegante.

Sentia o sangue latejar nas veias e tinha os braços doloridos pelo esforço de aguentar o peso do bote. Estava penosamente fora de forma, embora tentasse ocultar o fato de McCracken, como se sua masculinidade estivesse à prova.

Os elementos brutais escureciam-se a cada minutos em torno deles.

— Onde está minha mulher? — indagou Phil.

— Creio que está a caminho.

Phil se virou. Tracey usava uma capa impermeável amarela absurdamente grande. Phil sentiu uma

pena sutil e perturbadora. Eles a haviam enfeitado. Tracey parecia ridícula, As enormes botas eram muito maiores que seus pés e ela mal conseguia caminhar sob a pesada massa de borracha amarela. O grande chapéu impermeável amarelo caía-lhe sobre os olhos. Dava a impressão de uma criança indefesa e insegura.

— Tome um para você! — disse ela, estendendo para Phil um enorme rolo de trajes impermeáveis.

Phil percebeu que as mãos de Tracey estavam vermelhas e castigadas pelo esforço brutal no interior do barco. Por detrás do divertimento, seus olhos tinham uma expressão diferente, algo inseguros, algo amedrontados. Ela queria que ele vestisse os trajes impermeáveis, como se isso provasse que ela agira corretamente ao fazê-lo. De repente, tinha medo de parecer ridícula.

— Amarelo — disse Phil, fingindo examinar os trajes de chuva como um freguês numa loja de departamentos. — Minha cor predileta!

— Vista-o. Penny diz que a chuva fustiga muito.

— Não pode castigar *tanto*.

— Oh, vista logo, bobo. Não fique envergonhado.

— Nada consegue envergonhar-me — replicou Phil, calçando as compridas botas pretas e colocando o grande chapéu de abas caídas.

Tracey levou delicadamente a mão aos lábios e riu.

— Nada de risos, primeiro-oficial — grunhiu Phil.

Phil lançou-lhe um olhar cuidadoso. O brilho dos olhos de Tracey tornou-se duro por um instante. Ele teve a impressão de que apenas a fadiga do trabalho físico fazia com que o rosto dela parecesse tão abatido e pálido sob a aba larga do chapéu impermeável.

— *Você* foi designado *segundo-oficial* — disse Tracey com uma risadinha. — Portanto, terá que receber ordens de mim.

— Fui designado? Não estive presente à cerimônia!

— É o castigo por manter-se ausente.

Tracey ajeitou a frente da ampla capa sobre o peito de Phil e deu-se conta de que ele enfiara as mãos por uma abertura na sua capa, acariciando-lhe os seios.

— O segundo-oficial está proibido de fazer isso — declarou Tracey.

— Vai submeter-me a uma corte marcial?

— Vou.

— Gostaria de descermos para iniciar a sessão do tribunal?

Tracey soltou uma risadinha, libertou-se e correu pelo convés de boreste. Seus cabelos molhados escorriam sob o chapéu de abas caídas. O impermeável já estava coberto de gotículas de chuva. Phil escutou, embora não sentisse, o crescente martelar da chuva em seu impermeável. Voltando-se, viu os McCracken com chapéus de abas largas, roupas de banho e sapatos de tênis, discutindo algo junto à porta da casa do leme. Refletiu que pareciam tão ridículos quanto ele. De algum modo, toda a simulação desaparecera. Toda a elegância fora lavada pela chuva fria e refrescante. Não passavam de animais civilizados, animais inteligentes, avançando pelo mar que escurecia.

Tracey arrancou o chapéu impermeável e, rindo, virou o rosto para a chuva, que agora caía obliquamente.

— Um temporal no mar! — gritou alegremente. — Um temporal de verdade!

De repente, Tracey sentiu-se fatigada e feliz. A euforia transformou-se num cansaço profundo, maravilhoso. Naquele momento, Phil era o seu mundo; ele o fizera para ela, demarcara-lhe os limites; explorara-o; para ela... Era um mundo ilimitado. As fronteiras haviam desmoronado; Tracey ficou chocada ao dar-se conta do pouco que pensava em seu lar. Em parte por remorso, obrigou-se a imaginar. Larry, sentado à sua prancheta. Quis imaginar uma cena acolhedora. mas só conseguiu uma vaga, sensação de escuridão, talvez uma noite de inverno e uma espera interminável. .O que estivera esperando? Libertar-se de algo inominável, como um escudo de vidro entre ela e o mundo exterior?

Uma violenta onda de espuma levantou-se na proa e passou pelo rosto de Tracey. Ela gritou de prazer. Larry desapareceu, mesmo como imagem. Correndo para Phil, abraçou-o.

# Cinco

A força máxima da tempestade despertou-os às três da manhã. Phil deu-se conta da fúria do temporal quando sentiu tremores que percorriam o casco do barco. O mar fustigava as vigias e o vento uivava.

— Estou com medo — sussurrou Tracey.

Phil apoiou-se no cotovelo e olhou pela vigia. O mar negro erguia-se em ondas que chegavam à altura do convés. Pousou a mão no ombro de Tracey.

— Não é um furacão.

De repente, houve uma violenta pancada na parte dianteira do barco e Tracey atirou-se nos braços dele.

— Que foi isso? — indagou, sem fôlego.

— Uma cadeira do convés se soltou, presumo.

— Pelo barulho, parecia que toda a metade da frente se partiu.

Phil beijou-lhe de leve o nariz.

— Por que não vamos preparar um pouco de chá? Verá que lá na frente é melhor do que soa aqui atrás.

Tracey assentiu com a cabeça. Vestiram-se com dificuldade, agarrando-se à mobília para manter o equilíbrio, e depois saíram para o corredor. Uma lâmpada fraca estava acesa acima do balcão da cozinha. Era estranho como tudo parecia firme quando eles podiam sentir o balanço das ondas e escutar o uivo do vento. Então, Phil percebeu que isso se devia ao fato de a lâmpada estar fixa no armário e balançar junto com ele, de modo que as sombras permaneciam imóveis. Encaminharam-se cautelosamente para a mesa de refeições.

— Fique sentada aqui — segredou Phil.

Tracey obedeceu, firmando, os chinelos no assoalho. No centro do barco, o balanço era reduzido.

Repousante; como uma cadeira de balanço. Sobre a mesa estava uma tigela com limões para o café da manhã. Tracey espremeu um poupo de suco na xícara de chá. Uma violenta rajada de vento reverberou lá fora.

— Romântico, não é? — sussurrou ela.

— Imagino onde estará o Capitão Jack.

— Provavelmente no topo do mastro, verificando o cor- doamento.

Não conseguiram conter o riso abafado. Em apenas alguns curtos dias, o *Penny Dreadful* passara a pertencer-lhes também. As paredes, cozinha e camarote tinham-se tornado extensões deles, um lar flutuante. Era como se houvessem passado muitos anos desde que tinham um lar diferente.

— Quer subir ao convés?

— Esta louco? Nessa tempestade

— Claro — disse Phil, sorrindo. — Quando tornará a ver uma tempestade no oceano?

— O vento me jogará pela borda.

Tracey observou Phil vestir o grosso impermeável que estava pendurado no armário. Depois, ele a fitou por sob a aba larga do chapéu amarelo.

— Voltarei logo.

— Tome cuidado. Agarre-se bem nas coisas.

Phil galgou os degraus. O barulho da tempestade aumentava à medida que ele se aproximava da escotilha. Hesitou um instante e abriu a porta. Esta foi arrancada de sua mão com inesperada violência, batendo, com força na parede. Phil avançou com dificuldade para o exterior escuro.

O barulho era ensurdecedor. Água por todos os lados, fustigando o barco, voando obliquamente por sobre o convés, pingando da cabine e da amurada. Phil recostou-se a porta e observou a violência. Jamais vira o mundo em semelhante tumulto. Era amedrontador e, ao mesmo tempo, a coisa mais emocionante que já presenciara. O sangue se acelerou em suas veias e, desprotegido do vento, ele tinha dificuldade para respirar. Apesar disso, não lhe ocorreu mudar de posição.

Montanhas de água erguiam-se à altura de sua cabeça e, depois, rolavam sob o barco. Parecia que qualquer daquelas ondas era bastante grande para puxar a proa para o fundo do oceano. A espuma fustigava-lhe o rosto. Virou a cabeça, protegendo-se com o braço. A distância, na proa, divisou duas vagas formas na obscuridade acinzentada.

Uma muralha de espuma captou um reflexo das luzes no mastro do barco e abateu-se ao longo do convés. Quando Phil abriu os olhos, tornou a ver o que pareciam ser dois montes de lonas quase obscurecidos pela espuma do oceano.

Por toda parte a tempestade rugia, abatendo-se de nuvens que rolavam numa massa impenetrável.

Não obstante, em algum lugar o dia raiava, pois o mar não estava negro, mas cinza-escuro, brilhando nas cristas das ondas como algo cruel e maléfico. Então, Phil percebeu que uma corda fora estendida da porta até a casa do leme, ao longo da parede da cabine. Usando uma mão de cada vez, puxou-se em direção à proa.

Na tempestade, apenas cinco metros à sua frente, des-protegidos de qualquer lona ou toldo, estavam os McCracken, ajoelhados no convés de proa. Embora bem agasalhados contra o frio oceano, não usavam chapéus e tinham os rostos voltados na direção oposta a Phil. Permaneciam ajoelhados, imóveis. Phil limpou a espuma salgada dos olhos, sem se importar com a água que lhe enchia as botas. Uma onda repentina obscureceu-lhe a visão. Quando a água escorreu, ele percebeu que os McCracken não se haviam movido. Gradativamente, reparou que estavam de mãos dadas. Deu um passo à frente, mas imobilizou-se quando McCracken se mexeu ligeiramente e virou a cabeça. Phil ocultou-se atrás da parede da cabine. Após longo intervalo, Phil tornou a espiar temerosamente para a uivante tempestade.

Aparentemente, os McCracken tinham terminado, pois viraram-se um para o outro, beijaram-se de leve nos lábios e começaram a levantar-se.

Phil encaminhou-se depressa para a porta da escotilha, abriu-a com esforço e lançou um último olhar ao escuro tumulto. Os McCracken, de cabeça baixa, caminhavam contra o vento. Não o tinham avistado. Continuavam de mãos dadas. Phil entrou pela escotilha e recuperou vagarosamente o fôlego.

Seus ouvidos zumbiam no silêncio. Aos poucos, deu-se conta do barulho da água que pingava de seus trajes impermeáveis. Tracey o fitou do pé da escada.

— Você está bem?

— Quê? oh, sim. ótimo.

— Acabo de preparar torradas.

— Exatamente o que preciso — disse Phil, esfregando as mãos.

Ao pendurar o impermeável, ficou preocupado com a possibilidade de McCracken notar a poça. “Ora, por que devo preocupar-me?”, refletiu ele. Topara com eles por acaso. E certamente não tinham motivo para envergonhar-se do que estavam fazendo. Não obstante, Phil sentia-se intranquilo e verificou a quantidade de água que se juntava a seus pés.

— Não estava perigoso lá fora? — quis saber Tracey.

— Não. Estenderam uma corda ao longo do convés. Basta agarrar-se a ela.

Phil sentou-se e começou a devorar as pequenas torradas depois de espalhar sobre elas copiosas camadas de geléia.

— Os McCracken estão lá — informou.

— Graças a Deus. Lá é onde eu quero que estejam durante uma tempestade.

Phil engoliu um pedaço de torrada e estendeu a mão para a manteigueira.

— Estavam rezando.

— Ajoelhados.

Tracey riu.

— Qual é a graça?

— Estamos em maus lençóis quando o Capitão precisa rezar durante uma tempestade.

— Tempestade ou não, aqueles dois rezam um bocado.

Tracey sorriu.

— Acho bom ser religioso. Eu fui, muito tempo atrás.

Phil sacudiu os ombros.

— Creio que não é contra a lei.

Naquele momento, soou um rugido de vento molhado e uma rajada de ar frio desceu até a cozinha. McCracken parou no meio da escada, surpreso por vê-los ali. Usava pesados trajes impermeáveis amarelos dos quais a água escorria em profusão. Tirou o chapéu de abas largas. Seus cabelos brancos estavam emplastados de chuva e espuma salgada.

— Levantaram-se um pouco cedo, não é? — perguntou.

— É difícil dormir num batedor de ovos — replicou Phil.

— E fizeram chá, pelo que vejo.

— Sim — confirmou Tracey. — Quer um pouco?

— O Imediato sabe?

— Não. Por quê?

McCracken franziu a testa. Desceu pesadamente a escada e tirou as botas. Pendurou o impermeável num cabide e a água correu pelo chão até um pequeno ralo no pé da escada. As sombras tomavam-lhe o vulto imenso, como um bloco impenetrável.

— Ela deveria ser informada — declarou McCracken.

Phil e Tracey trocaram um rápido olhar. Tracey sacudiu os ombros, bebeu o chá e se recostou, levantando as pernas para apoiá-las na extremidade do banco. Todavia, McCracken não deixou o assunto morrer.

— Ela gosta de saber o que acontece na cozinha. É área dela, como sabem.

— Bem, nós limparemos tudo...

— Pode ser uma infração — disse McCracken, servindo-se de chá. — Bem pode ser uma pequena infração.

McCracken sentou-se à mesa. Esfregou faticamente os olhos. Parecia muito cansado e tinha o rosto avermelhado pela tempestade. Aqueceu as mãos de encontro à xícara de chá.

— Infração? — perguntou Phil.

McCracken virou-se para Phil e sorriu suavemente.

— Não é um chá excelente? Vem da Venezuela.

— Infração de quê?

— Para se ter um bom chá é preciso conhecer as pessoas certas. Eu compro as folhas diretamente na plantação. Guardam um pouco das melhores para mim.

— Capitão?

— Sim?

— Que tal não contar ao Imediato que usamos a cozinha?

— McCracken olhou para Phil, refletindo por um instante.

— Oh, isso. Bem, ouçam: tratem de limpar tudo muito bem e lhes darei cobertura.

— Obrigado — replicou Phil, com indisfarçada petulância.

Tracey entregou um cigarro ao marido, que se curvou para a frente enquanto ela o acendia. Depois de exalar uma baforada de fumaça branca, Phil fitou o Capitão com ar curioso.

— Tenho a impressão de que o senhor disse que não passaríamos pela tempestade — comentou.

— Pelo *furacão* — disse — McCracken. — Não passamos pelo *furacão*. Trata-se apenas de um temporal de inverno. Coisa à toa.

— Essas coisas não aparecem no radar?

McCracken pigarreou...

— Aparecem — admitiu. — Mas surgem muito depressa e cobrem uma área muito grande; Não há para onde fugir.

— Alguma possibilidade de toparmos com um furacão? — quis saber Tracey.

— Possibilidade sempre existe, Sra. Williams.

Tracey estremeceu.

— Acho que não quero atravessar um furacão.

— Ninguém quer — respondeu McCracken, erguendo-se da mesa para calçar ás botas, é vestir o impermeável.

Parecia concentrar-se em várias coisas ao mesmo tempo. Deu a impressão de afastar várias ideias. Afinal, virou-se para Tracey.

— Temos contato pelo rádio — informou em tom bondoso. — Se houver alguma alteração, fugiremos para sotavento de uma ilha situada quinze milhas ao sul e esperaremos lá.

— Então, não me preocuparei — disse Tracey.

— Ótimo. Não há necessidade. E por favor, Sra. Williams, o topo do balcão está molhado.

— Cuidarei disso.

— Muito bem — replicou McCracken jovialmente, girando nos calcanhares e subindo a escada.

O rugir da tempestade chegou à cozinha quando ele abriu a porta para sair, mas logo foi abafado.

Tracey estendeu a mão para a esponja, mas Phil sacudiu à cabeça.

— Deixe isso — disse ele. — Lembre-se de que estamos pagando.

— Não seja tolo, querido.

Tracey limpou e enxugou rapidamente o balcão. Certificou-se de que tudo estava limpo e seco. Então tornou a sentar e, em silêncio, os dois ficaram sentindo o barco balançar ao sabor da tempestade.

A luz do dia penetrou lentamente na cozinha, uma luz pálida e cinzenta que chegava das nuvens. Lá em cima, a tempestade continuava a soprar, sem aumentar ou diminuir.

— Vamos; tentar dormir um pouco? — murmurou Phil.

Tracey sacudiu a cabeça.

— Eu bem gostaria de poder. Percebeu que já estamos há quase dois dias sem dormir?

— Sinto isso na cabeça.

Tracey jogou os cabelos para trás e acendeu um cigarro no de Phil.

— Sabe de que eu gostaria? De estar flutuando meio metro acima do fundo de areia branca e quente. Como nos folhetos da agências de viagens. Torrando ao sol quente...

Outro estrondo no convés. Algo metálico rolou sobre a madeira até chocar-se contra a porta da escotilha.

— Continue — encorajou Phil.

— E faríamos amor sob a água, em algum banco de coral. Todos os peixinhos coloridos nadando em volta de nós e as flores marinhas...

— Flores marinhas?

— Sim. Lindas orquídeas submarinas. E begônias. Além de uma grade tartaruga para fazer-nos companhia. E nós... na areia branca...

— Parece-me ótimo.

Tracey suspirou.

O vento uivou através do convés quando McCracken mudou o rumo do barco. As ondas bateram no costado e o *Penny Dreadful* jogou com maior violência até que a proa ficou voltada na direção das ondas.

— Que foi isso? — sussurrou Tracey.

— Creio que ele está alterando o rumo.

Tracey pousou a mão no braço de Phil.

— Acha que ele está fugindo para a tal ilha? Por causa de um furacão?

— Não sei. Não sei mesmo.

Tracey começou a mostrar sinais de nervosismo. Escutou atentamente o vento, procurando detectar um aumento de força ou volume. Seus olhos buscavam as vigias, embaçadas pela chuva forte e a luminosidade cinzenta.

— Vamos, querida — tranquilizou Phil. — Tudo correrá bem.

— Então, por que ele está mudando de rumo?

— Bem, se estiver é para procurar proteção atrás da ilha. Ele tem uma coisa: é extremamente capaz. Parece saber o que fazer.

Tracey sorriu agradecida ante o esforço que Phil fazia para animá-la.

— Não me preocuparei — disse ela. — Prometo.

— Ótimo. Agora, vou fazer a barba. Apresente uma fachada de bravura se o imediato chegar. Não quero que você perca a comissão por falta de confiança em si mesma.

Beijou-a e foi para o camarote.

A porta da escotilha se abriu e, ao uivo do vento, Tracey ouviu Penny dizer:

— Já é tempo, Capitão. Chegou a hora de começarmos.

McCracken desceu a escada atrás dela. Penduraram os impermeáveis acima do ralo. Penny passou os olhos pela cozinha, a fim de certificar-se de que nada caíra ou entornara nas prateleiras. Então, sorriu para Tracey.

— Tempo de quê? — quis saber Tracey.

— Tempo de começarmos a fugir para a ilha — respondeu Penny.

McCracken sacudiu a cabeça.

— Não tenho certeza, Imediato. A temperatura está subindo ao sul e oeste. Eu diria que a tempestade está morrendo. De qualquer modo, vamos esperar uma hora e ver o que acontece.

Penny foi à cozinha e começou a pegar ovos e queijo para um omelete. McCracken parecia cansado, agora. Recostou-se na porta do armário, o olhar fixo em Tracey, tentando penetrar a fachada por demais animada.

— Deve confiar em mim, Sra. Williams — disse em tom bondoso. — Existe realmente um sol acima destas águas.

Tracey riu.

— Acho melhor existir. Ainda tenho dois biquínis para experimentar.

— Ficaré bronzeada, Sra. Williams. É uma promessa do Capitão Jack.

A refeição foi dificultada pelas ondas violentas. Phil e Tracey agarravam as canecas que Penny enchera pela metade a fim de evitar derramamentos. Durante o almoço McCracken deixava a mesa a intervalos de quinze minutos, para verificar os instrumentos e manter contato pelo rádio. Era evidente que só voltara da casa do leme para mostrar-se sociável. Obviamente, sentia muito pelo mal tempo durante o cruzeiro e desejava compensar Phil e Tracey.

— Não acha que é hora? — insistiu Penny, olhando para McCracken de modo significativo.

McCracken tossiu quase silenciosamente.

— Talvez — respondeu devagar. — Darei mais uma olhada. Com licença.

McCracken encaminhou-se com lentidão para os trajes impermeáveis e vestiu-os. Seus movimentos eram deliberados, fatigados e estranhamente decididos, como se tivesse tomado uma resolução antes mesmo de consultar os instrumentos. Phil refletiu sobre a complexidade das decisões tomadas durante uma tempestade no mar. Correntes, ventos, mudanças de maré, alterações súbitas no tempo. Tentou imaginar o que McCracken decidira. Pensou que não fugiriam para o abrigo da ilha, em parte porque não conseguia acreditar que McCracken estivesse enganado.

Todavia, quando McCracken voltou — logo depois — tirou o impermeável e sentou-se à mesa ainda de chapéu.

— Estamos derivando para a esquerda — informou a ninguém em particular.

Phil parou em meio a uma dentada. Ninguém falou. Penny continuou a sacudir pimenta sobre o omelete. Phil baixou o garfo.

— Derivando?

— À esquerda.

Tracey olhou para Phil. McCracken limitou-se a permanecer sentado. Era impossível ler algo na expressão de seu rosto.

— Isso é grave? — indagou Phil.

McCracken ficou calado por algum tempo. Penny observava todos. Afinal, McCracken suspirou.

— O barco não devia derivar à esquerda — declarou.

— Bem... quero dizer... é uma corrente? O vento? Ou o quê?

McCracken esfregou a palma da mão no rosto. Seus olhos; pareciam injetados. Por um momento, olhou calma e inexpres-sivamente para Phil.

— É a hélice — disse simplesmente.

Phil esperou, sem que sua expressão revelasse qualquer coisa. Tracey continuou a comer, mas escutando com atenção.

— A hélice — repetiu McCracken. — Está puxando para a esquerda.

— Talvez seja o eixo — disse Penny em voz baixa.

— Esperemos que não.

Acima deles, um vento uivante atacou a proa, lançando uma onda furiosa sobre o barco. McCracken fez uma careta de dor.

— Bem se *fosse* o eixo? — quis saber Phil, — E então?

— Teríamos que repará-lo.

— Aqui? No meio do oceano?

— Não. Teríamos que voltar com muita cautela até Nassau, que é o porto grande mais próximo.

— Seríamos obrigados a registrar-nos junto às autoridades? — indagou Tracey.

McCracken e Penny trocaram olhares.

— Não — respondeu McCracken. — Poderiam permanecer a bordo.

— Por quanto tempo?

McCracken sacudiu os ombros.

— Um dia. Dois. Talvez mais. Depende da necessidade ou não de um trabalho de soldagem. Ou se o eixo inteiro tem que ser substituído. É um trabalho grande.

Phil estendeu a mão para o café, sentindo um nó no estômago. Tentou ignorar as implicações do que acontecer.

— Bem, suponhamos a melhor hipótese — disse ele num tom prático. — Suponho que seja a hélice?

— Eu encalharia o barco numa praia e faria o conserto sozinho. Sei fazer soldas pequenas.

— Quando saberá ao certo? — perguntou Tracey.

— Logo que a tempestade amainar.

Houve um instante de silêncio. Penny recolheu o resto de omelete do prato de Tracey. Parecia absurdo comerem com a maior calma enquanto o desastre pairava tão perto.

— Agora, nada resta fazer senão aproveitarem a refeição — disse o Capitão. — Vou para a casa do leme. Ficarei lá o resto do dia.

McCracken subiu, a escada. A refeição foi terminada em silêncio. Penny mantinha a testa franzida. Em vez de limpar tudo energicamente, como de costume, recostou-se na cadeira e fitou as nuvens através da vigia.

— O Capitão tinha razão — comentou calmamente. — A tempestade está morrendo;

O *Penny Dreadful* sofreu mais algumas horas de castigo dos elementos antes que o vento diminuísse e a chuva se tornasse mais leve.

Quando a tempestade amainou e as ondas rolavam sem vento, McCracken desceu ao mar no bote. Penny remou-o até a parte inferior; da popa, onde ele se debruçou perigosamente pela borda do bote. Fascinado, Phil e Tracey observavam da amurada de popa.

McCracken voltou a bordo pela escadinha, despindo o suéter encharcado e desfazendo-se da boina de lã. Não parecia, preocupado, o que tranquilizou Phil e Tracey.

— Não consigo ver nada — informou-lhes o Capitão. — O mar está muito forte e turvo.

Fez uma pausa, como se pensasse numa solução. Afinal, disse:

— Com sua permissão, vou encalhar o barco numa, praia, para examinar a hélice.

— Bem, não temos outra alternativa, não é? replicou Phil.

— Poderíamos tentar compensar a deriva com o leme, mas nunca se sabe. Talvez isso provoque algo mais grave. Prefiro agir com segurança.

— Naturalmente — concordou Phil depressa.

— A senhora também aprova?

— É claro, Capitão.

— Muito bem, então. Com um pouco de sorte, terão uma bela praia só para os dois.

Adoraríamos isso — disse Tracey.

Não obstante, estavam apreensivos ao ouvir McCracken ligar Os motores. Em breve o horizonte ficou pontilhado de ilhotas, algumas do tamanho de um atol, com trechos de recife de coral acima da superfície.

Phil foi à casa do leme observar McCracken. Cartas náuticas e gráficos de marés estavam espalhados sobre os bancos. Obviamente o Capitão estivera fazendo cálculos, pois várias folhas de papel cobertas com sua caligrafia elaborada estavam acima do painel de instrumentos.

— Já resolveu onde encalhar o barco? — indagou Phil.

McCracken virou-se, assustado.

— Oh, olá, Sr. Williams. Sim, resolvi. Num lugarzinho que notei há vários anos.

— Há vários anos?

— Sim. Um bom marujo sempre se mantém atento a bons abrigos.

Phil observou McCracken manipular o leme. Segundo o sonar, estavam navegando em águas com apenas dez braças de profundidade. O mar estava agora relativamente calmo, subindo e descendo como uma respiração espasmódica, acalmando-se ainda mais à medida que avançavam para o sul. O radar detectava várias das ilhas.

— O que fará? Avançará devagar até bater na areia? — perguntou Phil.

McCracken sorriu.

— Encalhamos um barco, Sr. Williams. Não o destruímos.

Phil sorriu ante a própria ingenuidade.

— Coloque-me a par dos detalhes. Esta será minha primeira operação de encalhe.

— O que faremos, Sr. Williams, é ancorar durante a maré alta sobre um fundo macio. Então, deixamos a água baixar. Deverei ter tempo suficiente para avaliar os danos.

— Muito astucioso.

— Muito racional, Sr. Williams. Como tudo em navegação. Agora, aproveite seu cruzeiro. Acho que

podemos esperar uma boa natação hoje à tarde.

Phil observou em companhia de Tracey a linha do horizonte ficar mais frequentemente pontilhada de projeções arenosas. Fazia calor e as nuvens iam-se dispersando vagarosamente, abrindo espaços de azul. Uma preguiça gradativa começou a dominá-los. Enquanto vestiam roupas de banho no camarote, sentiram os motores serem desligados.

— Devemos estar na praia — disse Phil.

— Quanto tempo ficaremos aqui? — perguntou Tracey.

— O tempo que a maré levar para vazar e tomar a subir, creio.

Quando subiram ao convés, o céu estava totalmente azul. Nesgas de nuvens distantes pairavam no horizonte, mas o sol incidia sobre eles, aquecendo as tábuas do convés. No bote, McCracken e Penny retomavam ao barco. Phil avistou a âncora bem alto na praia, em vez de em água mais funda. O bote navegava numa água clara, verde, pura e cristalina, sobre o fundo de areia branca. Estrelas-do-mar e algumas algas marinhas eram visíveis. Atrás do bote, uma praia pequena, branca e curta, com várias moitas de capim, além da areia.

McCracken consultou seu enorme relógio de pulso.

— Mais ou menos duas horas, Sr. Williams! A essa altura, estaremos a seco. Eu aconselharia a aproveitarem a água. Está a vinte e três graus!

Jogando uma toalha sobre o ombro, Phil desceu a escadinha da amurada. Pendurou a toalha no último degrau, deixando as pontas ficarem na água. Com o pé, sentiu a água que lhe molhou agradavelmente o tornozelo. Soltando um grito, atirou-se de costas no mar e nadou para longe do barco.

— Fique perto de mim — pediu Tracey.

Tracey nadava bem, os braços cortando a água sem levantar respingos, mas não tinha resistência. Ficou aliviada ao verificar que Phil estava em pé no fundo e a água tinha pouco mais de meio metro de profundidade.

À medida que a maré baixou, o *Penny Dreadful* tocou de leve o fundo de areia e, depois, ficou apoiado pesadamente sobre ele. Adernou ligeiramente. Porém, quando a água se escoou totalmente, o barco endireitou-se, apoiado na quilha. A hélice, protegida pela projeção da popa, ficou no ar. McCracken encaminhou-se para lá, carregando uma caixa de ferramentas. Phil e Tracey observavam preocupados.

— Vamos esperar não termos que ir para um porto — disse Phil, boiando de costas. — Não me apetece passar dois dias trancado no camarote, enlouquecendo com o calor.

— Logo saberemos — replicou Tracey, encaminhando-se para a praia.

Phil nadou alguns metros e depois andou para a praia com ela. Era uma sensação estranha ver as moitas de capim crescendo tão naturalmente do solo e, depois, enxergar o horizonte azul em todas as direções.

Beijaram-se à sombra de folhas altas e largas no lado oposto da ilha.

McCracken encaminhou-se para eles. Avistaram-no quando ele dobrou a ponta da ilhota, com água pelos tornozelos. Tracey acenou.

— Ah, estão aí! — chamou McCracken, andando ao longo da espuma provocada pelas minúsculas ondas que corriam pelo comprido e raso platô sob a superfície.

Aproximando-se de Phil, McCracken disse em voz baixa:

— Temo que o eixo esteja empenado.

Fixou em Phil os olhos duros como aço.

— Tem certeza?

— Tenho. O pior é termos que puxar o barco através do canal.

Phil levantou. Não tinha certeza de ter entendido o Capitão.

— Puxar o barco?

— Um procedimento normal, Sr. Williams. Como pode ver, há coral em toda a nossa volta.

— Por que não podemos navegar normalmente para fora, do mesmo modo como entramos?

Não com o eixo empenado — disse McCracken, imitando um ângulo com as mãos. — Em mar aberto, posso corrigir. Aqui, entre todas essas obstruções, é necessário uma precisão absoluta.

— Não entendo. Chegou muito bem até aqui.

— A verdade, Sr. Williams, é que o eixo estava tão empenado que uma placa de retenção rachou quando eu estava trabalhando nele.

Phil assoviou baixinho. Por um instante, a brisa morna lhe pareceu fria. Agora, sentia-se genuinamente alarmado.

— Então, estamos aleijados — disse baixinho.

Tracey se aproximou, percebendo a expressão alterada de Phil.

— O que é, querido?

— O Capitão diz que...

— Que precisamos levar o barco a braço para a água funda, Sra. Williams. Só isso. Depois, teremos que rumar para Nassau.

— Oh, Deus — disse Tracey.

Phil enfiou a ponta do pé na areia, que ficou mais escura e fria no local. Observou sua própria sombra imóvel sobre as minúsculas conchas brancas a seus pés. Havia algo ominoso no silêncio que pairou sobre o grupo.

— E no mar aberto? — perguntou Phil. — O que acontecerá?

— O eixo não está quebrado, Sr. Williams. Temos, força total. Apenas o ângulo é incerto, na melhor das hipóteses.

— Mas o senhor poderá corrigi-lo com o leme, em mar aberto?

— Vejo que captou a essência da situação. Apenas aqui, entre milhares de pontas de coral, bancos de areia e água rasa...

— Que vamos fazer, querido? — quis saber Tracey.

— Precisamos puxar o barco — respondeu Phil sombriamente.

— Está em boa forma, Sr. Williams. Dividiremos o trabalho. Calculo quatro horas...

— Quatro horas?

— No mínimo.

Afinal, as palavras de Phil saíram aos borbotões, como se rompendo uma barreira. Petulante, frustrado, impotente, ele se defrontou com McCracken.

— Não compreendo! Como o eixo pôde empenar? Ora, é a espinha dorsal do barco, não é?

— Como? *Como?* O que quer dizer, como? Uma falha no acoplamento. Acúmulo de esforço. Defeito de fabricação. Não o entendo, Sr. Williams.

— Um eixo ... um eixo não pode quebrar. Simplesmente não pode!

— Tudo que é mecânico acaba se estragando, mais cedo ou mais tarde. Por desgaste, rachadura, quebra, ferrugem, entortamento ou atrito!

Phil fez um gesto impotente.

— Mas deve existir um motivo — continuou, sem jeito,

— Deseja uma análise? Quer saber qual foi o rebite? Prefere que eu lhe faça um desenho da chapa rachada? Que diferença faz? O que interessa é o fato de estar danificado.

Phil deixou-se cair desanimadamente na areia.

— Não faz sentido — murmurou em desespero.

McCracken sentou-se a seu lado.

— Vamos, vamos, Sr. Willams — disse bondosamente. — As peças mecânicas não possuem inteligência. Giram, sobem e descem, escravizadas por forças eletromagnéticas. São pedaços de metal, estúpidos e cegos. E quebram. Eis aí tudo. Perfeitamente natural. Não se desespere.

Tracey pegou o braço de Phil.

— Talvez devamos almoçar primeiro.

— Sim — concordou McCracken. — É o que sugiro.

Voltaram calados ao outro lado da ilha, entrando na água e galgando a escadinha. Fizeram uma rápida refeição na mesa posta no convés de proa virado para ilha. Legumes cozidos, chá, queijo e fatias finas de cenoura, atraentemente arrumados sobre uma toalha branca. Antes de tocar na comida, McCracken preveniu:

— Já devem ter percebido que damos graças antes das refeições. Se quiserem, podem acompanhar-nos.

Os quatro baixaram a cabeça.

Depois do almoço, Penny trouxe um frasco de loção de bronzear e fez um gesto para que Tracey a espalhasse copiosamente em Phil. Este recusou com um gesto amuado e Penny tornou a levar o frasco. Em seguida, tirou a mesa. Em breve McCracken se ergueu, colocou uma pequena pala acima dos olhos e tirou as calças largas, revelando um calção de banho surrado sobre as coxas musculosas.

Quando ele estava fora do alcance da voz, Phil se voltou para Tracey numa explosão de raiva.

— Diabo! — rosnou. — Não percebe o que está acontecendo? Obrigam você a lavar pratos, esfregar os banheiros e limpar peixes! Agora, querem que eu reboque este maldito barco! Bem, não acho que tenhamos obrigação de fazer isso! Afinal, quando alguém viaja de avião, não tem que limpar os tanques de combustível nem empurrar o avião pela pista. Isso está incluído no preço da passagem!

Tracey corou, embaraçada.

— Quer dizer que vai ficar sentado, assistindo àquele velho rebocar o barco sozinho?

— Ele está em melhor forma que eu.

Tracey o encarou raivosamente por instante, cruzou os braços e olhou para o chão. Acalmou-se pouco a pouco, tentando ser razoável.

— Phil, lavar pratos e limpar peixes é uma coisa. Mas ninguém planejou empenar o eixo.

Phil virou-se para o lado, a fim de evitar o olhar acusador de Tracey.

— Esta é uma ocasião em que precisamos trabalhar todos juntos — insistiu ela, suplicante.

— Não é tão grave assim.

— Como pode saber? O que conhece você a respeito de barcos?

Phil não respondeu.

— O momento não é propício a levantar questões, querido — prosseguiu Tracey. — Mais tarde, quando atracarmos em Nassau, podemos fazer o que quisermos. Até mesmo tomarmos um avião de volta para casa. Agora, porém, todos têm que colaborar.

Phil esfregou os olhos.

— Cristo! — murmurou. — Não estou disposto a rebocar barcos!

— A necessidade nada tem a ver com a nossa disposição — advertiu suavemente Tracey.

Phil suspirou e desceu para a água. Vadeou até que o mar lhe chegou ao peito e depois nadou até o bote que flutuava a alguns metros da proa.

McCracken aguardou no bote até que Phil se alçou pela, amurada, depois apontou para a popa do barco, que descansava na lama.

— A maré nos erguerá da lama. O senhor precisará-puxar o barco pela frente, enquanto o Imediato e eu empurramos. Isso o fará girar para o canal.

— Não entendo. Como, diabo, espera que três pessoas possam mover um barco desse tamanho?

— É muito mais fácil do que se possa imaginar. Entenda: não *levantamos* o barco. Apenas o fazemos deslizar pela superfície. Se não houver corrente ou obstruções, ele simplesmente correrá pela água. Só não se deixe iludir pela facilidade de puxá-lo. Em outras palavras: não se aproxime muito do barco se ele chegar perto de pedras ou de alguma praia. Pesa várias toneladas e bastará uma onda para matar o senhor.

Mais tarde, enquanto McCracken empurrava para cima e para o lado, de pé junto à popa, a maré ergueu o *Penny Dreadful* em alguns centímetros de água. Penny recolhera a âncora ao convés, guardando-a. McCracken fez sinal para Phil, movimentando o braço. Phil, passando uma corda por cima do ombro, começou a puxar. Inclinou-se para a frente com todas as suas forças, até que as veias da testa pareciam prestes a saltar. Na popa, com as costas pressionadas de encontro ao casco, Os pés procurando apoio no coral escorregadio, os McCracken empurravam. Lentamente, a proa do *Penny Dreadful* descreveu um arco na água que subia com a maré.

— É isso aí, querido! — gritou Tracey.

— Estamos livres! — berrou McCracken. — Agora, direto para o primeiro banco de areia!

Phil olhou para a frente e viu o local onde a maré ainda não cobrira um trecho inclinado de lama lisa. Deu-se conta de que até chegarem lá a areia já estaria sob a água. O sol poente se refletia na superfície, cegando-o. Já sentia a queimadura da corda contra o músculo do ombro. Seus olhos doíam por causa do reflexo. Os pés escorregavam na areia granulosa do fundo. A intervalos, pisava em conchas ou pedras pontudas e tentou adivinhar se existiriam anêmonas venenosas naquela região. Peixes minúsculos nadavam-lhe rente às pernas e ele praguejava quando lhe mordiscavam os joelhos.

— Ótimo, Sr. Williams! — gritou o Capitão. — Descanse um pouco!

Phil baixou a corda e deu meia-volta. Agachou-se na água para atenuar a dor nos ombros. Tracey lhe acenou do convés de popa. Phil surpreendeu-se ao ver McCracken debruçado sobre os instrumentos, fazendo medições da casa do leme. Indagou-se raivosamente por que motivo o Capitão não estava empurrando o barco. Sob seus pés, o fundo era desusadamente áspero e pedregoso. Quando a maré sobe ou desce, atua como uma corrente e Phil sabia que não conseguiria segurar o barco contra ela. Se encalhassem de mau jeito, quem poderia prever o tipo de dano que o eixo sofreria?

— É melhor prosseguirmos, Sr. Williams! — gritou McCracken.

— Puxe, querido! — berrou Tracey. — Já percorremos um quarto do caminho!

Phil fez meia-volta e esticou a corda sobre o ombro. Sentiu a pressão já familiar magoando-lhe o ombro avermelhado e os pés escorregando no fundo. Teve a impressão de que a água esfriara. À sua frente, o oceano lançava reflexos brilhantes, obrigando-o a fechar os olhos. O suor lhe escorria pela testa. Pouco a pouco, o *Penny Dreadful* avançava.

De repente, houve um baque. A corda puxou dolorosamente Phil para trás, fazendo-o cair na água. Nadou para pegar a ponta da corda.

— Não foi nada! — gritou McCracken. — Continue a puxar!

Praguejando, Phil tornou a fazer força na corda. Agora, a água lhe chegava ao peito e era quase impossível encontrar um meio de firmar as pernas no fundo. Afinal, deu uma topada numa rocha. Empurrou, usando a rocha como apoio, e sentiu bom progresso às suas costas.

— Magnífico, Sr. Williams! — gritou Penny.

A voz dela vinha de algum lugar ao lado do barco. Phil lançou um olhar naquela direção e avistou-a remando o bote. Não conseguiu perceber se ela puxava para o lado com alguma corda ou se estava apenas sinalizando ao Capitão como virar o leme. Dava quase a impressão de estar observando Phil. Este procurou adivinhar se estaria puxando sozinho o maldito barco. Sua dor de cabeça piorou e ele fechou os olhos, fazendo força para a frente, sentindo o sangue latejar.

— Metade do caminho, Sr. Williams! — anunciou Penny.

Phil sentiu o fundo elevar-se em rampa para formar o primeiro banco de areia. Era mais fácil encontrar apoio na areia, mas seus braços estavam fracos, dormentes, e ele largou a corda. Baixou a cabeça, recuperando, o fôlego.

— Não aqui, Sr. Williams! — gritou Penny. — Se a maré baixar, rolaremos.

Phil despertou como se de um sonho. Seu corpo dava a impressão de pertencer a outra pessoa. A água passava por ele em pequenas ondas. Tentou adivinhar se aquilo ajudaria ou retardaria a passagem do barco. Parecia que não fizera outra coisa durante toda a sua vida adulta. Perdeu o senso do tempo.

Agora, estava na encosta descendente do banco de areia e o barco passava pelo topo. Viu McCracken na água e Penny puxando o bote, com outra corda. Parecia um sonho. O sol, vermelho como

sangue, se aproximava do horizonte. Phil tinha as pernas dormentes pela longa imersão no mar.

Quando tornou a olhar para trás, McCracken voltara para a casa do leme. Tracey e Penny não estavam à vista.

O *Penny Dreadful* flutuava com trinta centímetros de água sob a quilha. Phil percebeu que a sombra do barco se projetava de modo estranho, quase diretamente sobre a areia abaixo da quilha. Visto por aquele ângulo, o barco espantou Phil com a percepção da pequena parte que ficava sob a superfície. Parecia esquisito, feio, estranhamente desajeitado e indefeso.

— Puxe com força! — berrou McCracken. — Estamos quase livres!

Quando Phil tornou a pegar a corda, não tinha forças nos braços. Fez os movimentos, inclinando-se para a frente, os pés levantando minúsculas nuvens de areia branca no fundo, mas sua respiração era espasmódica e a cabeça latejava.

— Mais força!

Phil tropeçou para a frente, caindo na água.

— O senhor está bem? — quis saber McCracken, avançando até a amurada de proa.

Phil ergueu a mão para indicar que estava bem, mas encontrou dificuldade para ficar em pé. A corrente fraca das pequenas ondas que lhe passavam pela cintura era suficiente para tirar-lhe o equilíbrio. Tropeçou novamente. Seus braços espadanaram na água. McCracken retornou à casa do leme.

Aos poucos, Phil aprendeu a não puxar com os braços e ombros, mas simplesmente cair para a frente contra a corda até que o barco se movesse, puxado pela força de seus noventa quilos de peso humano. Então, andava para a frente até que a corda se esticasse e tornava a repetir a manobra. Seguindo esse método, moveu-se semi-inconscientemente através da água, percebendo vagamente a forma branca que ele não amava nem detestava, mas que o acompanhava silenciosamente sempre presente, ambígua.

— Pode subir para bordo! — chamou McCracken. — Passamos!

Como um prisioneiro piscando contra o sol ao ser libertado, Phil olhou com surpresa para o barco. A sombra mergulhava na água, sem se achatar num ângulo contra o fundo. O próprio fundo estava mais escuro. Um metro e meio de água entre a quilha e o fundo.

— Terão que vir aqui — respondeu Phil em voz rouca.

— O quê?

— Não consigo mais andar.

— Mas não posso movimentar o barco — disse McCracken. — Não até onde o senhor está.

— Não posso mais andar — repetiu Phil, atordoado.

Não conseguiu dizer mais nada. Vagamente, viu Penny remando no bote. Estremeceu ao lavar o rosto

na água fria. Quando o bote chegou, ele se inclinou para a frente e deixou-se cair no banco. Na verdade, a água estava tépida, mas a exaustão lhe provocava frio. Penny riu e o puxou para dentro do bote. Onde ela puxava pelos braços, Phil sentia uma dor cruciante. Com grande esforço, conseguiu sentar-se, as pernas inertes diante do corpo. Penny o observava de modo estranho, quase satisfeito, mas permaneceu calada enquanto remou o minúsculo bote de volta ao *Penny Dreadful*.

— O senhor servirá muito bem — comentou finalmente.

— Obrigado — gemeu Phil. — Mas nunca me senti tão dolorido em minha vida.

Ela riu baixinho.

— Vai acostumar-se.

— Espero que me acordem a tempo de ver agosto.

— Tem um divertido senso de humor, Sr. Williams.

— Eu sei. Vou fingir que não posso subir aquela escada. A senhora terá que me ajudar.

Phil percebeu uma mão forte agarrar seu braço. McCracken o puxava para o topo da escada.

— Excelente, Sr. Williams! — elogiou McCracken. — Até mesmo sete ou oito homens se orgulhariam de fazer o que o senhor fez sozinho!

Phil olhou para McCracken e piscou as pálpebras incrustadas de sal. Passou a mão pelos lábios inchados e em carne viva. Penny entregou-lhe um copo de vinho. Depois de beber, ele conseguiu falar novamente.

— Por que não me ajudaram? — perguntou com dificuldade.

— Estávamos trabalhando no banco de areia.

— No banco de areia?

McCracken girou lentamente a mão.

— Ficaríamos num péssimo ângulo se encalhássemos lá — respondeu.

Phil suspirou, exalando espasmodicamente o ar. O tremor em seus membros aumentou. As costas ardiam de sol. Os McCrackens o observavam enquanto ele se sentava na beira de uma cadeira do convés. Tentou falar, mas verificou que necessitava de mais vinho para lubrificar a garganta.

— Onde está Tracey? — indagou.

— Na cozinha — respondeu Penny. — Teve a gentileza de começar a fazer o jantar quando percebeu que estávamos ambos ocupados no banco de areia.

Phil sacudiu a cabeça, embora tudo aquilo não fizesse sentido. Levantou-se, vacilante. McCracken

estendeu o braço para apoiá-lo. Phil sentiu-se recuar e percebeu que os McCracken o deitavam numa espreguiçadeira. Estenderam um cobertor de lã sobre seus braços gelados e colocaram um guarda-sol para protegê-lo do sol poente. A irritação de Phil contra eles se desvaneceu. Em lugar disso, transformou-se num autômato. Pensamentos dispersos e desconexos, bem como frases soltas dos McCracken, percorriam os obscuros corredores de seu cérebro.

— Agora, deve descansar — disse Penny baixinho.

Phil meneou a cabeça.

O sol poente brilhava no mar. Em seu delírio, Phil pensou que o dia estivesse raiando. Era como se o horizonte bem definido, agora dividido em azul-escuro e dourado, trouxesse consigo uma epifania cujo significado, porém, lhe escapava. Os McCracken voltaram a uma mesinha junto à amurada. Vagamente, Phil viu Tracey servir-lhes obedientemente uma bandeja de coquetéis e retirar-se em direção à cozinha.

Muito mais tarde, ele acordou com um arrepio de frio. Estava escuro. Os McCracken haviam terminado o jantar. As estrelas brilhavam no céu. O *Penny Dreadful* avançava devagar, a um quarto da velocidade normal. Phil sentou-se. Cada músculo de seu corpo lançava-lhe ondas de dor pelos membros. Cobrindo os ombros com o cobertor, desceu com dificuldade a escada que levava à cozinha. Tudo estava recém-lavado e arrumado. Encontrou Tracey no camarote, as mãos avermelhadas de água da pia.

— Oh, querido, já acordou... — murmurou ela. — Tive receio de despertá-lo...

— Sinto-me como um cadáver ambulante.

— Trabalhou tanto!

Phil sentou-se pesadamente na cama.

— Parece-me que você também esteve trabalhando.

— Não foi nada. Ambos estavam ocupados quando o barco se aproximou do banco de areia. Foi o mínimo que pude fazer.

Tracey acariciou a nuca de Phil. Este gemeu baixinho. O calor se irradiava de seu rosto e a dor se espalhava dos ombros para os braços. Visões dos reflexos na água e do sol pairando acima do horizonte dançavam-lhe diante dos olhos. Como numa praga da antiguidade, sentia o peso do barco nas costas.

— Suas costas estão muito vermelhas. Oh, meu bom Deus!

Tracey pegou um pequeno frasco plástico amarelo na maleta e espremeu parte do conteúdo na palma da mão. Aplicou vagarosamente o creme nas costas de Phil. Este se contraiu ao toque dela, mas relaxou-se paulatinamente.

— Belas férias — zombou ele. — Vamos para Nassau, agora?

— Sim. Ele vai tentar poupar o eixo. Pedi-lhe que nos acordasse quando chegarmos.

Phil começou a cochilar. Acordou para encontrar Tracey a seu lado e o frasco de creme em cima da

cômoda. Acordou uma segunda vez com uma dor aguda no flanco, que só passou quando ele mudou o braço de posição. Tornou a ver o sol, nem subindo nem descendo, mas parado à sua frente, brilhante e puro como cristal, forte e alheio, queimando-lhe os olhos.

— Posso fazer alguma coisa? — indagou Tracey.

Phil sacudiu a cabeça. Tracey aconchegou-se a ele.

— Eu... acho que devemos — disse Phil.

— Devemos o quê?

— Tomar um avião quando chegarmos a Nassau. Tracey ficou calada por longo tempo, mas Phil sentiu-lhe o desapontamento.

— Por que não esperamos para ver como você se sentirá de manhã? — sugeriu ela afinal.

Phil tornou a mergulhar num sono desagradável. Pesadelos de mares vermelhos e amarelos que lhe mordiam as pernas. Precisava ir a algum lugar, mas não conseguia manobrar o corpo na água funda. Então, alguém bateu à porta. Tracey puxou o lençol até o pescoço. Pelo balançar silencioso do barco e a ausência de vozes lá fora, Phil deu-se conta de que não haviam chegado a Nassau.

# Seis

Phil não conseguia erguer a cabeça sem sofrer pontadas de dor no pescoço e nos ombros. Tentou rolar para uma posição sentada. Cada músculo que recobria a armação do esqueleto estava rígido de dor. Ele estava imobilizado, ridiculamente paralisado. Alguém bateu forte à porta.

— O que é? — resmungou Phil.

— Oito e meia — anunciou McCracken energicamente.

Phil gemeu.

— Tarde demais para o desjejum — disse McCracken.

— Sobrou um pouco de café.

— Esqueça! — gritou Phil.

— Vamos, Sr. Williams! Há algo no convés que desejamos compartilhar com vocês.

Quando McCracken se foi, Tracey saiu da cama e, na ponta dos pés, foi espiar pela porta para ter certeza de que o Capitão se afastara.

— A situação está ficando incontrolável — disse ela em voz baixa. — Você tinha razão. Devíamos impor-nos desde o início.

— Nós os largaremos em Nassau. Ficaremos escondidos alguns dias em Nassau e depois tomaremos um avião de volta.

Phil moveu o braço para a beira da cama e puxou-se para a frente.

— Cristo! Estou todo amarrado em nós. Ajude-me a levantar, por favor.

Tracey ajudou-o a chegar até a cadeira nos pés da cama e massageou-lhe as pernas.

— Isto é mesmo uma loucura. Você nem pode andar. Por favor, querido, volte para a cama.

— Não — arquejou Phil. — Se alguma outra maldita coisa deu errado, quero tomar conhecimento.

As mãos suaves de Tracey massagearam os quadris de Phil, que o sol poupava. Ela o ajudou a vestir-se. Como um velho senil, os joelhos rígidos recusando-se a dobrar, ele saiu com a ajuda dela para o corredor que levava à cozinha e à escada.

— Como vou subir? — murmurou ele.

— Apoie-se em meu braço.

Caminhando penosamente pelo convés, Phil avistou os McCracken na outra extremidade do barco. Leves nugas de nuvens pairavam no horizonte, penas delicadas contra o fundo azul. O cheiro fresco do mar aberto dominava o convés.

— Bom-dia! — disse McCracken. — Como se sente?

— Péssimo.

McCracken riu. Sua risada forte, sonora, irresistível reverberou pelo convés.

— Logo se acostumará.

Em companhia de Tracey, Phil mancou até onde McCracken estava sentado a uma mesa desmontável. O grande livro negro de registros estava aberto à sua frente. Os músculos de Phil se rebelaram quando Tracey o ajudou a sentar-se numa cadeira de convés.

Penny, cruzando as mãos sobre a mesa, disse:

— Então, vamos ao que interessa.

— Exato — disse McCracken, limpando a garganta com um pigarro. — Por sua ajuda eficiente no reparo de um cabo defeituoso, na obtenção de alimentos no mar e seu bravo esforço ao puxar o barco através de perigosos bancos de coral, bem como a execução adequada de todos os serviços relacionados com tais tarefas, propõe-se que o Sr. Williams seja designado neste ato, primeiro-oficial.

Tracey começou a rir. Phil tossiu e virou-se para o lado a fim de limpar a garganta, pois o riso lhe provocava dor.

— Acham graça? — quis saber McCracken.

— Acho profundamente encantador — disse Tracey.

— Estou satisfeito... naturalmente — declarou Phil. — Quem não estaria?

McCracken olhou para ambos. Uma sombra lhe passou pelo nariz e lábios. O Capitão olhou para Penny, mantendo a caneta em posição acima do livro.

— Apoio a proposta — declarou Penny.

McCracken se voltou para Tracey.

— Sra. Williams?

— Terei que pensar no assunto.

— Tem alguma objeção?

Tracey debruçou-se sobre a mesa.

— Bem, antes eu era o único primeiro-oficial. O Sr. Williams era segundo-oficial. Na verdade, eu queria uma oportunidade melhor para exercer autoridade sobre ele.

— Compreendo.

— Não obstante, ele se portou muito bem — ponderou Penny.

Tracey pisou no pé de Phil, apertando-o.

Portou-se *muito bem* — concordou ela. — Todavia, eu gostaria de propor um período de estágio para o Sr. Williams. Se ele continuar a desempenhar-se com eficiência e correção das tarefas que lhe forem atribuídas, não terei objeções quanto à sua promoção imediata.

McCracken baixou vagarosamente a caneta. Passou o dedo nos lábios perplexo.

— O que sugere que façamos? — perguntou a Penny.

— Acho melhor fechar o livro até que estejamos todos de acordo.

— Então, o assunto fica adiado — concluiu McCracken, fitando cuidadosamente o livro de registro. — Por enquanto — acrescentou, como advertência a Phil.

Phil debruçou-se para segredar ao ouvido de Tracey:

— Isso é sério?

— Naturalmente — sussurrou ela em resposta. — Como pensa que fui designada primeiro-oficial?

Phil sorriu e acomodou-se dolorosamente na cadeira.

— Não se preocupe, Sr. Williams — disse McCracken.

— Seu caso voltará à pena muito em breve.

— Ótimo. Agrada-me saber.

McCracken usou a caneta para fazer várias anotações no livro de registro.

— Está anotando isto, Capitão? — indagou Phil.

McCracken piscou um olho para ele. A sombra incidiu sobre o outro olho, como se fosse uma órbita vazia. Sem uma palavra, ele fechou o livro.

O mar estava liso, azul e deserto. Uma sensação de inquietação aflorou ao consciente de Phil.

— Por que não estamos navegando?

— Não podemos arriscar.

— Refere-se ao eixo?...

— Está por um fio.

McCracken cuspiu no mar e limpou a boca.

— Meu Deus — disse Tracey. — Que faremos?

— Esperaremos — disse McCracken. — À deriva.

— À deriva? — perguntou Phil, inseguro.

— Cerca de duas milhas. Estamos derivando numa corrente.

A expressão de Phil animou-se visivelmente.

— Entendo. A corrente nos levará a Nassau.

— Não a Nassau. Perto.

— E poderá consertar o eixo lá?

— Não se preocupe, Sr. Williams. Tudo foi calculado. Venha!

McCracken, sem se importar com os músculos magoados de Phil, levantou-se e escoltou rapidamente os passageiros até a casa do leme. Ali, perto dos mapas e velhos instrumentos de navegação que pendiam das paredes ao lado do radar, McCracken pegou uma grande carta marítima. Phil e Tracey debruçaram-se para examiná-la. Várias linhas concêntricas sinuosas formavam desenhos em diversos tons de azul.

— O porto fica a aproximadamente quinze milhas ao sul e cinco milhas a leste de onde estamos — disse McCracken.

Um ponto negro apareceu sobre a carta na ponta da caneta de McCracken.

— O *Penny Dreadful* está aqui.

Um segundo ponto negro foi aplicado a cerca de oito centímetros de distância.

— A corrente em que estamos fará uma curva até duas milhas de distância desta baía — prosseguiu McCracken, indicando uma série de linhas concêntricas circundando a ponta de uma pequena massa de

terra.

— Isso nos fará passar ao largo da ilha — observou Phil.

— Só que nesse ponto da curva onde a corrente se afasta da ilha, eu ligarei os motores, atravessarei para o outro lado e pegarei a maré que nos levará ao litoral.

— O eixo aguentará?

— Acho melhor aguentar.

McCracken enrolou a carta e tomou a colocá-la na prateleira acima do radar. Phil baixou a voz:

— E se não chegarmos à bacia?

— Então, sofreremos a ignomínia de sermos rebocados até o porto, como uma baleia doente.

— Jesus Cristo!

McCracken riu.

— Não se preocupe. A melhor guarda-costa do mundo está a menos de cem milhas de distância. Recomendo que aproveitem o sol. Devemos chegar ao porto mais próximo à bacia pouco após o pôr-do-sol.

Phil e Tracey foram para o convés de proa. Tracey despiu-se, ficando apenas de biquíni, e deitou-se nas tábuas quentes, ao lado de Phil, fechando os olhos contra o sol. Não tendo comido, mergulhavam e emergiam de sonhos, meio estonteados, numa sensação quase agradável.

— A Sra. McCracken está trazendo o almoço — sussurrou Tracey.

Phil ergueu os olhos e viu Penny carregando uma pequena bandeja para uma mesinha que fora posta a poucos passos de distância. Quando ele se pôs de pé, sentiu a cabeça leve.

— Sra. McCracken — disse Phil, sentando-se com dificuldade. — Há algo que eu gostaria de desabafar.

— Sim, Sr. Williams?

— A situação é que nos últimos dias Tracey e eu nos sentimos exageradamente supervisionados. Se é que me entende.

— Não, Sr. Williams. Eu não o entendo.

— Bem, tomemos como exemplo o café da manhã de hoje. Estamos acostumados a tomar café quando acordamos.

— A bordo do *Penny Dreadful*, o café da manhã é servido às seis horas.

— Uma hora imprópria, Sra. McCracken.

— É a hora do raiar do sol.

— Isso não vem ao caso — insistiu Phil. — O que estamos tentando dizer é que esse tipo de estrutura rígida é contrário à nossa natureza.

— É tão difícil relaxar dessa maneira — acrescentou Tracey em voz baixa.

Penny virou-se para Phil com um sorriso simpático.

— Naturalmente, muitos de nossos hóspedes fazem objeção a isso. Mas, a longo prazo, dá muito mais certo.

— Gostaríamos de algo mais informal— disse Phil com um toque de irritação.

— Talvez não seja possível agora.

— Como assim?

— Estamos numa situação difícil.

— Refere-se ao eixo?

— Certamente. Não acha que seja um motivo para disciplina? Devemos tomar algumas decisões para a segurança do barco — disse Penny. — E para a sua, também.

— O que tem isso a ver com deixar-nos dormir até mais tarde? Com não podermos tomar o café da manhã numa hora civilizada? Afinal, pagamos uma taxa de luxo por tais conveniências.

— Nas circunstâncias, o que pagaram é irrelevante.. Sr. Williams. Cabe ao Capitão decidir a melhor maneira de conduzir os assuntos do barco.

— Bem, não faz sentido para nós.

— Fará.

Phil sentiu o pé de Tracey tocar-lhe de leve a perna. Sem olhar para ela, entendeu o significado do toque: abandonariam o barco em Nassau. Phil tornou a acomodar-se na cadeira. Viu McCracken debruçado sobre o painel na casa do leme, presumivelmente verificando a posição pelo rádio.

Durante o resto da tarde, o barco derivou vagarosamente, jogando e balançando um pouco no mar azul. A atmosfera de ansiedade no convés era palpável. Phil não conseguiu mais aguentar.

— Quanto tempo isto vai demorar? — quis saber ele.

— Se o senhor não soubesse que o eixo está danificado, estaria saboreando a tranquilidade — replicou Penny sorrindo. — Desse modo, nossas mentes ditam nossas emoções.

Exasperado, Phil tornou a deitar-se em sua comprida toalha verde, ao lado de Tracey. Sonhou. No sonho, havia uma frota de veleiros da Corrente do Golfo e o sol poente brilhava através dos cascos, transparente. Acordou de repente.

— O que houve, querido? — perguntou Tracey pousando a mão em seu braço — Acordou sobressaltado.

— É mesmo? — Phil sacudiu os ombros. — Um sonho esquisito, creio.

— Eu também tenho sonhado coisas estranhas. Na noite passada, sonhei que era um peixe grande e me caçavam pelo convés empunhando machados. Foi terrível.

O rosto de Tracey assumira um brilho bronzeado ao sol do poente. Seu cabelo estava mais louro, os olhos castanhos mais brilhantes, com um tom de verde.

— Que tal um drinque? — sugeriu Phil.

— Consegue levantar-se?

— Creio que sim. Se você me ajudar.

Quando chegaram ao armário de bebidas no salão, encontraram-no trancado com um enorme cadeado.

— Cristo! — explodiu Phil. — Não consigo entendê-los!

— Têm medo que lhes roubemos as bebidas. Lembra-se de quando nos servimos de chá e torradas? O Capitão Jack insinuou que Penny poderia não gostar.

Phil manipulou em vão o fecho e a roda enferrujada do segredo do cadeado, cujos números mal eram visíveis.

— Bem, lá se foram nossos drinques.

O sol, uma perfeita bola vermelha, descia lentamente através da névoa amarelada na orla do oceano. No convés, as luzes de navegação se acenderam. Os McCracken serviram uma refeição ligeira: uma *bisque* cremosa, pedaços de torrada, filés de peixe escaldados em vinho. McCracken parecia nervoso e consultava frequentemente o relógio. Depois do jantar, tomaram um uísque leve com um espesso ponche de frutas.

— Ao baú de Davy Jones — brindou McCracken. — E ao que houver dentro dele.

Piscou para Tracey, acrescentando:

— Infelizmente, não requer inteligência abrir o baú de Davy Jones. Bastam dois litros de água do mar nos pulmões.

Um calafrio percorreu a espinha de Phil.

— Está na hora? — perguntou Penny a McCracken.

— Está.

McCracken soprou a mão, como se para esquentá-las — um hábito que adquirira recentemente. Foi para a casa do leme. Penny pediu licença e juntou-se a ele.

Phil e Tracey sentiram-se abandonados e isolados, sozinhos à mesa. Seu destino dependia da perícia de McCracken e sua esposa. Era um tanto semelhante a uma cirurgia. O mundo da navegação continuava a ser um mistério indecifrável.

Meia hora mais tarde, iniciou-se uma vibração lenta nas entranhas do barco. O *Penny Dreadful* avançava poderosamente na água. O barulho dos motores aumentou, e a água límpida, que escurecia com a noite, iluminada apenas por uma distante orla vermelha no poente, começou a passar cada vez mais depressa sob a quilha. A frente, a bacia ilimitada do Atlântico.

A esteira longa e fosforescente do *Penny Dreadful* descrevia um lento e grandioso arco na direção do leste.

McCracken desligou os motores e acendeu o cachimbo. O barco perdeu pouco a pouco o impulso e balançou agrada-velmente na água negra. O Capitão trocou algumas palavras com Penny e depois olhou para Phil e Tracey.

— O que acha que aconteceu? — sussurrou Tracey.

— Não sei. Mas pode apostar que não foi coisa boa.

McCracken avançou pelo convés e sentou-se ao lado deles. Sacudiu devagar a cabeça.

— Como viram, o eixo irremediavelmente danificado.

— Sim — disse Phil. — Tive a impressão de que navegávamos em círculos.

— Um círculo muito grande. O eixo escapou das chapas de sustentação, talvez tenha quebrado em algum lugar.

— Presumo que perdemos a maré.

— Sim. Rumei para o leste, mas...

Ambos os homens se calaram, McCracken tirava baforadas do cachimbo. Phil inclinou-se para a frente, concentrado. Tracey observava-os, tentando não revelar sua crescente inquietação.

— Bem — suspirou Phil. — Qual nosso próximo passo?

— Espero poder pedir socorro pelo rádio, por mais que o lamente.

— Não existe algum meio de manobrar? Algum truque de navegação?

McCracken coçou bruscamente a cabeça, frustrado.

— Já raspei o fundo do cérebro, Sr. Williams, mas não encontrei uma solução.

As luzes de navegação lançavam auras verde e vermelha sobre suas cabeças. Tracey acendeu nervosamente um cigarro e abrigou os ombros com um suéter.

— Eu gostaria de tentar uma coisa, Sr. Williams.

— O que é?

— Tenho o palpite de que com algum engenho e poucos parafusos compridos conseguiremos navegar outra vez.

— Vai tentar consertar o eixo debaixo d'água?

— Absolutamente não. Não conseguiria chegar até ele. Mas acredito — embora não tenha certeza — que o ângulo de desvio seja constante. Enquanto o eixo permanecer estável... bem, eu talvez consiga virar a hélice para compensar o desvio. O único problema, Sr. Williams, é iluminação. Eu teria que esperar até o amanhecer.

— Ora, não temos objeção.

— Então, estamos de acordo. As operações começarão logo após o café da manhã. Por volta das sete.

Phil ficou calado. Não lhe parecia justo pedir ao Capitão para ocupar-se com algo tão mundano como tomar café mais tarde, já que ele ia consertar o barco em pleno oceano.

Sentiram a noite fechar-se sobre eles. Uma sensação estranha de intimidade, embora desagradável. A escuridão era como uma presença física.

De manhã, Tracey e Phil foram tirados da cama às cinco e meia. Lavaram-se, vestiram-se e chegaram antes das seis para o café da manhã. Penny serviu uma geléia de abacaxi e laranja, que eles espalharam sobre bolachas chatas e grossas.

— Frutas frescas — segredou Penny, mordendo um pedaço. — Eis o segredo.

Aos poucos, Phil sentiu o sono evaporar-se de sua mente. O corpo inteiro lhe doía, os músculos rígidos. Tracey não conseguira dormir bem. Tinha olheiras. Parecia distraída, incapaz de concentrar-se.

— Como se sente, Capitão? — indagou Phil.

— Muito bem. E o senhor?

— O bastante.

— Folgo em saber. Quem está no serviço de faxina esta manhã?

— Eu — disse Penny.

Tracey animou-se. Subiu com Phil para o convés. Para surpresa de Phil, o mar jogava em todos os sentidos, como uma desordem de ondas descoordenadas, embora não houvesse vento ou corrente visível.

— Pode trabalhar no mar assim? — perguntou Phil.

— Estarei bem. Trate apenas de atar bem minha corda na amurada.

McCracken, apenas de calção de banho, desceu a escadinha. Levava na mão, atados ao pulso por um pedaço de corda de cânhamo, uma lanterna elétrica, uma chave de boca e um saquinho de parafusos e arruelas. Entrou na água.

— A vida é cheia de riscos, Sr. Williams — disse ele, sorrindo para Phil.

Phil amarrou a ponta da corda na amurada. A outra ponta estava atada à cintura de McCracken. O Capitão mergulhou e voltou à tona na popa. Depois, tornou a mergulhar. Emergindo periodicamente, trabalhou com a chave e os parafusos na hélice, invisível do convés, durante mais de meia hora. Vindo à tona, cuspiu água da boca.

— Como parece lá embaixo? — quis saber Phil.

— Parecer-me bem estável — respondeu McCracken. — Só nos resta experimentar.

McCracken voltou para bordo, sacudiu-se como um velho cão, tirando água dos ouvidos. Penny envolveu-lhe os ombros com uma enorme toalha de banho.

— Com sorte, estaremos em Nassau antes do anoitecer — informou com um largo sorriso.

— Maravilhoso — disse Tracey, animada.

McCracken esfregou nervosamente as mãos.

— Bem, neste caso, vamos experimentar?

McCracken desapareceu apressadamente na casa do leme. Após gestos preliminares no painel de controle, girou a chave de ignição. Os motores tossiram e pegaram, passando a funcionar normalmente. McCracken manteve os olhos na bússola e a mão na roda do leme. O *Penny Dreadful* avançou suavemente ultrapassou a massa de ondas desordenadas e começou a navegar rumo ao sul.

Então, houve um ligeiro baque e a espuma branca da esteira que partia da popa começou a fazer um grande arco para o leste. McCracken girou a roda do leme. O barco continuou a avançar serenamente, descrevendo uma vasta circunferência.

Um estranho silêncio pairou no convés quando McCracken desligou os motores. Phil deu-se conta de que estava transpirando, embora não fosse por causa do calor. Seria deveras embaraçoso entrarem no porto rebocados. Sem perceber as preocupações de Phil, Penny desceu à cozinha para preparar o almoço.

McCracken fez uma breve anotação no livro de registro de bordo, consultou o relógio e fechou o livro. Ligou o motor. O barco continuou na enorme trajetória curva que o afastava de Nassau. McCracken desligou a ignição e o barco perdeu impulso até ficar parado, balançando ao sabor das ondas.

No almoço, McCracken usou um boné branco de capitão, com a pala bordada de dourado que lhe dava um ar distinto. Ninguém falou durante a sopa. No fim da refeição, McCracken ergueu os olhos para o céu.

— Vamos rezar? — indagou.

Phil trocou um olhar com Tracey. Todos baixaram a cabeça. Foi uma prece silenciosa, íntima e rápida, embora Phil percebesse que os lábios de Tracey se moviam.

— Temo que estejamos numa encrenca — disse McCracken, acrescentando com ar tristonho: — O eixo soltou-se de uma das placas de retenção. Eu provavelmente não deveria ter ligado os motores.

— Deu certo por alguns segundos — disse Tracey.

— Sim, mas agora não há mais possibilidade de usarmos o eixo.

— Por quê?

— Ele parte da casa de máquinas e atravessa o casco inteiro, até chegar à hélice, onde sai do casco para a água. O problema ocorreu exatamente nessa junção. Se houver uma ruptura...

— O que acontece, então?

— Então, a água do mar penetra no casco.

— Afundaremos? — perguntou Tracey, incrédula.

— Não — disse McCracken, tranquilizando-a. — Nossas bombas dariam conta disso com facilidade. Mas os reparos seriam muito dispendiosos.

— Muito bem — disse Phil. — Que vamos fazer?

— Com sua permissão, vou falar pelo rádio com um amigo meu — respondeu McCracken. — É um excelente mecânico e talvez possa aconselhar-nos. Compreenda — acrescentou, enrubescendo —, é muito menos... bem... embaraçoso entrar no porto por nossos próprios meios que rebocados pela Guarda Costeira. Estou certo de que me entende.

Phil meneou vigorosamente a cabeça em assentimento.

Na casa do leme, McCracken debruçou-se sobre um pequeno microfone no console do rádio. Usava fones de ouvido. O transmissor ficava num canto da casa do leme, sobre uma pequena prateleira. Phil suspirou audivelmente quando McCracken informou que o amigo estava fora do alcance de escuta.

— Portanto, isso não nos deixa escolha — disse Phil.

McCracken encarou-o de frente.

— Nenhuma escolha.

— Quanto tempo a Guarda Costeira levará para chegar?

— Bem, presumo que as autoridades das Bahamas estejam mais próximas. Cerca de quatro horas. Uma vez que não nos encontramos em situação de emergência, talvez tenhamos um pouco menos de prioridade se o tráfego estiver intenso. Tudo isso tem que ser conversado pelo rádio.

A expressão de Phil revelava preocupação.

— O tempo está ótimo, Sr. Williams. Nem tudo é desastre. Por que não vai nadar? É uma boa terapia para músculos doloridos.

Enquanto Tracey e Phil boiavam de costas nas ondas mansas, os rostos voltados para o céu, os olhos fechados contra o sol brilhante, algumas nesgas de nuvens se entrelaçavam no azul. Enquanto os dois circulavam preguiçosamente à sombra do barco, Phil ouviu chamarem por seu nome.

— Sr. Williams! — gritou McCracken. — Pode chegar aqui, por favor?

Trêmulo, Phil galgou a escada. Tracey continuou boiando ao sol. Então, escutou vozes altas no convés. Subiu a escadinha e sentiu uma vertigem momentânea, agarrando-se à amurada. A voz de Phil, estridente e raivosa, chegou-lhe aos ouvidos. Tracey pulou depressa para o convés e jogou a toalha sobre os ombros.

— Que há de errado, Phil?

Phil se voltou, o rosto contorcido de desespero, raiva e confusão.

— O rádio não funciona! — explodiu ele. — Eles acham que fui *eu!*

— Absurdo!

Tracey estremeceu. Um pressentimento frio, inexplicável, percorreu-lhe as veias. Sacudiu a cabeça para afastar os cabelos da testa. Tudo lhe parecia estar acontecendo muito longe.

— Ora, certamente não fui *eu!* — rugiu McCracken.

— Por que, diabo, faria *eu* uma coisa dessas? — gritou Phil.

— Seus motivos não me interessam, Sr. Williams. Não tenho meios de avaliá-los!

— Calma! Todo mundo! — berrou Tracey. — Tenham calma, por favor!

McCracken fitou-a vagamente e depois olhou para Penny, que se postara raivosamente nos degraus da casa do leme. McCracken deixou-se cair sentado bruscamente, a imagem do desânimo.

— Peço-lhe desculpas, Sr. Williams. Perdi totalmente a compostura.

O Capitão olhou para o mar e tornou a fitar Penny. Afinal, embaraçado, levantou-se diante de Phil.

— Entenda, meu barco é uma parte de mim. Quando não funciona, eu soffro... Perdi a perspectiva das coisas.

— Há algum modo de consertá-lo? — perguntou Penny.

— É esquisito — replicou McCracken. — Parece haver uma conexão defeituosa. Ouçam.

Girando botões, McCracken debruçou-se sobre o aparelho, escutando com atenção. Girou o volume ao máximo. Uma estática baixa e desagradável foi emitida pelo alto-falante.

— Simplesmente não entendo — disse McCracken, acima do zumbido da estática, que passou a flutuar audivelmente, morrendo aos poucos.

— Não pode ser a bateria? — sugeriu Phil.

— É ligado ao gerador principal.

— Talvez seja uma das válvulas.

— Acho melhor eu dar uma olhada.

McCracken desparafusou rapidamente a tampa que cobria o interior do rádio. Das prateleiras mais baixas, tirou caixas de peças sobressalentes. Era como se Phil e Tracey nem estivessem ali. A intervalos, Penny estendia a mão e lhe entregava outra ferramenta. Trabalhavam em uníssono, depressa e com perfeição.

— O rádio é um aparelho muito simples — disse Penny, desencorajada. — Não há motivo para que deixe de funcionar.

O resto do dia foi dedicado a substituir as válvulas e estudar os complexos diagramas do manual do rádio.

Enquanto o sol se punha, McCracken caminhava sombria-mente pelo convés. O rádio continuava sem funcionar. Phil e Tracey estavam à amurada da popa. Tracey lançava olhares frequentes a Phil.

— Foi você? — indagou ela, afinal.

Phil a encarou, intrigado.

— Fui eu o quê?

— Quem quebrou o rádio?

Por um instante, Phil perdeu a fala.

— Ora, de que diabo está falando? Por que, diabo, faria eu semelhante loucura?

Tracey sacudiu os ombros.

— Você sabe... medo de sermos descobertos.

Phil gaguejou, procurando palavras para defender-se, quando McCracken surgiu das sombras.

— É o gerador — anunciou em tom solene. — Lembrem-se do que lhes disse a respeito do eixo? Como eu temia, a água penetrou no casco e inundou o compartimento do gerador. Temo que também estejamos sem luzes.

Acionou o interruptor da lâmpada do corredor interno. Lá embaixo, tudo continuou mergulhado na escuridão. Penny trouxe três lâmpões a álcool. Um iluminou o salão, outro o corredor de ré. O terceiro ela carregava consigo. As sombras ondulavam quando ela caminhava. Phil e Tracey acompanharam McCracken ao interior do barco.

— É como ficar trancado num caixão flutuante — comentou Phil.

— Ora, Sr. Williams — advertiu McCracken. — Não se deixe levar pelo pânico.

— Estou sendo realista.

— Há mais coisas em navegação que um pouco de água no gerador. Garanto-lhes que serão meus convidados para um almoço de lagostas, amanhã em Nassau.

Um pouco mais tranquilo, Phil permitiu que McCracken o conduzisse à mesa de jantar. Tracey acendeu nervosamente um cigarro. As sombras compridas lhe causavam medo. Penny trouxe outro lâmpão para a mesa.

— Por favor — disse McCracken. — Fiquem certos de que não estamos a mais de vinte milhas de um porto. Temos não apenas uma, mas duas baterias com as quais ressuscitar o rádio e chamar auxílio.

Tracey mergulhou compulsivamente nos bolinhos que Penny serviu. Enquanto os esmagava com a ponta do garfo, Phil pousou-lhe a mão na coxa, num gesto tranquilizador.

— Maldito azar! — disse McCracken. — Nem posso imaginar o custo desses reparos.

— Não incomodemos o Sr. e a Sra. Williams com isso — atalhou Penny. — Já se preocuparam bastante.

McCracken ergueu um cálice de licor. Phil sentiu o coração bater aos pulos.

— Tem razão, Imediato — disse McCracken. — À lagosta em Nassau.

Phil e Tracey ergueram seus cálices num brinde meio desanimado. O licor era mais forte do que esperavam. Tracey tossiu.

— Todo mundo nos observará, como uma tartaruga doente no Sea World — disse McCracken com seus botões. — Não importa.

Beberam. Phil e Tracey se retiraram para o camarote.

A luz do único lampião era pura, branca, firme. Lá em cima, o barulho metálico de ferramentas. Tracey estava nervosa. Quando fizeram amor, ela foi incapaz de corresponder e adormeceu com a cabeça no ombro de Phil enquanto este lhe acariciava o pescoço e braço.

Acima deles, McCracken martelava em algo pesado e metálico. Outro objeto foi arrastado pelo convés. Tracey estremeceu no sono e passou sonhadoramente o braço pelo peito de Phil. De repente, batidas raivosas à porta.

— Quem...? O quê...? — gaguejou Phil, sentando-se na cama.

— As baterias estão corroídas! — rugiu McCracken. — Escutou? Corroídas!

# Sete

Duas carcaças de baterias, negras de pó de ácido, estavam sobre um banco no salão principal. As partes laterais tinham sido arrancadas, deixando à mostra as tampas das células internas e, num dos casos, uma pequena grade metálica ainda molhada. Como dois sinistros blocos mortos, as baterias pareciam possuir uma gravitação própria, sobrecarregando o banco com o peso anormal do apodrecimento.

— Cristo! — exclamou Phil, aproximando-se lentamente delas.

Ao seu toque, mais pó caiu sobre o banco. Ele retirou a mão como se picado por um inseto venenoso. Virou-se para encarar McCracken.

— Que aconteceu?

McCracken passou a língua nos lábios e andou, arrastando os pés, até perto de Phil. Empurrou violentamente uma das baterias com o pé. A água escura lá dentro refletiu, ondulante, a luz do lampião.

— Carcaças rachadas, Sr. Williams. Deviam ter algum defeito. E também estavam guardadas lá embaixo. A água do mar penetrou. Uma eletrólise perfeita.

McCracken sentou-se pesadamente diante das baterias estragadas. Passou as mãos no rosto e exalou com força o ar dos pulmões. Parecia fatigado, exausto, com os cabelos em desalinho.

— Não pode recarregá-las? — quis saber Phil.

McCracken bateu com raiva nas baterias.

— Nada têm para recarregar. Olhe para elas!

Phil deu as costas ao banco. A visão das baterias arruinadas causava-lhe náusea e temor. Cruzando os barcos, encostou-se à parede. Tracey o observava, silenciosa, da outra extremidade do salão. Por detrás dela, observando todos, estava Penny, sombria e calada.

Olhando para as baterias e para as mãos capazes de McCracken, sujas de graxa, Phil sentiu-se desconfiado. Por outro lado, por que haveria McCracken de iludi-lo em alto mar? Era igualmente

proveitoso para ele chegar com o barco a um porto.

Que diabo está acontecendo aqui? — perguntou Phil em voz baixa. — O que será de nós?

— Não se preocupe. Tenho um emissor de impulsos, operado por sua própria bateria, que emite um sinal contínuo — disse McCracken. — Tem alcance de quinze milhas.

— Quinze milhas? Devemos estar a quarenta milhas de terra.

— Nem tanto. Além disso, navios passam frequentemente por aqui. Saberão o que significa o sinal.

— Mas por quanto tempo durará a pequena bateria?

— Não muito — admitiu McCracken. — Com uso inter-mitente, talvez algumas semanas.

— Oh, bem. Algumas semanas.

Se alguma coisa passar num raio de quinze milhas — acrescentou McCracken.

Tracey, embora tivesse ouvido tudo, atravessou o salão, esquivando-se das baterias como se fossem o próprio símbolo da morte, e foi até Phil.

— O que é, Phil? — indagou com voz sumida.

Phil estendeu a mão na direção das baterias. McCracken virou-se para o outro lado, num gesto de repulsa. Começou a encher o cachimbo.

— As baterias. Racharam é a água do mar entrou nelas. Estão estragadas.

Tudo por minha culpa — disse McCracken. — Guardei-as lá embaixo. Nunca, nunca se deve fazer isso.

— Significa que estamos à deriva — disse Phil simplesmente. — Sem motor e sem rádio. Não temos meios para sair daqui.

Tracey olhou para McCracken.

— É verdade, Capitão? Estamos naufragados?

McCracken fez uma pausa, lambeu os lábios, começou a acender o cachimbo, fez nova pausa e baixou o cachimbo apagado.

— Estamos desaparelhados, não naufragados. Desaparelha-dos.

— Qual é a diferença? — quis saber Tracey, erguendo um pouco a voz.

— Um navio naufragado afunda. É uma situação de vida ou morte. Para nós, porém, o principal problema é diferente.

— E qual é, exatamente, o nosso principal problema? — indagou Phil, ainda encostado à parede,

falando com calma.

— Esperar — disse o Capitão, acendendo finalmente o cachimbo.

— Esperar?

— Só isso, Sr. Williams. Esperar por outro navio. Por um avião que passe. Não é agradável, mas também não corremos extremo perigo. Temos o emissor de impulsos. Possuímos meia dúzia de foguetes de emergência. Seremos encontrados. Chegaremos a Nassau, podem crer.

Phil suava profusamente. Um calor pesado e desagradável lhe dominava o corpo. Tracey tinha razão a respeito de uma coisa: ele tinha medo de ser descoberto. Se o *Penny Dreadful* fosse rebocado para o estaleiro em Nassau, seria tirado da água, virado de lado e os operários locais efetuariam os reparos. Isso significava que toda a marina tomaria conhecimento do caso. E quem fazia farras em Nassau naquela época do ano? Gente de Nova York. Se a notícia eventualmente circulasse em Nova York, sua esposa teria testemunhas e, talvez, até mesmo documentos legais de entrada na ilha, provando que ele estivera com Tracey em Nassau. Barbara disporia dos mecanismos necessários para livrar-se dele. Phil enxugou o suor do lábio superior.

E o centro de desenho de modas? Ela lhe tomaria aquilo? Nada estava em nome dele. Sua posição legal era pouco melhor que a de um assalariado. Poderia ela tirar-lhe também os filhos? Não haveria limite para o abismo? Phil despertou como se de um pesadelo. Seria possível passarem incógnitos por Nassau?

A voz de Tracey arrancou-o das reflexões.

— Então, não estamos em posição tão ruim, não é mesmo? — perguntou ela, um pouco depressa demais. — Quero dizer, não estamos afundando. Não é verdade.

McCracken não respondeu, limitando-se a tirar fundas baforadas do cachimbo. Então, ergueu-se devagar, deu as costas às baterias e ergueu uma sobrancelha.

— À deriva — repetiu. — Sim, estamos à deriva.

— Mas estaremos bem? — quis saber Tracey, ansiosa.

— Temos víveres para vários dias — disse Penny. — Com o que podemos tirar do oceano, poderemos fazê-los durar semanas, caso necessário. Existe água potável de emergência. Não há motivos para ansiedade.

— Quanto tempo pensam que levará? — indagou Phil.

— Dois dias. Três. Depende do tráfego marítimo nesta zona!

Após algum tempo, Phil desistiu. Se era necessário esperar, não parecia haver sentido em fazê-lo junto à porta do salão. O relógio de parede indicava que era um pouco mais que quatro horas. Incapazes de dormir, ele e Tracey se dirigiram à escada e subiram ao convés. O mais estranho foi a maneira pela qual os McCracken se limitaram a ficar sentados, observando-os sair do salão. Era como se esperassem outra reação dos passageiros.

No convés, Phil e Tracey andaram até a casa do leme, depois até a popa e, afinal, até as cadeiras de convés, onde se sentaram. À noite esfriara. A lua, cheia e brilhante, descia rapidamente no céu.

Phil segurou a mão de Tracey, mas esta sentiu que ele tinha algo mais em mente.

— Em que está pensando? — perguntou ela.

Phil soltou-lhe a mão. Após um momento, respondeu, medindo as palavras:

— Eu não quebrei o rádio. Mas estou preocupado com o que pode acontecer quando formos socorridos.

Virou-se para Tracey, acrescentando:

— Nassau está cheia de gente de Nova York. A notícia se espalhará.

Tracey o fitou, incapaz de disfarçar sua amargura.

— Eu diria que é um preço baixo em troca de sermos salvos, não acha?

Phil suspirou.

— Talvez para você, não para mim.

Tracey recostou-se, esticando as pernas. Esforçou-se por manter a calma, mas sua voz tremia:

— Formidável! Num momento como este, você só consegue pensar nela!

Phil procurou um cigarro, encontrou, e tirou o isqueiro da blusa de Tracey.

— Não estou pensando nela, pelo menos não no sentido que você deu a entender. Diabo, falemos sério. Ela sabe que não estou numa viagem de negócios.

Tracey virou-se para ele, genuinamente surpreendida.

— Quer dizer que ela sabe a respeito de nós?

— Mais ou menos. Não todos os detalhes.

— Entendo.

Aquilo significava que não era a primeira vez para Phil. Aparentemente, a esposa dele preferia virar o rosto para o lado. Tracey presumira isso, mas nunca haviam abordado claramente o assunto. Sentia-se diminuída.

— Se isto se espalhar, ela me arruinará — disse Phil, muito pálido. — Barbara é paranóica em matéria de escândalos. Eu valeria tanto divorciado como nu. Ela me tomaria tudo. O negócio, os filhos... Cristo, que encrenca!

Não havia qualquer som no oceano. Nem mesmo pequenas ondas batendo no casco. Uma estranha

indolência, salgada e desagradável, desceu sobre o convés. Tracey mexeu-se na dura cadeira de convés.

— Bem, talvez você tenha sorte e ninguém descubra — disse num tom perceptivelmente duro, que Phil ignorou.

— Claro que descobrirão. Um barco desarvorado, um iate de luxo, rebocado para a marina? Os mexericos voam... os jornais locais... diabo! Não têm outra coisa de que falar. Mais cedo ou mais tarde, a notícia chegará a Nova York. E quando isso acontecer, minha cabeça rolará na guilhotina.

Tracey replicou em tom áspero:

— E quanto à *minha* cabeça! E quanto ao meu casamento! Eu também tenho algo em jogo!

— Não se zangue.

— O que quer que eu faça? Que me jogue pela borda?

— Eu estava apenas comunicando minhas preocupações a você, Tracey. Não entenda mal.

Mesmo no frio da noite, o suor escorria pela nuca de Tracey. Pegou uma toalha e enxugou-se. Estava desanimada demais para voltar ao camarote.

O luar banhava-lhes as pernas. A amurada refletia o brilho suave. Permaneceram assim, sentados em silêncio, enquanto a lua cedia gradativamente a prioridade à bola vermelha e quente que se erguia no leste.

— Estou com sede — disse Phil.

Levantou-se, deixando uma pequena marca úmida onde a parte posterior de seus joelhos estiveram encostadas na cadeira.

— Vamos ver se há algo gelado para tomarmos.

No salão, McCracken e a esposa estavam fazendo anotações e conversando ansiosamente, consultando a intervalos as páginas do registro de bordo, o grande livro de capa negra. Quando Phil e Tracey entraram, eles fecharam o livro.

— Podem destrancar o cadeado? — perguntou Phil.

Penny lançou-lhe um olhar.

— A combinação está escrita nas costas.

— Está?

— Certamente. Nós o usamos apenas para manter o trinco fechado. Espero que não tenha pensado que o trancamos para impedir seu acesso às bebidas — disse Penny com um riso suave.

Phil enrubesceu. Serviu um fraco uísque com soda para Tracey e uma dose de uísque com água para

si. Pegaram revistas na prateleira junto ao armário de bebidas e começaram a folheá-las distraidamente.

— Dividimos em segmentos as tarefas dos próximos dias — anunciou McCracken. — Suas sugestões serão levadas em consideração.

— Obrigado — disse Phil, seco. — Há uma coisa...

— Sim?

— Se um cargueiro ou barco da patrulha costeira nos socorrer, o que acontecerá? Isto é, precisaremos exhibir pas-saportes e identificação?

McCracken bateu com o lápis no lábio.

— Devo apresentar meus documentos, declarar a natureza do cruzeiro e a causa do desaparecimento do barco. Seguro. Minha nacionalidade. Registro do barco. Por quê?

— Apenas curiosidade.

McCracken: voltou a fazer anotações com Penny. Phil lançou-lhe um olhar de esguelha, mas eles não deram sinal de perceber seus motivos. Phil continuou a folhear a revista e a bebericar o uísque. As horas se passaram, relativamente frescas, silenciosas, tranquilas.

Penny e Tracey foram à cozinha preparar o café da manhã. McCracken recolheu o livro de registro e as anotações, para levá-los a seu Camarote. Junto à porta, virou-se para Phil.

— Sr. Williams, caso os reparos sejam demorados...

— Sim?

— Acho que devemos chegar a um acordo quanto ao restante do cruzeiro. Quase sete dias, creio.

— E... ?

— O Imediato e eu discutimos o assunto. O que lhe convier estará bem para nós. Pode passar os dias de reparo em terra: Ou, se preferir, pode contratar outro barco.

— Conversarei com Tracey. Se a solução for esta, os dias não utilizados serão ressarcidos.

Muito justo.

McCracken exibiu um sorriso paternal e pediu licença para retirar-se. Enquanto o Capitão levava o material para seu camarote, Penny pôs a mesa no salão de ré. Já que os ventiladores não mais funcionavam, o interior do barco tornava-se aquecido, abafado, embora as vigias estivessem abertas.

O café da manhã foi leve. Ovos quentes, bolachas de água e sal, fatias de laranja. Phil mal tocou a comida. Seu intestino cansava problemas e ele desconfiava que precisaria ir ao médico quando voltasse para casa. Depois do café, McCracken trouxe para a mesa um revigorante matinal.

— Má sorte, mas bom licor — disse jovialmente. — A vocês dois.

— Ao *Penny Dreadful* — disse Penny, erguendo o cálice.

O silêncio no barco era enervante. Dava a impressão de esperarem por alguma coisa, como alguém espera o trovão depois de ver o relâmpago. Tracey serviu-se de um segundo cálice de licor, mas não conseguiu bebê-lo.

— Com licença — disse ela, nervosa, retirando-se apressadamente para o camarote.

Phil excusou-se e foi atrás dela.

— Sente-se mal? — indagou ele, abrindo a porta.

Tracey estava deitada na cama, fitando o teto com olhos muito abertos. Quando falou, sua voz estava tão pálida e desprovida de emoção quanto seu rosto.

— Não é estranho? — murmurou.

— O quê?

— Ficar assim, à deriva.

— Bem, certamente ninguém planejou isto.

— Primeiro o eixo, depois o gerador, então as baterias...

— O que está querendo dizer?

Tracey moveu a cabeça no travesseiro. Phil sentou-se desanimadamente numa cadeira perto da arca.

— Esta foi a primeira vez.. a única vez... em que...

— Em que o quê?

— Em que fiz alguma coisa errada. Realmente errada. E aqui estamos: perdidos no oceano.

Phil não gostou do tom da voz dela. Era como se estivesse sozinha no camarote, falando consigo mesma.

— Durma um pouco, querida — disse ele.

É a primeira vez — repetiu ela. — E a única.

Phil foi até ela, acariciando-lhe o rosto. Aos poucos, Tracey ficou cansada e fechou os olhos. Phil subiu à casa do leme, onde McCracken media a altura do sol com um antigo, sextante de bronze.

— Como está a Sra. Williams? — perguntou McCracken.

— Não muito bem, temo. A propósito, eu também.

— Relaxe, Sr. Williams. Esta unidade ELT está emitindo um sinal contínuo de pedido de socorro. Alguém terá que captá-lo.

— Assim esperamos — disse Phil, afastando-se.

Sentia-se inútil. A espera o enervava. Penny se encontrava na popa do barco, ocupada em esfregar o convés. Por que, refletiu Phil, não seguir o exemplo dela? Os McCracken eram os líderes reconhecidos, senão os sumo-sacerdotes, naquela sociedade de quatro pessoas. E se a sociedade quisesse sobreviver, os membros que a compunham precisariam absorver a disciplina e os valores do Capitão e sua esposa. Por que Phil não podia tentar pensar da mesma forma que o Capitão? Por que resistia a um mecanismo tão óbvio? Por que se sentia violentado? Seria simplesmente pelo desmoronar da ilusão de que ele, Phil, era senhor de seu destino, um indivíduo com seus próprios direitos e objetivos? Por que se sentia, agora, à beira de uma monstruosa derrota?

O dia se passou numa tediosa progressão de minutos. O almoço foi suprimido por unanimidade de votos. Tracey permaneceu no camarote durante o simples mas delicioso jantar: filés de carne com arroz à grega, acompanhados de frutas, queijo e um saboroso refresco de vinho.

Mais tarde, quando o sol descia rapidamente no horizonte, McCracken surgiu com um lampião a álcool, acendeu-o e fixou-o na amurada de popa. Aparentemente, temia ser abalroado por outro barco, pois fez o mesmo na proa. Isto deixou quatro lampiões para o interior do barco: um em cada camarote e dois na parte social. Penny diminuíra o volume da luz e deixara um bilhete para Phil no sentido de fazer a máxima economia de combustível.

Phil se deitou. Tracey ainda dormia, inquieta, mexendo-se e virando-se na cama. Phil segurou-lhe a cabeça de encontro ao próprio peito, o que pareceu acalmá-la. Seu sono se tornou mais tranquilo. A escuridão nunca chegou a dissipar-se e Phil não conseguia enxergar os próprios pés na outra extremidade da cama. Permaneceu acordado durante horas, pensando no lar, nos filhos, no negócio e na esposa. Nessa ordem.

Sempre que Phil pensava no lar, tudo começava com uma visão da sua bela casa em Cape Cod, construída em 1788, uma alta estrutura branca que passara por três restaurações e duas expansões. Situava-se em Ossining, a poucos minutos de automóvel do rio Hudson. Fora legado à sua esposa pelo avô, fundador do negócio cuja direção Phil assumira após o casamento e que, atualmente, incluía desenhos de roupas de couro e camurça para moda feminina. Era uma casa nobre, que nenhuma relação tinha com os ancestrais de Phil ou Barbara. Phil a adorava. Dava-lhe um forte senso de seu próprio valor ver o orvalho acumular-se nas árvores e na sebe que marcava os limites da propriedade. Phil gostava de ver os dois filhos jogarem futebol entre as folhas vermelhas e douradas.

Barbara Sobel usava blusas brancas, saias de *tweed* e dispendiosas roupas de couro e camurça vindas do centro de desenho de modas de Phil. Seu gosto se inclinava para estanho e prata, e ela mantinha a casa cheia de móveis de carvalho, e mogno. Exigia que os criados residentes na casa fossem obedientes e sem maiores atrativos físicos. O que Phil fazia em Nova York era da conta dele, mas a casa em Ossining era o claustro de Barbara. Dali, ela trabalhava para estender suas ligações sociais com as famílias que residiam mais acima no vale do rio. Um tanto contra a vontade, deu a Phil dois filhos homens e agora exigia que nem a mínima quebra de decoro, muito menos qualquer sombra de escândalo maculassem a vida que seus antepassados lhe haviam confiado para zelar.

No centro de desenho de modas, Phil era encarado como um competidor que estabelecia o ritmo da corrida. Seu talento era perceber no ar pequenas, quase imperceptíveis vantagens na rede de suprimento e distribuição na Europa e em Nova York, abrindo caminho à força até consegui-las. Pagava extraordinariamente bem a seus desenhistas e mantinha-os em circulação pela Europa numa base sazonal. Através desse método, estabelecera um canal secreto de informações nos centros da moda, o que lhe permitia antecipar-se rapidamente a eles em Nova York. De tempos em tempos, fazia pessoalmente uma viagem de compras, geralmente à Europa, mas, ultimamente, também ao Oriente Médio. Barbara exigia apenas que ele partisse e regressasse sozinho, além de ser discreto.

Tracey não era a primeira esposa de um sócio ou amigo que Phil seduzira. Ao contrário das outras, mostrara-se muito difícil. Havia em Tracey dimensões que conduziam a áreas de refinamento. Era esquiva, como mercúrio. Era quase virginal, pois tinha um marido tímido. Embora hesitante e tímida a princípio, cresceu sob a orientação de Phil. Seu calor o envolveu até que ele se sentiu novamente um menino, em segurança nos braços de uma mulher que lhe correspondia.

A neve fria se transformara em chuva quando o marido de Tracey, batendo com os óculos escuros de encontro aos dentes, relatou a Phil seu compromisso no Ártico. A Força Aérea estava trabalhando numa rede de sistemas portáteis de orientação de mísseis ao longo da fronteira Alasca-Sibéria. Envolvia mísseis atraídos pelo calor, lançados: tanto de submarinos como de veículos motorizados. Larry jurara segredo, mas confidenciou que durante três semanas ninguém no mundo saberia exatamente onde ele se encontrava. Além disso, não teria permissão para telefonar ou escrever para casa. Phil divisou sua oportunidade.

No consultório de um dentista, folheando um velho exemplar de *Sun'n' Fun*, Phil encontrou um anúncio tarjado na última página.

Telegrafou, expressando seu interesse. Recebeu uma resposta datilografada indagando sobre seus interesses, esposa, negócio, itinerário pretendido. O timbre era “Cruzeiros no Caribe, S/A”. A assinatura quase ilegível. Phil percebeu que provavelmente se tratava de uma equipe formada por marido e mulher. Divertiu-se com o fato de haverem anexado fotografias do barco, das ilhas, mas não de si próprios. A abordagem tinha algo de informal e familiar, e era óbvio que desejavam agradar-lhe. Escreveu de volta, comunicando sutilmente seu desejo de discrição e a resposta, um convite para as duas primeiras semanas de janeiro, foi enviada, como a primeira carta, para a sua caixa postal.

Jantando lagostas, Phil e Tracey concordaram em ir. Combinaram não mais se encontrarem depois de retornar.

As festas natalinas deram a impressão de passar com uma lentidão sem precedentes. Phil disse à esposa que não o procurasse nas duas semanas seguintes ao Ano Novo. Nada mais disse a respeito. Nem ela. O Natal foi uma linda nevada, árvores de Natal cintilantes, noites escuras e prolongadas. Tudo perfeito, refletiu ele. Comovido de ternura, observou os filhos, de pijamas, rolares pelo tapete e pelo chão de tábuas corridas em frente à lareira de pedra.

No Segundo dia do ano, Phil avisou ao escritório de que, face às pressões do esquema de trabalho na época de festas, partiria para duas semanas de férias. Não deixou endereço, delegou suas responsabilidades aos auxiliares e partiu. De algum modo, circulou a ideia de que ele iria para o Marrocos, Phil nada fez para corrigir o boato.

Sua única concessão a Barbara foi assegurar que não havia possibilidade de que suas atividades fossem descobertas; Phil supunha, ser isso a única coisa que devia a ela.

Como um menino às vésperas do aniversário, Phil imaginou as semanas seguintes e se deixou levar pela imaginação. Sonhava de olhos abertos e excitava-se com facilidade. No vôo para Coral Gables, teve um súbito medo de que Tracey não viesse. Sabia não ser o tipo de coisa que ela costumava fazer. Alternou-se entre, euforia e depressão ao caminhar pela alameda que levava ao lugar de encontro, um restaurante, na marina.

Tracey gemeu baixinho, trazendo Phil de volta ao presente. Puxando-a para si, acariciou-a levemente. Fechou os olhos, não esperando dormir. Todavia, por estranho que lhe parecesse, adormeceu.

# Oito

Phil acordou sem conseguir lembrar-se de ter-se deitado. Um cheiro repugnante invadia o camarote. Tracey vestiu-se em silêncio. Quando saíram para o corredor, um aroma forte, adocicado, os sufocou.

— Carne de porco! — murmurou Tracey. — Às cinco e meia da manhã?

— Desde que o gerador enguiçou, a comida está estragando — disse Penny, erguendo os olhos da mesa do salão, lindamente arrumada com toalha e guardanapos brancos.

— É melhor comer enquanto podemos.

Lançou um olhar simpático a Tracey.

— Espero que se sinta melhor. Dormiu o dia inteiro.

— Sim — respondeu Tracey, indiferente.

Phil sentou-se educadamente, mas a visão do assado, os lados brilhantes de molho, cenouras bolando em gordura, revoltou-lhe o estômago.

— Acho melhor comerem bastante — disse McCracken em tom aborrecido. — Ainda tem muita comida lá dentro;

Phil espetou um pedaço com o garfo e comeu devagar, Não obstante, o estômago protestou.

Estudando a carne de porco no prato, os olhos de Tracey brilharam repentinamente quando ela teve uma ideia. No tom de um grande detetive examinando cuidadosamente as pistas, Tracey disse:

— Se a comida está estragando, Capitão, não temos suprimento para três ou quatro, dias. Estará, tudo estragado ainda hoje.

— Não — replicou McCracken, — O depósito de carnes está frio. Vamos pendurar algumas latas no mar, só para ver se as frutas se conservarão dessa maneira. Não vejo motivos para rever nossa estimativa.

— Por que não fomos socorridos? — insistiu Tracey, desconfiada. Julguei que estivéssemos numa rota de navegação internacional...

— Talvez tenha ocorrido uma tempestade. Isso retardaria os cargueiros.

Tracey comeu mais um pedacinho de porco, tomou café e acendeu um cigarro:

— Talvez não tenham captado nossos impulsos. Talvez a bateria tenha acabado.

— Não. O impulso é transmitido por sua própria bateria, que está funcionando perfeitamente. Como já expliquei, o alcance é limitado a quinze milhas.

— Tenho certeza de que a bateria acabou.

McCracken e Penny trocam olhares. Phil percebeu que Tracey estava desmoronando.

— Nos velhos tempos, um barco à deriva era-algo terrível — disse McCracken num tom calmo. — Irrompiam brigas. A sede enlouquecia a tripulação. Os passageiros tinham visões. Mas a maioria sobrevivia. Por mais que se pudesse criticar as marinhas européias, seus oficiais eram de primeira qualidade. Na minha; opinião, Sra. Williams, a maior parte das histórias do mar, embora verdadeiras naquela época, são por demais sensacionalistas. No cômputo geral, a navegação à vela era apenas um negócio árduo e difícil. Se o Capitão conhecesse o ofício, se a tripulação obedecesse, raramente o navio deixava de chegar ao porto.

— Nada sei a respeito dos velhos tempos — declarou Tracey com voz aguda. — Só sei que estamos desarvorados. Somos como uma rolha no oceano.

— Permita-me terminar, Sra. Williams. Some ao que eu disse toda a diferença trazida por um século: a Guarda Costeira, as comunicações, as cartas de navegação perfeitas, os métodos aprimorados de estabelecer a posição do barco, o excelente projeto das embarcações — e deve concordar que a situação não é tão desoladora. Não tão romântica, mas não tão desoladora.

Tracey estudou atentamente o rosto do Capitão.

— Muito bem — disse ela finalmente. — Confio no senhor.

— Confie, por favor. Facilitará muito as coisas. Agora, quem está na faxina?

— Penny esteve ontem — respondeu Tracey sombriamente.

— A senhora se importaria de cuidar da cozinha? — indagou McCracken.

— Não, creio que não.

— Certifique-se de usar a água no balde cinzento — disse Penny.

Tracey assentiu com a cabeça. McCracken pediu licença e foi para a casa do leme. Penny terminou de guardar todas as frutas no conservador de carnes e passou a limpar a geladeira. Pegou algumas latinhas, nas quais colocou creme, manteiga, suco e geléia. Prendendo as latas numa corda, passou-as

pela vigia da cozinha e mergulhou-as no mar. Tracey deu uma espiada no conservador de carnes. Teve a impressão de que ainda restavam, grandes quantidades de frutas, legumes e carne de porco.

No convés, McCracken acomodou Phil na cadeira de pesca. Uma hora mais tarde, Tracey substituiu Phil no segundo turno.

— É ridículo — segredou Tracey. — Mandam-nos pescar enquanto, estamos parados como alvos numa galeria de tiro.

— Ninguém está morrendo — replicou Phil, paciente. — Além disso, precisamos de comida.

— Por que o Capitão não falou conosco o dia inteiro?

— Está ocupado, fazendo cálculos — respondeu Phil, lançando um olhar à casa do leme. — Olhe só para ele. Usa todos aqueles instrumentos antigos. Creio que aquilo é um sextante. Mede a altura do sol, ou algo semelhante.

Tracey olhou com repulsa para o único, peixe negro que se debatia desesperadamente no convés aquecido pelo sol. Recolheu a linha e tornou a lançá-la.

— Aposto que seremos socorridos hoje — disse Phil. — Eu gostaria de passar alguns dias num hotel de luxo, com piscinas, quadras de tênis e boates. Você não gostaria?

— Eu gostaria de visitar uma igreja — replicou Tracey.

— Por que não? Nassau não pertence à Comunidade Britânica? Aposto que deve ter lindas catedrais.

— Não rezo desde que era menina.

Phil franziu de leve a testa e curvou-se para beijar Tracey, que fitava o vácuo com a boca entreaberta e o pensamento distante.

Por volta de meio-dia, pegaram três peixes pequenos, que Penny guardou no fundo do congelador. A cozinha se tomara quente e úmida. McCracken não apareceu para o almoço. As três e meia da tarde um minúsculo ponto, um avião, passou no horizonte. McCracken disparou quatro dos seis foguetes de socorro. Aparentemente, porém, o avião estava longe demais para percebê-los.

O salão principal era o lugar mais fresco do *Penny Dreadful* e Tracey passou a tarde examinando nervosamente os romances na estante e os mapas antigos nas paredes, McCracken, calado e pensativo, permaneceu na casa do leme.

— Mais problemas? segredou Phil a Penny, fora do alcance dos ouvidos de Tracey.

— O Capitão nos informará logo que saiba.

Phil espiou para o horizonte através da vigia. Parados à porta do salão, só conseguiam ver o oceano aquecido pelo sol. De repente, ele se virou para Penny.

— Acha que estamos derivando para Cuba? — indagou.

— Se estivermos, derivando, é exatamente na direção oposta.

— Quero dizer, eles prenderiam o bote e nos jogariam na cadeia, não é mesmo?

Penny sacudiu os ombros, num gesto ambíguo e riu baixinho.

— Não há possibilidade-de chegarmos, a Cuba, Sr. Williams.

— Bem, creio que fico um pouco paranóico. Eu não sabia, mas é assim que reajo ante o perigo.

Penny fixou uma vidraça de vigia que sé fechara um pouco. Virou-se, encarando a brisa quase inexistente que mexia com alguns fios de seu cabelo que o lenço vermelho não prendera direito.

— O perigo galvaniza o Capitão — comentou.

— Bem, ele é um profissional.

— Suponho, no cômputo geral, que as pessoas se retraem totalmente ou se extrovertem ao ponto de cometerem imprudências. Parece que não existe um meio-termo.

A tarde continuou quente. Até mesmo quando o céu no oeste assumiu a coloração amarela que prenunciava o crepúsculo, o rosto de Phil transpirava copiosamente. Devido ao limitado suprimento de água, estavam restritos aos banhos de mar.

McCracken não apareceu no salão para o jantar. Falava apenas com Penny. A casa do leme estava entulhada de instrumentos, cartas de navegação e anotações de rumo. Phil evitava a casa do leme, mas andava a intervalos pelo convés, estudando McCracken a distância.

— Por que ainda não avistamos um navio? — sussurrou Tracey:

— Phil sacudiu os ombros.

— Não devíamos estar à procura de navios? — insistiu ela. — Por que eles não pensam nisso? O Capitão tem uma luneta.

— Tem razão. Vamos perguntar a ele.

McCracken não ergueu os olhos quando eles se aproxima-ram, nem respondeu quando lhes dirigiram a palavra.

Foram procurar Penny, que limpava peixes na amurada de popa, junto ao mastro da bandeira.

— Não deveríamos estar à procura de navios, com a luneta? — perguntou Phil.

— Se quiserem — replicou Penny, lacônica.

— Bem... quero dizer... adiantaria?

— Os navios nos perceberão no radar antes que possamos avistá-los.

— Oh, eu não sabia — disse Phil. Sacudiu os ombros,

— Então, dependemos do emissor de impulsos — disse Tracey. — Que só tem um alcance de quinze milhas num oceano que tem milhares de milhas de extensão.

— Não onde estamos. Os cargueiros e barcos de recreio convergem quando se aproximam das ilhas. Não perca a perspectiva correta da situação, Sra. Williams.

O rosto corado de Tracey ficou repentinamente rígido, McCracken dera três badaladas na sineta.

— O Capitão decidiu — disse Penny, tirando o avental. — Convoca uma reunião no salão principal.

McCracken abriu uma grande carta de navegação em cima da mesa, prendendo os cantos, com objetos de cerâmica retirados da estante; Phil observou um pequeno círculo desenhado onde três linhas a lápis se cruzavam. Afinal, uma brisa fresca mexeu as cortinas das vigias. McCracken apontou para uma série de curvas azuis que circundavam uma massa de terra.

— O senhor se lembra dessa corrente, Sr. Williams — disse o Capitão num tom enérgico. — É a que perdemos no outro dia.

— Sim.

— Aparentemente, fizemos uma curva para mais longe dela do que eu julgava. Eis o motivo pelo qual não avistamos cargueiros.

Outra brisa fresca circulou no salão. Penny abanou-se com um leque japonês. O Capitão prosseguiu:

— Em resumo, estamos mais ao norte do que eu esperava.

— O que significa isso em termos práticos?

— Significa... está vendo esta corrente aqui?... significa que estamos derivando para alto mar.

Um pesado silêncio reinou no salão. As cortinas se mexiam até mesmo na cozinha. O que apavorou Phil foi a calma com que Tracey aceitou a notícia, limitando-se a menear a cabeça ao digerir lentamente a informação.

— Não compreendo — protestou Phil. — Não há vento. Não estamos sendo soprados para alto mar.

McCracken pigarreou.

— Eu lhe expliquei, Sr. Williams. Uma corrente é como um rio. O que estiver nela corre com a água.

— Bem, isso... quero dizer... até onde ela nos levará?

A ponta seca do compasso de McCracken raspou a carta onde as linhas concêntricas se curvavam gradativamente de volta para o sul.

— Até iniciar essa curva de volta, cerca de duzentas milhas.

— Meu Deus... é um desastre! — explodiu Phil.

Sim, Sr. e Sra. Williams. A situação se tornou grave. Já não podemos ignorar a verdade.

Phil recostou-se na cadeira. Atirou no chão um guardanapo de papel sujo e amarrotado, olhou para o teto e assoviou. Tracey meneou inexpressivamente a cabeça. Os McCracken observavam as fisionomias dos passageiros.

Eu sabia — disse Tracey, num tom oco. — Eu soube logo que acordei.

— Está bem, Tracey, fique calma. Temos todos que manter a calma e escutar o que diz o Capitão. Isto apenas custará mais tempo e nos obrigará a trabalhar mais duro. Só isso:

— Ele tem razão, Sra. Williams — disse Penny. — Deve ser realista. Já não é uma viagem de recreio.

Penny parou de abanar-se. Estudou o rosto de Tracey, que enxugou o suor com a mão e controlou o tremor.

— Têm razão — murmurou ela. — Já não é viagem de recreio.

Phil beijou a nuca de Tracey, tentando agir com naturalidade. Tracey contraiu-se ao ser beijada.

— Quais são suas ordens, Capitão? — indagou Penny energicamente.

— A primeira é que a Sra. Williams deve ir para o camarote e tentar dormir. Talvez necessitemos de seu auxílio e quero vê-la animada.

Phil deu uma palmadinha na coxa de Tracey.

— A segunda, nós já começamos — continuou McCracken. — Refere-se a certos procedimentos com relação aos estoques remanescentes de víveres e água potável. É bem possível que implique num racionamento.

Phil apertou as pálpebras, enquanto o Capitão prosseguia:

— Uma vez que prevíamos atracar há vários dias e já que a maior parte de nosso estoque consiste de frutas frescas, carne e legumes, que estão sujeitos a deterioração, resta-nos muito pouca comida.

— Quanto? — quis saber Tracey.

— Como eu disse antes, o suficiente para três ou quatro dias. Agora, porém, temos que pensar na possibilidade de um período mais longo no mar.

McCracken olhou para Phil, que nada teve a dizer. O Capitão passou a mão sobre a carta, bateu com os dedos na mesa e tornou a pigarrear, concluindo:

— Quanto ao assunto mais urgente, que é estabelecermos contato, tenho algumas idéias que exigem cálculos mais meticulosos.

— Tem algo em mente? — indagou Phil.

— Sim, Sr. Williams. Quando eu tiver certeza, comunicarei.

McCracken ergueu-se bruscamente, enrolou a carta e voltou à casa do leme. Penny foi à cozinha para fazer um inventário dos víveres e preparar os cardápios para vários dias.

— Bem — suspirou Phil —, acho que é para valer.

Quando Tracey não respondeu, Phil olhou para ela. Os olhos de Tracey eram focos brilhantes de intensidade emocional. Um sorriso ladino lhe bailava nos lábios.

— Primeiro a tempestade, depois o gerador — disse no tom comedido que usara durante o café da manhã. — Então, as baterias e agora o Capitão calculou mal a nossa posição.

Phil permaneceu calado, mas atento. Tracey insistiu, como Miss Marple acuando o vilão num romance de Agatha Christie:

— Se você tivesse um gerente que cometesse tantos enganos, o que faria?

O dedo de Phil traçou um desenho na toalha de mesa.

— Entendo o que quer dizer, mas...

— Diga apenas isso. Se você tivesse um gerente cujas máquinas quebrassem, que não tivesse uma máquina auxiliar ou algo semelhante, que fosse incapaz de saber a situação do cronograma de produção, o que faria você?

— É diferente.

— Você tem medo de encarar objetivamente a situação.

— Em primeiro lugar, conheço o negócio melhor que meus gerentes. Sei distinguir se são competentes, se seus cronogramas são realistas, e quais são os seus problemas. Sei o que é fácil e o que é difícil. Aqui, só Deus sabe. Você sabe como navegar? Tudo num barco é tão malditamente complicado! Quem pode dizer se McCracken deveria ter agido de modo diferente?

— Phil, no fundo você sabe — retrucou Tracey em voz alta e firme.

Não fale tão alto. Em segundo lugar, como acontece numa batalha, você não destitui um general só porque um pequeno detalhe, deu errado. Acidentes acontecem. Existe algo chamado má sorte. Além disso, que espera que eu faça? Despeça o Capitão no meio do oceano? — Phil baixou a voz e advertiu: — Aí vem o imediato. Mude de assunto.

Penny entrou no salão, indo à mesa onde Phil e Tracey continuavam sentados.

— Eu aconselharia uma espécie de programa — disse ela. — Alternar turnos de pesca com turnos de faxina. É boa ideia manter as coisas bem arrumadas, para elevar o moral.

Entregou a Phil uma folha de papel manuscrita.

— As regras não são inflexíveis — acrescentou com um sorriso. — Servem apenas para estruturar um pouco as obrigações de cada um. Creio que facilitarão as coisas.

Phil aceitou o papel de Penny. Estudou-o cuidadosamente e depois mostrou-o a Tracey.

— Eis aí. Está vendo? Tudo sob controle.

— Sim — suspirou Tracey, numa voz estranhamente calma. — Tudo sob controle.

O toque de um sino às cinco e meia em ponto arrancou Phil e Tracey do sono. Após um café da manhã de frutas bolachas, geléia e café, Tracey foi amarrada à cadeira de pesca. Os pequenos pedaços de peixe nos anzóis a enojavam. Quando recolheu a linha com um peixe preto que se debatia, bateu-lhe dez vezes com um pau, até que ele ficou imóvel. A princípio, teve que pedir a Phil para retirar os peixes do anzol. Depois, quando ficou suada, suja de entranhas de peixe, cheirando a podre, não fez mais diferença. Puxava violentamente os anzóis com o alicate especial.

Phil lavou o depósito de carnes. Alguns dos legumes já se estragavam. Os tomates estavam moles. Quando ele se debruçou para o interior, o cheiro de mofo e apodrecimento aumentou. Phil derramou soda cáustica na esponja e esfregou vigorosamente as prateleiras de tela metálica. A carne ainda parecia boa. Na parte interna da porta, estava pregado o programa de cardápios elaborado por Penny, uma cuidadosa combinação de frutas, féculas, carne ou peixe, para uma semana se fosse preciso. Phil contou os víveres que restavam. Aparentemente, nada sobraria após sete ou oito dias.

Phil recuou repentinamente a cabeça, batendo-a dolorosamente na moldura da porta. O eco do sino do barco reverberava estranhamente entre as prateleiras; Tirou o avental, limpou as mãos, passou por cima do balde de água ensaboada e subiu correndo a escada. No convés, Tracey lavava a sujeira das calças com um balde de água do mar. Parecia derreada, as mãos arranhadas e vermelhas de escamas de peixe, queimadura de sol, água salgada e anzóis em forma de arpão.

— Onde será a reunião? — perguntou-lhe Phil.

— Ela está arrumando a mesa à frente da casa do leme.

McCracken, não vendo Phil e Tracey, tocava violentamente a sineta. Parou quando os avistou. Usava uma camisa branca com botões de metal, listras pretas nos punhos; e seu boné de capitão.

— Dois pequenos cargueiros foram avistados — anunciou. — Navios de café, até onde me foi possível verificar. Não responderam ao nosso foguete, de socorro.

Baixou a voz, acrescentando:

— Agora, vemos apenas um deles.

— *Eu não vi nenhum foguete* — disse Tracey.

— Porque estava por demais ocupada espancando, o peixe até morrer — censurou Penny.

McCracken bateu bruscamente na mesa, exigindo silêncio. Sua atitude mudara. Penny sentou-se, na expectativa. Com uma sobrancelha erguida e um leve gesto de cabeça, McCracken indicou que Phil e Tracey, deviam imitá-la.

— Continuamos a derivar para leste, afastando-nos das rotas de navegação.

Na carta, uma nova interseção de linhas estava marcada quatro centímetros à direita dá anterior. De repente, a carta passou a ter significado para Phil. Ominosamente, marcava a deriva do barco em alto mar. Era como o gráfico médico de um paciente moribundo. Phil não suportou olhá-la.

— Ainda estamos na corrente — prosseguiu o Capitão.

— Temos que sair dela.

— Deus nos ajude — choramingou Tracey.

McCracken tornou a bater na mesa.

— Já foi advertida quanto a essa atitude, Sra. Williams — repreendeu severamente, voltando logo a tratar do assunto em pauta: — Precisamos sair da corrente porque ela está nos levando para uma área onde o tráfego marítimo é muito menos intenso. Está entendido?

Phil assentiu com a cabeça. A um sinal, Penny ajustou o guarda-sol da mesa, fazendo a sombra incidir sobre a carta e eliminando o forte reflexo do papel.

— Dentro de cerca de duas horas, teremos a melhor oportunidade — disse McCracken, apontando a carta. Aqui, onde nossa corrente se aproxima da que perdemos há pouco tempo. Talvez até mesmo consigamos entrar na segunda corrente, que faz uma curva para oeste, levando-nos para mais perto das ilhas. Tentei ser bem simples. Vocês me entenderam?

— Creio que sim — respondeu Phil.

— Ótimo. Não é navegação rápida. Nem excitante. Todavia, talvez evite que fiquemos perdidos numa região desolada, além da plataforma continental.

Phil e Tracey aguardaram instruções mais detalhadas, mas. McCracken e Penny permaneceram calados, à espera de que compreendessem bem.

— Sim, prossiga — disse Phil, afinal.

— Não há nada que lhes provoque a curiosidade?

— Não sei a que se refere.

McCracken pareceu desapontado com a ignorância de Phil.

— Não temos velas.

— Sim, eu sei.

— Não ousamos, nem podemos usar o motor.

Seguiu-se um silêncio. McCracken aguardou que Phil compreendesse. Perplexo, Phil coçou a cabeça, embaraçado.

— Não compreendo. Não podemos puxar o bote como fizemos antes.

— O senhor pode. E vai puxar.

— A profundidade aqui é de oitocentos metros!

— O senhor remará.

Phil virou-se para Tracey, que estava pálida, exibindo uma expressão indecifrável.

Penny, como uma coruja ou esfinge, observava Phil. Seus lábios se moveram sutilmente num sorriso, ou talvez apenas num gesto nervoso.

— Não posso remar — disse Phil. — Não sei como.

— Aprenderá — declarou Penny. — A necessidade lhe ensinará.

— Trabalharemos em turnos — disse McCracken.

— Não é justo — murmurou Tracey em voz quase inaudível. — Simplesmente não é justo.

— O Capitão e eu remaremos seis horas, o senhor e sua esposa duas horas. Não é justo? — disse Penny. — O pouco que puderem fazer para ajudar será muito apreciado.

— É impossível puxar um barco deste tamanho! — protestou Phil. — Não com remos.

— É o mesmo princípio da vez anterior — replicou McCracken. — O barco desliza horizontalmente na superfície. Se um rebocador pode mover o *Queen Mary*, nós podemos mover o *Penny Dreadful*.

— Alguma vez fizeram isso antes? — quis saber Phil. Por estranho que parecesse, houve uma pausa.

— Já tive Oportunidade de rebocar barcos à custa de remos. O princípio permanece o mesmo: deixar a inércia trabalhar para nós.

— Uma vez encontrado o ritmo, o remar torna-se mecânico — acrescentou Penny.

— É como uma punição — explodiu Tracey com voz trêmula.

— Claro que não — retrucou Penny. — Por que seriam punidos? — Nada fizeram de errado.

— Se houvesse algum outro modo... — começou McCracken.

— Está bem, diabo! — berrou Phil. — Nós remaremos!

Houve um silêncio — A tensão se dissipou. Os McCracken olhavam para Tracey, que despedaçava um guardanapo de papel. Seus lábios se moviam sem emitir palavras audíveis.

# Nove

Phil olhou ao longo do cabo gotejante que partia da popa do bote, atravessava dez metros de água e estava preso à proa do *Penny Dreadful*. Ergueu o remo e o mergulhou na água, na metade da distância que separava o banco da proa do bote. Tracey acompanhou-lhe o movimento. Os dois remos foram puxados simultaneamente na água. A corda se esticou, mas o belo casco branco parecia, fixo no local e imune a seus esforços.

— Observe a pá do remo — disse Phil. — Procure mantê-la na vertical.

Após doze remadas, trocaram de posição no bote. A dez metros de distância, o *Penny Dreadful* parecia agigantar-se acima deles. As vigias cintilavam, vazias e impiedosas sob o sol. Após mais doze remadas, as mãos de Tracey sangraram. Phil tirou a camisa e enrolou-as nas mãos dela. Depois de mais uma dúzia de remadas, Tracey começou a remar de lado, a fim de aliviar o esforço nas costas. Da proa, McCracken fez-lhe sinal para corrigirem à direita. Pararam de remar para esfregar as barrigas das pernas. Em breve, cada remada forçava-lhes o ar dos pulmões em pequenos espasmos.

— O sal... nas minhas mãos... está queimando... — disse Tracey.

— Limpe-as na minha camisa.

— Muito bem. Vamos voltar. Falo sério.

— Não. Eles ficarão furiosos. Um pouquinho mais...

— Querida...

— Eu quero, realmente. Nós precisamos.

Depois de mais vinte remadas, os remos escapavam da água. Pararam, exaustos. O *Penny Dreadful* parecia observá-los sardonicamente, os olhos abertos sobre suas fraquezas.

— Nosso ritmo está errado — disse Phil. — Vamos recomeçar.

Enfiaram os remos no mar: Puxaram devagar. Phil praguejou contra a dor nas costas. Teve a impressão de ouvir Tracey clamar pela Virgem Maria, mas quando se voltou ela estava calada.

Após mais doze remadas, McCracken surgiu na proa e sacudiu um pano amarelo para cima e para baixo.

— Que diabo quer dizer aquilo? — perguntou Phil.

— Ele nos chama de volta. É o nosso turno! Terminamos!

Phil virou-se para Tracey.

— Ora, não foi tão ruim. Como estão suas mãos?

— Tenho uma loção na maleta.

— Está vendo? Agora já sabe qual a origem daquela expressão a respeito de puxar o próprio peso.

Phil puxou a corda, aproximando o bote do *Penny Dreadful*. O mar assumira personalidades diferentes enquanto eles remavam: malévolos, indiferentes, pavorosos, mas sempre íntimos. Agora, parecia mais amistoso. Tudo eram truques da imaginação, refletiu Phil.

Galgaram a escadinha da amurada, os músculos trêmulos de fadiga.

— Como nos portamos? — perguntou Phil.

— Uma boa remada exige prática — respondeu McCracken.

— Descansando um pouco, logo estarão novinhos em folha — acrescentou Penny.

Um copo de vinho surgiu nas mãos de Phil. As coisas entravam e saíam de sua percepção como uma louca montagem de cenas. Os McCracken ajudaram Tracey a sentar-se numa cadeira de convés.

— Estou bem — protestou ela em voz alta. — Apenas vi estrelas vermelhas.

Os McCracken ordenaram-lhes que descessem ao camarote. Sanduíches e toalhas limpas já os esperavam em cima da cama. Eles comeram até as últimas migalhas dos sanduíches. Inteiramente vestidos, caíram na cama e dormiram o sono tranquilo dos que entregam seu destino a um poder superior.

Tracey acordou repentinamente, sentando-se na cama. Na escuridão, as badaladas metálicas do sino reverberavam pelo camarote.

— Larry, estou com medo... Que barulho é esse?

Phil levantou-se com esforço e depois sentou-se desajeitadamente na beirada da cama. Passou a mão no cabelo. O corpo lhe pesava como chumbo. Bocejou. O sino tomou a tocar, estridente, áspero, enervando-os a cada badalada.

— Cristo! — balbuciou Phil, tapando as orelhas.

— Precisamos levantar — sussurrou Tracey. — Temos que remar outra vez.

— Não, não posso. Estou acabado. Diga ao Capitão que estou doente.

Tracey sacudiu-o pelo braço. A dor subiu como uma aranha, chegando-lhe ao ombro. Cobriu a, mão dela com a sua.

— Você teve outro pesadelo, não foi? — indagou em tom bondoso.

— Eu... não me lembro.

— Chamou-me de Larry.

— Chamei?

— Não importa. Vamos vestir-nos.

Vestiram-se com dificuldade no escuro. Phil enfiou o suéter pela cabeça de Tracey e depois ajudou-a a calçar os sapatos. Tracey mancou atrás dele pelo corredor. Um único lampião estava aceso, com a chama bem baixa, a distância no camarote dos McCracken. Produziu uma luz azulada que não fazia sombras. No convés, os McCracken os aguardavam à mesa. Garrafas de vinho refletiam o brilho de um pequeno lampião.

— Dormiram como mortos — comentou Penny.

— Sinto-me morto — replicou Phil.

Sentaram-se desanimadamente. Tracey não conseguia impedir que a perna endurecesse dobrada.

— Foi uma remada maravilhosa, Capitão — disse Penny.

— Foi mesmo — concordou McCracken. — Tive vontade de remar até o México.

— Entra no sangue da gente. Parece que podemos remar o resto da vida.

Tracey bebericou o vinho. A medida que o álcool fez efeito; sua perna relaxou. Sentia-se suja, cheia de câibras, a mente confusa.

E o pôr-do-sol! — disse Penny a Phil. — Espalhou-se pelo céu como bandeiras alaranjadas esvoaçantes!

— E as tempestades — acrescentou McCracken, segurando a caçarola para ela. — Puro *Gotterdammerung!*

— Precisa tentar imaginar o seguinte — disse Penny, os olhos faiscando. — No crepúsculo, avistamos no horizonte ao norte uma massa de nuvens negras, cada uma dela cuspidando raios. Linhas quebradas de luz branca. Indescritível!

— Às vezes, o ar aquece depressa e é empurrado para o Oceano, onde se eleva — explicou McCracken. — Então, se for empurrado de volta, esfria com muita rapidez e ocorrem essas nuvens negras características, com tempestades de raios.

— Parece-me melhor que o que nós tivemos — replicou Phil. — Apenas uma infinidade sufocante.

Penny serviu-os de um ensopado de porco requentado. O pão estava queimado nas beiradas. A manteiga ficara rançosa. A fruta, porém, era succulenta. O vinho inebriava-os agradavelmente.

— Não beba tão depressa, Sr. Williams. Pegará no sono — advertiu Penny, rindo, o rosto radiante à luz do lampião.

O esforço de remar dera-lhe ao rosto uma tonalidade viva, quase rosada, que aparecia por baixo do bronzeado de sol.

— Devem alinhar a corda com o lampião de álcool que está preso na proa — instruiu McCracken. — Não tenham medo.

— Prometam usar os coletes salva-vidas — disse Penny.

Tenho aqui um apito — disse McCracken, passando o cordão do apito cromado pela cabeça de Phil. — Se caírem no mar ou precisarem de auxílio, basta apitar.

— Amanhã será outro longo dia — declarou Penny. — Precisamos acompanhar nosso ritmo de avanço. É por isso que temos que dormir.

— Não os censuro — disse Phil. — Seis horas de remar. Jesus Cristo!

Após um último e rápido gole de vinho, McCracken ajudou Phil e Tracey a embarcarem no bote. Verificou que seus coletes salva-vidas estivessem bem seguros. Os dois remaram; para a negra escuridão, percebendo vagamente o vulto de McCracken no topo da escadinha. McCracken consultou a bússola e gritou para eles:

— A proa do *Penny Dreadful* está no rumo correto! Mantenham a corda esticada e remem firme nessa direção.

— Nem consigo enxergar minhas mãos! — gritou Phil em resposta.

Remaram calados. O oceano não tinha demarcações. Era impossível ver o horizonte. Apenas as ondas mais próximas eram discerníveis. Dez metros atrás deles, mais de cinco metros acima da superfície, um único lampião a álcool brilhava na escuridão. A dor do esforço provava a realidade do oceano, aumentava as dimensões do medo.

— Os McCracken parecem gostar disto — murmurou Tracey.

— Não consigo falar enquanto remo!

— Nunca os vi tão felizes. E você?

Phil não respondeu. Tracey trincou os dentes. Suor frio brotou-lhe na nuca, umedecendo os cabelos. Sal cristalizou-se em seus lábios. O negrume parecia rolar de um lado para outro sob eles.

— Mais para a esquerda — disse Tracey.

Após meia hora, as remadas diminuíram até não passarem de um ruidoso espadanar de remos na água: Pararam para descansar. O mar estava totalmente silencioso. A noite parecia fazer truques.

— Vamos! — disse Tracey, lacônica.

Phil teve a impressão de escutar um baque na água. Era o remo de Tracey. Ele imitou a remada. Após mais vinte remadas, uma brisa fresca os enregelou. A condensação começou a formar-se em suas roupas, pele e nos bancos do bote. Tracey enrolou as mãos no lenço de Phil.

— Não aguento mais — ela ofegou, derreando-se no banco.

— Certo. Está bem. O bastante é bastante. Fizemos o que pudemos.

Phil ajudou Tracey a chegar ao banco da popa, onde ele se deitou. Respirava regularmente, as mãos pousadas nos joelhos, o sangue escorrendo das bolhas arreventadas. Phil pegou o remo de Tracey e alinhou o bote com a proa do *Penny Dreadful*.

— Não deve remar sozinho — protestou Tracey.

— Descanse onde está. Se o Capitão pode, eu também posso.

Phil não conseguia coordenar os dois remos. Experimentou puxar um e depois o outro. O bote moveu-se de um lado para outro, mas não avançou. Seus bíceps perderam as forças. Soprou o apito. Nenhum som.

— Diabo! — exclamou, puxando os remos.

Depois de algumas remadas corretas, sentiu uma dor dilacerante no pescoço. Pegou a corda atada à popa do bote e puxou-se cautelosamente de volta ao *Penny Dreadful*. Descansaram quase cinco minutos e depois, vagorosamente, subiram, a escadinha. McCracken os aguardava no convés.

— Uma hora e quinze minutos — disse ele, consultando o relógio. — Bom. Muito bom.

— Seu maldito apito não toca!

McCracken pegou o apito e soprou. Um silvo, agudo surpreendeu a todos.

— Tem que soprar com força. Só isso.

Phil soltou um gemido de dor.

— Logo estará bem — disse o Capitão. — Seu corpo o mandou parar. É preciso obedecer.

— Nem mesmo consigo levantar o braço.

— Levando em conta sua graduação, portou-se muito bem, Sr. Williams.

Phil cobriu os ombros de Tracey com um cobertor. McCracken ajudou-o a levá-la para baixo. Dois lampiões iluminavam as paredes do salão.

— Estou com tanta fome — murmurou Tracey. — É possível comer um sanduíche?

McCracken consultou o relógio.

— Tomaremos café da manhã dentro de apenas quatro horas. É melhor cumprirmos o horário.

Na cama, Phil flexionou os joelhos de Tracey, puxando e empurrando-lhe as pernas. Girou-a vagarosamente de um lado para outro. Massageou-lhe a parte inferior das costas. Depois, pegou um comprimido para resfriado, esperando, que a fizesse adormecer.

— Tenho pílulas para dormir — disse Tracey.

— É mesmo?

— Eu estava muito nervosa antes de me encontrar com você. Julguei que poderiam ser úteis.

— Onde estão?

— Na minha maleta.

Phil cortou um comprimido pela metade, trouxe-o para Tracey com um copo de água e observou-a tomar o remédio. Tracey segurava o copo com ambas as mãos trêmulas. Tinha os olhos marejados de lágrimas.

— Oh, Phil... Será que conseguiremos voltar para casa?

— Claro que voltaremos. Dentro de poucos dias estaremos em Nassau, rindo de tudo isso.

Tracey despiu-se. Phil a ajudou. Enfiaram-se entre os lençóis. À medida que o comprimido agia, a respiração de Tracey ficou mais suave. Um rubor lhe tingiu a testa. Ela pousou à cabeça no peito de Phil, protegendo o ombro dolorido.

— Faz amor comigo — murmurou num tom de desespero.

Como num sonho, a fadiga e a dor transformando-lhe os membros em argila amolecida, a cabeça com o sabor do oceano negro, Phil a abraçou. Mas, naquela posição, ambos mergulharam no sono.

Quando acordaram, Phil sentiu-se embaraçado, embora não conseguisse lembrar o motivo. Tracey parecia não ter dormido bem, apesar do comprimido. Após tomarem um banho de esponja, ainda se sentiam zonzos.

O amanhecer penetrava aos poucos no salão. Um prato com uma pilha de torradas fora colocado junto a uma terrina de sopa grossa. McCracken usava a camisa branca de capitão, bem engomada, e o boné. Fez um gesto para que Phil e Tracey se sentassem.

— Como está nesta manhã, Sra. Williams? — indagou o Capitão.

— Bem, creio — replicou Tracey com ar cansado.

— E o senhor, Sr. Williams?

— Dolorido. O corpo inteiro.

McCracken riu baixinho.

— Isso passa logo. Simplesmente músculos adormecidos sendo despertados após anos de modorra.

O sorriso desapareceu de repente.

O Imediato trará as cartas de navegação. Poderemos explicar a situação quando terminarem de comer.

Depois da refeição, Phil e Tracey continuaram famintos. Penny trouxe a carta enrolada da casa do leme, juntamente com várias páginas de anotações. Usava um bonezinho branco.

— Toda a tripulação presente e em ordem — disse McCracken, enquanto Penny retirava os pratos, recolhia cuidadosamente as migalhas de torrada na palma da mão e as jogava pela vigia.

— Vamos racionar a água — disse McCracken — Nossas abluções matinais têm sido feitas com água doce. Agora, esse luxo está abolido.

— Muito bem — disse Phil.

— Em segundo lugar, o Imediato está secando peixe e o que resta da carne de porco, a fim de conservá-los. Depois de seu turno nos remos, ela ensinará a Sra. Williams a desempenhar essa tarefa.

Phil pousou a mão no ombro de Tracey. McCracken prosseguiu:

— A terceira ordem é referente aos remos. Nosso avanço é satisfatório, mas apenas isso. Eu gostaria de poder encorajá-los, mas, na verdade, não conseguimos sair da corrente.

Phil fitou insuportavelmente deprimido.

— Quanto mais precisaremos remar?

— Quatro milhas. É uma boa distância, temo. Estamos à deriva na curva da corrente, afastando-nos da corrente vizinha.

— Deus do céu! — suspirou Tracey.

McCracken apontou para um terceiro círculo desenhado na carta. Na realidade, os círculos que marcavam a lenta deriva do barco indicavam agora uma direção nordeste.

— Dar-nos-ão seus melhores esforços? — perguntou McCracken.

— Tentaremos.

— Ótimo. Mãos à obra.

No convés, o calor matinal fustigou-lhes a pele. Phil odiou ver o mar, aquela imensa faixa brilhante que refletia o sol, magoando-lhe os olhos. Sua garganta e lábios já pareciam feitos de papelão seco.

— Eis uma garrafa térmica com água — disse McCracken. — E ataduras. Creio que sabem colocá-las. Não permitam que uma bolha se inflame.

Desceram a escadinha. As mãos de Tracey, envoltas em ataduras, estenderam-se para os remos. Um grito involuntário escapou-lhe dos lábios quando os dedos se fecharam sobre o punho do remo. Phil deu impulso para longe do *Penny Dreadful*.

O calor ressecava-lhes a pele. Pequenas bolhas se formavam nas mãos e até mesmo nos pés, onde se apoiavam contra o fundo do bote. Suor ardente entrava-lhes nos olhos. O sutiã de Tracey: tornou-se nitidamente visível sob a blusa branca ensopada de suor.

— Só vinte e cinco remadas — disse Phil.

— Eu sei. Mas estou acabada. Faminta. Vou morrer.

Descansaram. Phil passou a Tracey a garrafa térmica e ela bebeu água. Embora sentisse as pernas inertes, moles como borracha, Tracey tornou a agarrar o punho do remo.

— *Temos* que continuar — disse num tom lamentoso e obcecado.

Uma dúzia de remadas mais tarde, o remo de Tracey caiu pela borda. Phil o apanhou. Tracey começou a chorar.

— Por que não consigo mais remar? Por que estou tão fraca?

— Você não foi feita para isto. Ninguém foi. Vamos voltar.

Quando subiram a escadinha, McCracken parecia desa-pontado. Guardou o relógio no bolso, sem comentários.

— Creio que isto é o fim, no que se refere à minha esposa — sussurrou-lhe Phil.

McCracken pousou-lhe a mão no ombro.

— Conversaremos mais tarde a esse respeito. Aplique compressas quentes nas pernas e costas dela. Evite que seus músculos fiquem contraídos.

Quando Tracey adormeceu, Phil foi ao conservador de carnes. Pegou uma *grapefruit* e uma fatia de carne de porco, levando-as para o camarote. Deu-as a Tracey, que acordou com o som da porta quando ele entrou. Em seguida, limpou o pescoço e os braços de Tracey com um pano úmido e, beijou-a nos olhos fechados.

— Relaxe — disse ele suavemente. — Não voltará a remar.

Tracey balbuciou alguma coisa, virou-se na cama, passando o braço pelo colo de Phil, e tornou a adormecer.

Phil subiu ao convés e tentou cortar, salgar e pendurar ao sol carne de porco e peixe. O sol era escaldante e a água salgada queimava-lhe as mãos. À frente do *Penny Dreadful*, os McCracken, silhuetas escuras de encontro à claridade de espelho produzida pelo sol no mar, remavam o bote.

O tédio pesou sobre Phil. Nunca ele experimentara tamanho peso. Não havia nada que pudesse fazer. Seus destinos eram insignificantes. A eternidade se escancarava ao redor deles, indiferente como o mar salgado.

Transpirando copiosamente, McCracken subiu a escadinha depois de seis horas aos remos. Lavou-se com água salgada, enxugou-se e vestiu a camisa branca, colocando na cabeça o boné de capitão. Sua atitude era majestosa, oficial. Usava sapatos brancos.

— Como está indo, Sr. Williams?

— É uma sujeira fedorenta. Uma maldita sujeira fedorenta.

— Oito, nove, dez filés de bom tamanho, ótimo trabalho. Ficarão conservados durante muito tempo.

— Nunca mais quero ver peixe em minha vida,

McCracken voltou à casa do leme, onde tornou a manipular seus antigos instrumentos de bronze. Era a perfeita imagem do capitão de navio, pensou Phil, embora suas calças não fossem brancas, mas azul-claro.

Para o jantar, Tracey vestiu uma delicada blusa-cor-de-rosa com mangas bufantes. Trazia um lenço de seda estampado ao pescoço e penteara cuidadosamente o cabelo. Embora parecesse exausta, sua pele readquirira o tom rosado.

Penny serviu *grapefruits* cortadas em fatias, com cerejas. Lançou a Phil um olhar que a este pareceu acusador.

— A questão de racionamento não é trivial — declarou ela.

Logo nuvens surgiram no oeste, como pequenas bolas de algodão que assumiam lentamente a cor laranja do poente.

— Sra. Williams — disse McCracken de repente. — Entendemos que está impossibilitada de prosseguir remando.

— Correto — interpôs Phil.

— É possível contornarmos o fato, se o Sr. Williams concordar em remar com um de nós, alternando-se em turno de três horas.

— Farei o possível, Capitão.

McCracken refletiu por um momento e depois começou a comer carne de porco. A carne estava seca, coberta de um molho grosso e adocicado. O pão era duro e teve que ser torrado. O vinho tinto ainda não azedara, mas já não tinha o mesmo sabor.

— Alimente-se bem, Sr. Williams — aconselhou McCracken.

Phil obrigou-se à comer a carne de porco que estava em seu prato, mas a expressão do rosto traía sua repugnância. Penny percebeu.

— Neste ponto, comer já deixou de ser um prazer — disse ela. — Só serve para conservar a força do corpo.

— Portanto, nosso racionamento será seletivo — anunciou McCracken.

O porco estava a poucos centímetros da boca de Phil quando este baixou o garfo, tornou a levantá-lo e parou com a mão no ar.

— Repita — disse Phil.

— Seletivo — interveio. Penny rapidamente. — Para os que trabalham.

Phil baixou o garfo.

— Ainda não compreendo.

McCracken debruçou-se sobre a mesa, fitando os olhos de Phil.

— É básico, Sr. Williams. Aqueles que remam se desidratam. Necessitam de grandes quantidades de líquidos. Queimam uma enorme quantidade de calorías. Precisam comer peixe, carne de porco, frutas. Os que permanecem na frescura do camarote economizam energias.

— Não creio que possam castigar-me por não trabalhar disse Tracey com voz trêmula.

— Ninguém está castigando ninguém, Sra. Williams — disse Penny. — Nós...

McCracken interrompeu-a com um suave toque no braço.

— É o único método de economizarmos. Do contrário, não sairemos da corrente.

Phil parou de mastigar.

— Está querendo dizer que minha esposa não receberá alimentos senão trabalhar?

McCracken mastigou, engoliu e olhou alternadamente para Phil e Tracey.

— Absolutamente, Sr. Williams. Sua esposa não morrerá de fome. Ela simplesmente receberá uma ração compatível com a energia que venha a dispende.

— Não será tão ruim — tranquilizou Penny. — De todo modo, ela não terá tanto apetite quanto nós.

Phil e Tracey trocaram rápidos olhares, mas ficaram calados. McCracken tomou o silêncio por anuência.

Após o jantar, ninguém se moveu. Os pratos vazios, remanescentes de uma refeição insuficiente,

permaneceram brilhando à luz do lampião. Quando o sol se pôs, Penny acendera o lampião. O salão estava silencioso, repousante. Phil não sentia o menor desejo de movimentar o corpo cansado. Seus olhos encontraram um ponto além da vigia onde se fixaram. O mar tinha um brilho fosforescente no sul e no leste. Phil escolhera um pedaço esverdeado da amurada de bombordo, que produzia um brilho tão leve que ficava mais fácil vê-lo com a visão periférica. McCracken dissertou durante vários minutos sobre diátomos, plâncton, fotossíntese na superfície da água.

— Espantoso, não acham? — comentou Penny. — Aqui estamos, flutuando como um pedaço de madeira abandonado. Nem sinal de terra à vista. Somos Como pequenos animais marinhos.

— Uma diferença, Imediato. Somos incapazes de produzir nossa própria energia. Estas devem ser fornecidas pelo mar e por nossos víveres que estão acabando — disse McCracken, voltando-se em seguida para Phil. — O que dizer; Sr. Williams? Qual é a realidade? Os elementos aqui no oceano? Ou vender casacos de couro em Nova York?

— É tudo tão malditamente irreal para mim — resmungou Phil.

McCracken sorriu, aceitando a resposta. Tracey mordeu o lábio, simulando ler uma revista.

Mais tarde, quando estavam a sós, Tracey virou-se para Phil, muito tensa.

— Vou desmaiar de tanta fome.

— Relaxe. Quando eles se deitarem, eu buscarei alguma coisa para você comer.

Houve um barulho na água, fora da vigia. Logo chegou ao salão o cheiro de frutas apodrecidas misturado ao aroma salgado do mar.

— Lá se vai o que restava das frutas — comentou Tracey, olhando para o mar.

McCracken dormiu na casa do leme, com um cobertor sobre os ombros. Os cálculos mais recentes estavam num bloco de anotações em cima da mesa. Penny terminou de limpar o conservador de carnes e deu boa-noite.

Tracey foi deitar-se. Phil abriu o conservador de carnes, pegou vários tomates, torta seca de cenouras e um pedaço de peixe que estavam numa travessa. Apresentou à comida a Tracey, colocando-a sobre uma toalha em cima da cômoda.

De manhã, o desjejum foi peixe e torta de cenouras.

— Perdemos a maior parte dos tomates é um pouco do peixe salgado — disse Penny, servindo boas porções de torta e peixe para si e os dois homens. Uma terrina de ensopado requeitado estava no centro da mesa.

Tracey mal tocou no cereal seco, sem leite, pão torrado é duas finas tiras de carne de porco com tomates.

— Phil serviu-se de ensopado, bolachas e vinho branco. Os braços musculosos e bronzeados de McCracken descansavam sobre a mesa. Seus olhos brilhavam como aço. Esperou que Phil terminasse de

comer.

— Têm alguma objeção quanto ao racionamento? — perguntou McCracken.

— Não — disse Phil. — Deveríamos ter?

— Parece-lhes justo?

— Parece-nos lógico.

— Ótimo. Então, não há mais motivo para voltarmos ao assunto.

Uma nuvem de silêncio pairou no salão. Era a vez de Phil remar o bote com McCracken. Tracey lavou a louça. Um cheiro ruim saía do ralo no centro do banheiro. A água voltava pelo ralo, apresentando uma espuma esquisita, oleosa. O mau cheiro se espalhou pelo barco.

— Estamos afundando! — gritou Tracey, gesticulando freneticamente.

Penny acordou, levantando-se da cadeira de convés.

— Por Deus, Sra. Williams, acalme-se! O que foi?

— Água... no banheiro... brotando do ralo!

— Do ralo? — a expressão de Penny se tornou dura. — A senhora tomou banho de chuveiro?

— Não... é o outro banheiro... perto do salão.. ninguém usa...

Penny desceu para o corredor e entrou no banheiro do centro. No chão de azulejos azuis, formara-se uma pequena poça com a orla escura e viscosa.

— Água do fundo do casco — disse Penny. — Eu já desconfiava de que aconteceria.

— Então, estamos afundando!

— Não. Não existe muito volume vazio para a água encher. O problema é o cheiro.

Penny rodeou a poça, examinando-a por mais alguns segundos.

— Mais uma tarefa para nosso esquema de trabalho:

Penny pegou um balde pequeno. Tracey observou enquanto ela ergueu um alçapão no assoalho, desapareceu parcialmente, encontrou apoio para os pés, tomou a erguer-se com o balde de água suja. Carregou o balde para o convés e esvaziou-o por cima da amurada. Enquanto ela esteve ausente, Tracey abriu o conservador de carnes, comeu duas tiras de peixe não salgado e um punhado de bolachas.

Então, chegou a vez dos McCracken remarem juntos. Phil, teve um sono agitado, virando-se de um lado para outro, movendo o pescoço. Tracey folheou as revistas sem ver o que estava escrito, pois já sabia de cor quase todos os artigos. Foi até a mesa do Capitão, olhou atentamente todas as cartas e

instrumentos sobre ela, voltou ao salão e esperou Phil acordar.

— Você roubou comida? — perguntou ele, esfregando sonolentemente os olhos.

— Não. Por quê?

— Colocaram um cadeado no conservador de carnes.

— Não compreendo. Por que o fariam?

Quando os McCracken retornaram, Tracey estava cheia de ansiedade. Sentia-se cada vez mais afastada do mundo dos vivos, isolada por que pecara.

No jantar, Tracey comeu ervilhas com molho, um pedacinho de carne de porco, um pegajoso pirão de paçoca de milho e chá quente. Depois, Phil e McCracken foram examinar as cartas de navegação na casa do leme. Estavam no limite sul da corrente. Mais um dia e chegariam a uma zona de águas paradas. A pele da testa de Phil se descascava em tiras brancas e transparentes. McCracken decidiu que não faria mal suspenderem o trabalho nos remos até a manhã seguinte. Lançaram uma âncora de arrasto.

Durante a longa noite, Tracey jogou cartas com Phil. Sentia-se incapaz de concentrar-se no jogo. Sob a mesa, Phil massageava-lhe suavemente as pernas doloridas. Seu estômago roncava. Ela deixou a mesa e subiu ao convés.

Andou de um lado para outro, procurando a lua ou sinal de aviões. O silêncio zombava dela. Phil surgiu a seu lado.

— Venha para a cama — sussurrou-lhe ao ouvido.

Mas Tracey não conseguiu dormir. Picou sentada na cama, procurando escutar o leve som musical da corrente do mastro da bandeira. Nem uma onda, nem uma gaivota, nem um rádio para interromper o silêncio.

— Estamos sendo postos à prova — disse ela. — Por causa do que fizemos.

Phil debruçou-se na cama para aumentar a chama do lampião. O rosto de Tracey estava pálido, abatido, os olhos estranhamente negros.

— Sabe de uma coisa? — perguntou ele. — Você está com fome. Eis o que há de errado com você.

— Phil... eu roubei a comida. Não pude resistir...

Phil soltou uma risada.

— Foi o que pensei.

— É como estarmos no inferno — murmurou ela.

— Fique quieta. Vou-lhe arranjar alguma coisa.

— Não... não...

— Por que não? Eles não farão nada.

— Tenho medo.

— De quê? Relaxe. Voltarei logo.

Phil percorreu o corredor. Nem vestígio de luz. Sentiu o leve cheiro nauseabundo da água do fundo do casco. Atravessou o salão principal, esbarrando com o joelho na mesa. Praguejando, encontrou o caminho da porta. Além da porta de escotilha aberta, as estrelas cintilavam no céu.

Alguém prendera um pequeno fecho com combinação de segredo na porta do conservador de carnes. Phil puxou-o, sentindo-se frustrado quando ele não cedeu. Atento a quaisquer sons de Penny, e McCracken, Phil pegou uma faca e enfiou-a por detrás da tranca.

— Miserável! — exclamou com seus botões. — *Arrebente!*

Tateando no escuro, Phil procurou entre as facas. Encontrou uma espécie de grande canivete de lâminas múltiplas, com uma pequena lima perto do cabo. Limou rapidamente o fecho até atravessá-lo e abriu a porta, enfiando a mão no conservador de carnes.

Os peixes estavam úmidos e pegajosos no depósito frio. Phil pegou um prato de torta e dois pepinos.

— Devo-lhe um fecho, Capitão Jack — murmurou. Tracey comeu a torta e um pepino. Escondeu o segundo pepino entre suas roupas íntimas, na gaveta da cômoda. Phil comeu as migalhas que se prenderam na camisola de Tracey. Depois, beijou-lhe ardentemente os seios.

— Por favor, não — sussurrou ela. — Não estou..

Phil beijou-lhe a boca. Depois, seus beijos cobriram todo o corpo de Tracey. Ela gemeu baixinho, depois mordeu o lábio. Satisfez-se brusca e violentamente. Então, Phil jogou-se sobre ela e satisfez-se também. Ficaram imóveis, exaustos. Tracey acariciou os cabelos ligeiramente úmidos de Phil.

— Sou uma garota má? — sussurrou.

— Não. Claro que não.

— Mas veja o que fazemos. Por que eu gosto disso? Não é errado?

— Shhhh.

— Abrace-me, Phil. Quero dormir com você para sempre. Abraçaram-se na escuridão. Ao amanhecer, o sino reverberou dolorosamente. Phil sentia-se como se tivesse levado uma paulada na cabeça.

— Eu gostaria que ele simplesmente batesse à porta — resmungou sonolento.

O salão de ré estava arrumado para o café da manhã. Café fumegava em quatro xícaras, um bule

polido descansava num tripé sobre a toalha de mesa branca. Batatas fritas e mingau de cereais esperavam por eles. E três copos cheios de suco de abacaxi. McCracken distribuiu as batatas. Trazia, pendente do cinto, um revólver calibre 38!

# Dez

McCracken serviu porções de sal para as batatas. Junto a cada lugar da mesa havia um pequeno abano, pois a umidade parecia aumentar dia a dia. Tracey abanava-se ao comer em silêncio sua diminuta porção de batatas. Phil olhou de esguelha para o quadril de McCracken. O revólver negro e brilhante estava enfiado num pequeno coldre de lona.

— Veja o que temos — disse McCracken, procurando as palavras. — Algumas batatas, algo para beber, um pouco de... bem... não compreendeu nossa situação, Sr. Williams.

— Eu...

— O furto de víveres tem que acabar — declarou McCracken.

Phil pensou em muitas réplicas, todas parecendo egoístas, até mesmo a ele. As mãos de McCracken se abriram num gesto expansivo, quase derrubando um copo de suco.

— Na verdade, trata-se de uma situação de emergência. Não percebeu o fato? O barco está em condições, é claro, mas todos os dias é submetido a provas cada vez mais severas de sua qualidade. Como Capitão, tenho que esgotar minhas últimas reservas físicas e mentais, até o âmago — até o âmago, Sr. Williams —, para levar-nos de volta à terra. E só observando as medidas por mim impostas, Sr. Williams, tornará a ver sua fábrica de roupas de couro.

— Naturalmente, eu...

— Em resumo, só pode haver um cérebro pensante a bordo, Sr. Williams. Sou eu quem possui maior experiência, o conhecimento superior. Quando dou uma ordem, esta tem um único objetivo: voltarmos à terra. O senhor certamente sabe disso.

McCracken, deixando-se levar pelo entusiasmo, prosseguiu na oratória:

— Os senhores já não são passageiros pagantes num cruzeiro de recreio. A tempestade e a corrosão das baterias alteraram tudo — tudo. Agora, são membros da tripulação, com deveres e responsabilidades. E não é importante que tomem conhecimento dos detalhes, mas apenas que obedçam ordens. Se não estabelecermos regras, não passaremos de quatro cavalos puxando em direções opostas.

McCracken interrompeu-se repentinamente, debruçou-se sobre a mesa, fitando os olhos de Phil.

— Concorda, Sr. Williams? — perguntou.

Phil meneou afirmativamente a cabeça.

— Trata-se simplesmente de nossa sobrevivência.

— Estávamos mortos de fome.

— Fome! Não faz idéia do que seja fome! A fome enlouquece homens rijos! Por isso, Sr. Williams, fazemos racionamento!

McCracken recostou-se na cadeira, serviu-se do resto das batatas e salgou-as liberalmente. A tampa do vidro de pimenta caiu. Tracey raspou a pimenta do seu prato. Teve um ataque de espirros. Phil espetou com o garfo o restante de suas batatas. McCracken observou pelo canto do olho a fome de Phil.

— É por isso que fazemos racionamento — repetiu.

Interiormente envergonhando, Phil lembrou-se dos tempos no exército, quando era obrigado a engolir ordens que não tinham motivo aparente. A sobrevivência ainda parecia uma noção abstrata, assim como o conceito de ser perfurado pelas balas inimigas parecia algo muito remoto. Como a maioria dos homens que não foram feridos, atingidos pela moléstia ou sofreram desastres físicos, Phil era incapaz de compreender a própria mortalidade. Não obstante, aceitava relutantemente a noção de autoridade.

— Isso é tudo, por enquanto? — replicou Phil, mal escondendo o embaraço e irritação.

McCracken puxou ostensivamente o grande relógio de bolso e estudou o mostrador.

— Primeiro turno em vinte minutos. Sr. Williams e o Imediato.

Phil aproveitou a oportunidade para fazer exercícios de elasticidade no camarote. Flexionou as costas, pernas, braços e girou o torso de um lado para outro. Fez uma série de flexões dos joelhos. Respirou fundo, transpirando. Penny o aguardava no convés. A um gesto dela, Phil desceu para o bote.

Tudo se transformara num sonho. A faixa quente do oceano que se estendia em todos os sentidos cegava-o. Phil sofrerá diminuição da capacidade de entender o que se passava. Seu corpo inteiro estava devotado à tarefa de remar, remar mecanicamente, puxando o peso do *Penny Dreadful* contra o peso ainda maior do oceano, e ele se sentia esmagado. Mergulhou num atordoamento, queimado pelos raios, diretos do sol, lavando o rosto com água do mar quando Penny ordenava.

A bordo, McCracken lançou compridas linhas de pesca, os anzóis iscados com os peixes que Tracey pegara na véspera. Mantinha-se de pé, paciente, com o corpo apoiado, fazendo lançamentos repetidos. A intervalos, jogava no mar pedaços de comida deteriorada. A despeito do calor, McCracken continuava em pé, não dando sinais de sede ou cansaço.

A porta do conservador de carnes foi guarnecida com outro fecho, maior. Tracey surpreendeu-se quando lhe confiaram a tarefa de preparar o almoço com víveres colocados sobre o balcão da cozinha. Obedecendo a receita, preparou um *bouillon* de peixe. O pão ficara tão duro que foi preciso molhá-lo em

azeite, fazendo uma espécie de pão de alho. A salada era composta de verduras cujas folhas já escureciam nas beiradas. A fome roía os alicerces da compostura de Tracey mas, apesar de tudo, ela resistiu à tentação de comer antes dos outros.

Conforme as instruções, serviu em seu prato uma porção menor que as outras. Sentiu uma atordoante dor de cabeça ao ver Phil servir-se uma segunda vez de sopa e salada. Ficou tonta. Reviu mentalmente a freira que, vinte anos atrás, a encontrara perdida no jardim da escola. Foi levada, pela mão através dos compridos corredores...

— Jesus Cristo! — murmurou Phil. Por quanto tempo? Por quanto tempo continuaremos assim?

— Enquanto for necessário — replicou Penny.

— Não há meio de escaparmos — lamentou Phil.

McCracken ergueu vivamente a cabeça.

— Isso é uma atitude? E se os homens do *Bounty* tivessem desistido? E se a tripulação de Magalhães perdesse a esperança? Lembre-se de que a tripulação de Colombo estava à beira do motim. O corpo não passa de um escravo da mente. E a mente, Sr. Williams, sonha sonhos grandiosos. Não se entrega.

Phil virou-se para o outro lado. O reflexo do sol, numa quente faixa de luz, brilhou com hostilidade contra seus olhos. Pontos brancos brilhantes dançavam na superfície azul. Uma visão de coisas muito maiores que ele. De repente, Phil deu-se conta da possibilidade física de sua morte.

— Já pensei nisso — explicou ele. — É quando desperto depois de remar. Sinto que tudo isto é inútil, que jamais sairemos daqui. Jamais.

— McCracken apontou a colher na direção de Phil.

— No futuro, considerará este o seu melhor momento; Sr. Williams.

— Mire-se — interpôs Penny. — Seus bíceps, seus ombros. Perdeu peso na cintura e ganhou músculos.

Phil ficou calado, fitando o mar. Ao longe, no horizonte, uma névoa formada por pequenas nuvens erguia-se para o ar mais leve e azul. Os únicos sons eram as pequenas batidas das latas de comida na água sob a vigia da cozinha.

— A pesca vai mal — anunciou McCracken. — Quem pegará o turno da tarde?

Penny pegou o esquema de trabalho e estudou-o rapidamente.

— O Sr. Williams está designado para o primeiro turno.

— Muito bem. Pregue o esquema na parede do salão, para que todos possam consultá-lo.

Phil acomodou-se na cadeira de pesca e ajustou os arreios. McCracken usou anzóis de três pontas,

iscados firmemente com grandes nacos de peixe. Phil mal podia imaginar o tamanho dos peixes que engoliriam iscas tão grandes. Firmou os pés, bebeu água de uma garrafa térmica já morna e lançou a linha. Nenhum peixe mordeu.

Tracey lavou os banheiros, em especial perto dos ralos, onde o cheiro era terrível. Depois, lavou as roupas com água salgada e detergente, pendurando-as numa corda estendida da cabine até a casa do leme. Phil a observava com os olhos embaçados pelo suor e a visão prejudicada pelo brilho cegante do mar.

Refletiu que outrora o corpo de Tracey lhe parecera tão esquivo, tão sutil até mesmo evanescente, cheio de suaves mistérios, uma cama de sonhos. Agora, estava com a blusa sem dois botões e as calças rasgadas no joelho, esticando-se nas pontas dos pés para pendurar a roupa. Um corpo era algo tão funcional, com partes móveis e imóveis, cuja única finalidade na vida era a sobrevivência. E para quê? Para procriar outro corpo semelhante? Para o prazer? Para nada? A vida nada mais seria que um total acidente, um conglomerado arbitrário de estupidez? Phil sentiu um puxão na linha, mas esta apenas se prendera na corda que pendia da vigia da cozinha. Praguejando e suando, ele se debruçou e puxou ambas as linhas, desembaraçando-as aos poucos. De algum modo, a corda se sujara de sangue e, quando largada, deixou uma fina linha vermelha no costado do barco.

Tracey dormira a maior parte da tarde, a fim de aliviar a tonteira. Estava perdendo peso. Tomou comprimidos de sal e evitou o sol. No final da tarde, recolheu a roupa lavada, já seca e endurecida. Dobrou tudo em duas pilhas e levou-as para os respectivos camarotes.

— Nenhum peixe, Sr. Williams? — perguntou McCracken ao voltar para bordo.

— Não, senhor.

— Está lançando a linha bem fundo?

— Sim, senhor.

McCracken consultou o relógio de pulso. Uma fina linha de pele clara aparecia onde a queimadura de sol se interrompia sob a pulseira de couro.

— Descanso — proclamou. — Vinte e cinco minutos. Saia do sol.

Trôpego, Phil desceu a escada da cabine. No banheiro, Tracey esfregava o corpo nu com um pano úmido. Não levantou a cabeça quando Phil entrou. Depois que ela terminou, ele pegou o pano e umedeceu a nuca.

— Mais duas milhas, diz o Capitão — murmurou Phil.

Tracey deitou-se, o rosto avermelhado.

Phil não conseguiu deixar de falar.

— O problema é que cada dia que passamos sem sair da corrente somos arrastados de volta ao norte. A fim de não lutarmos contra a corrente, McCracken é obrigado a mudar constantemente de rumo.

— Não entendo nada disso.

— Em vez de irmos para o sul, estamos virando lentamente para leste.

— Isso nada significa para mim.

— Significa que a curva da corrente vai ficar entre nós e a corrente para oeste.

Uma erupção cutânea provocada pelo calor parecera nos cotovelos de Tracey. Phil devolveu-lhe o pano.

— Talvez tenhamos que remar para contornar a curva da corrente — disse Phil, sacudindo a cabeça.

— Não sei se posso fazer isso. Significa dias nos remos.

Tracey gemeu baixinho e esticou os membros doloridos.

— Fico olhando o céu e desejando poder voar. Por que não podemos voar? Por que as pessoas não nascem com asas?

Por que as pessoas não nascem com asas?

Phil, na cadeira, sacudiu os ombros. Percebeu que a nudez de Tracey já não o excitava loucamente, mas ela se transforma num objeto destacado, belo, para ser observado a distância. Tracey se tornara totalmente desinibida, sem revelar qualquer timidez, ou embaraço.

— Por que nascemos sem nadadeiras? — replicou ele. — Assim, poderíamos sair daqui a nado.

Não houve resposta. Tracey descansava, a cabeça apoiadas nos braços. Phil olhou para a vigia, para a cavilha na parede, para os pedaços de cabrestante no canto. Como os elementos de decoração pareciam dignos de pena. Boas intenções desperdiçadas, refletiu ele.

Escutou vagamente, vindo lá de fora, o barulho da linha de pesca mergulhando no mar. Sabia que McCracken tentava construir um dessalinizador de água com vidro, tela de arame e panos limpos. Phil adquirira o hábito de mergulhar num transe semelhante ao sono, com os olhos abertos e audição abafada, embora perceptiva. O instinto tomara as rédeas.

Durante a noite, Tracey escreveu uma carta ao marido, para ser posta no correio quando chegassem a Nassau. Estava endereçada a Nova York, Nela, Tracey explicava tudo o que fizera e os motivos que a levaram a agir daquela forma. Implorava o perdão de Larry e pedia-lhe que fosse recebê-la no aeroporto. Phil descobriu a carta e Tracey não protestou quando ele a rasgou em pedacinhos.

No turno da manhã, Tracey furou o dedo polegar com uma ponta de anzol enfiada numa isca de peixe. Gritou quando pedaços de entranhas de peixe lhe penetraram na carne. Fazendo jorrar sangue e sujeira, apertou bem o corte e depois enrolou o dedo num pano limpo. Mais tarde, duas iscas caíram dos anzóis e uma vez a linha sofreu um arranco, mas nenhum peixe foi fisgado.

O calor se transformara num fator importante em suas vidas. Já não era possível ignorá-lo por meio de truques de imaginação. Durante o crepúsculo, a espontaneidade revivia e as conversas voltavam à mesa branca servida junto à casa do leme. Durante o dia, a rede opressiva que parecia comprimi-los uns contra os outros se apertava, minando-lhes a vitalidade, secando-lhes o espírito.

Tracey não protestou contra o fecho na porta do conservador de carnes. Sabia-se incapaz, de resistir à tentação. Concordou que era melhor para todos manter o fecho trancado e a combinação em segredo. Phil tirava comida do próprio prato para dar a ela, mas Tracey também reconhecia que ele precisava alimentar-se para recuperar as forças. Quando faziam amor, era como se o corpo de Phil também estivesse poupando energias.

Durante a longa noite, Phil sentou-se num banco do convés. Como se imerso em profundas reflexões, apoiou o queixo nas mãos dobradas. Na realidade, tudo o que lhe vinha à mente era remar, o trabalho interminável e estafante na água brilhante. Agora, tentava calcular o quanto ainda precisavam avançar. McCracken estava sempre alterando as estimativas. Um dia, dizia que estavam quase saindo da curva da corrente; na manhã seguinte, alegava que a corrente os arrastara mais para o norte e seriam obrigados a remar para leste a fim de escaparem dela. Pelo canto do olho, viu Penny se aproximar com um lenço amarrado à cabeça.

Penny arrumou uma cadeira no convés, colocando diante de si uma pequena estante de música. Tracey subiu, escoltada por McCracken. O Capitão trazia consigo um surrado estojo de couro vermelho. Tracey carregava duas cadeiras. Uma leve brisa varria o convés. Phil percebeu o cheiro do animal humano, um odor nada desagradável, contrastando vivamente com a desolação salgada do oceano.

McCracken tirou do estojo uma sanfona, cujas correias estavam desbotadas e rachadas pelo uso.

— Um pouco da velha Jamaica! — anunciou jovialmente.

Penny colocou a ocarina nos lábios e, juntos, experimentaram uma nota. McCracken fez um sinal com a cabeça, bateu com o pé direito no chão e ambos começaram a tocar. O ritmo acelerado de uma música de dança encheu o ar, quebrando repentinamente o sombrio silêncio da noite. Phil ergueu involuntariamente os olhos para fitar os músicos.

Ao brilho dos lampiões de álcool, McCracken e sua esposa tocaram jigas, danças inglesas de marinheiros e fandangos. As notas de Penny eram obviamente incorretas, mas isto não fez diferença. Gritavam, acompanhando o ritmo com fortes batidas dos pés, e tocavam com entusiasmo.

— Dance, Sra. Williams! Dance!

— Oh, não. Eu..

— Dance! — ordenou McCracken.

Encabulada, Tracey se levantou e ensaiou alguns passos, como um *foxtrot* individual, arrastando no convés as sandálias rachadas.

— Tire os sapatos! — cantou McCracken, sapateando no convés.

Tracey sacudiu as sandálias, jogando-as contra a parede da cabine. McCracken rugiu em aprovação e a sanfona estremeceu, os braços sacudindo, os cotovelos voando. Quando esquecia a melodia, ele marcava o compasso nos acordes principais. Tracey flexionava os joelhos e batia palmas.

— Assim, não! — protestou McCracken. — Isso é discoteca! Dança de boate! Dance o *hornpipe*!

Enquanto McCracken tocava, Penny levantou-se de um salto e começou a dançar, erguendo os pés até atrás dos joelhos e cruzando-os à frente do corpo, girando e batendo com as pontas dos pés no convés. Tracey imitou-a, improvisando, desferindo violentos pontapés no ar, chocando os tornozelos, pulando e requebrando também.

— Agora o senhor, Sr. Williams! — gritou Penny.

— Eu?

— *Todos* devem dançar! — ordenou McCracken.

Rindo um tanto histericamente, Tracey puxou Phil, obrigando-o a levantar-se. Obediente, ele dançou sem entusiasmo. McCracken, sem parar de tocar, mudou de música. Harmonias estranhas encheram o ar. A sombra de Penny mesclou-se com as de Phil e Tracey no convés. As horas se passaram. Exausta, Tracey deixou-se cair no, convés.

— Você está bem? — sussurrou Phil, com o cabelo molhado de transpiração e gotas de suor escorrendo pela testa.

— Torci o tornozelo...

— Está rindo ou chorando?

— Não tenho certeza.

Rindo, McCracken enxugou o suor da testa. Respirava com dificuldade. Tocaram uma música mais lenta e, depois, pararam. McCracken apoiou-se ao instrumento como se para evitar cair. O silêncio da noite passou a parecer medonho, ecoando inaudivelmente com belas harmonias. Tracey, ofegante, adormeceu junto a uma cedeira de convés.

Todos dormiram a noite inteira no convés. De manhã, uma condensação fria se formara na amurada.

Tracey acordou, rígida e dolorida. Procurou em volta pelas sandálias. Então, verificou, que uma delas se partira em dois pedaços ao bater na parede da cabine. O polegar latejava dolorosamente com o ferimento do anzol. Vagarosamente, o dia raiou sobre o convés. Phil acordou. Os McCracken já estavam no salão, examinando as cartas de navegação.

— Hoje deve ser o esforço final — disse McCracken quando eles desceram. — Se continuarmos sendo arrastados para o norte, é certo que jamais sairemos da corrente à custa dos remos. Ficaríamos por demais afastados da corrente que vai para oeste. Portanto, começaremos dois turnos de seis horas.

Phil sentou-se pesadamente, como se já estivesse derreado pelo calor do dia. Só a idéia de que talvez fosse o último dia evitou que ele murchasse de desespero.

Ração dupla para o Sr. Williams— ordenou McCracken. — Temo que ele tenha se exaurido dançando.

Debruçando-se sobre a mesa, o Capitão acrescentou:

— Fazendo um retrospecto, talvez devêssemos ter economizado energias. Mas foi divertido, hem, Sr. Williams?

A jovialidade de McCracken contrastava vivamente com o revólver negro que ele ainda trazia à cintura — um objeto que ninguém mencionava.

Penny fez panquecas com farinha de trigo e até mesmo encontrou um melado genuíno; bem grosso. Em consequência, pela primeira vez em vários dias eles se levantaram da mesa sem sentirem o estômago vazio. Tracey pediu a McCracken que renovasse o curativo em seu polegar.

A essa altura, o Capitão já costumava prender a carta na parede do salão, marcando nela o contorno aproximado da corrente e o errático progresso do barco, numa linha quebrada, tentando escapar à corrente. Como uma mosca na água, o *Penny Dreadful* seguia junto à orla meridional da corrente, sempre à beira de escapar dela, mas sempre arrastado para o norte, preso a ela.

Após a pesada refeição, McCracken ordenou um descanso de vinte minutos antes do início do turno aos remos. Penny embrulhou pequenos pedaços de peixes em panquecas secas e isso, com água fresca, seria o lanche a bordo do bote. Tracey recebeu ordens para lavar o convés com água do mar. Pedaçõs de entranhas de peixe e gotas de sangue manchavam a brilhante madeira brusca em volta da cadeira de pesca. Tracey manipulava cuidadosamente os anzóis, mas era tarde demais. O constante latejar de seu dedo era uma lembrança permanente da fraqueza da carne em relação ao aço.

Como uma máquina bem lubrificada, desprovida de cérebro, Phil esquecera há muito tempo por que motivo estava remando, consciente apenas que dentro em pouco não remaria mais. Os músculos dos braços e ombros enrijeciam, o pescoço e o rosto se avermelhavam. Faixas de carne viva se prendiam à pele queimada que se soltava. Através de uma névoa, ele via os próprios joelhos se flexionando, como se estivessem soltos, separados do resto do corpo. Não suportava ver o remo. Água suja ondulava no fundo do bote.

— Não era nossa intenção ficarmos perdidos — declarou McCracken durante o período de descanso. — Todavia, já que nos perdemos, o senhor deve finalmente ter aprendido alguma coisa.

Phil não respondeu, estendendo a mão para pegar a garrafa térmica. A água doce estava tépida.

— Compreende, Sr. Williams? Estamos a uma milha do... desastre. Se não escaparmos à corrente e bem depressa... quem nos encontrará? Aqui fora? Quem? Phil devolveu a garrafa térmica. Olhou para o mar parado. Hoje, parecia mais azul que de costume. No céu, nenhuma nuvem. Phil lavou os braços com água salgada. McCracken tocou-lhe o joelho.

— Já estive tão perto? — sussurrou o Capitão.

Phil o encarou inexpressivamente,

— Fale, Sr. Williams. É melhor para o senhor.

Pensamentos vagos, aparentemente sem significado, atravessavam a mente de Phil. Nenhum pensamento valia o monumental esforço de abrir os lábios ressecados e forçar a língua a pronunciá-los. Phil fez um gesto débil e depois enxugou o suor dos lábios.

— O senhor está a... isto — disse McCracken de repente, erguendo o polegar e o indicador afastados menos de três centímetros um do outro — ... da extinção. Todos nós estamos. Bastam alguns erros, meu hóspede e, agora, meu tripulante, e ficaremos... como?

McCracken curvou os ombros e jogou água do mar no próprio dorso.

— Como se nunca tivéssemos existido — acrescentou suavemente, observando a água que se empoçava no banco do bote. — Absurdo, não é mesmo?

O Capitão distendeu o pescoço. Um pescoço de touro, um conglomerado de músculos. Moveu-o de um lado para outro e depois flexionou os ombros, procurando aliviar o esforço de quatro horas seguidas ao remo. Mais uma vez, ajeitou-se no banco. Olhou agradavelmente para Phil, observando-a curiosamente com um brilho no olhar.

— E isso nada significa para o senhor? — indagou.

Phil, que estivera examinando uma bolha no pé, ergueu a cabeça. Sacudiu os ombros.

— O senhor me desaponta — declarou McCracken. Julguei que um nova-iorquino como o senhor, uma pessoa sofisticada... julguei que compreendesse o que estou tentando explicar. Está passando através do fogo, Sr. Williams. Será capaz de voltar a ser a mesma pessoa de antes?

Phil pegou o remo, cujo peso dava a impressão de constituir uma extensão de chumbo de suas próprias mãos. Agora, quando dormia, sentia a resistência do mar a suas longas remadas.

— Reme! — disse com voz rouca;

Durante a tarde inteira seus remos mergulhavam e puxavam a água do mar. O *Penny Dreadful* atado pela corda à popa do bote, mantinha-se a dez metros de distância. Para Phil, bem poderiam estar parados. Nada lhe parecia diferente. Só a carta na parede do salão apresentava diariamente novas marcas, novos círculos, anotações diferentes nas margens. Reduzindo a; um mecanismo sem raciocínio, como um boneco, Phil tentou lembrar-se de quem era, onde estava, o que fazia ali. Mais tarde, porém, após o parco jantar e alguma água fresca, quando se deixou cair na cadeira de convés e fitou o sol cruel que se deitava no horizonte como um globo de sangue; sentiu-se invadido por uma sensação diferente.

Sim, a gordura que lhe cobrira as costelas desaparecera, seus membros estavam rijos e musculosos. Todos os órgãos pareciam funcionar em perfeita harmonia, tornando a circulação e a respiração uma sensação quase gostosa. Não obstante, seu cérebro se mantinha agudamente consciente do mar, do barco, dos valores variáveis das pessoas a bordo. Tinha a impressão de compartilhar com McCracken de uma compreensão secreta., a inteligência do corpo. Em comparação, Tracey era um ser humano subdesenvolvido, meramente potencial.

A essa altura, o dedo de Tracey parecia inflamado. Phil percebeu sob a atadura um princípio de enegrecimento. McCracken ferveu água e mergulhou nela o polegar de Tracey. Phil deu as costas quando o pus branco jorrou na água e subiu à superfície.

— Isso deve melhorar — murmurou McCracken. — Faremos um curativo melhor, desta vez.

Coberto com uma toalha para proteger-se do sol, Phil dormiu no convés. Percebia vagamente que os

McCracken remavam a apenas dez metros de distância do barco. Era um fato sem significado especial. A realidade e a fantasia se mesclavam em sua mente. Viu imagens dos filhos, sendo puxados sobre a neve num trenó duplo. Subiam uma colina na noite longa de inverno, em direção a um aglomerado de luzes. A neve era branca e brilhante. Como num sonho, o barulho dos remos dos McCracken chegava-lhe, abafado, aos ouvidos.

Quando os McCracken voltaram para bordo do *Penny Dreadful* ao final de seu turno aos remos, pareciam exaustos. McCracken pilheriou a respeito da própria idade, deu uma palmada no ombro de Phil, examinou o polegar de Tracey e depois, contrariando suas características, dormiu em seu camarote até o anoitecer, quando se levantou e foi trabalhar nas cartas de navegação. Mais tarde, Penny, sorridente, segredou a Phil que, de acordo com os cálculos do Capitão, tinham conseguido sair da corrente e já não estavam sendo arrastados.

A nova posição estava marcada na carta com um círculo vermelho e uma atmosfera de relaxamento reinou a bordo quando todos viram aquilo. Postaram-se diante da carta, admirando-a com satisfação.

— Não há engano? — quis saber Phil.

McCracken sacudiu a cabeça.

— Tem uma precisão de dez metros.

— Então, não estamos mais à deriva?

— Levou um bocado de tempo, não foi?

— Sim. Mas estamos aqui e aqui vamos ficar, não é?

— Exato.

Phil levantou-se e fitou a carta. Era a documentação que o libertava do trabalho escravo. Bom demais para ser verdade. Tracey não conseguiu encontrar consolo na notícia, toda sua concentração estava devotada ao polegar ferido.

— Lateja até o pulso — queixou-se.

— Deixe-me ver — disse McCracken.

Uma inchação vermelha deformava a carne. Tinha uma feia aparência inflamada que se espalhara até por debaixo da unha. Na realidade, a sensação de dor subia ao longo da veia que passava pelo pulso. O corpo de Tracey tornara-se muito sensível à dor devido a seu mau estado de nutrição. As gengivas doíam e ela sentia nos ouvidos o martelar do sangue e dos nervos.

— Bem — disse McCracken. — Vamos tentar outra vez. Não espremamos tudo na vez anterior.

Penny ferveu um pouco de água. O Capitão umedeceu gaze na água quente com um par de pinças e enrolou-a no polegar de Tracey. Após vários segundos, o pequeno ferimento voltou a abrir-se, aliviando a pressão do pus. O Capitão jogou a gaze pela borda. Colocou uma pequena compressa sobre o ferimento e prendeu-a com esparadrapo.

— Pronto — disse suavemente. — As mãos de Cristo deviam ter sido cuidadas assim. Eu lhes disse que sairíamos daqui. Naturalmente, ainda precisaremos remar até a corrente que vai para oeste.

Phil empalideceu.

— Pelo menos, não estaremos lutando contra a corrente — acrescentou depressa o Capitão. — Um dia, talvez dois, de remadas tranquilas. Depois, iremos à deriva.

Phil permaneceu calado. Sua atitude, antes cheia de dignidade, desmoronou.

McCracken serviu-lhe porções extras de "peixe e induziu-o a beber mais conhaque. Phil adormeceu sobre a mesa do jantar quando o sol se pôs.

— Talvez o tenhamos forçado demais — disse McCracken a Penny.

— Ele parecia aguentar tão bem.

— Uma regressão. Não obstante, possuía reservas que nem mesmo ele conhecia.

Tracey pegou o copo de conhaque que Phil derrubara no convés.

— Não falemos dele como se estivesse morto — protestou ela. — Vamos levá-lo para a cama.

— Certo. Vamos colocá-lo no desjejum do burro. É o banco com colchão que existe na casa do leme.

Deitaram Phil perto da mesa de mapas, cobriram-lhe os ombros com mais um cobertor e colocaram um lampião a álcool não longe de sua cabeça. A luz brilhava nos antigos instrumentos de bronze e lançava sombras no rosto pálido de Phil. Este não se moveu. Tracey teve medo. McCracken levou-a dali.

— Vamos, vamos — tranquilizou o Capitão, — É o sono dos anjos. Ele esgotou as reservas. É bom não estarmos mais na corrente.

Phil acordou tarde da noite. Sonhadamente, observou através da janela da casa do leme as estrelas que pareciam fixas em vastas formações no céu. Sentiu o cheiro da brisa do oceano. Nem vestígio de deterioração, só o frescor de milhares de milhas sem sinal de terra. Phil mal sabia onde estava. Sentia-se incorpóreo, pesado e leve ao mesmo tempo, como se anestesiado após uma cirurgia. Contente em sua imobilidade, olhou para cima e teve a impressão de que a majestade do céu fora colocada à mostra exclusivamente para ele. O oceano, as estrelas, a escuridão já não eram agentes de sistemas mecânicos indiferentes. Seu destino se revelava. Agora, ele só podia observar a imobilidade das constelações. Havia tempo. As estrelas dispunham de um tempo infinito. Phil fechou os olhos e, sem se mover, tornou a adormecer imediatamente.

Tracey, enrolada num cobertor, estava sentada num banco ao lado da casa do leme. Era como se fossem casados. Não conseguindo dormir sozinha, subira ao convés para ficar perto de Phil. Estava cansada até os ossos, até o sangue, farta daquele cruzeiro e de tudo que se relacionasse a ele. Sentia-se fisicamente desgastada e imaginou que estivesse ficando rapidamente transparente. Como num filme de terror, as imagens voltavam-lhe à mente; Larry a encontrava no aeroporto. Exigia explicações. O apartamento escuro, abandonado, uma imagem do vazio flutuava-lhe no cérebro.

O sino do barco tocou de leve. McCracken sorriu para Phil, que despertou e sentou-se com uma repentina dor de cabeça.

— Nada de remar, Sr. Williams — disse o Capitão num tom bondoso. — Só quero que o senhor coma alguma coisa.

— Café da manhã? Está bem. Oh, Jesus, minha cabeça!

Phil levantou-se devagar. Desceu em companhia de Tracey, lavou-se, fez a barba, vestiu camisa e bermudas limpas. Externamente, parecia um viajante despreocupado. Seu corpo, embora aparentando excelente forma física, estava alquebrado, sofrendo de exaustão e má nutrição.

Penny disse cautelosamente:

— Se me permite fazer uma observação, Sra. Williams, seu dedo está terrivelmente infeccionado.

Tracey ergueu a mão. Uma zona arroxeadada se estendia a partir da unha.

McCracken colocou um par de óculos com aros de metal, retirou a atadura e examinou atentamente o polegar de Tracey.

— Creio que será necessário abri-lo totalmente.

— Tem uma aparência horrível — disse Tracey, amedrontada.

— É uma infecção daquelas, realmente — disse McCracken em voz baixa.

Após o café da manhã, o Capitão fez Tracey deitar-se numa espreguiçadeira do convés e obrigou-a a tomar dois pequenos conhaques. Mandou Penny à cozinha ferver água. A caixa de remédios estava no armário junto à entrada do camarote principal. Abrindo-a, McCracken pegou dois bisturis e uma agulha afiada. Penny levou as ataduras limpas para o convés.

Phil puxou McCracken para fora do alcance dos ouvidos de Tracey.

— Que vai fazer?

— Preciso lancetar. Ela terá gangrena, se eu não o fizer.

— E a dor?

— O que está acontecendo? — quis saber Tracey.

— Precisam abrir por debaixo da unha — disse Phil diretamente, indo até ela e ajoelhando-se a seu lado.

— Eles sabem o que estão fazendo? — indagou Tracey com voz trêmula.

— Eu ficarei vigiando, querida.

— Phil...

— Ouça-me, Tracey. A infecção se espalha como veneno. Precisamos tirar o veneno.

— Vai doer, não vai?

— É como ir ao dentista.

Tracey olhou para os McCracken apreensiva. Phil obrigou-a delicadamente a virar a cabeça. Sentou-se, segurando-lhe o braço. Tracey sentiu um aperto no pulso. Uma forte agulhada subiu-lhe pela unha. Ela desmaiou.

— Sr. Williams — disse McCracken rapidamente. — No armário de remédios há um pequeno pacote de plástico. Quer trazê-lo, por favor?

Phil desceu e encontrou um saco de plástico cinzento, fechado com um colchete de pressão. Levou-o para o convés. McCracken abriu um pequeno frasco e cheirou o conteúdo, jogando a cabeça para trás.

— Sais de amônia — explicou, tossindo. — Muito bem, vamos continuar. Pode ir embora, caso se sintam mal, Sr. Williams.

— Ficarei.

Phil sentiu náuseas ao ver o sangue e pus que escorriam lentamente pela pele branca de Tracey e pingavam no convés. O sangue vermelho-vivo pulsava brutalmente, caindo em gotas grossas. Phil teve uma sensação física na boca do estômago. Após cinco minutos, viu-se forçado a afastar-se. A viagem inteira transformara-se num terror demoníaco, refletiu ele, debruçando-se na amurada e fitando o mar. Deixou o tempo passar antes de voltar para perto de Tracey.

Os McCracken guardavam os instrumentos cirúrgicos. Suas sombras compridas estendiam-se até Phil. Este se aproximou de Tracey, cuja mão trazia um volumoso curativo de algodão limpo. McCracken limpou gotas de sangue que tinham respingado as costas da espreguiçadeira. Tracey dormia profundamente, as narinas, inflando-se ligeiramente quando ela respirava. Phil pousou uma mão reconfortante em sua testa úmida.

— Acha que tirou tudo? — indagou, preocupado.

Os McCracken não responderam.

Penny levou consigo uma panelinha de água quente com instrumentos e panos sujos. Um pequeno objeto de cor clara caiu no convés. Phil arregalou os olhos.

— O que é isso? — gaguejou.

— Tivemos que amputar o dedo — respondeu McCracken com voz fraca.

Penny limpou rapidamente tudo o que caíra ao convés e levou para baixo. Phil encarou McCracken.

— Vocês... o quê? — berrou.

— A infecção já estava muito abaixo da pele. Começava a infiltrar-se nas veias — declarou McCracken.

— Mas... como puderam? ... O que fizeram?

— Salvamos a vida de sua esposa, Sr. Williams.

Phil deixou-se cair sentado ao lado de Tracey. Ainda adormecida, ela parecia desajeitada na espreguiçadeira. Como se movidos por vontade própria, os olhos de Phil procuraram a massa de bandagens que envolvia a mão de Tracey. Não havia dúvida: a forma da mão interrompia-se na linha do polegar.

— Oh, Deus! — exclamou Phil, cambaleando e agarrando-se ao braço da cadeira.

— Sr. Williams...

O frasco de sais de amônia foi aberto sob o nariz de Phil. Este sentiu um choque nas narinas, penetrando-lhe até o âmago do cérebro. McCracken o ajudou a levantar-se.

— Seja forte, Sr. Williams — aconselhou o Capitão. — Ela precisará de seu encorajamento.

— Mas como puderam... sem me consultarem?... E a dor...?

— Tínhamos morfina.

— Morfina?

— Sim. Pequenas ampolas. Seringas descartáveis.

Phil libertou-se com um safanão, dominando-se. Controlou a respiração. Tomou a debruçar-se sobre Tracey. Murmurou várias frases. Dando-se conta de que não adiantava, calou-se. Nada havia a fazer. A facilidade e rapidez com que a cirurgia improvisada se realizara eram horripilantes. Nada fazia sentido. O ser humano não era inviolável?

— Ajude-me a levá-la para a cama — disse McCracken a Penny. — Vamos vigiá-la alternadamente. Ela talvez passe mal.

Phil acompanhou-os mecanicamente.

No camarote, despiram Tracey e cobriram-na com um lençol. Paulatinamente, Phil tomou consciência da passagem do tempo. A viagem dobrara uma esquina invisível, embora ele não soubesse definir a diferença. Pediu a McCracken que o deixasse a sós com Tracey. Sentia-se inominavelmente humilhado e violentado, como se devesse ter permanecido presente para defender Tracey.

Lentamente, Tracey emergiu do sono drogado. Phil mergulhou numa depressão ainda mais profunda. Depois disto, como poderia a vida de Tracey voltar ao normal? Tracey gemeu, rolou para o lado de Phil e vomitou. Phil limpou-lhe carinhosamente o rosto. Vagarosamente, ela abriu os olhos.

# Onze

— Onde estou?

— No nosso camarote.

— Eu... perco os sentidos...

— Não fale.

— Meu polegar se foi?

Chocado, Phil não respondeu logo. Sentiu-se tolhido, imóvel.

— Sim — respondeu finalmente, em voz baixa.

— Foi o que pensei — disse Tracey, sem olhar para a mão.

— Não é tão ruim — disse depressa Phil. — Não altera sua personalidade.

— Eu sabia — disse Tracey, como se o fato nenhuma relação tivesse com o seu corpo. — Pude escutá-los. Parecia um pedaço de metal arranhando sob a superfície do mar.

Com um arrepio, Phil deu-se conta de que ela escutara o som de um ligamento ou mesmo um osso sendo serrado.

— Compreenda — disse ele, ainda falando depressa. — Tinha que ser feito.

Falava depressa por causa do remorso. Fora cúmplice de um pequeno assassinato, uma mutilação, Interiormente, pedia perdão.

— Você tem razão — disse ela, franzindo a testa de dor. — Tinha que ser feito.

Phil beijou-lhe a testa e sentiu lágrimas nos olhos.

— Oh, querida, deve acreditar que eles lhe salvaram a vida!

Tracey acariciou de leve a mão dele. Phil enxugou os olhos. Uma quietude, uma luz tranquila, embora imbuída de medo, entrava pelas vigias, lançando áreas brilhantes sobre o cobertor e o lençol. Por mais absurdo que fosse, Tracey consolou Phil.

— Pobre Phil — disse ela. — Como deve ter-se preocupado!

— Fiquei fora de mim quando me disseram.

— Como poderei dizer ao pobre Larry?

Phil encolheu-se instintivamente, mas logo controlou-se.

— Não pensemos nisso agora — replicou suavemente, embora seu cérebro fervilhasse.

— Teremos que encarar o fato, mais cedo ou mais tarde.

— Talvez haja um médico com o qual você possa... que seja discreto..., que nos ajude...

Tracey olhou para Phil e exibiu um sorriso tristonho. Um certo fatalismo suavizou-lhe as feições. Franziu novamente a testa quando o analgésico começou a diminuir de efeito. Afinal, virou a cabeça para olhar a mão mutilada, envolta em ataduras muito brancas. Não havia sinais de sangue, mas o perfil não era natural. Tracey ficou muito pálida. Olhou fixamente para a mão e começou a tremer de repulsa e medo.

— Não — exclamou, com lágrimas brotando dos olhos. — Não há médico. Ninguém que me desse um laudo médico falso. Além disso, onde arranjaría eu um cirurgião, um hospital e um anestesista que me fornecessem recibos falsos, fichas médicas falsas... Oh Deus!... Será que você não entende, Phil? Não há mais nada de falso. Nada. Este é meu estigma por adultério.

— Acalme-se — disse Phil. — Tudo ficará bem, Pensaremos numa solução. Precisamos raciocinar juntos.

Tracey chorou baixinho, sem rancor ou medo, apenas um total e purificante desabafo de sua alma.

— Querida Mãe de Deus... — murmurou entre lágrimas.

Phil reconfortou-a. Engoliu em seco. Amaldiçoou-se por pensar em escapatórias num momento como aquele. Seu cérebro parecia correr violentamente por becos estreitos à procura de um meio de salvar sua própria reputação, seu casamento, o mundo sólido de dois filhos e seu futuro. Seria capaz de sacrificar tudo aquilo por Tracey?

— Pensaremos numa solução — repetia incessantemente.

A litania terminou por acalmar Tracey.

Phil cobriu-lhe a mão com o lençol.

— Não me abandone — implorou ela.

— Está bem. Dormiremos juntos.

Inteiramente vestido, Phil deitou-se ao seu lado. Nenhum dos dois dormiu. Ouviam os ruídos dos McCracken no salão. Cristo, pensou Phil, o que é isso? O que está acontecendo? Parece um prelúdio do inferno.

Muito mais tarde, sem terem dormido, foram para o salão. McCracken espantou-se obviamente com a palidez de Tracey, embora tentasse disfarçar. Sentaram Tracey e lhe ministraram uma grossa sopa de peixe. Os olhos de McCracken procuravam frequentemente a mão mutilada.

— Deve acreditar o quanto sentimos... — sussurrou roucamente o Capitão.

— Por favor, não fale nisso — interrompeu Tracey.

— Mas preciso falar. Fomos apanhados inteiramente de surpresa. A veia estava perfurada e a região em volta...

— Eu lhe imploro, Capitão. Já me ajustei ao fato. Agora, o senhor deve fazer o mesmo.

McCracken aproximou-se tanto que o aroma agradável de seu calor chegou ao rosto de Tracey. Seus olhos expressavam uma enorme fadiga e, não obstante, uma profunda curiosidade. A mesma curiosidade, percebeu Tracey, que surgira no olhar de Phil.

— Nunca nos aconteceu algo semelhante... — disse o Capitão. — Sentimo-nos não apenas responsáveis, mas... nem mesmo podemos acreditar... é como um pesadelo.

— Por quê? Porque fui bastante estúpida para fisgar meu próprio dedo em vez de um peixe?

— Sente dor? — indagou Penny.

Afastando-se finalmente da escrivantina, estava pálida e, pela primeira vez, perdera sua habitual elegância.

— Sim. Tem aspirina?

No transcorrer da tarde, Tracey tomou quase uma dúzia de comprimidos de aspirina. Pouco antes do jantar, Phil cortou ao meio um comprimido para dormir e deu-o a ela. Uma sombria quietude passou a reinar no barco. Phil refletiu que aquele era o primeiro sinal inequívoco de que não sobreviveriam.

Ninguém remou. McCracken disparou o último foguete de socorro para o que parecia algo tangível na linha do horizonte. O rastro de fumaça branca subiu sinuosamente, a luz do núcleo descreveu um arco vagaroso e depois caiu verticalmente no oceano. O crepúsculo escureceu. Restava pouco álcool. De acordo com as marcas na carta marítima, estavam na mesma posição em que se encontravam naquela manhã. Phil estudou a carta. Levariam três dias remando para chegar à corrente que seguia para oeste, dissera McCracken.

A noite baixou sobre o mar. Phil já não pensava no fecho da porta do conservador de carnes. Também não pensava no revólver pendente da cintura de McCracken. Limitava-se a obedecer ordens, aguardando seu turno seguinte aos remos e tentando lutar contra o remorso que o atacava de todos os

lados. Além disso, havia a negra premonição de que se fossem socorridos o seu mundo e o de Tracey desmoronariam, jamais podendo ser reconstituídos.

McCracken tentava mostrar-se jovial e dar ordens enérgicas. Suas tentativas não alteravam o ambiente a bordo. Phil compreendia atordoadamente o que devia fazer e, seguindo instruções, pescava do convés, lavava a cozinha ou remava. Tracey, agitada mas imóvel, permanecia sentada, evitando olhar para a mão mutilada e desviando os olhos dos McCracken. Era como se evitasse pensar. As horas se passavam. Nenhum barco aparecia. Uma vez, McCracken entrou no salão para marcar na carta a posição do *Penny Dreadful*. Havia percorrido uma distância mínima e era óbvio que não se trataria do tranquilo remar previsto pelo Capitão.

Incapaz de manter o almoço no estômago, Tracey, enjoada e trêmula, retirou-se para o camarote. Um lampião aceso perto da cama afugentava a escuridão. McCracken vinha conversar com ela a intervalos quase regulares. Contava-lhe histórias dos índios no litoral da Venezuela e dos espanhóis que haviam combatido os ingleses nas mesmas águas que eles agora singravam. Quando o Capitão se retirava, Phil lia para ela, em voz alta, um livro de romances do mar. Davam-se as mãos enquanto Phil lia. Tracey tomou a segunda metade do comprimido para dormir e adormeceu gradativamente. Phil colocou o livro em cima da cômoda, beijou Tracey, ajeitou-lhe as cobertas e foi andar sozinho no convés.

Desesperado, tentou adivinhar de que forma os McCracken conservavam o vigor físico, enquanto ele e Tracey definhavam a ponto de mal conseguirem raciocinar. Talvez fossem furtivamente à cozinha, durante a noite, e devorassem frutas e legumes. Ou talvez tivessem alimentos escondidos no camarote.

— Está passando bem, Sr. Williams? — indagou Penny.

Phil virou-se.

— Estou apenas pensando em tudo que nos aconteceu. Que significa, afinal?

— O que significa qualquer coisa?

— Certamente deve existir algum sentido nisso tudo.

Penny sacudiu a cabeça e sorriu, embora seus olhos traíssem preocupação.

— Um acidente, Sr. Williams. Uma série de acidentes. Nada mais que isso.

— Parece-me tão difícil de acreditar.

— Até sofrermos, pensamos que a vida nos deve alguma coisa. Acreditamos em nosso destino pessoal. Então, vemos que não é assim. A vida nada nos deve.

Phil olhou para ela, principalmente a fim de evitar a infundável depressão de fitar a escuridão da noite.

— Ainda acredita que voltaremos? — indagou baixinho.

Os olhos de Penny faiscaram com um brilho peculiar e ela replicou pensativamente:

— Voltaremos. Após o dia de hoje, porém, devemos pensar no custo físico. Serei franca, Sr. Williams. Tem sido e continuará sendo difícil.

— Acredita realmente que nos encontrarão, todos nós, aleijados e indefesos como estamos?

— Sr. Williams, a esta altura o senhor já deve ter aprendido o segredo da força do Capitão.

— Não. Qual é o segredo?

— Pensamento positivo. Não deve entregar-se a reflexões negativas. Não há lugar para tal luxo — não aqui.

— Agora, parece-me que estamos além da esperança. Sei que estou num processo de desintegração. Sinto-o, física e mentalmente.

— Tolice. Não está acostumado a dificuldades.

Phil não sabia se acreditava ou não em Penny, mas decidiu que deveria acreditar se tinha que remar no bote ao menos mais uma vez.

— Amanhã? — quis saber ele. — O que acontecerá amanhã?

— Remaremos em turnos de quatro horas. O Capitão nos fornecerá um novo rumo.

— E depois disso?

— Depois disso, estaremos bem perto das ilhas. Peço-lhe que mantenha seu senso de disciplina, aconteça o que acontecer.

Depois que Penny se afastou, Phil encontrou dificuldade para descer ao camarote. Como uma desaprovação eterna e infinita, ele veria a mão mutilada de Tracey; não obstante, seu dever para com ela exigia que fosse reconfortá-la. Desceu. Tracey dormia. Phil notou que ela tomara outro comprimido para dormir. Iluminada pelo brilhante lampião a álcool, tinha uma aparência angelical. Os cabelos se espalhavam pelo travesseiro. Phil apagou o lampião. Por algum tempo, na escuridão, teve a impressão de que tudo daria certo. As coisas se resolveriam. Abraçando Tracey para reconfortar-se, adormeceu vagorosamente.

Os dias se misturavam. A água salgada no fundo do bote irritava as bolhas nos pés de Phil. Uma pequena garrafa térmica com água doce rolava pelas tábuas do fundo. No céu, o sol queimava através de camisas, cabelo e até mesmo da pele, dando a impressão de avermelhar a carne interna, desidratando o corpo e esvaziando a mente. Ocasionalmente, Phil olhava para o mar; Implacável, o oceano ondulava por milhas ao seu redor, indiferente à sua necessidade de subsistir. Seu espírito diminuía, secando-se, da mesma forma que o corpo se alquebrava aos remos.

— Vamos, vamos, Sr. Williams — grunhia McCracken. — Reme.

— Não posso. Já não me importo mais.

— Senão pelo senhor, ao menos pela Sra. Williams.

Phil baixou a cabeça e começou a encher a palma da mão de água de mar para beber. McCracken deu-lhe um tapa na mão e abriu rapidamente a garrafa térmica.

— Isso — encorajou o Capitão. — Sua esposa está ferida. Conta com o senhor. Precisa que o senhor continue a remar.

— Ela não é minha esposa.

— Claro que é. Está ficando irracional por causa do sol, Sr. Williams. Agora, reme! Seja homem! Para trás, para baixo, agora puxe! Isso!

Phil remou e olhou para o convés do barco. O *Penny Dreadful* sobreviveria a todos eles, refletiu. Tentou imaginar a quantas pessoas o barco já sobrevivera. Tracey estava sentada na cadeira de pesca do convés. A vara dê pescar inclinada para a água, um chapéu de abas largas escondendo-lhe o rosto. Estava derreada na cadeira, esperando um peixe que nunca mordida à isca.

— Não pense, Sr. Williams. Reme.

— Como consegue, McCracken? Rouba comida durante a noite?

McCracken riu.

— Treinamento superior, Sr. Williams. Puxe com força. Isso!

— Não acredito. Por que mantém o conservador de carnes trancado? Priva-nos de alimentação?

— Reme com mais força, por favor. Nosso esforço deve ser produtivo.

— E esse estúpido revólver, Capitão Jack? Vai atirar em mim se eu não remar? Limitar-se-ia a deixar-me morrer de fome se eu não remasse, não é mesmo?

Remando durante todo o tempo, Phil continuou a praguejar contra McCracken e contra a má sorte que os deixara perdidos no calor do Oceano Atlântico. No meio da tarde, reclamou de um sócio comercial que fechara inadvertidamente a fábrica de Hartford e mantivera em funcionamento a de Nova Jersey. McCracken nada dizia, exceto quando Phil parou de remar para explicar os detalhes da transação.

— Reme, Sr. Williams. Continue a remar enquanto fala.

Phil pegou o remo e percorreu longamente sobre as dificuldades para encontrar couro de boa qualidade. A competição estrangeira era extraordinária, particularmente por parte da Suíça. As leis alfandegárias já não eram suficientes. Phil se calou. Virou-se para McCracken, que lhe ofereceu a garrafa térmica.

— Estive tagarelando? indagou Phil, atordado.

McCracken sorriu, enxugando o suor das bastas sobran-celhas.

— Foi muito informativo.

— Nada íntimo demais, espero.

— Infelizmente, não.

— Não sei por quanto tempo conseguirei prosseguir, Capitão.

— Estou vendo. Pode remar mais meia hora?

— Não creio. Estou totalmente esgotado.

— Quer tentar? Comigo?

— Sim. Está bem. Tentarei.

As remadas se tomaram mais curtas, pequenas puxadas. Phil escorregou do banco. McCracken o ergueu, lavou-lhe o rosto com água salgada e esfregou-lhe água doce nos lábios ressecados e rachados. Phil sentia-se feito de borracha. Tentou retomar seu lugar no banco.

— Não, Sr. Williams. Basta por hoje.

— Tentarei. Vou conseguir. Vamos.

— Percorremos mais algumas milhas. Não pode esgotar por completo suas reservas.

— Mais algumas milhas? Não, preciso tentar, Capitão, ou morremos todos.

McCracken pegou ambos os remos e manobrou o bote na direção do *Penny Dreadful*. Com a visão embaçada, Phil divisou a pequena esteira branca deixada pelos remos, a imensidão esverdeada do oceano, as bolhas que flutuavam vagorosamente para longe do bote. Sentia-se como um paciente na mesa de operações. Era o fim. Tudo chegava a uma conclusão. Havia apenas água e distância. Phil tentou lembrar-se do pai, mas não conseguiu trazer imagem alguma à mente. Era como se já estivesse morto e tivesse diante de si uma visão do mundo sem Phil Sobel — desolado, infinito, lindo, sedutor, um mundo banhado por um sol enganador.

— Dê-me sua mão, Sr. Williams — escutou alguém dizer por cima de seu ombro.

McCracken ajudou-o a subir a escadinha da amurada. A escadinha parecia ter adquirido mais três metros de altura e todos os degraus estavam monstruosamente afastados uns dos outros. Teve a impressão de estar escalando um enorme penhasco. Quando Penny o ajudou a chegar ao convés, Phil notou-lhe os ombros lisos e os seios bem delineados. Em comparação, Tracey, embora mais jovem, tinha murchado. Quando haviam iniciado o cruzeiro, Phil considerara Penny uma mulher mais velha. Agora, havia nela algo, senão mais jovem, ao menos mais robusto.

— Como está, querida? perguntou ele a Tracey.

— Peguei um peixe — respondeu Tracey, solene. — Pequeno.

— Você é uma garota valente...

— Não. Valente é você. Trabalha tanto.

Phil deixou-se cair ao lado da cadeira, de pesca, sentando-se nas entranhas de peixe espalhadas no convés. Descansou a cabeça no colo de Tracey. A intervalos, sentia Tracey movimentar-se ao recolher a linha. Observava-lhe a linha das pernas esbeltas. Os pés de Tracey estavam queimados de sol, as unhas maltratadas. e rachadas.. Um profundo arranhão marcava-lhe obliquamente o tornozelo direito. Phil pousou-lhe a mão na coxa, reconfortando-se com seu calor.

— Você é uma garota valente — murmurou em voz quase inaudível.

O almoço foi uma indecifrável mistura de batatas, temperos, pedaços de carne de porco e peixe. O vinho provocou-lhes sonolência. Agora, Phil conhecia o significado da palavra fome. Consumiu zelosamente as últimas migalhas que restavam no prato. Olhou para a travessa, que ainda continha pedacinhos de batata no fundo...

— Ordeno uma hora de repouso disse McCracken. — Procure uma sombra e não saia dela até passar o calor direto do sol. Far-lhe-ei sinal da casa do leme.

Phil deitou-se à sombra. Permanecer imóvel atenuava a fome. Truques de visão, pontos brilhantes pairavam sobre o horizonte. Tracey, estendeu-se embaixo de uma espreguiçadeira, de braços abertos. Penny trocara as ataduras. Uma trouxa branca e limpa na extremidade do braço dela, pensou Phil. Quando tirassem o pano, Tracey ficaria parecendo uma aleijada. As pessoas notariam, teriam asco, olhariam abertamente e teriam pena. Toda a sua vida futura seria alterada. Mas não importava, pensou Phil, porque não haveria futuro para eles.

A forte badalada do sino de bordo penetrou-lhe no consciente. Os McCracken foram remar. Phil recebeu ordens para pescar. Tracey continuou a dormir à sombra da espreguiçadeira. Uma louca compulsão para possuí-la invadiu Phil, mas não havia desejo, só violência. Quando terminou de soltar os arreios da cadeira de pesca, deixou-se cair no assento, deprimido, já não sentindo qualquer desejo. A simples ausência dos McCracken lhe acendia o corpo? Ou era sinal de que no seu âmago algo se soltara do lugar, um espasmo do instinto, um mecanismo biológico de sobrevivência? Enquanto Phil recolhia o anzol, vazio, pois a isca se perdera nas profundezas, ocorreu-lhe que o ego humano era uma ilha frágil, digna de pena. Sentiu-se chocado ante a própria animalidade. Um arrepio frio percorreu-lhe a espinha. Escutara histórias de canibalismo...

O jantar foi uma sopa rala feita de peixe e batatas, algumas verduras escurecidas e mais vinho. Bolachas duras, cozidas na sopa, enchiam o estômago. Depois da refeição, Phil continuou faminto. Tracey dava sinais de extremo nervosismo, até mesmo tremendo, e teve que deitar-se. Ninguém falava. Até o medo passara a ser rotina.

No salão, outro círculo na carta mostrava um progresso mínimo. McCracken fez, à mesa, uma demonstração de truques com baralho. A mesa fora arrumada com uma toalha branca e castiçais, um arranjo de algas marinhas secas numa jarra colocada no centro. Phil observava sem interesse as mãos ágeis de McCracken. As cartas se abriam em leque e apareciam misteriosamente atrás das orelhas de Tracey. O dez de outro flutuou miraculosamente até o topo do baralho. Duas horas se passaram antes que Phil se desse conta do tempo. Estava por demais inquieto para dormir. Inconscientemente, ele e Tracey tinham medo de adormecer.

No café da manhã, Phil foi servido de dois biscoitos ensopados numa xícara de chá. Para Tracey, apenas chá quente com bastante açúcar. Uma série de ondas moderadas forçara o cheiro da água do fundo do casco através dos ralos dos banheiros. Como um acompanhamento de podridão, dava um gosto nauseabundo ao café da manhã. Pela primeira vez, o bote foi baixado em águas revoltas.

— Uma tempestade — observou McCracken, afastando o bote do *Penny Dreadful*. — Subprodutos de uma tempestade ao norte. Tivemos sorte de não sermos apanhados por ela.

Calado, Phil começou a remar. Puxou até que a corda de reboque se esticou. Firmou as pernas e sentiu o pequeno choque quando o *Penny Dreadful* começou a avançar. Se o bote fosse maior, poderiam abandonar o *Penny Dreadful* à mercê do oceano e simplesmente remar, levando consigo o restante dos víveres. Penny acenou para McCracken do convés de proa.

Phil olhou com atenção para Penny. Era uma espécie de sinal indecifrável. Parecia alguma emergência, embora ele logo divisasse Tracey recolhendo a linha com um pequeno peixe fisdado.

— O que é? — quis saber Phil.

— Não tenho certeza. Parece grave. Não vejo nada errado.

— Talvez o barco esteja vazando água.

— Ouça-me, Sr. Williams. Vou voltar para bordo. As aparências não me agradam. Quero que o senhor fique aqui. Não precisa remar. Descanse.

Phil assentiu com a cabeça. McCracken colocou o revólver em segurança no interior ao boné e escorregou-se para a água. Mais uma vez, Phil surpreendeu-se com a enorme força física do Capitão. Parecia ficar mais forte a cada dia que passava. McCracken nadou devagar, com braçadas fortes e seguras. Subiu a escadinha da amurada, um ponto atrás do barco que obstruía a visão de Phil.

No convés, Penny gesticulou para McCracken, indicando e aguardou. Então, Tracey ficou excitada. Gritando, correu Phil encostou os remos na água, estabilizando o bote para a amurada do costado e apontou para trás do barco. Seus gritos colocaram os McCracken em ação. Correram para o convés de popa.

Phil remou com dificuldade, em ângulo, mantendo-se paralelo ao *Penny Dreadful*. Tracey correu ao longo do convés em frente ao bote. Quando ultrapassou com o bote a proa do *Penny Dreadful*, Phil avistou, espantosamente próximo, um grande cargueiro de casco negro. Dois enormes mastros pintados de amarelo berrante e uma bandeira negra drapejava ao vento no mastro da popa. Phil calculou que estivesse a menos de uma milha de distância e, mesmo assim, o nome era perfeitamente legível na proa: Murmansk II.

Rindo e chorando absurdamente ao mesmo tempo, Phil ergueu os braços e acenou,

No convés de proa, Tracey pulava no mesmo lugar, agiotando a blusa como uma bandeira. O cargueiro não veio direto a eles, mas aproximou-se num ângulo que prometia trazê-lo a poucas centenas de metros do *Penny Dreadful*. Ninguém estava visível no navio e uma grossa pluma de fumaça negra subia luxuriantemente no ar.

— Estão aqui! Eles chegaram! — gritou Tracey, cheia de felicidade.

Phil sacudiu a cabeça, mal ousando acreditar que fosse verdade. Remou para a popa do *Penny Dreadful*. À sombra do barco, viu a amaldiçoada hélice brilhando imóvel sob a superfície. Quando tomou a erguer os olhos, avistou alguém no convés do cargueiro, uma pequena silhueta que caminhava e acabou sumindo ao descer uma escada. Logo outras pessoas se tornaram visíveis. Forçando a visão, Phil divisou as camisas e os suéteres cinzentos da tripulação... Vários marujos acenaram em resposta.

O cargueiro tomou um rumo paralelo ao *Penny Dreadful*. Sua grande esteira rolou até o iate, sacudindo-o. Phil, estonteado, agarrou-se à escadinha do *Penny Dreadful*. Seus pés vacilaram quando o bote sacudiu violentamente, chocando-se contra o casco do barco. Então, o cargueiro passou para o outro lado do *Penny Dreadful*. Phil remou para a proa a fim de observá-lo. A tripulação acenou e o cargueiro ultrapassou o iate.

— Socorro! Socorro! — berrou Phil. — Voltem!

Deixou-se cair no bote, esgotado pelo esforço. No convés, Tracey gritava. O cargueiro prosseguiu no rumo, as máquinas ecoando poderosamente através do oceano. Phil remou freneticamente para a popa do *Penny Dreadful*, acenou com o chapéu e praguejou furioso.

Virou-se e olhou para o convés do barco. Vestindo camisas estampadas e roupas de banho multicores, os McCracken jogavam voleibol. Usavam chapéus de panamá. A intervalos, viravam-se para acenar alegremente na direção do cargueiro.

À distância, o navio tornou-se cinzento, menos substancial. Logo seu rastro de óleo se dispersou no mar. Ocasionalmente, um membro da tripulação ainda acenava para o *Penny Dreadful*.

# Doze

Quando Phil subiu ao convés do *Penny Dreadful*, a rede de voleibol desaparecera. McCracken tinha até mesmo trocado a camisa havaiana e o calção colorido. Não obstante, quando avistou Phil, recuou e ergueu um braço em posição defensiva.

— Filho da puta — berrou Phil, atirando-se contra McCracken, que escorregou, esquivou-se e tentou escapar ao ataque.

Os dedos de Phil, porém, com os tendões retesados, se fecharam em torno do pescoço do Capitão.

— Mandou-os embora! — gritou Phil, com lágrimas brotando dos olhos. — Você os mandou embora!

Agarrando os pulsos de Phil, McCracken engasgou-se, empurrado de encontro à parede da casa do leme. De repente, um relâmpago amarelo obscureceu a imagem de McCracken. Os dedos de Phil agarraram o ar. Perdendo os sentidos, Phil viu o convés inteiro, tornar-se vermelho brilhante, depois escurecer até ficar negro, piscando com uma infinidade de pontos luminosos!

Quando voltou a si, percebeu que Penny se debruçava sobre ele, empunhando uma cavilha. McCracken estava sentado numa cadeira de lonas, apenas meio metro à sua frente. Dois pedaços de corda atavam os braços de Phil à amurada de popa. Como dois atores aguardando a deixa, os McCracken o observavam em silêncio, rostos inexpressivos. Os olhos, porém, estavam alertas.

— Tracey? — murmurou Phil com voz pastosa.

— Estou aqui.

A voz de Tracey vinha da esquerda, cava, distante, des-ligada.

Phil girou dolorosamente a cabeça. Tracey estava caída, chorando, no chão da casa do leme. O desastre se abatera sobre eles. O convés parecia hediondamente vermelho ao sol poente, brilhando de pecado e malevolência. O mar era um vasto lago de calor e sofrimento.

McCracken debruçou-se com uma xícara fumegante na mão.

— Um pouco de chá, Sr. Williams — disse o Capitão. — Para curar a tonteira.

Phil comprimiu-se de encontro à amurada, os braços presos com firmeza à barra central.

— Afaste-se de mim, McCracken!

McCracken suspirou e entregou a xícara a Penny, que deu um rápido passo à frente para pegá-la.

— Sr. Williams, eu...

— Por que não pediu socorro àquele cargueiro? — berrou Phil.

— Não havia possibilidade de que o cargueiro parasse para recolher-nos. Era russo, provavelmente navegando para Cuba. Desconfio que leve sob a lona no convés algo de que ninguém deve tomar conhecimento.

Phil murmurou algo e curvou-se para diante com lágrimas de frustração nos olhos.

— Bem, espero que tenham jogado uma boa partida de voleibol — disse com voz rouca.

McCracken olhou para Penny, confuso. Penny sacudiu os ombros.

— Sr. Williams — começou o Capitão. — O que...

— jogos e diversões a bordo do *Penny Dreadful* — interrompeu Phil num tom lastimoso. — Um belo cruzeiro de recreio.

McCracken aproximou mais a cadeira e Penny avançou um passo. O Capitão observou atentamente a fisionomia de Phil. Este ergueu os olhos, surpreendendo-se ao ver McCracken tão próximo.

— Que partida de voleibol?! — perguntou o Capitão.

Phil virou-se para Tracey em busca de corroboração.

— Eu estava no lado oposto do barco — lamentou ela.

— Não vi nada.

— Eles estavam jogando voleibol! — berrou Phil. — Deixaram propositadamente o cargueiro ir embora!

McCracken recostou-se na cadeira, perplexo.

— O senhor estava por demais fatigado — argumentou o Capitão. — Fez um esforço violento para remar de volta, depois para a popa e então para a proa. Seus olhos...

— MERDA!

Phil tombou um pouco a cabeça, os olhos escuros e penetrantes, como se pretendesse fixar para sempre na retina a imagem dos dois criminosos à sua frente. Desacostumado ao ódio, Phil sentiu uma

estranha emoção, dominadora e descoordenada, percorrer-lhe ás veias. Estava profundamente amedrontado. Um arrepio gelado se espalhou por sua nuca. imaginou que seria morto com uma pancada na cabeça. Por que não sentia dor? Aquilo não prova que, mesmo naquele instante, ele já se afastava para sempre do mundo da percepção?

Sacudiu violentamente a cabeça de um lado para outro.

— Que Deus nos acuda! — gritou roucamente para Tracey.

— Sua mente alterou o que o senhor realmente viu — afirmou tristemente McCracken. — Conheço caso de naufragos à deriva numa jangada que tinham alucinações de jantar em restaurantes grã-finos ao pôr-do-sol.

Mal conseguindo articular-se na negra e amarga frustração, Phil só pôde soltar uma risada sinistra. Como um lobo encurralado, observava cada movimento de McCracken. Seus braços se contraíam contra as cordas.

— Não sei o que fazer com o senhor — disse suavemente McCracken.

— Dê-me um tiro, McCracken. Terá que atirar em mim, pois eu lhe juro que se voltarmos à terra todo o contingente da Guarda. Costeira estará no seu encaicho!

Penny segredou algo ao ouvido de McCracken.

— Sim — disse o Capitão, voltando-se para Tracey.

— Sra. Williams — disse McCracken. — Venha comigo, por favor.

Enquanto Tracey se levantava, vacilante, Phil sentiu-se percorrer por uma pontada de pânico. McCracken ia magoar Tracey. Phil lutou contra as cordas, mas tinha os pulsos bem amarrados. Viu as silhuetas na extremidade da popa, bloqueando a visão das estrelas no céu, mas não conseguiu escutar o que diziam.

Tracey permaneceu muda, com os olhos muito abertos e fixos, enquanto McCracken andava pelo convés ordenando e reordenando as ideias. Penny ficou perto, dando ao marido um apoio silencioso,

— Nunca — murmurou McCracken. — Nunca aconteceu isto antes.

Então, após várias voltas pelo convés:

— Seu marido está sofrendo de alucinações, Sra. Williams. Não dispomos de remédio para isso, mas creio que podemos trazê-lo de volta à realidade.

McCracken andou até a proa e voltou, o dedo brincando com o lábio. Tateou à procura do cachimbo, mas não o encontrou nos bolsos.

— Detesto violência física — declarou ambigualmente.

Tracey recuou nervosamente na direção da porta da cabine\*

— Que quer dizer com isso? — indagou em voz muito sumida.

McCracken fez um gesto vago com a mão.

— Entenda: se ele fosse uma criança, uma bofetada seria o bastante para devolver-lhe o bom senso.

McCracken desceu rapidamente ao salão e voltou com outro cachimbo, de haste comprida, cheio de fumo. De repente, seus movimentos se tornaram enérgicos, seguros. Enfiou a camisa para dentro da calça e alisou o cabelo. Estalou os dedos e Penny avançou.

— Sra. Williams — disse o Capitão em tom autoritário. — Talvez não goste do que somos obrigados a fazer.

Tracey recuou, com a mão mutilada protegida atrás das costas.

— Ainda, da mesma forma que fomos forçados a tomar medidas drásticas para lhe salvar a mão, agora precisamos salvar a sanidade mental de seu marido.

— Vão passá-lo por baixo da quilha! — engasgou-se Tracey.

— Não, não, nada tão drástico. Vamos trazer o Sr. Williams de volta à realidade — disse McCracken, paciente. — Se a senhora não nos apoiar, tudo será muito mais difícil.

Tracey meneou a cabeça, atordoada.

— Assim é melhor. Precisamos preparar tudo. E, por favor, lembre-se do motivo pelo qual estamos agindo assim.

Mais uma vez, McCracken desceu ao salão, voltando com um chicote de cabo curto com várias tranças de couro cheias de nós. Parecia um brinquedo de criança.

— Sra. Williams — ordenou o Capitão —, quando começarmos, fique perto de nós. Ele verá que a senhora nos apoia, o que diminuirá sua tendência para a teimosia.

Tracey assentiu, sem compreender. Imaginou que seria uma espécie de brincadeira cirúrgica. Nada parecia fazer sentido.

McCracken estalou ameaçadoramente o chicote e se aproximou de Phil, que lutava desesperadamente para libertar-se. Penny trouxe um lampião, erguendo-o à altura da cara vermelha e carnuda de McCracken.

Phil sentiu que lhe arrancavam a camisa. Uma voz gritou. Era a sua. Tinha as costas em fogo.

— Meu Deus! Socorro! — gritou ele, forçando as cordas com os pulsos, os joelhos batendo no poste da amurada.

Uma segunda chicotada se somou à primeira. Dilacerantes dedos de dor cravaram-se nos sulcos sangrentos deixados pela chibatada anterior. Phil teve dificuldade para respirar. Escutou o choro baixo de Tracey.

Um terceiro golpe lhe rasgou as costas. Phil teve certeza de que ia morrer. Sua visão era cor de sangue. Centelhas amarelas brilhavam no oceano escuro. A água do mar parecia preparar-se para recebê-lo.

—Parem! — berrou.

Uma quarta chicotada dilacerou-lhe as costas. Phil sentiu pedaços de pele e carne sendo arrancados. Contorceu-se como uma enguia, incapaz de sentir o próprio corpo como uma entidade, mas apenas como uma arena amorfa de dor.

— Phil, querido! — soluçava Tracey, envolvida pelo abraço forte de Penny quando tentou correr para Phil.

Um quinto golpe incidiu de través sobre as marcas dos outros. As lágrimas escorriam pelo rosto de Phil. Muco lhe pingava do nariz. Horrorizado, viu respingos de sangue caírem na amurada. O ar tocou a carne crua. Phil gritou.

O couro bateu novamente nos ferimentos.

— São seis, Capitão — declarou Penny em tom neutro.

McCracken passou os dedos nas tranças de couro. Pedacos de pele, carne e sangue se grudaram em suas mãos. Respirava com dificuldade, o corpo trêmulo. Penny apresentou-lhe um balde. O Capitão lavou as mãos. Tremendo incontrolavelmente, Phil urinou e defecou nas calças.

— Devo lavar-lhe as costas? — indagou Penny.

McCracken sacudiu a cabeça.

— Isso é água salgada — replicou arquejante. — Queima como o diabo. Aplicaremos pomada no salão.

Gemendo, Phil foi carregado para o salão nos ombros de McCracken. Com o corpo inteiro tremendo e a visão embaçada, sentiu que braços fortes o baixavam pelo alçapão existente no chão da cozinha.

No porão, McCracken curvou Phil para a frente e depois amarrou-lhe os braços num cano que passava junto ao teto, de modo que, no escuro, as costas laceradas de Phil não tocassem o chão ou as paredes.

Penny fechou o alçapão. Phil foi abandonado na escuridão. Suas costas queimavam como fogo. A postura era de tortura e crucificação, o torso curvado para a frente com os braços presos acima da cabeça. Cega, furiosamente, ele roeu com dentes doloridos a corda que lhe prendia os pulsos.

De repente, a corda se partiu e Phil caiu ao chão do porão. Não teve forças para levantar-se. A escuridão só era atenuada por uma leve aura de luz que penetrava pelas frestas do alçapão acima de sua cabeça.

Não soube ao certo se dormiu ou desmaiou. Acalmou-se um pouco, apesar da dor cruciante. O silêncio pesava sobre ele. Curvou-se, sentou-se e procurou raciocinar.

Era evidente que os McCracken eram loucos, refletiu. Todas as suas excentricidades não passavam de fachada para profundas e malévolas desordens mentais. Phil só não podia saber se eles haviam enlouquecido sob a pressão da quebra do eixo ou se sempre tiveram um toque de loucura. Acima de tudo, o que estariam planejando agora? Estariam amedrontados, tateando em busca de uma resposta? Ou já haviam formulado um programa para aplicar contra Phil e Tracey?

Continuando a pensar cautelosamente, Phil julgou igualmente óbvio que os McCracken não tinham a menor intenção de serem socorridos. Provavelmente o emissor de impulsos não passava de pura invencionice. Os foguetes de socorro? Nada mais que inúteis fogos de artifício.

De repente, Phil começou a transpirar. A dor que lhe transformava as costas num único e enorme nervo exposto ficou esquecida ante o assalto brutal de uma terrível convicção: ele e Tracey eram joguetes nas mãos dos McCracken. Seus destinos tinham sido planejados desde o início. Todas as atenções, encanto, refeições dignas de gourmets, tudo aquilo fazia parte de um programa previamente traçado, da sutil engorda dos bezerros antes do abate. Phil imaginou se já seria tarde demais, se Tracey já estaria morta. Então, para sua surpresa, o alçapão se abriu e um fecho retangular de luz veio lá de cima.

— Libertou-se — observou Penny, a silhueta recortada no retângulo luminoso.

Phil não deu resposta.

— Trouxe-lhe remédio.

— Estou bem.

A voz de Phil se assemelhava ao rosnar de um animal,

— Suas costas se infeccionarão. Vire-se.

Então, Phil percebeu o revólver empunhado pela mesma mão que segurava um pequeno frasco de pomada.

— Apoie-se na parede — ordenou Penny. — O peso do corpo apoiado nos braços.

Phil obedeceu. Apreensivo, sentiu Penny aproximar-se. Uma sensação fria se espalhou em suas costas, seguida por um alívio quase imediato. Sentiu a respiração de Penny em sua nuca.

— O que fizeram à minha esposa? — indagou ele, arfante.

— Sua esposa está ótima, Sr. Williams, Repousando.

Seguiu-se uma breve pausa, enquanto mais pomada era aplicada para aliviar a dor nas costelas de Phil.

— Suas costas ficarão boas. Esperávamos que o castigo o trouxesse de volta à realidade, arrancando-o das alucinações.

— Alucinações? — repetiu Phil com um riso grosseiro.

Penny sorriu.

— Trouxe-lhe alguns travesseiros, um cobertor e um pouco de comida. Quero que descanse, Sr. Williams. Se puder, reflita sobre o que aconteceu. Uma alucinação é como um resfriado. O corpo a expulsa e, da mesma forma, sua mente se recupera.

Phil observou o cobertor e travesseiros jogados a seus pés.

— Quando sairei daqui?

— O Capitão conversará com o senhor mais tarde. Durma bem, Sr. Williams.

A porta do alçapão se fechou. Angustiado, Phil deixou-se cair ao chão, tentando desesperadamente raciocinar. Que fazer? Como escapar? Como sobreviver, voltar para casa? Casa? Que casa, agora? Fantasmas horrendos dançavam-lhe diante dos olhos. Com a visão distorcida, percebia a fisionomia irada de Barbara, os rostos confusos e magoados dos filhos, a sentença implacável do juiz. Eram essas as agradáveis perspectivas que o aguardavam em Ossining. Sua sensação de estar no inferno intensificou-se. Em breve, embora ele tentasse resistir, os olhos de Phil se fecharam e ele mergulhou num sono agitado.

No camarote, não tendo pronunciado uma só palavra desde a tarde, Tracey era acoçada por vozes interiores. De Phil, de Larry e de McCracken, cada uma delas apresentando uma versão diferente da realidade. Tracey ouviu os McCracken prepararem o jantar na cozinha acima do porão onde Phil era mantido prisioneiro. Indagou-se por que motivo Phil estaria sofrendo. Sabia por que razão ela sofria: para demonstrar a Larry que sua doce Tracey se transformara numa prostituta barata e degenerada. Toda a refinada vida do casal se tornara lixo. O que aconteceria quando ela regressasse? Escuridão, pensou Tracey. Estou no inferno. Todos nós quatro, Larry, Barbara, Phil e eu, estamos no inferno. E tudo por culpa minha.

Estendeu a mão para pegar um comprimido soporífero. A mão esquerda pairou acima do vidro de remédio. Envolta em ataduras brancas, com um formato estranhamente elíptico, era uma aberração de carne. Um estigma do desejo carnal. Segurando a tampa do vidro de encontro às ataduras e torcendo o frasco com a mão direita, Tracey derramou dezesseis comprimidos em cima da cômoda. Surpresa, observou-os rolarem pelo tampo de mogno até esbarrarem no pé do lampião a álcool.

— Santa mãe de Deus! — murmurou, comprimindo a mão mutilada contra o peito.

Flutuando como uma nuvem, refletiu que não havia sentido em sobreviver. Encaminhou-se ao salão com os comprimidos no bolso.

— Não consigo dormir — disse com voz sumida. — Posso tomar um drinque?

Os McCracken estavam sentados frente a frente, jogando cartas. Ergueram simultaneamente os olhos.

— Naturalmente — disse Penny. — O conhaque está atrás do vermute, na segunda prateleira.

— Pode servir uma saideira para nós também, se não for incômodo — acrescentou McCracken jovialmente.

Tracey abriu o armário de bebidas, retirou a garrafa bojuda e a levou para a cozinha, à procura dos

copos. A confusão em sua mente se desfez. Não ensinava a Igreja que o suicídio era pecado mortal? Então, como poderia um pecado constituir solução para outro pecado? No vácuo, Tracey não encontrou resposta. Só restavam vozes, conflitantes, exigentes, opressivas, e uma sensação de fracasso. O conhaque derramado nos copos de hastes delicadas era um líquido âmbar, viscoso, que brilhava à luz fraca do distante lampião a álcool no salão.

Uma náusea peculiar, percorreu Tracey, trazendo-lhe à boca um gosto amargo. A escuridão se fechava. O túnel estreitava. Foi naquele momento negro que a solução lhe veio à mente. Por que não ministrar os comprimidos para dormir, aos McCracken? Então, ela libertaria o pobre Phil, tão doente. Ambos estavam tão doentes. Tinham desmoronado juntos. Seria muito melhor derivarem juntos, morrerem vagarosamente juntos, sem flutuarem para o meio do oceano e sem serem arrastados para a costa.

Os comprimidos soporíferos eram cápsulas alongadas. Partindo-as, Tracey derramou o pó branco, em quantidades iguais, em dois dos copos de conhaque. Guardou o frasco vazio no bolso.

— Uma boa talagada — disse McCracken, sorridente.

Ergueram os copos para brindar nas, nas circunstâncias, ninguém encontrou algo para dizer. Beberam num silêncio embaraçoso. McCracken entornou a bebida de um só gole. Tracey sentou-se no sofá do salão, com os ouvidos zumbindo. Agora, estava amedrontada. Tornara-se uma garotinha malvada.

Os McCracken continuaram a jogar cartas por alguns minutos. Então, bocejando fatigadamente, o Capitão largou as cartas em cima da mesa.

— Vamos dizer boa-noite. Amanhã, examinaremos a situação. Esperemos encontrar uma solução rápida e justa.

Levantou-se e depois tornou a sentar-se, sacudindo a cabeça. Penny olhou para ele e estendeu a mão a fim de tocar-lhe o braço e verificar se estava passando bem. McCracken exibiu um sorriso sonolento. Suas pálpebras tremeram. Então, Penny se recostou na cadeira.

— Vazamento de gás — murmurou McCracken. — Deve ser gás...

Com enorme esforço, ergueu-se da mesa do salão, saiu para o corredor e praticamente arrastou-se na direção da cozinha.

Tracey seguiu o Capitão até o corredor.

— O senhor está bem, Capitão? — indagou ela.

McCracken apoiou-se no fogão. Caiu ao chão no ato de abrir a porta do forno. Com o rosto contraído, seus pés escorregaram no assoalho.

Tracey permaneceu pregada ao mesmo lugar, observando McCracken engatinhar como um enorme bebê, as pernas bambas, em direção à escada. No terceiro degrau, sua cabeça tombou. Logo ele adormeceu. Enquanto Tracey observava, o braço do Capitão tombou ao lado do corpo.

— Capitão? — chamou ela, cutucando-o com o pé.

Não houve resposta.

No salão, Penny passara para a cadeira do Capitão, junto à escrivaninha. Tinha a cabeça tombada para a frente, suportada por uma das mãos. Parecia doente, como se tivesse uma terrível dor de cabeça ou se recuperasse de uma cirurgia. Não terminara o drinque.

— Tome, Sra. McCracken — disse Tracey.

— Obrigada...

Mas o conhaque era forte demais. Penny recusou-o após o primeiro gole.

— Precisa beber — disse Tracey.

Penny sacudiu a cabeça.

Tracey puxou a cabeça de Penny para trás e, com esforço, conseguiu abrir-lhe os dentes trincados, inserindo entre eles a régua do Capitão, obrigando-a a abrir a boca. Derramou o conhaque e viu Penny engolir.

— Sra. Williams, o que está...?

— Durma.

Penny levantou-se, tomou a sentar-se e, depois, escorregou da cadeira. Esparramou-se no chão, com a mão direita tremendo espasmodicamente.

Tracey pegou uma pequena bandeja com o que sobrara do jantar, o peixe e carne de porco destinados ao turno de remos no dia seguinte. Comeu uma parte e deixou o resto sobre o balcão da cozinha. Abriu o alçapão. Um cheiro úmido e desagradável emanava da escuridão lá embaixo.

— Querido — chamou ela. — Estamos livres.

# Treze

Como o mexer-se de um animal no zoológico, os movimentos de Phil se fizeram ouvir muitos antes que seu rosto surgisse, piscando contra a luz.

— Tracey... graças a Deus você está viva!

— Trouxe comida para você — disse ela.

— Onde estão os McCracken? — quis saber Phil, olhando em volta.

— Coloquei-os para dormir.

— Como?

— Minhas pílulas de soporífero. Usei meu remédio para dormir. Não foi muita esperteza?

Phil cobriu de beijos o rosto de Tracey. Devorou a comida em poucas dentadas e depois limpou as mãos.

— Vamos! Precisamos amarrá-los!

— Amarrá-los...?

Só então Phil percebeu que a voz de Tracey assumira um tom infantil, uma simplicidade desprovida de expressão. Já não era a mesma mulher que ele trouxera para bordo.

— Venha comigo — disse ele em tom suave. — E faça exatamente o que eu disser.

Ela meneou a cabeça, concordando. Tomando-lhe a mão, Phil conduziu-a para o corredor.

O corpo estendido de McCracken bloqueava o acesso ao convés. Phil debruçou-se sobre o homenzarrão. O rosto de McCracken, puxado para o lado pela gravidade, agora que os músculos estavam flácidos, parecia o de um boneco humanóide. de borracha.

— Cristo — comentou Phil. — Ele está mesmo apagado. Quanto você lhes deu?

— Oito pílulas a cada um. Coloquei-as no conhaque.

Phil arregalou os olhos, espantado.

— Conhaque? *Com* as pílulas?

— Sim. Oito para cada um — disse Tracey, orgulhosa. — Abri as cápsulas e entornei o pó.

Phil curvou-se mais e colou a orelha ao peito de McCracken. As batidas do coração eram baixas e lentas, como as de uma baleia nas profundezas do mar...

— Não está respirando direito — disse Phil, nervoso. — Ajude-me a deitá-lo no chão.

Tracey pegou os pés de McCracken e Phil os ombros. Juntos, manobraram-no para o chão. Phil procurou um cobertor. Avistou Penny no salão, imóvel no chão, a mão direita crispada de uma forma peculiar. Phil empalideceu, mordendo o lábio. Cutucou Penny com o pé.

— Ela está dormindo — informou Tracey alegremente.

Phil ergueu a mão, exigindo silêncio.

— Não se move — murmurou ele, auscultando o coração de Penny. Então, virou-se para Tracey. — Vá ao armário de remédios e traga o estojo de primeiros socorros.

Tracey saiu do salão. Phil improvisou uma espécie de respiração artificial. Soprou com força na boca de Penny. A respiração fria na nuca provocava-lhe arrepios de medo. Era como se seu corpo soubesse algo que a mente se recusava a aceitar.

Tracey voltou de mãos vazias.

— Não consigo encontrar — disse ela.

— Precisamos dar o fora daqui — sussurrou Phil.

— Para onde iremos?

— Não sei. Mas não podemos ficar aqui.

Phil esfregou o rosto com as mãos. Tentou fazer de conta que estava no escritório e um subordinado lhe apresentara o problema rascunhado num papel. Era um método que sempre funcionava. Tudo o que importava agora era justificarem-se perante a lei.

— Phil examinou rapidamente as possibilidades. Jamais fizera algo errado. Tinha ficha limpa. Isso contaria a seu favor. Ele diria simplesmente a verdade, com a maior franqueza. Ou os McCracken eram loucos ou tinham enlouquecido sob a pressão do desastre.

— Tracey, traga-me toda a comida... não, a maior parte da comida que resta no conservador de carnes. Coloque-a naquele balde. E há mais baldes no porão, se você precisar deles.

Água também?

— Sim. E vinho. Mas nada que tenha comprimidos para dormir.

Phil fez uma pausa, tentando tirar da cabeça tudo que não se relacionasse com o problema imediato. Ouviu Tracey chamá-lo com voz de criança amedrontada.

— Sim — respondeu gritando. — Uma lanterna. Traga uma lanterna!

De súbito, Phil se deu conta da enormidade de sua ignorância. Ia partir com Tracey num bote e não fazia a mínima ideia do que deveria levar. Tracey, absurdamente, como uma mãe preparando-se para um piquenique, carregava nos braços dois baldes com comida e bebida, e uma lanterna.

— Sim, sim, é isso aí — aprovou Phil. — O que mais...? Cobertores! Pegue cobertores!

Tracey, obediente, apressou-se em ir buscá-los.

Phil pegou de cima da mesa a luneta do Capitão. Em seguida, apanhou trajes impermeáveis e coletes salva-vidas no armário de equipamentos, e o estojo de primeiros socorros na cozinha. Com os braços carregados, correu ao convés, depositou tudo no bote e voltou correndo ao salão.

Retirou cautelosamente o revólver do coldre de McCracken, segurando-o com o polegar e o indicador. O frio peso metálico da arma o amedrontava. Diria à polícia que desarmara McCracken. Explicaria exatamente o que acontecera. Afinal, ele era a vítima. Olhou para McCracken e seu coração se contraiu de medo.

McCracken possuía o dom diabólico da palavra. Phil enxugou o suor da testa. O Capitão os hipnotizara dias a fio com históricas falsas. Não seria capaz de inventar um argumento brilhante para convencer a polícia? Phil e Tracey acabariam na cadeia.

Naquele instante, houve um ruído à porta do salão.

— Não deve fazer isso — sussurrou Tracey simplesmente, como uma criança.

Phil viu a própria mão, muito distante, trêmula, segurando o revólver apontado para o coração de McCracken.

— Não, claro que não. Meu Deus, vamos embora daqui!

Fraco de fadiga, a camisa ensopada de suor, Phil correu escada acima. Poderia justificar o assassinato de McCracken? Legítima defesa? Eles estavam drogados. Uma autópsia revelaria o fato. Phil parou no meio da escada. Os McCracken podiam ser atirados pela amurada, ou o bote afundado com eles a bordo... Perdidos no mar durante uma tempestade. Foi a maior tentação da vida de Phil. Respirando com dificuldade, tropeçou até a casa do leme. Era como um lobo nos *canyons*. O instinto guiava cada um de seus movimentos e esse mesmo instinto lhe dizia que matasse McCracken e a esposa, que os destruísse, fizesse-os desaparecer, aniquilando a ameaça. Sua razão sofrerá um processo de corrosão moral e ele se sentia sobre humanamente poderoso. Algo metálico brilhou na parede da casa do leme. Era a chave da ignição. Phil avançou de um salto, pegou-a e a inseriu na fenda da ignição ao lado do radar. Girou a chave. Nada aconteceu. Ele procurou outras chaves. Não encontrou. Agarrou o emissor de impulsos e colocou-o sob o braço. Tirou o revólver da cintura e colocou-o no bolso, para evitar que caísse. De que mais necessitaria? As gavetas estavam trancadas. Phil arrombou-as. De repente, seus

olhos foram transfixados pelo objeto negro no fundo da grande gaveta das cartas de navegação. Era o livro de registro de bordo do *Penny Dreadful*. O luar pálido pareceu guiá-lo hipnoticamente em direção ao livro. Phil pegou-o. Era excessivamente pesado. Phil o abriu.

As primeiras páginas eram cartas náuticas, traçadas em várias cores de tinta. Todas as linhas partiam da Flórida e a ela retomavam. Todas tinham estranhas marcas na curva leste, com datas, nomes, e uma espécie de código. Phil forçou a vista, comprimindo-se de encontro à janela da casa do leme, para aproveitar a pouca luminosidade proporcionada pela lua minguante.

Virando a página, teve diante dos olhos a bela caligrafia do Capitão. Leu:

*Charles M. MacIver, 56 anos, fabricante de produtos químicos, homossexual. Jovial, más condições físicas, grau: 3. Mentalmente alerta, mas necessita orientação. Ambiente social de country club, passatempos incluem coleção de carruagens e peças de cerâmica, astronomia. Conhecimento de constelações, talvez de navegação. Rotas falsas desaconselháveis. Dependente, apesar do nível intelectual. Provavelmente incapaz de oferecer verdadeiro combate. Subúrbio de Detroit.*

*Henry Ford Ransome, 37 anos, companheiro do Sr. MacIver. Boas condições físicas, experiência em veleiros de pequeno porte, conserto de motores e trabalhos manuais. Muito perigoso. Grande probabilidade de oferecer excelente combate. Inteligente, ágil, grau: 8. Nenhuma experiência de alto mar. Falha fatal: medo das classes sociais mais elevadas. Talvez a identidade com MacIver possa mantê-lo subserviente até a crise.*

Numa pequena coluna quase cheia em toda altura da página, várias anotações breves. Phil curvou-se para diante, os olhos ardendo e embaçando-se na escuridão.

*Necessidade de descrição quanto a MacIver. Vice-presidente administra empresa durante ausência. Irmão em contato com a Flórida: presságio. Investigar melhor Ransome parece não ter parentes conhecidos. Talvez seja um valet? Nenhuma comunicação com Detroit.*

Phil virou a página. Uma divisão semelhante estava cheia com a caligrafia de McCracken.

*Herbert Wilson St. Cloud, 44 anos, dono de clube noturno. Ingênuo, boas condições físicas, grau: 6. Homem simples, apesar da profissão. Não tem desconfianças. Excelente jogador de cartas, gosta de piadas picante?, tem grande resistência à bebida. Nenhum conhecimento de oceano, floresta, rios ou lagos. Atento na cidade, mas confiante em alto mar. Sabe identificar vigaristas. Exige cuidado nesse ponto. Melhor mostrar-lhe o equipamento, fazê-lo sentir-se parte da crise. Pode ser desenvolvido. Boston.*

*Candy Phillips St. Cloud, 24 anos, dançarina. Boa condição física, grau: 7. Naturalmente*

*alerta. Excelente material de combate. Conhecimento do mar limitado a pequenos veleiros nas águas do nordeste. Deve ser usada para manobrar St. Cloud. Faz-se passar por esposa de H. W., mas investigação do Imediato revelou que verdadeira identidade é Helen Slansky. Falha: medo de desfiguração facial. Como usar isso? Voluntariosa, autocontrolada. Material perfeito. Cidade de origem: ignorada.*

Na longa coluna ao lado, Phil leu:

*A única irmã da “Sra. St. Cloud”, Maine, não entra em contato há dez anos. Endereço postal desconhecido. St. Cloud único dono do clube noturno. Fechado na época de festas, até o final de fevereiro, situado numa zona de estabelecimentos, que abrem e fecham com frequência, Tudo parece propício.*

Várias anotações nas páginas seguintes ocupavam curtos parágrafos. Phil leu rapidamente o seguinte, absorto, com o coração aos pulos, ainda não conseguindo decifrar os termos enigmáticos. O que significaria “combate”? Ou “crise”? O que seria “bom material”?

*Cornélia French, 33 anos, contadora. Má condição física, grau: 4. Sem imaginação, dócil, personalidade não desenvolvida. Senso de humor trivial. Gosta de jogar bridge. Fácil de agradar. Facilmente manipulável. Nenhum conhecimento do mar, embora tenha parentes na Marinha. Examinar melhor. Provavelmente sem resistência. Pittsburgh.*

*Steven Sebastian French, 34 anos, proprietário de 3 lavanderias a seco. Faz cooper, frequenta academia de ginástica, faz dietas em moda, grau de condição física: 6. Vaidoso, domina a esposa, não tem filhos. Dá grande valor à masculinidade. Preparar terrenos ou esmagar logo? Alguma experiência de navegação fluvial, travessias do Atlântico em navios de luxo. Agressivo. Será fachada? Não deve ser mimado. Um durão. Pittsburgh.*

Na coluna comprida, uma breve anotação:

*Parentes em Pittsburgh e Harrisburg. Segunda lua-de-mel, obedecendo a um impulso repentino. Provavelmente não deixaram aviso. Quem toma conta das lojas? Sem data de retorno marcada. Examinar contatos em Jacksonville. Parentes? Compromissos para o Natal? Por que as informações vagas prestadas por French? Talvez deseje ignorar os parentes da mulher. Investigar.*

Phil folheou rapidamente páginas com anotações seme-lhantes. Na parte central do livro havia cartas náuticas separadas por divisões de plástico transparente. Em cada uma delas estava desenhada uma rota

com anotações que se tornavam mais frequentes à medida que a linha se deslocava para leste. Então, mais para o final do livro, mais anotações, sob forma diferente, cuidadosamente datadas e assinadas.

*MacIver, C. M. Queixa-se de tonteiras, comida ruim. Hipocondria, sensibilidade ao sal, bolhas, desidratação. Agressão contra Imediato, punição severa. Redução de eficiência no trabalho. Colapso da personalidade, muito interessante. Revive eventos da ligação militar e sexual com o oficial superior. Muito revoltante. Solucionado. 13 de dezembro de 1973, na posição assinalada, 20 milhas ao sul do ponto da crise.*

*Ransome, H. F. Preso por instigar motim, roubo da bússola, bebidas, suéteres e cobertores. Ao contrário de MacIver, nenhum respeito pela palavra da lei Só entende a força das armas. Fugiu da prisão no porão. Recusou medicamentos a despeito de conselhos do Imediato, Recusou-se a remar apesar de boas condições físicas. Observado roubando alimentos de MacIver, agredindo fisicamente e insultando-o verbalmente. Atentado contra a vida do Capitão com astrolábio. Desarmado. Solucionado, 12 horas após MacIver, mesma posição.*

Suando, arrepiado de frio, trêmulo, Phil virou a página. Consultou uma das cartas e depois voltou a ler a caligrafia de McCracken.

*St. Cloud, H. W. Comportamento instável observado sob a forma de gestos nervosos e, posteriormente, rápidos espasmos na perna, incapacidade de dormir, graves distúrbios digestivos. Exige ser desembaraçado em terra. Grita por socorro. Removido para o porão sob alegação de pequenas transgressões disciplinares; resistência quebrada. Oposição fraca. Muito decepcionante.*

*St. Cloud, C. P. Bolhas, braços e pernas. Excelente condição mental, mas ilusões quanto à proximidade de socorro. Recusa-se a dormir no porão. Ameaça de suicídio. Fixação crescente: rosto, pele e formato das pernas. Recusa-se a remar. Privada de alimento e bebida. Desesperadamente subnutrida, apesar de alimentação forçada. Ambos solucionados a 5 de janeiro de 1975, ao norte de Cuba, conforme assinalado.*

Sabemos agora o que estaria escrito na página seguinte, Phil percebeu que seus dedos pareciam ter vontade própria, virando as folhas do livro.

*French, C. Distúrbio estomacal. Exigiu médico. Diarréia e vômitos. Nenhuma crise, apenas*

enjôo do mar. Medo de espaços abertos.

*French, S. S. Tio em Jacksonville, compromisso para jogar golfe depois do Ano Novo. Regressou na data prevista. Viagem lamentável. Talvez haja tempo para outra nesta estação?*

Phil enfiou o livro de registro sob a camisa, fechou os botões e correu para o convés escuro. O ar livre refrescou-o. O livro se colava desagradavelmente à sua pele, causando-lhe repugnância. Não obstante, exonerava-os de qualquer culpa. Tropeçando cegamente, ainda sem compreender tudo, Phil encontrou Tracey à sua procura, trazendo nos braços três pesados cobertores.

— Onde estava? — quis saber ela, chorando. — Não me deixe sozinha!

Phil abraçou-a e, pouco a pouco, conseguiu acalmá-la.

— De que mais precisamos? — indagou ele, ofegante. — Da bússola portátil. Onde está?

Não a encontraram ao dar uma busca na casa do leme. No salão havia apenas cartas náuticas, instrumentos, de navegação e anotações de cálculos. Nervoso, Phil rolou o corpo de McCracken. A bússola pendia de um cordão passado pelo pescoço do Capitão. Era como despojar um cadáver. Ou quase cadáver. Phil retirou a bússola do pescoço de McCracken.

— Para o barco! — ordenou ele. — jogue-os cobertores dentro dele!

Um dos cobertores caiu no mar escuro, ensopou-se e afundou lentamente.

— Não importa! Embarque!

Tracey desceu para o bote. Segurando a escadinha, firmou-o contra o *Penny Dreadful*. O pé de Phil procurou o bote, encontrou-o e desceu. Phil empurrou o bote para longe do barco. Remou desesperadamente dentro da noite. Lembrou-se da bússola, mas deu-se conta de que haviam esquecido de trazer uma lanterna elétrica. Havia um lampião, mas tinham apenas uma caixa de fósforos. Acendendo um deles, Phil verificou que estava remando quase exatamente no rumo leste.

— Meu Deus! — murmurou. — É a direção do oceano! O *Penny Dreadful* era um vulto escuro e indistinto entre eles e o oeste. Seriam verdadeiras as histórias de McCracken a respeito das correntes? De toda forma, para o oeste estavam, mais cedo ou mais tarde, as ilhas e a Flórida. Pelo menos, não a imensidão do Atlântico.

Phil começou a remar para o sul e depois para o oeste, passando bem ao largo do *Penny Dreadful*. Como num pesadelo, quanto mais ele remava, menor diferença parecia fazer. O iate dos McCracken continuava apenas á poucas centenas de metros de distância.

O que fazer? Remar através do Caribe? Teria entrado em pânico? Cometera uma tolice?

— Abrace-me — choramingou Tracey. — Abrace-me, por favor.

Debruçando-se, Phil beijou-a.

— Phil — disse ela, muito baixinho. — Quero ir para casa. Leve-me para casa.

Quando a primeira luz da alvorada surgiu além do *Penny Dreadful*, recortando-lhe a silhueta como um bloco quase retangular, Phil compreendeu que remara menos de quatrocentos metros. Ainda assim, teve a fria satisfação de saber que os McCracken estavam desmaiados no chão frio — ele esperava que para sempre — e só ele e Tracey tinham conhecimento do fato. Afinal, o melhor vencera. Isso, pelo menos, já era alguma coisa. Agora, podia acontecer o que acontecesse.

Tracey cochilava recostada na popa do bote, envolta num cobertor que formava um capuz sobre sua cabeça. Acordou e sorriu.

— Pobre Phil — comentou. — Trabalha tanto.

Phil trincou os dentes, mergulhando os remos no mar.

— Não entendo — disse ele. — Remo, remo, e parece que não vamos a parte alguma. Sou capaz de apostar que durante todo o tempo que puxamos o barco ele nunca saiu do mesmo lugar.

— Quer que eu reme? — indagou Tracey.

Phil sacudiu a cabeça.

— Eles nos torturaram — disse Phil. — Eis a verdade.

Em breve o oceano assumiu uma tonalidade cinza-claro, ainda sem cor. Várias nuvens rosadas eram visíveis bem no alto, a distância. Tracey retirou de um balde vários pedaços de peixe que, com pão e alface, constituíram o café da manhã. Tomaram pequenas quantidades de água doce. A intervalos, Tracey colocava as mãos em concha e tirava quantidades mínimas de água do mar do fundo do bote.

— Preciso dormir um pouco — disse Phil. — Tracey, quero que me acorde quando o sol aparecer.

Tracey anuiu e virou a cabeça.

Depois que a falsa aurora tingiu o céu de rosa, o sol leva mais de uma hora para surgir no horizonte. Afinal, uma nesga do quente globo brilhante ergueu-se acima do horizonte, bem atrás da escura silhueta do *Penny Dreadful*. Tracey cutucou Phil, cujos dentes chocalhavam.

— Hora de acordar!

Phil esticou os braços, espreguiçando-se. A essa altura, já se acostumara a remar. Tirou o cobertor dos ombros, firmou os pés no fundo do bote e começou a remar em silêncio. Em meio à manhã, o *Penny Dreadful* diminuía consideravelmente de tamanho. Correntes cinzentas o cercavam, com pequenos reflexos onde a brisa encrespava a água. O mar tinha agora uma dura tonalidade azulada.

— Por que não dorme? — indagou Phil. — Precisamos poupar energias.

— Não. Já dormi. Queria apenas estar em casa.

— Fale-me a respeito de Dostoievsky.

— De quem?

— Você conhece tanto sobre literatura. Conte-me uma história enquanto eu remo.

— Oh, já não me lembro de nada disso. Foi há muito tempo.

— Você não estudou literatura francesa? Fale-me da Revolução Francesa.

— Da Revolução? Dickens! — exclamou Tracey, sorrindo alegremente. — Refere-se a “História de Duas Cidades”? Ora, como começa? É tão famosa!

Phil desejava que Tracey falasse de qualquer coisa que lhe pudesse trazer de volta elementos de sua vida adulta. A criança e a mulher se haviam mesclado e o rosto de Tracey denotava confusão. Logo ela parou de falar.

— Prossiga — encorajou Phil.

Tracey sacudiu a cabeça, com ar desolado.

— É tudo tão inútil. Nunca devíamos ter vindo.

Ao meio-dia, o calor era escaldante. Embora suassem abundantemente, mantinham os cobertores protegendo as cabeças e perceberam que assim ficavam menos enfraquecidos. Tracey remou durante uma hora. O *Penny Dreadful* estava reduzido a um ponto escuro e distante no mar brilhante.

Enquanto Phil olhava, o horizonte deserto lhe pareceu uma analogia cinzenta das possibilidades, passadas e futuras, que lhe cercavam a existência. Cenas de Nova York lhe passaram pela cabeça. Todas as fachadas das Empresas Sobet, das quais o centro de modas era apenas uma, tomavam-se transparentes. A despeito de todo o seu dispêndio de energia, o dinheiro continuava a ser de Barbara. Os empregados eram de Barbara. Os contatos estrangeiros, as ligações de mercado eram de Barbara. Até mesmo o secreto julgamento de bom gosto, aquela misteriosa capacidade de avaliar o pensamento das mulheres mais elegantes dos Estados Unidos, também era de Barbara. Agora, com a traição perpetrada por Phil, não haveria perdão. Conhecendo Barbara, ele sabia que ela simplesmente rasgaria o tecido de seu relacionamento e jogaria fora os farrapos. Phil praticamente já não passava de um mendigo na rua, um miserável que fingia ser rico. Já não existiam mais opções. Tornaria ele a ver os filhos?

Phil tomou os remos de Tracey.

De que adiantava remar? Por que não beber água salgada, adoecer logo e terminar com tudo? Tracey o fitava com ar suave. Haveria a menor possibilidade de que Barbara o aceitasse de volta? Phil esfregou de leve as mãos cheias de calos e começou a remar.

— Quanta água ainda temos? — indagou ele através de lábios inchados e rachados.

— Uma garrafa e meia. Está vendo aqui?

Phil descansou. Esticou-se, começou a levantar-se, sentiu cãibra na barriga da perna e tomou a

sentar-se. Dobrou-se para trás até ver o oceano de cabeça para baixo. Procurou uma ave e não avistou. Segundo a bússola, continuavam no rumo oeste. Phil teve dúvidas. Estariam a caminho da Flórida, ou avançando para o meio do Atlântico? Ou tudo aquilo se achara a centenas de milhas de distância?

De repente, soltou um gemido.

— O que há de errado? — quis saber Tracey.

— O emissor de impulsos. Está molhado.

Num gesto raivoso, Phil estendeu a mão e pegou a caixinha. Água do mar pingou do fundo. Era uma unidade lacrada e, através das fendas para arejamento, Phil pôde ver quatro pequenas baterias, uma bobina e uma massa de fios metálicos ligados a pequenos cilindros. Um interruptor na chapa da frente ligava o aparelho. Phil o acionou e não escutou som algum. Seria possível que, agora, uma frequência de ondas se irradiasse acima do oceano, com o pequeno bote no epicentro?

— Provavelmente estragado pela água do mar — disse Phil.

Assustou-se com a maneira confusa pela qual raciocinava. No meio da tarde, o *Penny Dreadful* tornou-se indistinguível dos reflexos no horizonte. O tempo parecia lento, pesado, desprovido de significação. Havia apenas o espaço, que aumentava a distância entre o bote e o *Penny Dreadful*, a bordo do qual — pelo que Phil podia depreender — dois cadáveres já se decompunham.

A luz mudou. Final da tarde. Tracey remava debilmente, de modo inconstante, mas cheia de esperança. Phil dormia, acordava e tornava a adormecer. Tracey remava sem pronunciar uma só palavra, o cabelo úmido de respingos salgados, os ombros queimados sob a blusa, a mão latejando.

Antes do crepúsculo, comeram mais peixe com pedaços de porco catados no fundo do balde. Tudo estava muito salgado. Umedeceram os lábios com água doce morna e, depois, tomaram quatro goles cada um. Após mais uma hora de remar, Phil pegou os remos enquanto Tracey foi dormir. Um peculiar brilho alaranjado, cintilava sobre as ondas. Uma aura azul e dourada parecia pairar em torno dos remos. Em volta, o horizonte deserto. A sombra do bote ondulava, estendendo-se à popa uma aranha de apenas duas pernas, debatendo-se na água nos últimos estertores da morte.

Durante uma breve pausa para descanso, Phil pegou o livro de registro de bordo do *Penny Dreadful*. Distraidamente virou as páginas. Era como ler a reportagem de um desastre mórbido: repugnante e, ao mesmo tempo, fascinante. Todos Os nomes que tinham sido escritos com tanto esmero — onde estariam agora? Assassinados? Esquartejados? Os ossos brilhando no fundo da Corrente do Golfo? Ou enterrados em algum banco de areia ignorado?

Virando Uma página, Phil encontrou o que procurava.

*Williams, Philip. 38 anos, desenhista de moda feminina, negócio de família. Levemente agressivo, confiante. arguto mas amistoso. Boa condição física, grau: 7. Mentalmente calmo, interesse por experiências novas. Mente inquisitiva. Seguro de si; ponto fraco: imagem de si mesmo: Nenhum conhecimento de mar. Gosta da boa vida, iguarias e bebidas finas. Aprende*

*depressa. Provavelmente pode ser desenvolvido. Sondar pontos de vista. Subúrbios de Nova York.*

*Williams, Tracey. 28 anos, faz-se passar por esposa de P. W. Nome nos cartões de crédito: Sra. Lawrence Hansen. Auto nível literário, alguns anos de universidade, provavelmente de família refinada. Uma nova experiência, provavelmente sob a orientação de P. W. Algum sentimento de culpa. Pode ser desenvolvida? Condição física, grau: 3. Pouca resistência, quebrará com facilidade. Quanta força mental? Se ligada a P. W., pode ser oponente formidável. Dividir e conquistar.*

Com crescente horror, Phil virou as páginas. Uma sensação de tonteira o dominou. Era raiva, violenta e terrível. McCracken merecia morrer, pensou ele. O remorso se desfez, deixando um resíduo de fadiga e preocupação. Sem premeditação, Tracey e ele tinham limpado o mundo.

Virando uma página, encontrou uma carta náutica com a data, a rota incompleta delineada em vermelho, descendo a costa da Flórida e fazendo uma curva na direção das Bahamas, com uma anotação:

*Nenhum contato com a empresa. Necessidade de descrição. Nenhuma informação sobre os contatos de Tracey. Investigar. Provavelmente paradeiros de ambos desconhecidos para o resto do mundo. Confirmar.*

Nas últimas anotações do livro, Phil olhou com atenção a página amarrotada.

*Williams, Philip. Crescente inquietação, aceita o trabalho resmungando. Obedece bem as ordens. Completamente perdido no mar, medo do desconhecido. Incólume. Capacidade de recuperação? Adaptou-se rapidamente à crise, agilidade mental. Talvez seja superior ao que aparenta.*

*Williams, Tracey. Sinais de histeria latente. Conceito infantil de certo e errado, bom e mau. Condição física muito precária. Incapacidade de remar. Punida com diminuição de alimentos e bebida. Aceitou sem reclamações. Sem perguntas. Cada vez mais subserviente. Polegar infectado exigiu lancetar. Posterior amputação. Momento esplêndido. Drama adorável.*

Phil releu várias vezes as anotações. Parecia-lhe incompreensível ser julgado em caligrafia tão caprichada e termos tão resumidos quanto à sua capacidade de resistir ao próprio assassinato. Ainda assim, não havia qualquer indicação do método de execução. Haveria variações? Veneno? Fora de dúvida, o afogamento era uma delas. Tortura? Mutilação com a hélice do barco? Arrasto por baixo da quilha? O cérebro de Phil passou em revista as sinistras possibilidades.

— Por que olha para minha mão? — quis saber Tracey ao acordar.

— Desculpe. Estava apenas descansando os olhos.

— Está zangado comigo?

— Não. Claro que não, Tracey.

O olhar de Tracey evitou o livro preto de registro. Para ela, era um instrumento do Capitão, como antítese de homens legítimos. Não devia tomar conhecimento de seu conteúdo proibido.

— Eu os matei? — indagou ela.

— Não sei.

— Foi tudo um acidente. Eu só queria fazê-los dormir. Pretendia suicidar-me e, então, pensei em adormecê-los. De algum modo pareceu-me ser a mesma, coisa.

— Minha querida e doce Tracey, não se sinta culpada. Ninguém a culpará.

Tracey sorriu, abstrata. Com ar fatigado, descansou o rosto nas mãos. Remaram durante a noite. Um fósforo aceso revelou uma leve deriva para o sul. O metal do emissor de impulsos estaria desviando o ponteiro da bússola? O aparelho ainda estaria transmitindo? Phil procurou uma antena, mas não encontrou.

Quase ao amanhecer, Tracey avistou um avião bem alto no horizonte. Phil o observou pela luneta.

— Deve estar voando para a África — disse Tracey em voz baixa. — Eu adoraria ir ao Quênia.

Então, acrescentou:

— Se tivéssemos um foguete de socorro, o piloto talvez o visse e pedisse socorro pelo rádio.

E depois:

— Que distância ainda precisamos cobrir?

Phil deu uma palmadinha no joelho de Tracey.

— Não sei se estamos no Atlântico ou no Caribe, querida. É uma encrenca muito séria. Talvez devêssemos ter ficado no *Penny Dreadful*.

Tracey estremeceu

— Não. Era satânico demais.

— Tem razão. Eu não suportaria. Seríamos obrigados a amarrá-los. Dia após dia flutuando ali. Meu Deus, que horror!

— McCracken é o Demônio — disse Tracey. — Deus nos colocou nas mãos dele.

Phil remou em silêncio.

— Deus queria que fôssemos castigado porque violamos a sua lei.

Phil continuou a remar.

— É verdade. Por isso vamos morrer.

Raiou uma nova aurora. Uma névoa cor de púrpura dissipou-se acima do horizonte, no leste. Não havia sinal do *Penny Dreadful*. Phil olhou fatigadamente para a claridade do novo dia. Quanto tempo ainda aguentaria seu corpo? Mais do que a dor, ele temia a fadiga. O cansaço era um dreno constante de suas energias. Mais cedo ou mais tarde, suas remadas diminuiriam, tomando-se simplesmente movimentos inúteis dos remos, um esforço absurdo contra o oceano. O bote derivaria lentamente, sem rumo.

Desidratados, os dois expirariam, desmaiando primeiro e depois mergulhando num profundo coma. Decompor-se-iam depressa sob os raios diretos do sol de meio-dia. Phil preocupava-se com a capacidade de sua mente para evitar alucinações. Seus olhos já não focalizavam bem. As nuvens do crepúsculo matutino assumiam formas estranhas. Pareciam mover-se, zombando dele.

— Por que não aparecem outros barcos? — indagou inesperadamente Tracey, como se seu instinto de sobrevivência revivesse de repente.

— Não sei. Não acredito que o emissor esteja realmente funcionando.

— Então, estamos mesmo acabados.

Ao meio-dia, Tracey pegou a comida no balde. Conseguiram manter a disciplina. Umedeceram os lábios e comeram bem devagar, mastigando com cuidado. Deram-se rapidamente as mãos. Phil voltou ao banco central e recomeçou a remar.

Tracey substituiu-o por curto espaço de tempo. Com remadas débeis, permaneceu a postos cerca de uma hora, enquanto Phil dormia. Ele acordou sobressaltado. Tracey estava dobrada para diante, dormindo no banco central, o remo flutuando no mar, a mão esquerda mergulhada na água salgada. As ataduras sujas tinham-se desenrolado e o ferimento sangrava.

Horrorizado, Phil lembrou-se de que o sangue atraía tubarões. Levou Tracey para o banco da popa e pegou o remo na água. Improvisou um novo curativo com pedaços da própria camisa.

Recomeçou a remar, mas perdera o senso de direção. Já não acreditava na bússola. Não obstante, nada mais tinha em que acreditar senão nela. Ligou e desligou o emissor de impulsos, a fim de verificar se interferia no funcionamento da bússola. Não fez diferença. Tracey gemeu. Phil agasalhou-a. com o cobertor úmido e fedorento.

Durante a tarde, Phil perdeu a noção do tempo. Calculava ter remado três dias para afastar-se do *Penny Dreadful*, mas só conseguia lembrar-se de duas auroras. As ondas ficaram mais fortes. Se crescessem muito, a água entraria no bote e seria impossível remar. Se desabasse uma tempestade, morreriam afogados.

Sonhos terríveis o assaltaram durante a noite.

Phil remava, olhando para o que julgava ser o pôr-do-sol. Então, pegando a bússola, deu-se conta de que era o amanhecer. Praguejando, a cabeça prestes a explodir de dor, manobrou o bote e remou para oeste. O zumbido em seus ouvidos diminuiu lentamente e a dor de cabeça passou, seus olhos rebuscavam atentamente o oceano à procura de uma sombra, de algo que indicasse a presença de outro ser humano. Nada. O que Phil se recordava da civilização era ridiculamente artificial, desprezível, transitório. McCracken tinha razão: era ali, à beira do aniquilamento, que um homem descobria sua verdadeira estatura.

No meio da manhã, Phil percebeu uma linha escura e irregular ao longo do horizonte. Não quis acordar Tracey, pois não tinha certeza de que não se tratava de uma miragem. Acelerou o ritmo das remadas e, com o coração aos pulos, dirigiu o bote ao que se revelou uma ilha coberta de palmeiras e cercada por espuma de rebentação das ondas. Pequenas colinas, frescas e verdejantes, surgiram acima da névoa matinal que se dissipava aos poucos.

Os músculos de Phil retesavam-se enquanto ele remava vigorosamente para a salvação. Arquejante, incapaz de falar, gritou roucamente para Tracey, que acordava. Percebendo a expressão no rosto de Phil, ela esfregou rapidamente os olhos sonolentos e olhou em volta, ainda desorientada.

Foi então que ambos escutaram o ruído dos motores de um barco. Suas cabeças se viraram febrilmente, as pálpebras apertadas contra o sol. Eventualmente, um vulto branco surgiu entre os reflexos do mar. Phil ergueu a luneta. Era o *Penny Dreadful*.

# Quatorze

Cinco milhas à frente do bote, a ilha, com suas colinas arredondadas emergindo das águas acinzentadas, ofereça sustento e salvação. Quando o *Penny Dreadful* desligou os motores e se aproximou na base do impulso, Phil continuou a remar metodicamente, olhando ocasionalmente por cima do ombro para a ilha.

Tracey, com os olhos esbugalhados, fitava incredulamente o casco branco que se aproximava.

— Phil — murmurou ela. — É o Capitão. Está vivo. Consertou o barco. Agora, podemos voltar todos para casa.

— Não. Ele não tem o mínimo interesse em levar-nos de volta.

Tracey esticou o pescoço. O convés estava deserto. A proa aguda e branca se aproximava cada vez mais do bote. Cortando silenciosamente a água, o *Penny Dreadful* fez sombra sobre o bote.

— Ouça bem — disse Phil num sussurro. — Quero que você faça exatamente o que vou dizer. Vista o colete salva-vidas, amarre-o bem e deite-se no fundo do bote.

Phil ficou aliviado ao ver Tracey obedecer. Vestiu seu próprio colete salva-vidas, amarrou-o firme, e tirou disfarçadamente o revólver do bolso.

— Não importa o que acontecer, não vá para o barco!

Phil estudou o iate branco e brilhante que deixava uma esteira ao descrever a curva de aproximação. O barco personificava McCracken. Em vão, os olhos de Phil procuraram o vulto corpulento em algum lugar do convés. Com as mãos trêmulas de raiva, ele ocultou o revólver nas dobras do cobertor e continuou a remar.

— Mostre-se, McCracken — sussurrava Phil. — Bote a cabeça de fora. É tudo o que eu preciso.

Mas o *Penny Dreadful* limitava-se a escoltar o bote. Phil remava. Seus braços puxaram os remos com força, as pernas e torso acompanhando o ritmo. Tracey ergueu cautelosamente a cabeça e espiou para o convés, mas não avistou ninguém.

Afinal, McCracken surgiu junto à amurada de bombordo.

— Suba a escada, Sr. Williams!

— Vá pro inferno, Capitão!

Phil continuou a remar. A ilhota não parecia mais próxima. Tracey encolheu-se, tentando diminuir de tamanho. McCracken ligou o motor, acelerou e desligou, deixando o iate deslizar ao lado do bote.

— Dei-lhe uma ordem, Sr. Williams!

Phil continuou a remar, olhando para o lado oposto. Tracey lançou um rápido olhar a McCracken, que estava acima deles. Amedrontada, desviou a cabeça. Tinha a impressão de sentir o hálito de McCracken, úmido e cheirando a produtos químicos. Tracey moveu os lábios numa prece silenciosa.

Phil continuou remando, sem aumentar ou diminuir o ritmo, mantendo a cadência, economizando energias. Algo bateu na água à sua direita. Um delicado repuxo se ergueu, seguido por um longo som sibilante. Um arpão fino e comprido desapareceu como um foguete nas profundezas do mar.

Num só movimento, Phil puxou os remos para si, apontou rapidamente o revólver e disparou um tiro contra McCracken, que deu a impressão de cair para trás sob o impacto. O eco do estampido reverberou através das águas calmas. Tracey fechou os olhos com força e tapou os ouvidos com os punhos cerrados.

Surpreendido com o barulho, Phil teve a satisfação de ver, através da tênue fumaça que escapava do cano da arma, o buraco negro que surgira na parte superior da imaculada proa do *Penny Dreadful*, bem como as lascas de madeira e fibra de vidro que voaram pelos ares. Ainda assim, nem sinal de McCracken. Um segundo tiro abriu um buraco oval na curva da proa, enquanto o iate rodeava velozmente o bote.

— Vamos, McCracken! — gritou Phil. Mostre a cara!

Um terceiro tiro, apontado abaixo da linha d'água, ricocheteou no mar e cravou-se na sombra escura sob o barco. Phil girou o corpo, visou o motor à ré e apertou o gatilho. Um furo fumegante surgiu a meia distância do leme. Outro tiro, apontado para o leme, produziu um forte ruído metálico.

Phil avistou o movimento de uma desgrenhada cabeleira branca por detrás do vidro da porta da casa do leme, firmando-se com as duas pernas de encontro a lados opostos do bote, Phil mirou o olho direito ao longo do cano negro da arma, onde a massa de mira indicava o centro exato do pescoço de McCracken. Lentamente, seu indicador apertou o gatilho, um aperto infinitamente vagaroso, no que ele sentia a vida sendo expulsa do corpo de McCracken.

Um forte estampido, o cano elevou-se com o coice do tiro, estilhaços de vidro se espalharam pelo convés. A cabeleira branca desapareceu. Teria a bala acertado o alvo?

— Por favor, meu Deus! — rezou Phil. — Que ele tenha morrido!

Um riso gutural veio do *Penny Dreadful*.

— É inútil, Sr. Williams.

Numa última tentativa desesperada, Phil esvaziou o revólver onde julgava estar o tanque de

combustível. Não houve explosão.

Na amurada, um pé apoiado na barra central, McCracken rearmou calmamente o disparador e selecionou um arpão dentre os que estavam numa aljava presa ao seu cinto.

— Morrerão aí fora! — disse ele. — Aquela ilha não tem uma gota de água doce! Não entende que é para seu próprio bem?

— Li seu livro de registro, Capitão.

— Mesmo assim, não permitirei que morram entre cobras e rochas!

Um segundo disparo cravou um arpão no costado do bote. Uma fumaça acre e azulada saiu de um ponto acima da cabeça de Tracey, deixando um buraco com quinze centímetros de diâmetro. Cada onda ultrapassava em vários centímetros a altura do buraco. Tracey ergueu-se da água que se juntava rapidamente no fundo do bote.

— Estamos afundando — disse ela baixinho, trêmula.

— Tire os sapatos!

A água lhe chegava às canelas. Os baldes flutuavam, derramando pedaços de peixe. O transmissor de impulsos tombou na água. Phil lutou em vão para descalçar os sapatos. Para seu desespero, viu o livro de registro boiar para fora do bote e juntar-se aos outros objetos que flutuavam ao sabor das ondas. O livro afundou lentamente.

— Agora, ouça bem — disse Phil, gaguejando. — Ele não vai atirar contra nós. Não acredito que atire. Vamos levar muito tempo para nadar até a ilha, mas descansaremos nadaremos, e acabaremos chegando lá.

Tracey anuiu com a cabeça. Phil apertou-lhe o ombro e sorriu. Os remos flutuavam. O bote sacudiu bruscamente, afundando. Phil e Tracey ficaram com os quadris mergulhados na água, flutuando à custa dos coletes salva-vidas. Phil nadou vagarosamente em direção oposta ao *Penny Dreadful* e Tracey o acompanhou.

Um arpão cortou o ar à frente deles, com um ruído sibi-lante.

Phil e Tracey nadaram de costas, engolindo ocasionalmente água salgada. O mar estava morno, o céu azul. Teimoso, Phil tinha certeza de que conseguiria chegar à ilha. Arrastaria Tracey consigo, caso necessário. Calculou que talvez levassem um dia e uma noite, mas tornariam a pisar terra firme.

— Não tenho medo — disse Tracey. — Está vendo? Não tenho medo.

Acompanhava meticulosamente as braçadas de Phil, evitando olhar para a direita. Suas calças produziam reflexos brancos sob a água.

A água transmitiu um rugido forte, trovejante. O *Penny Dreadful* ligara os motores. Phil e Tracey foram sacudidos pelas ondas. O casco branco, brilhando ao sol, circulou-os preguiçosamente, provocando marolas.

— Continue á nadar — disse Phil — Simplesmente continue a nadar.

A água salgada lhes molhava os rostos, penetrando pelos lábios. Tracey tossiu, engolindo ainda mais água morna. Parou de nadar, ficando na vertical. Então, Phil puxou-a para nadar outra vez. O rugido dos motores aumentou. O *Penny Dreadful* fez uma curva fechada, inclinando-se muito e provocando marolas espumantes que passaram por cima de Phil e Tracey. Phil engasgou-se e cuspiu água do mar. Tracey fora rolada pelas marolas, ficando de bruços.

— Sr. Williams!

Escutaram a voz de McCracken acima do ronco dos motores, o som variando de intensidade enquanto o *Penny Dreadful* circulava, ora perto ora longe.

— Não querem embarcar?

Phil endireitou Tracey na água. Ela o acompanhou através das ondas que variavam de direção, provocando espuma e bolhas, chocando-se umas com as outras. O *Penny Dreadful* dirigiu-se a eles, que podiam ver a proa aguda.

— Santa Maria, Mãe de Deus! — engasgou-se Tracey. — Salvai-nos!

No último instante, o barco passou entre eles, separando-os. O rugido dos motores os envolveu. Phil avistou de relance peças metálicas — a hélice — cortando a espuma branca. Então, gritou por Tracey.

O cabelo molhado grudado ao rosto, ela flutuava a vinte metros de distância, debatendo-se na esteira turbulenta do iate. Seus olhos abertos pareciam esgazeados.

Então, os motores foram desacelerados. O *Penny Dreadful* perdeu cada vez mais velocidade até parar poucos metros atrás de Tracey. Phil nadou em direção a ela. Algo caiu na água atrás do barco. Um cheiro de carne podre chegou às narinas de Phil.

— Pedacos de peixe — gritou McCracken. — Isca para tubarões!

Aterrorizado, Phil observou Tracey espadanar na água. Tentava inutilmente nadar. Subia e descia nas ondas, como se pisasse em degraus, batendo com os braços.

Mais pedacos e entranhas de peixe caíram na água perto dela. De repente, houve um rápido movimento sob a superfície e os pedacos de peixe desapareceram no mundo escuro e ameaçador por baixo de Tracey. Ela gritou.

— Então, Sr. Williams?

— Suba na escada, Tracey — disse Phil, derrotado.

O *Penny Dreadful* deslizou na água, separando habilmente Phil e Tracey do local onde a água fervilhava ameaçadoramente. Tracey agarrou-se com a mão direita à escadinha da amurada. Tinha a blusa e as calças encharcadas, o cabelo folhado colado à cabeça.

— Suba. Sra. Williams! — disse McCracken, estendendo a mão para ajudar Tracey a chegar ao

convés.

... Amedrontada, ela olhou para baixo enquanto o *Penny Dreadful* passava pela água agitada.

— Agora é sua vez, Sr. Williams!

O barco estava, quase parado quando Phil se agarrou aos degraus. Pingando, viu que a zona de água agitada e fervilhante ficara para trás da popa. Os motores roncaram. O barco partiu na direção da ilha, lutando, contra o vento que lhe fustigava o rosto, dificultando a respiração, Phil subiu a escadinha.

McCracken saiu da casa do leme e parou no convés. Usava calças brancas e uma túnica branca com dragonas pretas. Trazia nos braços o arpão.

Phil chegou ao convés, onde parou, hesitante, ofegando. O coração pulava de medo e ele, voltou a sentir uma raiva impotente.

Tem sorte por eu ser mal atirador — sibilou ele.

— Por quê? Matar-me lhe daria alguma satisfação?

— Exatamente!

McCracken sorriu de leve, friamente.

— Ótimo — disse com tranquilidade.

Phil avançou contra o Capitão, que ergueu rapidamente o arpão, apontando-o para as pernas de Phil.

— Eu o aleijarei, se for preciso — advertiu McCracken. — Agora, deite-se. Ao lado de sua esposa...

Phil deitou-se no convés. A cabeça de Tracey estava voltada para o outro lado, os olhos fechados. Sua mão latejava dolorosamente. McCracken virou brutalmente Phil, colocando-o de bruços. Phil sentiu os pulsos serem atados as costas. Então, McCracken colocou-lhe uma venda negra sobre os olhos.

— Sentem-se — ordenou o Capitão. — Ambos.

Phil rolou de lado e depois conseguiu sentar-se. Aguardava um golpe, uma terrível pancada no esterno. Aguçou o ouvido para escutar qualquer movimento, por parte de Tracey, cujo calor ele sentia a seu lado. Todavia, houve, uma eternidade de silêncio.

— Eu, John McCracken, proprietário e Capitão do *Penny Dreadful*, registrado no Estado da Flórida, prendo e confino Philip e Tracey Williams, ambos de Nova York, pelo crime de motim e tentativa de homicídio, bem como de assalto à mão armada.

Pouco depois, os motores do iate voltaram à marcha lenta. A quietude após o barulho e agitação do mar, trazia um mau presságio. Esperaram durante longo tempo. Phil não sabia onde estava McCracken. Então, ele e Tracey escutaram ruídos no interior do barco e passos pesados na escada.

— Agora, fiquem de pé — ordenou McCracken.

Esbarrando-se, Phil e Tracey levantaram-se do convés, às pernas vacilantes após dias seguidos no bote.

— Venha, Sra. Williams.

Phil sentiu McCracken conduzir Tracey para longe. Após alguns minutos, McCracken voltou, pegou-o pelo braço e o conduziu para o interior do barco. Mesmo de olhos vendados, Phil sabia onde estava. Até mesmo lembrou-se de tomar cuidado com o baixo degrau que levava ao salão principal. McCracken levou-o ao longo do corredor e depois empurrou-o para o camarote dos passageiros.

— Você está bem? — indagou Tracey.

— Sim, estou bem. Ele machucou você?

— Não.

Às cegas, conseguiram unir às costas e Phil desamarrou os pulsos de Tracey. Esta livrou-se das cordas, tirou a venda, e desamarrou Phil. Abraçaram-se. Tracey, encontrando calças estendidas sobre a cama, vestiu-se. O camarote fora despojado. Só restavam algumas peças de roupa. Os lampiões, a espada e até mesmo as antigas cavilhas de madeira tinham sido removidos. Phil sacudiu a porta. Só agora apreciou sua construção sólida. As dobradiças tinham uma carrapeta, que fora soldada para evitar que as desatarraxassem.

Phil sentou-se na cama, afastado de Tracey. Encolheu-se bastante, a fim de aquecer-se e aliviar o frio que se irradiava do âmago de seu corpo. Ondas frias brotavam-lhe da medula dos ossos trêmulos. Vagarosamente, sua personalidade retomou. O calor lhe voltou ao rosto e ele se sentiu febril. Como num filme arrebatado, a imagem do *Penny Dreadful*, vinha-lhe repetidamente à cabeça. E mais uma vez ele sentiu o frio cano negro do revólver e a ansiosa pressão de seu dedo no gatilho. Era como uma alucinação que ele não conseguia impedir que voltasse. Quase compreendeu por que motivo McCracken se viciara em tais coisas. Pois ele próprio, Phil, fraco, pálido e trêmulo como um paciente após uma operação, tinha dúvidas quanto a ter sido vítima de uma obscena alucinação. Seria possível? Seria possível que ele, Phil Sobel, presidente das Indústrias Sobel, marido de Barbara, pai de Philip Jr. e Mark, tivesse disparado seis tiros contra um ser humano, rezando a cada disparo para ver o cérebro do homem voar em pedaços?

O *Penny Dreadful* ganhou velocidade.

— Para onde ele nos levará? — indagou Tracey, nervosa.

Esticando o pescoço para olhar pela vigia, Phil avistou a ilha em frente ao barco. Os contornos azulados revelavam áreas pardacentas, sobrevoadas, por muitas aves.

— Muitas árvores e pássaros — resmungou Phil. — Mais uma das mentiras dele.

Linhas brancas de espuma corriam para a terra. Sob o puro céu azul, flores vermelhas pendiam entre as folhagens. Uma cena irreal.

Ali, pensou. Phil, seu destino seria revelado. A adrenalina voltou a correr em suas veias, seus olhos se dilataram e ele começou a andar pelo camarote com certo, entusiasmo, aguardando que McCracken chegasse à ilha. Para um dos dois, seria o combate final.

Tracey, como uma criança que encontrou a paz, mergulhou num sono leve, enquanto Phil permaneceu junto à vigia, olhando a ilha que se aproximava.

O *Penny Dreadful* penetrou num estreito canal que levava a uma pequena angra. Palmeiras brotavam por entre densas samambaia, capim e plantas de talos amarelos, com moitas de raízes fibrosas. O barco deslizou suavemente até parar. Os motores foram desligados. Chamados de pássaros ecoavam nas colinas próximas.

Uma batida à porta. Phil e Tracey ergueram os olhos. A porta não se abriu.

— O julgamento terá início dentro de uma hora — informou a voz enérgica de McCracken.

Ouviram os passos que se afastavam na direção do salão.

— Julgamento? — perguntou Phil.

— Pelo que eu fiz — sussurrou Tracey. — Por tentar matá-los.

Tracey lavou o rosto. Seus movimentos eram rápidos e nervosos, a respiração agitada. Phil esperou deitado na cama. Agora, o temor invadia-lhe os ossos. Sabia que a morte certa os aguardava. Seu coração batia com força. Sentia-se esmagado pela injustiça de tudo aquilo. Havia tanto na vida que ele almejava realizar e ele jogara tudo fora nos negócios e em pequenos prazeres pessoais. Desejava entrar em contato com os filhos, dizer-lhes algumas últimas coisas, para que sua memória não fosse apagada para sempre. A hora se arrastou.

O trinco foi aberto. Phil pulou da cama. Usando não apenas o uniforme branco, mas sapatos pretos de verniz e o boné de Capitão, McCracken surgiu à porta. O arpão estava apontado para as pernas de Phil. McCracken trazia no cinto um comprido punhal com cabo de madrepérola.

— Venham! — ordenou ele, recuando lentamente.

Phil tomou a mão de Tracey. Caminharam pelo corredor. O sol brilhava nas três farpas do arpão. A mola metálica prendia o gatilho, centenas de quilos de pressão fazendo o mecanismo de disparo tremer diante de Phil. McCracken indicou o salão onde, obedecendo instruções, Phil e Tracey colocaram algemas um no outro. As algemas eram de um tipo antigo e peculiar, com anéis duplos que exigiam chaves antiquadas. Levaram algum tempo para conseguir colocá-las. Phil tomou cuidado com a mão mutilada de Tracey.

Quando McCracken subiu a escada que levava ao convés, Tracey olhou ansiosamente por cima do ombro.

— Ele vai nos matar, não vai?

— Não sei.

Após quase meia hora, McCracken desceu de volta ao salão. Levou Tracey para o convés e retornou.

— O tribunal está esperando — declarou.

Uma lâmina com três pontas cutucou as costas feridas de Phil, que franziu involuntariamente o rosto numa careta de dor e soltou um gemido trêmulo. Empurrado com a ponta do arpão, Phil galgou os degraus.

No convés, Penny estava sentada, imóvel, a uma mesinha branca. Achava-se envolta num cobertor azul-marinho e a mesa coberta com uma toalha branca. Um tinteiro de gargalo curvo sustentava uma pena de ganso. McCracken empurrou Phil na direção da mesa. Foi o passo mais longo que Phil deu na vida. Os olhos de Penny estavam vidrados.

— Ela está bem! — exclamou Tracey. — Está viva!

Alguns fios de cabelo soprados pela brisa flutuavam junto à testa de Penny. McCracken estendeu a mão e ajustou-lhe cuidadosamente os cabelos. Depois, reajustou os vários travesseiros atrás dela. Tracey e Phil foram algemados às pernas das cadeiras que, por sua vez, estavam aparafusadas ao convés.

McCracken pigarreou. Diante dele, um grosso livro estava aberto sobre a toalha branca. Seu dedo, em consulta, pousou em diversos parágrafos. Com um floreio, ele escreveu numa grande folha de papel.

Pedaços de madeira e capim flutuavam em volta do *Penny Dreadful*. As sombras das palmeiras se alongavam pelo convés, mesclando-se à sombra da casa do leme. A umidade dificultava a respiração.

Pela graça das leis dos navios e dos homens, neste décimo-quinto dia do mês de janeiro do ano de mil novecentos e setenta e nove, a bordo do *Penny Dreadful*, iate de recreio registrado no Estado da Flórida, tem início o julgamento e corte-marcial de Philip Williams, e de Tracey Williams, como é conhecida, acusada de motim, roubo e tentativa de homicídio.

McCracken fez uma pausa. Seu rosto tinha uma expressão levemente dolorosa. A pele totalmente bronzeada de sol, avermelhada ao redor do pescoço, os cabelos brancos meticulosamente penteados sob o boné. Por detrás dele; duas bandeiras em mastros de ferro fincados no convés. Uma apresentava uma âncora azul sobre fundo branco. A outra era amarela e branca em listras horizontais.

— Os fatos serão apresentados em favor do queixoso, proprietário e autoridade marítima do mencionado barco, após o que a defesa será ouvida conforme o entendimento do tribunal...

McCracken falava pesadamente, como se investido de enorme responsabilidade, que nunca antes experimentara, Dava a impressão de possuir — na sua própria opinião — uma autoridade perante a qual agia com toda a adequação e dignidade que conseguia reunir.

Phil observava McCracken como um homem que olha para os canos dos fuzis do pelotão que está prestes a executá-lo. Cada segundo e cada palavra tinham a qualidade ilusória dos últimos segundos de vida. A insanidade mental de McCracken padecia ínfima quando comparada com uma insanidade maior, a existência arbitrária e a súbita extinção dos seres conscientes. Phil tentou invocar interiormente Deus, os santos e os profetas, mas mesmo agora, para ele, todos não passavam de ficção. Em seu isolamento, invocou a família, mas eram figuras cinzentas de papelão, perdidas no mundo material. Nada havia a

encarar senão a iminente dor do aniquilamento.

Phil olhou para Tracey, que murmurava consigo mesma. Talvez ela fosse feliz, refletiu ele. A religião lhe serviria de anestésico. Seu colapso mental facilitaria a transição para a escuridão. Para Phil, era a pior crucificação da mente. Sentia-se atordoado. Tudo acontecia como num sonho, em câmara lenta, com insuportável calor e brilho.

— O *Penny Dreadful*, estando equipado de acordo com as leis do Estado da Flórida e os regulamentos de segurança marítima, levantou âncora na laguna de Coral Glabes, no dia dois de janeiro, contratado para um cruzeiro de recreio.

McCracken parecia ler o que estava escrito na folha de papel. Phil avistou anotações em caligrafia compacta, cuidadosamente numeradas e sublinhadas. O reflexo do papel fez lacrimejar os olhos de McCracken.

— Completando o estoque de víveres, gasolina e água, bem como terminando pequenos reparos, a mencionada embarcação iniciou sua viagem no rumo leste-sudeste, como consta do livro de registro de bordo. Os dois primeiros dias a bordo transcorreram em alegre convívio, até cerca de vinte e duas milhas ao norte do ponto mais ocidental da Ilha de Nassau.

— Chega de merda, McCracken — berrou Phil. Sabemos que seu jogo termina em assassinato!

— No terceiro dia do Ano: Novo, uma rápida tempestade causou, leve dano numa emenda, agravada por mar encapelado e uma tempestade mas violenta no dia seguinte, com a força do vento atingindo quarenta e quatro. A água penetrou no casco e a embarcação ficou sem motor devido ao rompimento da linha principal do eixo.

Phil debateu-se na cadeira, tentando derrubá-la. A cadeira era de ferro fundido pintado de branco, firmemente ancorada por parafusos no convés. McCracken ignorou-o.

— O gerador foi sobrecarregado para fornecer eletricidade a todas as partes do barco. No dia seis de janeiro, o barco ficou totalmente desprovido de energia, quer mecânica ou elétrica. Duas baterias danificadas, não havendo indícios de sabotagem.

Súbitos gritos de pássaros na ilhota trouxeram Phil de volta à realidade. A mata fumegava de calor. As folhas lustrosas brilhavam ao céu azul. Enquanto McCracken continuava a ler, o cronômetro da vida de Phil se aproximava da hora final. Como se numa visão, a cena ficou gravada com espantosa nitidez. Todas as fantasias que ele construía sobre a morte de seres humanos desvaneceram-se como tênues ficções. A realidade era extraordinariamente brutal.

— ... quebrando o racionamento e conseguindo víveres à custa de arrombamento, obrigando o Capitão a fazer uso do armamento de bordo — dizia McCracken. — O reboque a remos prosseguiu conforme as ordens, porém com pouco auxílio por parte do Sr. Williams e nenhum por parte da Sra. Williams. A onze de janeiro, aproximou-se um cargueiro sob a bandeira da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O Sr. Williams agrediu o Capitão do *Penny Dreadful*, só sendo subjugado graças à pronta e rápida intervenção do Imediato. Levando em consideração a excitação provocada pelas circunstâncias do momento, não foi registrada acusação formal, tendo em conta igualmente as privações da semana anterior.

— É bom morreremos — disse Tracey baixinho. — Trocaremos o mundo por um lugar mais puro.

McCracken virou-se para Penny, ajeitou-lhe a cabeça numa posição mais confortável contra os travesseiros e acariciou-lhe levemente o rosto, empurrando para trás os fios de cabelo que lhe caíam sobre a testa. Os olhos vidrados de Penny estavam fixos em Phil. As narinas dilatavam-se e murchavam num ritmo lento e constante, como uma macia anêmona subaquática. Era o único sinal de que ela estava viva. A voz de McCracken se tornou ríspida, perdendo todos os vestígios do tom impessoal que ele adotara até ali. Mais uma vez, deu a impressão de não falar para Penny, Phil ou até mesmo para si próprio, mas para testemunhas invisíveis para todos, menos ele.

— Enquanto o Sr. Williams permanecesse dominado por violentas alucinações, seria impossível continuar remando. Consequentemente, empregando a medida extrema, só justificável pela situação de emergência, o Capitão ordenou e executou a sentença de seis chibatadas com o gato-de-nove-rabos (chicote com nove tiras de couro, usado nos veleiros antigos para castigar os marujos), na esperança de trazer o Sr. Williams de volta à realidade. A recuperação não teve sucesso, pois as alucinações pioraram. Na noite seguinte, doze de janeiro, talvez em conluio com o Sr. Williams, a Sra. Williams envenenou tanto o Capitão como o Imediato com uma mistura de conhaque e uma quantidade ainda ignorada de produtos químicos retirados de cápsulas soporíferas. Seguiu-se o roubo de equipamentos e víveres essenciais, incluindo o bote do iate, o transmissor eletrônico de emergência, metade do suprimento de água remanescente, a luneta de bordo, o livro de registro de bordo, três cobertores, dois baldes, dois coletes salva-vidas e uma bússola. O Capitão voltou a si, caído no pé da escada, graças apenas à sua excelente condição moral e física. O Imediato recobrou a consciência durante duas horas e depois mergulhou...

McCracken engoliu em seco, incapaz de prosseguir. Agora, Phil percebeu que por detrás do tom forense de McCracken ocultava-se uma raiva assassina. Por que a necessidade de o Capitão prolongar o ato de homicídio? Teria levado cada um dos casais a cometer crimes contra ele só para vingar-se através da aplicação de sua própria versão da lei? Que antigo ritual revivia ele para justificar-se de maneira tão longa e meticulosa? Phil observou que, pelo menos desta feita, um dos McCracken estava incapacitado e esperou que fosse em caráter definitivo. Talvez de agora em diante o Capitão tivesse que fazer sozinho o seu jogo. Talvez algum futuro passageiro completasse o trabalho iniciado por Phil e Tracey.

O Imediato entrou em coma profundo — concluiu McCracken, a voz embargada transformada num sussurro rouco. — Do qual provavelmente não despertará.

O Capitão começou bruscamente a chorar. Seus ombros se sacudiam. Encostando o rosto na mesa, soluçou forte. De repente, ergueu a cabeça, as lágrimas escorrendo-lhe pelo rosto, enxugou os olhos com as costas das mãos e, levantando-se, afastou-se. Olhou através da angra, como se comungasse daquele isolamento.

Depois, voltou e sentou-se com ar eficiente, assumindo a atitude — ou máscara — de um homem enérgico.

— Pode parecer estranho — prosseguiu com voz ainda embargada, deixando de ler o que estava escrito na folha de papel —, que a desafortunada vítima do crime fosse exatamente a pessoa encarregada de fazer a defesa dos acusados. Não obstante, é verdade. Estou certo de que o Imediato, se estivesse em condições de comunicar-se conosco, não pouparia seus melhores esforços, seu mais eloquente e compadecido domínio da linguagem, para pedir absolvição ou redução da pena. Todavia, como as

circunstâncias mudaram... e quanto mudaram... o tribunal, em nome da justiça, assumirá essa responsabilidade.

Phil escutava com atenção. Haveria alguma pista por detrás do falatório de McCracken? Alguma defesa? O que parecia desejar o Capitão com aquela bizarra formalidade? McCracken se ergueu da cadeira e começou a andar ao lado da mesa, falando de improviso.

— É verdade — declarou, abrindo as mãos num gesto de orador — que muitos crimes já foram cometidos. O Imediato é prova de tal afirmação. Da mesma forma, o bote destruído, os víveres perdidos, o livro de registro de bordo, o transmissor de emergência, todos eles no fundo do mar. Seria loucura negar tais transgressões.

McCracken fez uma pausa, umedecendo os lábios. Seu poderoso punho desceu vagarosamente sobre a palma da outra mão e ele se absorveu na defesa de sua posição.

— Confundimos, porém, duas autoridades diferentes? — perguntou. — Existe a autoridade do Capitão, reforçada durante séculos por inúmeros governos. Ele é o único representante do Estado no mar. Na verdade, pode-se dizer que o Capitão é o chefe de um pequeno estado sob a forma de seu navio e seus atos, destinados a evitar a perda de vidas e de propriedades, devem ser e são obedecidos como a voz da lei. E, no exercício dessa autoridade, o Capitão fará — e realmente tem que fazer — tudo o que sua experiência e perícia indicarem como necessário. Do contrário, o resultado será anarquia e morte.

— Consequentemente, o Capitão do *Penny Dreadful* agiu legal e corajosamente ao racionar a comida e a água, ao ordenar o reboque a remos, e ao aplicar seis chibatadas terapêuticas no Sr. Williams. Da mesma forma, agiu com moderação e paciência ao confinar o perigoso Sr. Williams no porão.

Phil esfregou o pulso contra as algemas e tentou livrar os dedos. A pele de seu braço se arranhou, sangrando um pouco. As veias da testa pareciam prestes a estourar. McCracken, absorto em sua oratória, raramente olhava para Phil ou Tracey.

— Entretanto — prosseguiu rispidamente McCracken —, tem o Capitão direito de punir? Não seria isso uma autoridade adicional? De que adiantaria infligir ferimentos graves ou morte a um tripulante quando tal ferimento ou morte já não contribuísse para a sobrevivência do navio?

— Exatamente, McCracken — murmurou Phil. — Se deseja punir-nos, leve-nos de volta à Flórida.

— Não há dúvida de que capitães açoitaram suas tripulações, mergulharam-nas no mar de cabeça para baixo, passaram-nas por baixo da quilha, fuzilaram-nas, em situações de emergência. Contudo, tais castigos não tiveram o objetivo de gravar nas mentes dos demais tripulantes o poder e a majestade da lei? E que objetivo poderia ter agora a execução de dois tripulantes, um dos quais sofrendo de perturbação mental e o outro incapacitado de contribuir com ao menos cem metros de remadas?

— Você amputou o dedo dela, filho da puta! Quem é louco?

McCracken sentou-se à mesa, encarando Phil e Tracey. Abriu as mãos, exibindo no rosto uma expressão moderada.

— Ademais, é bem sabido que a privação física, a fome e a sede alteram a percepção que um

homem tem da moralidade. Atos anteriormente encarados com justificado horror tornam-se exequíveis. É possível que o significado da morte já não fosse nítido para a Sra. Williams quando ela tentou assassinar o Imediato e o Capitão.

Tracey começou a chorar.

— Solte-a, Capitão — disse Phil, lutando contra as algemas. — Posso comprar-lhe dez iates. Você poderá estabelecer-se em Yucatan. Peça o que quiser.

— É existe o argumento, que agora deve ser apresentado, de que a Sra. Williams tenha sofrido o que só pode ser definido como diminuição da capacidade de compreender o que estava fazendo. Ficou provado que ela tivesse conhecimento de que a mistura de conhaque e pílulas soporíferas é letal? O tribunal terá recebido uma imagem errônea das verdadeiras motivações da acusada?

— Eu não queria matar — soluçou Tracey. — Queria apenas que dormissem. Só isso.

— Ela perdeu o juízo — interpôs rapidamente Phil. — Como pode punir alguém que perdeu o juízo? É um ato digno de um capitão?

McCracken recostou-se na cadeira. Os olhos faiscavam. Não deu sinais de ouvir senão a própria voz.

— Em quarto lugar, concluindo — disse num tom quase satisfeito —, a misericórdia não é a rainha das virtudes? Sua aplicação não é o mais humano dentre os dons, a não ser o da própria vida? Não é marca da grandeza que não apenas a perícia, a coragem e a determinação, mas a bondade de coração cicatriza o ferimento moral? E não elevaria a majestade deste tribunal a aplicação deste bálsamo, quando tem a jurisdição e o direito de impor a maior e mais definitiva sentença?

A mão de McCracken voltou vagarosamente à mesa. Parecia satisfeito consigo mesmo. De repente, houve um baque. Penny caíra sobre a mesa e escorregara para o convés.

— Penny! — gritou McCracken. — Meu Deus!

McCracken pulou para ela. Com dedos trêmulos, ergueu-lhe uma das pálpebras. Seu rosto assumiu uma expressão de incredulidade. De repente, soou um lamento, um som grave e prolongado que parecia emanar não de um ser humano, mas do éter, elevando-se cada vez mais num gemido de angústia, sem tremer ou tomar respiração, até encher a angra e ecoar fantasmagoricamente de volta ao convés.

— Oh, Deus — chorou McCracken, debruçado sobre o rosto de Penny. — Desta vez foi demais, minha querida! Calculamos mal. Oh, Deus, calculamos mal!

McCracken estava inconsolável.

Minha querida companheira... — balbuciava, atordoado.—Minha querida...

Tracey gritou:

— Ela morreu! Está morta!

Seu grito agudo penetrou na mente de McCracken. Virou-se, encarando Phil e Tracey com um olhar negro e angustiado.

— Sim — murmurou roucamente, — Enquanto vocês estão vivos!

Phil assustou-se com o tom assassino na voz de McCracken. O Capitão envolveu Penny no cobertor azul-marinho. Tomou-a nos braços e recolocou-a na cadeira. Phil observava, horrorizado. O rosto de Penny não se alterara; apenas as pálpebras estavam semicerradas, dando a impressão de observar ladinamente a cena, à espera de uma oportunidade para falar.

— O tribunal levará em conta a argumentação apresentada pela defesa — declarou McCracken.

Tornou a sentar-se à mesa. Uma leve brisa moveu às bandeiras. Quando o ar ficou parado, o marulho da água no casco do iate se fez ouvir. O suor escurecia a túnica de McCracken e brotava-lhe em gotas da testa. O Capitão estava absorto em sua causa, procurando energicamente as palavras mais adequadas. Agora, parecia impelido a falar por causa de Penny.

— Em primeiro lugar, quanto ao Capitão ou autoridade designada ter o direito de aplicar punições acima e além da causa imediata do bem-estar ou sobrevivência do resto da tripulação — disse ele rápida e precisamente olhando para a mesa sem ver coisa alguma. — A majestade, ou melhor, a divindade da lei está acima e além da provação e sofrimento individuais, além dos detalhes e circunstâncias particulares de qualquer esforço físico. A lei é a maior expressão da inteligência que elevou o ser humano acima da luta cega pela existência. E onde existe lei a vida humana é glorificada.

Phil, sem compreender, fitou a figura de McCracken, que expunha seus argumentos com uma seriedade que beirava o delírio. Por que o Capitão sentia necessidade de justificar-se perante sua própria consciência? Se fosse ele, Phil, levaria a efeito um ritual tão complexo só para prolongar o aniquilamento final? Eis uma indagação que Phil, naquele momento de sua vida, seria incapaz de responder inequivocamente.

— Portanto, um representante da lei, seja ele capitão, magistrado, membro do Congresso ou Parlamento, tem sempre a obrigação de aplicar justa e corretamente a lei que representa. Sacrificar a lei em favor de quaisquer membros da tripulação, por mais que tenhamos no coração afeto por eles, é violar um princípio muito mais elevado e grandioso. Pois nenhum homem está acima da lei, muito menos o Capitão.

— Você é louco, Capitão!

— E a lei, neste caso, não pode ser mais específica. A pena para os crimes aqui enumerados é sobejamente conhecida.

— Quem o designou juiz, McCracken? O tribunal fica em Talahassee!

McCracken esmurrou a mesa e encarou Phil com olhos carregados de ódio. Surpreso pelo fato de McCracken tê-lo escutado. Phil fechou a boca.

— A bordo de um barco, o Capitão convoca os tribunais que considera adequados à administração da lei.

Confuso, Phil não conseguiu encontrar argumentos em contrário. Obviamente, McCracken estava errado. Mas como discutir?

— Isto... é antiquado — protestou Phil debilmente. — Atualmente existe a Guarda Costeira... ou um tribunal federal ... ou a marinha mercante...

McCracken tomou a esmurrar a mesa. Tracey se debruçou sobre a mesa, as veias do pescoço latejando.

— Em segundo lugar, nenhum julgamento físico exime alguém da responsabilidade moral. Por que todos os covardes ou maus elementos não assassinam seus capitães? Por causa da lei, Sr. Williams. Por causa da lei!

— Não é verdade, Capitão! Que me diz de drogas, de insanidade? É isso: insanidade temporária! Sabe que Tracey não estava em seu juízo perfeito...

McCracken grunhiu desdenhosamente. Recostou-se, pousando a mão no ombro de Penny.

— E, finalmente — concluiu o Capitão —, levaremos em consideração a noção de misericórdia? Quem de nós pode dizer se a misericórdia ou a lei é a mais majestosa dentre as realizações humanas? Contudo, não faz parte da natureza humana oferecer misericórdia àqueles em cujos corações ainda se pode ver alguma bondade, em quem a degeneração moral ainda não atingiu um grau irreversível? Com que facilidade estendemos a misericórdia àqueles que verdadeiramente se arrependem no fundo do coração e com que naturalidade nós a negamos aos que teimam em permanecer duros e obstinados. E não percebo, por parte do Sr. Williams, o menor indício de respeito pela supremacia divina da lei. Nenhum sinal! A misericórdia é simplesmente a aceitação do direito da lei. E o Sr. Williams decidiu, agora e para sempre, permanecer fora de seu alcance!

— Deixe de merda, McCracken!

— Que o céu seja testemunha! Que as correntes do oceano levem sua perfídia destas plagas!

McCracken perdeu momentaneamente a compostura. Então, ajustou a túnica. Suava abundantemente. Filetes de transpiração rolavam-lhe pelo pescoço, molhando-lhe o colarinho, Phil sentiu a língua engrossar entre os lábios secos e rachados. Tracey estava tão tombada para frente quanto lhe permitiam as algemas, murmurando incoerentemente, como se implorando perdão. Apenas a pele de Penny continuava seca e lisa.

— O tribunal analisará os argumentos. '

— E nós? — quis saber Phil. — Não podemos falar?

— Está insatisfeito com sua defesa?

— Você é um assassino! Eu li o livro de registro de bordo!

McCracken fez uma pausa. Depois:

— Então, sabe com quem está lidando.

O Capitão foi a amurada de popa. Apoiou-se num dos joelhos, com o punho encostado aos lábios. Phil não pôde perceber se ele estava rezando ou pensando. McCracken parecia intensamente absorvido em seu esforço mental. Phil tentou arrancar-se da cadeira, puxando com violência a corrente. Às algemas, chocando-se com metal, fizeram barulho na beirada do assento. McCracken continuava ajoelhado, olhando a intervalos para a folhagem densa e brilhante que exsudava umidade sobre o barco.

Revelando sinais de grande tensão, McCracken levantou Penny da cadeira e carregou-a para casa do leme. Parando à porta, pareceu desmoralizado, inseguro do que fazer em seguida. Voltando à casa do leme, parou, com os braços caídos ao longo do corpo, olhando para Penny. Afinal, tornou a sair para o sol brilhante.

O Capitão se sentou à mesa, escreveu rapidamente algumas palavras na folha de papel, dobrou-a com cuidado e guardou-a no bolso do peito da túnica.

— Morte por enforcamento — declarou em voz baixa.

# Quinze

McCracken se levantou da mesa, andou até a popa e olhou para a angra. Parecia procurar um local adequado, mas logo levou as mãos aos olhos, como se desejasse apagar da memória tudo o que acontecera. De costas para Phil e Tracey, manteve-se ereto. Então, girou nos calcanhares e foi à casa do leme. Lá dentro, deitou-se num banco em frente a Penny. Enquanto Phil lutava, batendo na cadeira com as algemas e a curta corrente metálica que o prendia ao convés, McCracken dormia agitadamente no calor úmido da casa do leme.

Phil já não conseguia engolir. Sua língua parecia de couro.

Tracey dava a impressão de ter deslocado um ombro e caíra da cadeira sustentada numa posição esquisita pelas algemas. Com o refrescar da tarde, chegaram compridas sombras, sinistras como cobras negras serpenteando sobre as cadeiras. Os mosquitos zumbiam em densos enxames. McCracken continuava a dormir na casa do leme.

Meu Deus, ajudai-me — sussurrou Phil.—Só esta vez. Só esta única vez. Farei qualquer coisa. Prometo.

Tracey observou Phil com ar penalizado e disse baixinho:

— Ele vem aí.

McCracken, uma sombra corpulenta em meio às outras sombras, postou-se diante deles.

— Embora o Imediato não enxergue, farei com que presencie um enforcamento antes de consigná-la à eternidade — anunciou com voz pastosa, sufocada de tristeza. — Foi nossa melhor luta. infelizmente, foi demais para ela.

— Nada tenho contra você, McCracken — implorou Phil. — Coloque-nos de volta no mar. Nadaremos até a terra. Viveremos na ilha. Você nunca mais ouvirá falar de nós.

— Foi um nobre Imediato, o mais nobre oficial que já serviu no mar. E, se me permitem dizer, uma ótima e linda mulher.

McCracken voltou-se, evanescente no Crepúsculo, sua sombra sumindo na escuridão da casa do leme. Phil praguejou furiosamente contra a corrente das algemas. Os motores começaram a funcionar. Horrorizado, Phil percebeu que McCracken fazia o barco subir o riacho, ou laguna, penetrando na mata

densa, além de qualquer possibilidade de socorro.

Teve a impressão de que entravam numa pequena laguna cercada por margens escuras. As estrelas cintilavam friamente. A princípio, uma leve brisa encrespou a superfície. Depois, o ar ficou parado.

McCracken soltou as algemas da cadeira. Uma mão rude pegou Phil pelo colarinho e o arrastou pelo convés. Três pontas afiadas tocaram o rosto de Phil.

— Para baixo — ordenou McCracken.

Praguejando, tentando manter o equilíbrio, Phil tropeçou, meio correndo meio caindo pela escada. Torceu o tornozelo. As pontas se enfiaram em suas costas feridas. Com um berro, McCracken ergueu um pé e empurrou Phil para o interior do camarote, batendo a porta com força. Pouco depois, a porta se abriu outra vez e McCracken entrou carregando Tracey, enquanto seu braço direito apontava o arpão contra Phil. Largou Tracey sobre a cama e recuou para o corredor escuro.

— Ao amanhecer — anunciou da escuridão.

A porta bateu. O trinco correu e foi trancado. Phil pulou para a porta, esmurrando-a. No escuro, viu Tracey mover-se.

— Tracey! É o fim! Ele vai mesmo matar-nos!

Tracey abriu os olhos e recuou na cama, para longe de Phil.

— Oh, meu Deus! — implorou Phil. — Eu... eu não quero morrer!

Caiu sobre Tracey, agarrando-se desesperadamente a ela. Tracey tinha a pele flácida, pegajosa. Phil abraçou-a e beijou-a com ardor. Ela estava fria, sem vigor muscular, apenas tremendo um pouco. Envergonhado, Phil levantou-se.

— Deus tornou a colocar-nos nas mãos do Capitão — advertiu Tracey. — É o nosso castigo e não podemos rejeitar o julgamento de Deus.

— Pare com isso, diabo! Temos apenas poucas horas? Precisamos imaginar uma maneira de...

— Não. Eu quero morrer. Você também deve querer.

Phil olhou em volta, frenético. Atirou contra a parede uma gaveta da cômoda. Tentou furar a parede com a base de um lampião. Experimentou espremer-se através da vigia. Os únicos sons eram a respiração irregular de Tracey e os gritos que ele soltava. O velho romance em brochura ao lado da cama, os antiquados instrumentos náuticos de McCracken nas paredes, os mapas, o pedaço de barril velho, tudo parecia uma lembrança patética da experiência transitória que era a vida. Phil caminhava para um negrume mais permanente.

Correu para o banheiro, à procura de ferramentas metálicas. Tudo o que viu foi o depósito de papéis e a moldura do espelho. Não conseguiu deslocar as torneiras. A tira de aço na armação do barril parecia o único objeto que poderia servir de ferramenta. Phil bateu com ela no chão, calculando que lá embaixo devia estar o eixo ou o assoalho estanque. Ou algo semelhante.

Durante a noite inteira Phil trabalhou com a rudimentar ferramenta. Logo o assoalho de madeira de lei sob o tapete ficou arranhado e lascada. Lá de baixo vinha o cheiro de água oleosa, um odor desagradável de gasolina e estagnação. Phil enfiou a mão pela fenda e apalpou apenas um segundo assoalho. Furiosamente, passou a atacá-lo com a tira de aço. Em breve a tira se entortou e os joelhos de Phil sangravam.

A porta se abriu.

McCracken apontava o arpão para os joelhos de Phil. Havia um brilho de espanto em seus olhos.

— Desenvolveu-se além das minhas expectativas, Sr. Williams.

Phil atirou a tira de aço contra a cabeça de McCracken. Um súbito relâmpago atirou Phil no chão. O sangue lhe jorrava da perna. McCracken colocou outro arpão no mecanismo de disparo.

— Faça um torniquete, ou morrerá aqui no camarote! — disse McCracken.

Sentindo-se quase desmaiar, Phil rasgou a camisa e a enrolou na perna. Tracey permanecia sentada, silenciosa, observando tranquilamente os dois homens. Seu olhar era vago, indiferente. A mente se abrigara em algum limbo espiritual. Phil apertou fortemente o pano em volta do ferimento que sangrava.

— Chegamos perto, não foi? — perguntou arquejante.

— Muito perto. Estavam a menos de cinco milhas desta ilha. Se aqui chegassem, eu talvez nunca mais os encontrasse — replicou McCracken com um sorriso. — Nenhum dos outros conseguiu chegar tão perto.

— Como nos encontrou?

— O emissor de impulsos, é claro. Ligá-lo não foi uma atitude muito inteligente.

Phil virou o rosto para o lado, desgostoso. Olhou pela vigia, sentindo o cheiro da mata.

— Bem, espero tê-lo satisfeito em todos os demais aspectos.

— Satisfez. E muito.

— E quanto ao próximo, McCracken? Não será capaz de matar você? Alguém um pouquinho mais rápido, um pouquinhos mais esperto?

McCracken riu baixinho, sem humor.

— Nesse caso, ele merecerá vencer, Sr. Williams.

Mesmo ao falar, McCracken parecia estar pensando em outra coisa. Talvez em seu próximo passageiro, talvez em Penny.

— Proponho um trato, McCracken — disse Phil em tom suave, razoável. — Liberte-nos e nós o ajudaremos, Recrutaremos passageiros para você.

O sorriso de McCracken se ampliou.

— Meus passageiros se recrutam sozinhos. Como vocês.

— Nós o ajudaremos com o barco. Precisaré de ajuda, agora que... que...

Os olhos de McCracken endureceram momentaneamente. Então, assumiram uma expressão de dor. Sua voz tremeu.

— Não, Sr. Williams. Funcionarei perfeitamente sozinho. Como lhe mostrei, estes barcos praticamente funcionam por si mesmos.

McCracken esperou, imóvel, parecendo aguardar uma reação de Phil. Estaria querendo fazer tortura psicológica? Ou chegara a vez de Phil ditar o rumo da conversa.

Finalmente, Phil perguntou:

— Quer me dizer uma coisa?

— Sé possível.

— Por que faz isto?

— Que pergunta absurda! — sorriu McCracken. — Por outro lado, o senhor é como uma criança que simplesmente precisa de uma explicação para as coisas.

— Quero dizer... essas antiguidades? As orações? A corte marcial? A charada inteira?

O rosto de McCracken ficou tenso.

— Não é uma charada, Sr. Williams. Aprecio cerimônia. Como a maiorias das pessoas.

— Mas elas não... — Phil engoliu a última palavra da frase.

— Matam? Não. As pessoas costumam fazer como o senhor: ficam no outro lado do abismo. Quase cheguei a pensar que o senhor o atravessaria. Quando estive remando, disparando o revólver, julguei perceber os sinais.

McCracken fez uma pausa. Deu a impressão de estar atento a algo, talvez os ruídos que Penny costumava fazer a bordo. Repentinamente, virou-se para Phil, penetrando-o com seus estranhos olhos azul-cinzentos.

— Eu poderia dizer-lhe que foi porque mataram nosso filho. Mas não seria verdade. Contudo, eles o mataram, sabe? Foi esmagado ao embarcar encanamentos para uma instalação em Saigon. Ficamos muito amargurados. Movemos uma ação judicial, mas os militares... bem, não importa agora. Eu poderia dizer-lhe que vejo as coisas com maior precisão que as pessoas como o senhor. Posso ver o aniquilamento que nos aguarda, a todos. Isto satisfaria sua curiosidade?

Os olhos de Phil corriam em volta, procurando algo que servisse de arma.

— Eu poderia dizer-lhe que se tornou uma espécie de droga, Sr. Williams. Ou como o sexo. Como conseguiria explicar-lhe? É um vício. A vida sem risco é uma paralisia. É desprezível.

Phil percebeu os olhos de McCracken se suavizarem, estudarem-no, focalizarem sua incredulidade...

— Em última análise, que diferença faz? Digamos apenas que eu gosto. Topei com o negócio por acaso, conheci-o bem durante um período de tempo e agora dedico-me inteiramente a ele. Alguém poderia explicar-se melhor que isso? O senhor pode explicar por que desenha bolsas de couro?

Phil não respondeu. McCracken estudou-o com atenção.

— Creio que, a despeito de si mesmo, o senhor compreende. Afinal, atirou contra mim.

— Em legítima defesa,

— Ora, diga a verdade. Que sensação teve?.

— Ótima, McCracken! Queria ver seus dentes espalhados pelo convés!

McCracken riu.

— Formidável. Como vê, Sr. Williams, tem capacidade para desenvolver-se. Até mesmo o senhor sabe disso:

Phil endireitou-se na cadeira, sem saber o que dizer. Estaria McCracken tentando convertê-lo? Seria um teste? Significava que o Capitão não efetuaría a execução?

— E se você tiver razão? — indagou Phil.

— Ah, sim, o senhor viu o abismo. Sentiu o vento amargo, não sentiu? Quando remou o bote para fugir? Amedrontador, não é mesmo? Mas como se sentiu? Não se tornou mais homem? A própria existência não pareceu reagir,, pelo menos uma vez em sua vida, à sua presença?

— Não. Para mim foi totalmente indiferente.

McCracken riu.

— Não há dúvida de que esse é um aspecto — comentou. — A grande indiferença. Entretanto, é precisamente ela que bombeia o sangue. O senhor já tinha visto um vazio tão assassino? O oceano, Sr. Williams. Nada somos para ele.

Phil aguardou, julgando que McCracken prosseguiria num monólogo a respeito do mar. Ao invés disso, o Capitão disse em tom calmo:

— Vamos, fale a verdade. As ligações mais suaves da existência poderão voltar a competir com viver cada segundo à beira da extinção?

— Não sei — respondeu Phil, cauteloso. — Talvez você esteja certo.

— Claro que estou certo.

— Muito bem. Qual será o próximo passo? Que farei?

— O que fará? — McCracken sacudiu a cabeça com ar solene. — Temo que não lhe restem opções, Sr. Williams. Teve um julgamento justo e foi sentenciado...

— Desta feita, você cometeu um grave erro — interrompeu Phil subitamente. — Não sou Charles MacIver, nem Henry Ransome, nem... os French. Há pessoas à minha procura.

— É mesmo?

— Meu nome é Sobel. Sou presidente de uma grande empresa com ligações em todo o nordeste do país e na Europa. Asseguro-lhe que minha ausência será notada imediatamente.

— Conversa fiada.

— Temos pontos de venda na Flórida. Esperam ter notícias minhas dentro em breve.

— Vocês foram, ambos, muito discretos. Nomes falsos, correspondência clandestina. Ninguém sabe onde estão.

Phil observava McCracken, o suor brotando de sua testa febril.

— Meus funcionários...

McCracken interrompeu tranquilamente:

Seus funcionários funcionam muito bem sem o senhor.

— Minha esposa...

— Sua esposa dará graças a Deus por se ver livre do senhor. Estou certo?

Phil não respondeu.

— Sim, não há dúvida de que haverá uma busca — prosseguiu McCracken. — Uma atitude prescrita pela lei. Contudo, o que conseguirão descobrir? Não existe absolutamente nada que ligue o senhor a mim. O senhor será simplesmente tragado pelo mundo exterior. Certamente presumirão que o senhor resolveu fugir e desaparecer. Com o tempo, desprezarão até mesmo sua memória.

Phil ficara imóvel. Os restos de sua camisa estavam ensopados de suor. Ele temia que qualquer gesto nervoso resultasse em novo disparo do arpão. Mas seus dedos tremiam involuntariamente e a respiração era irregular, perturbada por espasmos de medo.

— Curei-o de sua vaidade? — indagou McCracken.

Phil lambeu os lábios. Mal tinha consciência do que McCracken dizia. As ideias não conseguiam penetrar-lhe o cérebro congelado. Só conseguia ver a nítida imagem do Capitão, uniformizado de branco,

de pé a cinco metros dele.

— Sou um homem de posses, Capitão. Posso...

— Esteve à beira de tomar-se um assassino!

— Posso instalá-lo para o resto da vida. Onde você quiser...!

— ... e gostou da sensação!

McCracken virou a cabeça e fitou Tracey, que acordara. Mantendo o arpão apontado com firmeza contra Phil, o Capitão estendeu a outra mão para ela.

— Venha — ordenou, com implacável gentileza.

Tracey tomou-lhe agradecidamente a mão, levantou-se e caminhou com docilidade à sua frente. Phil gritou, atirando-se para a frente. A porta bateu-lhe na cara e o trinco foi fechado por fora.

— Não pode fazer isso, filho da puta! — berrou Phil.

Phil correu para a vigia. As águas da laguna estavam encrespadas pelo víscido vermelho das aves barulhentas que voavam do mato. Insetos zumbiam perto do vidro. Uma longa barra negra pairava na água como uma mancha: a sombra do *Penny Dreadful*, ondulando vagarosamente. Através da sombra, Phil enxergava o fundo raso de pequenos seixos e areia escura. Fazia frio. Phil sentiu picadas de insetos na testa e no pescoço.

Uma voz distante murmurava maquinalmente uma série de frases. Era McCracken. Uma sombra redonda apareceu, moveu-se, parou, mudou de forma. McCracken disse mais algumas frases, lendo um livro. Então, uma segunda sombra veio do convés, projetando-se na água como um gordo obelisco. A água encrespou-se repentinamente, desfazendo as sombras, dilacerando-as com reflexos azuis e vermelhos.

— Tracey! — gritou Phil. — Lute! Resista!

McCracken murmurou outras frases. No silêncio que se seguiu, Tracey orou em voz alta, pedindo perdão à Virgem Maria e encomendando sua própria alma a Deus. A sombra de McCracken passou-lhe uma corda no pescoço. O Capitão ergue a mão, como se quisesse tocar o seu.

— Tracey! Fuja!

Com um violento empurrão, a sombra coberta por um manto balançou para a frente como um brinquedo de criança. Estremeceu, sacudiu-se e balançou para trás. Então, tornou a balançar para frente, teve um último espasmo e voltou atrás. O movimento de pêndulo diminuiu até que, parada, passou a ser mais uma sombra imóvel entre as outras.

Phil desmaiou.

Quando recobrou os sentidos, o sol entrava pela vigia, tirando reflexos do astrolábio e dos instrumentos de bronze sobre a cômoda, dando ênfase aos dentes das engrenagens e às marcações e

algarismos pintados de preto.

Encharcado de suor, Phil sentou-se na beirada da cama. Tinha a impressão de que todo o sangue lhe fora sugado das veias. Olhou pela vigia. A lagoa, brilhantemente iluminada pelo sol, tinha quase duzentos metros de largura, a água calma encrespando-se apenas onde a brisa suave tocava a superfície. Na margem oposta, uma massa de cipós verdes e capim. Além da vegetação, erguia-se uma colina pardacenta e nua, formando um cone arredondado no vértice.

— Foi um sonho — disse Phil consigo mesmo.

Virou-se bruscamente.

— Tracey?

Enfiou as mãos entre os cobertores e lençóis. Depois, correu para o banheiro.

— Ele estava fingindo — disse em voz alta. — Mais uma maldita charada, para torturar-me!

Sozinho, Phil parou no centro do banheiro. O espelho mostrava-lhe um rosto que ele não reconheceu: inchado, com olhos vermelhos, a barba por fazer. Tinha a expressão de um louco, capaz de qualquer coisa.

Então, como um novo sistema de pensar e sentir, uma alteração percorreu-lhe os nervos. Para sobreviver, tinha que matar McCracken. Não havia mais sacrifício ou subserviência. Despedaçar-se-iam como dois animais selvagens num fosso — o leão e a pantera, se ele pudesse ser uma pantera.

Trêmulo com aquela nova compreensão de si mesmo, Phil saiu do banheiro. As inibições se desfizeram. O sangue corria regular e rápido em suas veias. Sentia-se mais forte. Tudo lhe parecia espantosamente nítido. O ferimento na perna, com o sangue coagulado, já não doía, Phil desprezava tudo o que fora antes, tudo o que ele representara.

Deu busca no quarto à procura de uma arma.

Os antigos instrumentos tinham ponteiros agudos e anéis de bronze. Phil arrancou um anel de bronze do cronômetro e guardou-o no bolso. Um golpe bem assestado arrancaria sangue. De repente, a idéia de desfigurar o rosto de McCracken lhe provocou uma sensação gostosa. Desejava mutilar e, depois, matar. Desesperadamente, procurou manter Tracey afastada do pensamento. Ela certamente estaria amarrada a um banco do salão, ou na casa do leme, enquanto McCracken se entregava a um de seus prolongados monólogos. Phil pegou o que restava da tira de aço que arrancara do barril. Estava torta e era macia demais. Enfiou a mão pelo buraco no chão. Agora, a luz era melhor. Só avistou um segundo assoalho. Tateou ao longo dele e retirou a mão suja. Não encontrara emendas ou série de parafusos. Talvez conseguisse encher o espaço vazio com papel e atear-lhe fogo.

Não havia fósforos no camarote, Phil empurrou a cama de encontro à porta. Era uma cama pesada. Com Phil a empurrando do outro lado, talvez McCracken não conseguisse abrir a porta. De repente, Phil deu-se conta de que, por não ter pensado naquilo anteriormente, era parcialmente culpado pela... morte?... de Tracey. Não, isso não! Tracey estava viva! Amarrada e algemada no porão. McCracken seria capaz de torturar Tracey para obrigá-lo a abrir à porta? Desanimado, Phil sentou-se na beira, da cama.

McCracken parecia ter planejado tudo muito bem.

Inquieto, Phil começou a andar pelo camarote. Aos poucos, o sangue tomou a esquentar. Sentiu fome.

O vidro da vigia se quebraria? Conseguiria ele usar os cacos para improvisar um punhal? Existiria algum ponto fraco na parede dos fundos? Seria possível abrir um furo na popa do barco? Afundá-lo? Phil lembrou-se de que devia existir uma emenda em algum lugar. Afinal, o barco era de madeira. A fadiga toldava-se a mente. Retirou as dobradiças da vigia. Talvez pudesse usá-la como escudo para proteger a cabeça.

Phil procurou escutar ruídos produzidos por Tracey. Ouviu um arrastar abafado no convés. Olhando pela vigia, não viu coisa alguma. Não havia sombras. Forçando os sentidos, encostou o ouvido à parede. A brisa sacudia as frondes das palmeiras na ilha.

— Ao meio-dia em ponto — ouviu a voz de McCracken, — Não antes disso.

Phil ficou profundamente aliviado. Com quem poderia McCracken falar, senão com Tracey?

McCracken andava pelo convés. Phil desmontou inteiramente o cronômetro, encontrando apenas minúsculas molas, uma roda complicada e uma figura de Netuno no mostrador. Uma ampulheta só oferecia pequenas barras de madeira, elegantemente entalhadas, que seguravam os dois tampos. Desgostoso, Phil jogou a ampulheta na parede e o vidro rolou pela cama, produzindo com sua forma convexa um reflexo curvo amarelado.

Sentando-se à penteadeira Phil correu os olhos pelo camarote silencioso. A falta de alimento causava-lhe uma dor de cabeça que lhe martelava fisicamente a testa. Ainda assim, via tudo com uma nitidez sobrenatural. Era como se ele e McCracken, por acidente do acaso ou loucura do destino, se encontrassem frente à frente junto à beira do precipício. Phil refletiu desdenhosamente no quanto sua vida fora trivial. Uma vida tolhida, entre gente tolhida. Agora, à beira de sua própria morte, não sentia medo.

Segurou a ampulheta em frente à vigia, esperando focalizar os raios do sol no lençol e iniciar um incêndio. O vidro se aqueceu, mas não mais que isto, e o feixe de luz não incidiu sobre a cama.

— O sol está subindo — murmurou Phil com um aperto no estômago. — Deve ser quase meio-dia.

Lá em cima, soou um rangido, como se McCracken se pusesse de pé ou mudasse de posição. Então, o Capitão atravessou o convés, após fazer algum tipo de preparativo nos turcos dos quais o bote costumava ficar suspenso.

— Pela autoridade de Deus, Sua Majestade o Rei, o povo do governo destas ilhas — entoou McCracken.

Phil fez uma careta, tentando não escutar.

— Embora não seja alto mar, a água aqui é fria e não corre para a margem, mas para a maré — prosseguiu McCracken. — As circunstâncias nos obrigaram a vir a esta última laguna, meu amor. E, como metade da minha alma está contigo e a tua comigo, não ficaremos separados. Mas, na imunda barbaridade deste mundo, nós realizamos e conquistamos, e ninguém que nos tenha conhecido ou que tenha experimentado nossa têmpera poderá dizer de nós — faltou inteligência, ou que a vida não correu forte,

rápida e profunda dentro de nós.

McCracken fez uma pausa. Houve prolongado e profundo silêncio. Phil pensou que a cerimônia, qualquer que fosse, terminara. Mas a voz de McCracken prosseguiu, pouco acima da vigia:

— Portanto, encomendamos teus restos mortais, que contiveram a mais nobre das almas, entregando-os à água da qual renascerás. Sem remorso ou tristeza, sem angústia ou temor, nós nos separamos. As coisas compostas se decompõem e damos graças pela vida que nos foi concedida.

Phil cobriu os ouvidos com as mãos. O som da voz monótona de McCracken parecia envenená-lo, instilando corrosão em seu cérebro. As aves selvagens que gritavam na densa folhagem da ilha clamavam para que Phil matasse McCracken. Sim. Ele mataria McCracken, jurou Phil. Embora o homem implorasse misericórdia, ele o destruiria — e sentiria prazer ao fazê-lo.

Phil correu para a pequena vigia. Já removera o vidro, o que lhe dava um pouco de espaço, suficiente para colocar metade do rosto para fora. Só viu a laguna calma e inocente, e o canal que levava ao mar.

Algo bateu ruidosamente na água. Sobressaltado, Phil chocou a testa contra a moldura de ferro da vigia. Esbugalhou os olhos. Um pesado volume rolou na água, afundando um pouco, entrou no canal e foi lentamente arrastado pela corrente em direção ao mar.

— Rola, rola, poderoso oceano. Leva isto, o meu amor, para tuas profundezas.

Bolhas circulavam loucamente entre as pequenas ondas. A água encrespada chegava agora ao casco abaixo da vigia de Phil. O brilho da água o cegava. Forçou mais a cabeça para fora. Sem outras palavras, outro baque na água. Phil avistou de relance um vulto enrolado num cobertor, atado pelo meio com uma corda, rolar na água e seguir o caminho do outro.

Atordoado, Phil observou o volume afundar aos poucos na direção do canal que levava à angra exterior e ao mar aberto. Logo as bolhas provocadas pelo impacto foram arrastadas pela forte corrente da maré e se desintegraram na água. Phil fitou o horizonte brilhante e imóvel.

— É um truque! — berrou. — Um truque, McCracken!

Seu grito ecoou pela laguna. A colina pelada parecia observá-lo desdenhosamente. McCracken atravessou o convés. Phil recolheu rapidamente a cabeça, correu para a cama e firmou-se contra ela. Não ouviu passos descerem para o salão. McCracken permaneceu no convés.

Phil pegou a ampulheta. O sol penetrava pela pequena vigia. Phil quebrou a moldura do mapa do Caribe e apalpou o pergaminho. Estava seco e quebradiço. Rasgou-o em pequenas tiras e pedaços. Juntou-os numa pilha, colocou-a sobre pequenas lascas e depois escutou com atenção, para verificar os movimentos de McCracken.

O sol descia, ao longo da parede interna, projetando um círculo de luz brilhante. Phil colocou o vidro da ampulheta sob o facho, mas a luz refratada incidiu no chão, decompondo-se nas cores do arco-íris.

Todos os pensamentos de Phil se restringiram, concentrando-se no objetivo de acender um fogo.

Ficou obcecado. Não lhe ocorreu que era mais provável ele morrer no incêndio que McCracken. A destruição o eletrizava. Movimentava-se com eficiência e rapidez, os sentidos desusadamente aguçados. Raspou madeira da beira do tampo de mogno da cômoda, usando o aro de bronze do cronômetro desmontado. Conseguiu um punhado; de serragem e algumas minúsculas lascas de madeira, empilhando tudo sobre os pedaços de papel em cima do barril.

Na extremidade oposta ao camarote havia um lampião a álcool. Phil retirou a base e manga de vidro, sacudindo o lampião de cabeça para baixo. Apenas algumas gotas caíram no tampo do barril. Phil enxugou o interior do depósito de álcool e colocou o papel higiênico que usara na limpeza junto ao resto do material inflamável em cima do barril. Pegou a brochura que estava ao lado da cama e rasgou-a em pedaços de meia página e página inteira, empilhando-o a um lado.

O vidro da ampulheta refletia a luz num semicírculo além da junção da parede com o chão. Phil colocou a mão sob a luz, praticamente a mesma temperatura que reinava no interior do camarote. Phil trouxe uma lâmpada elétrica do banheiro e segurou-a sob o fecho de sol. A luz se difundiu sobre o barril, brilhando em pontos esparsos.

Phil fez uma pausa para ouvir os movimentos de McCracken.

No interior do cronometro, havia pequenos pedaços de vidro azul-marinho e cor-de-rosa, com figuras ornamentais. Phil segurou-os sob o sol, mas eram planos; apenas dois anéis concêntricos brilharam sobre a pilha de pedaços de papel e madeira. Aborrecido, Phil atirou o sextante no chão. Um espelho prateado voou contra a cômoda,. Um pequeno telescópio rolou para baixo da cama. Phil mergulhou atrás dele. Uma das lentes rolara, para o interior do tudo amassado. A outra, Phil pegou no chão.

Onde está...? — sussurrou. — Diabo!

Sacudiu as roupas de cama. Enfiou-se debaixo da cama, preso sob o colchão muito baixo, procurando escutar passos. Seus olhos se embaçaram no ar úmido e poeirento. Tateou sistematicamente ao longo do tapete que ele rasgara anteriormente. Num canto, encontrou a brilhante lente. Correu para a vigia.

O fecho de luz ainda era circular, mas desviara-se em ângulo, na direção da parede dos fundos. Logo se erguia quase na horizontal e depois se achatava rapidamente quando o sol se erguesse ao longo da parede da vigia, até desaparecer.

Segurando uma lente em frente à vigia, Phil levantou e baixou a segunda lente. Formou-se um círculo de luz. Com o pé, Phil empurrou o barril para baixo dos seus braços. Seus braços se cansaram e começaram a tremer. A cada movimento o círculo dançava loucamente e desaparecia. Phil era obrigado a procurar novamente a relação de distância entre às lentes. A luz do sol mudava constantemente de ângulo. Logo desapareceria da vigia.

Phil juntou mais o material inflamável. Olhou fixamente para o núcleo de luz que, cercado pelas cores do arco-íris, incidia sobre os pedaços de papel. Um sopro de brisa espalhou a maior parte dos papéis. As lascas de madeira se contraíram e caíram da pilha.

— Diabo!

Um fio de ar quente subiu quando o papel se encrespou repentinamente. Phil tentou ajeitar o papel com o pé, colocando-o sob a luz, mas o barril era muito alto. Temia mover os braços e perder o calor que já conseguira gerar através das lentes. As lascas de papel se moviam, rolando, escurecendo, deixando nua a superfície do barril.

De súbito, Phil deixou as lentes de lado, juntou depressa todo o papel do livro num só bolo, adicionando a serragem que colhera na cômoda. Sob as lentes, o material ficou imóvel num brilhante círculo de luz pelo que pareceu a Phil uma eternidade. Então, numa agonia de calor, um pedaço de papel se crispou e enegreceu. A luz tremeu acima dele. As mãos de Phil começaram a tremer também.

Uma a uma, as páginas produziam um leve som, esticavam-se, escureciam e caíam do bolo. Um pedaço do mapa, a inscrição em caligrafia floreada ainda legível, encrespou-se nas beiradas e enegreceu. À fumaça subiu alguns centímetros acima do papel. Phil soprou de leve e as cinzas voaram, deixando apenas papel intacto. Phil juntou o resto das páginas, rasgando-as em pedacinhos. Em seguida, levou o barril para perto da parede oposta, até mesmo enfiando o pé por baixo, a fim de erguer o tampo bastante para ficar sob a luz.

Ouviu os passos de McCracken atravessarem o salão.

Um fio de fumaça azulada elevou-se três centímetros e logo desapareceu a um sopro da brisa. No silêncio, Phil escutou o papel encolher-se. Ar denso parecia encapar da massa de grossas páginas impressas emboladas abaixo do rosto de Phil. Era uma chama incolor. Os cantos das páginas pareciam erguer-se em direção ao fluxo de ar denso. Então, saiu mais fumaça. Um leve som e, por baixo do ar que tremia, surgiu uma língua de chama amarela. O cheiro acre da fumaça atingiu as narinas de Phil. Este continuou a segurar as lentes, os braços doloridos. Mantinha o pé por baixo do barril e não ousava respirar. Uma chama andou até a extremidade de uma página amassada sob forma de bola e se extinguiu. Uma pequena coleção de fragmentos de mapa inflamou-se numa pequena chama amarela.

Phil alimentou cautelosamente o fogo com pedaços de papel higiênico, que continham umas poucas gotas de álcool. Fumaça branca subiu em espiral. Um puff! e o papel higiênico expirou rapidamente numa onda de chama. Phil soprou de leve o papel queimado. Pequenas brasas brilharam sobre a serragem e produziram fogo. Em breve, vários filamentos de fogo consumiam com regularidade o papel que Phil mantinha no centro do tampo do barril.

Os passos de McCracken tinham parado no fundo do salão, como se ele tivesse ido à cozinha, mas agora o Capitão atravessava o salão, na direção do camarote de ré.

Lascas de madeira enegreceram, lançando pequenas fagulhas, e finalmente produziram uma estreita e comprida chama azul. Mais papel pegou fogo. Phil partiu a moldura em pedaços ainda menores, enfiando farpas nas palmas das mãos. A madeira queimou num minúscula pilha entrelaçada. O ar tinha livre acesso à base do fogo. E a fogueirinha crescia.

Houve uma batida à porta.

# Dezesseis

Phil continuou a alimentar o fogo com as páginas amar-rotadas, torcendo-as em mechas mais grossas. Encontrou duas lascas compridas e finas das tábuas do assoalho e pousou-as delicadamente sobre a pequena fogueira. A superfície envernizada do barril estava ficando negra.

O trinco da porta do camarote foi puxado. Phil removeu, silenciosamente da moldura o mapa das índias Orientais, enrolou o pergaminho de modo a formar um tubo e o colocou de través sobre as chamas. Dê-me um minuto, Capitão — disse em direção à porta fechada. — Eu ... preciso rezar.

— Devia ter pensado nisso há vários dias.

— Eu preciso... acertar tudo comigo mesmo.

— Logo tudo estará bem certo.

— Eu lhe imploro, Capitão. Em nome de sua esposa. Estou perturbado.

Por estranho que pudesse parecer, houve uma pausa.

— Cinco minutos, Sr. Williams.

O fecho tornou a correr. Os passos do Capitão se afastaram pelo corredor. Phil dividiu a moldura em quatro partes e arrumou os pedaços em cruz sobre o fogo. Usando o pedaço de aço, quebrou a gaveta da cômoda e, em seguida, arrancou as molduras entalhadas que adornavam o móvel. Pôs tudo em cima das chamas. A essa altura, o sol mudara de posição e a luz incidia na parede, muito acima do barril. Se o fogo se extinguisse, não haveria mais luz para acendê-lo novamente.

As cortinas eram grossas demais para pegar fogo com facilidade. A orla do lençol escureceu mas não produziu chamas. A capa da brochura se encrespou e foi devorada pelas labaredas. Um pano de mesa rendado se enroscou, transformando-se em cinzas pretas. Papel higiênico trazido do banheiro consumiu-se depressa. Os pedaços de madeira da armação da ampulheta também desapareceram em chamas. Molduras de enfeite arrancadas da porta e do rodapé empolaram-se com a tinta branca à prova de fogo e só produziram fumaça. Phil apanhou uma camisola de dormir no armário. Era a camisola que ele comprara para Tracey na Bonwit's de Nova York. Paralisado, fitou a peça de roupa. Teve a impressão que braços alheios, pertencentes a algum animal, depositaram-na delicadamente sobre as chamas. O tecido se encolheu e produziu uma labareda esquisitamente quente. A essa altura, o lençol já pegara fogo. Phil o amassou cautelosamente, empurrando-o devagar para o centro do barril. O fogo já estava bastante

quente para obrigá-lo a manter-se a distância. As cortinas começaram a queimar. Phil arrancou as cortinas das outras vigias.

Passos se aproximaram.

McCracken bateu à porta.

— Não terminei, Capitão. O senhor não sabe como é...

— Sei muito bem como é, Sr. Williams. Convivo diariamente com a morte.

— Mas eu não, Capitão! Dê-me mais dois minutos. Apenas dois minutos!

— A coragem fica bem num homem, Sr. Williams. Implorar, não.

Phil jogou um invólucro plástico de camisa no fogo. O tampo do barril estava em brasa. A fumaça subia até a vigia, era soprada pela brisa para o interior do camarote e fazia arder os olhos de Phil. Este colocou um chapéu esporte na fogueira e palha trançada se abriu com o calor. Phil alimentou as chamas com as blusas de Tracey e depois inclinou a gaveta da cômoda sobre a fogueira, apoiando-a no tampo do barril e na parede.

— Acha que tenho menos coragem que os outros, Capitão?

— Tem coragem razoável, Sr. Williams.

Um crepitar soou no camarote. O fundo da gaveta da cômoda começava a incendiar-se.

O fecho da porta foi puxado.

Verniz de unhas pingou na madeira, inflamando-se depressa. A gaveta da cômoda pareceu criar dedos azuis de fogo. Folhetos de agências de viagens queimaram rapidamente. Passaportes, dinheiro, cheques de viagem e passagens aéreas desapareceram com espantosa rapidez nas chamas vorazes que aumentavam de volume e intensidade.

A porta se chocou na cama, que não se moveu.

Uma segunda camisola pegou fogo. O conteúdo da bolsa de Tracey foi consumido pelas labaredas. A fumaça pairava logo abaixo do teto, espalhando-se, saindo pela vigia. Phil tossiu, arrancou o cobertor da cama e o atirou na fogueira. Os lados do barril cuspiam baforadas de fumaça azul. Phil empurrou a cômoda de encontro ao barril, prendendo este último num ângulo entre ela e a parede. A fumaça entrava-lhe pelos olhos.

— Abra a porta, Sr. Williams. Não tente segurá-la.

A cortina do chuveiro não era inflamável, mas o conteúdo do pequeno armário de roupa de banho era. Um grande saco plástico com rolos de papel higiênico incendiou-se de imediato. Várias toalhas de papel queimaram depressa. Phil colocou uma segunda gaveta vazia sobre o fogo.

McCracken jogou o peso do corpo contra a porta. A cama recuou um pouco. Phil jogou-se contra ela,

fechando a porta.

— Ordeno-lhe que encare seu destino, Sr. Williams!

— Eu o matarei primeiro, McCracken!

Um violento empurrão fez a cama recuar três centímetros. Phil empurrou-a de volta... Então, percebeu que seus pés escorregavam sob a força superior de McCracken. As pontas do arpão surgiram obliquamente na fresta da porta.

— Isso é vergonhoso, Sr. Williams!

— Estou estragando sua cerimônia?

— O senhor é mais inteligente que isso!

O barril rachou-se no sentido vertical, deixando cair uma aduela em chamas sobre o tapete. O resto ficou rapidamente em brasa, produzindo um brilho avermelhado em toda a parte lateral. Phil jogou os travesseiros em cima da cômoda. Um deles caiu no fogo.

— Por que prefere morrer sem dignidade, Sr. Williams? Sua esposa foi um modelo de decoro!

Com as veias saltando, Phil usou o ombro para empurrar a cama de encontro à porta. O fogo aumentava. Phil correu, ergueu outra gaveta e seu conteúdo, colocando tudo na fogueira.. O fundo da cômoda apresentava grandes áreas oblongas de madeira enegrecida. A cama foi violentamente empurrada para o interior do camarote.

Phil lutou para empurrá-la de volta, mas sua força não era páreo para a de McCracken. Viu o arpão apontar para a pequena vigia onde o verniz sibilava e formava bolhas ao longo da beirada da cômoda. A tinta se empolava e escorria em gotas. Os suéteres e estolas no fundo da cômoda emitiam um cheiro ruim, envoltos em fumaça sugada pela vigia oposta a McCracken. Phil sentiu o camarote, ficar abafado. Agora, onde ele estava em pé, o calor era palpável. Quando McCracken perceberia?

— O que está acontecendo, Sr. Williams? Que cheiro é esse?

O arpão estava em posição. Apenas o braço de McCracken era visível pela fenda da porta. Phil deu-se conta de que mais cedo ou mais tarde, McCracken acionaria o mecanismo de disparo do arpão. Na pausa momentânea, enquanto ele recarregasse a arma, ambos ficariam em condições mais ou menos iguais.

Phil estendeu a mão e puxou para si a argola de bronze do sextante quebrado. Tinha uma aresta afiada, mas não era pesada. Uma arma ineficaz. Phil agachou-se o mais à direita que lhe foi possível, abrigando-se atrás da cama. O calor se irradiava pelo lado esquerdo do rosto, chamuscando-lhe os cabelos. O arpão de McCracken apontava para a esquerda. Phil jogou um sapato no fogo. O arpão se moveu, mas não disparou. De repente, o vidro da vigia; encostado à parede dos fundos, quebrou-se com um forte estalo. Como num reflexo nervoso, a mão enorme de McCracken contraiu-se. A seta do arpão atravessou o camarote como um raio. Aconteceu tão depressa que Phil foi apanhado de surpresa. A porta se abriu. McCracken virou-se para a esquerda, com outra seta já armada no mecanismo de disparo, e apontou o arpão para o fogo. Ficou boquiaberto ao ver as chamas.

Naquele instante, Phil percebeu que, ao contrário do mar que não possui forma ou inteligência, McCracken era um homem como ele, Phil. Portanto, podia ser derrotado. Não era morte em si, mas uma forma particular da morte. De repente, Phil deu-se conta de que as regras do jogo tinham mudado — em seu favor. O jogo era de McCracken, mas à jogada era de Phil! Com um grito, hediondo a seus próprios ouvidos, Phil atirou-se contra o vulto de McCracken, golpeando com a argola de metal. Sentiu e ouviu a pancada sólida num osso e viu um olho cheio de espanto. Um tremendo empurrão o atirou contra a parede. Phil correu, esperando a seta cravar-se em suas costas, mas isso não aconteceu.

Em pânico, soltando um grito de guerra, Phil correu através do salão.

— Isto é um ultraje! — berrou McCracken.

Phil correu para a cozinha e rebuscou as gavetas à procura de panelas, chaleiras facas, qualquer coisa —mas nada encontrou. Escutando os pesados passos de McCracken, correu para o camarote principal, passando por cima do alçapão do porão onde estivera prisioneiro. Virou-se, encurralado, e subiu a escada do convés.

— Incendiário! — gritou McCracken.

Phil fechou a porta de escotilha que dava para o convés. Não tinha trinco por fora. Phil empurrou uma cadeira de convés para calçá-la. O arpão, de McCracken penetrou na madeira da porta. Lascas compridas voaram pelo convés. Pelo buraco, Phil avistou McCracken no pé da escada. Tinha nos lábios um leve sorriso de admiração.

— Muito bem, Sr. Williams — admitiu o Capitão.

Phil jogou óculos escuros e um frasco de loção de bronzear, através do buraco. Os objetos bateram no peito de McCracken enquanto este recarregava o mecanismo de disparo do arpão com outra seta. Phil correu para a amurada. Tudo acontecera tão depressa que ele se espantou com a claridade do dia. Uma corda pendia à sua frente, terminando num laço com um grosso nó corrediço. Era o laço destinado ao seu pescoço.

Emitindo um grito de horror, Phil correu à casa do leme. A cadeira que calçava a porta da escotilha foi jogada pelo convés.

Pelo vidro sujo da casa do leme, Phil observou McCracken procurá-lo, caminhando devagar com o arpão firmado na dobra do braço. Era uma versão da eternidade. Cada segundo se consumia com uma totalidade que dava a impressão de suspender o passar do tempo. Se a escuridão era a origem e conclusão, da vida, então aquele momento era sua apoteose. Phil agachou-se no interior da casa do leme. Pegou uma chave de fenda em cima da mesa e segurou-a contra o peito.

— Como se sente, Sr. Williams? — indagou a voz de McCracken. — Seu sangue está correndo? Não tem medo?

O calor na casa do leme era insuportável. O sol, parecendo aprisionado pelos vidros da janela e da porta, transformava o ambiente numa estufa. Era difícil acreditar que já tivessem tremido de frio sob a chuva fria e se encolhido sobre aqueles mesmos bancos. Phil procurou um instrumento pesado, mas só

encontrou a lanterna de sinalização.

— A morte, Sr. Williams. Não lhe causa medo?

A lanterna de sinalização não era suficientemente forte para cegar McCracken quando este entrasse pela porta. Phil esperou que ela talvez o surpreendesse. Não haveria um escudo à mão? Phil puxou a almofada do banco, uma esteira presa aos suportes.

— Que pena que esta extraordinária experiência luminosa tenha que terminar! — exclamou McCracken. — Não é inconcebível, Sr. Williams?

Phil encostou a almofada do banco, com suporte e tudo, no comprido vidro da casa do leme. Viu num breve relance a figura de McCracken, andando pelo convés, a túnica branca ensopada de suor.

— Lançar o último olhar a todas às coisas belas! Desaparecer sem deixar vestígios!

Phil deu-se conta de que seu camarote ficava diretamente abaixo da casa do leme. Não sentiu cheiro de fumaça e rezou para que o fogo não tivesse apagado.

— Percebe a injustiça... a exótica injustiça... Sr. Williams? Sente-a na medula?

Uma seta de arpão atravessou o vidro, os suportes, a esteira e se cravou na parede acima de Phil. Fragmentos da vidraça espalharam-se sobre o console de instrumentos. Phil sentiu milhares de picadas no rosto, despertando-o do insensato devaneio. Atirou-se contra o que restava da porta de vidro, cortando o braço em vários lugares, e fugiu desesperadamente da casa do leme.

Corria de meias, pois jogara os sapatos no fogo. Os pulmões queimando por falta de oxigênio, contornou a parede da cabine. Era óbvio que McCracken estava rodeando a casa do leme, mas em que direção? As probabilidades eram exatamente iguais: viver ou morrer, correr para direita ou para a esquerda. Imóvel, Phil procurou uma sombra, mas o sol estava às suas costas. Só a sua própria sombra se estendia pelo convés.

Phil compreendeu que o mundo era uma arena monstruoso, na qual os homens se caçavam mutuamente.

Pulou do abrigo da parede dos fundos da cabine, cambaleou, tropeçou na cadeira de convés e atirou-se pela escada interna. Rolando pelo corredor, procurou levantar-se e verificou que o joelho esquerdo não suportava o peso do corpo.

Gradativamente, foi invadido pela intoxicação. Não era apenas o sangue que lhe latejava nas têmporas, ou a aura preternatural que lhe perturbava a visão, mas um cheiro que lhe impregnava o cérebro. Era fumaça. E, com a fumaça, veio a certeza de que o *Penny Dreadful* provavelmente estava mortalmente ferido.

A destruição tornara-se aliada de Phil.

Revistou os armários, encontrando varas de pescar, roupas impermeáveis, anzóis. Na prateleira de baixo, encontrou uma lata listrada de amarelo, com uma espécie de funil invertido na boca. Tinha cheiro, de álcool ou querosene. Phil desatarraxou a tampa do funil e virou a lata, derramando todo o conteúdo.

Um fluido incolor correu pelo corredor na direção do camarote de ré, espalhando-se no interior do aposento em chamas.

Phil correu para o fogão e abriu todos os bicos de gás. O do forno também. Quebrou os lampiões a álcool contra as paredes de cozinha. McCracken descia pesadamente a escada. Phil correu para o camarote principal e fechou a porta.

— O fogo... bela tentativa! — declarou McCracken, ofegante. — Mas não...

Um barulho metálico indicou que a lata foi atirada na parede. Phil rezou para que McCracken não percebesse que os bicos estavam abertos. Talvez não houvesse mais gás no fogão. Phil empurrou a cômoda de McCracken para bloquear a porta; mas era uma cômoda leve e não resistiria à pressão. Onde ficava o depósito de combustível? Ou latas sobressalentes de gasolina? Phil retirou da parede as espadas antigas e escolheu a de lâmina mais larga e ligeiramente curva, com o punho esculpido na forma de um anjo.

Um machado de bombeiro atravessou a almofada da porta. Com um berro, Phil golpeou para baixo a lâmina da espada. McCracken retirou os dedos bem a tempo, deixando sangue sobre a cômoda. Silêncio. McCracken se fora? O coração de Phil batia com força. Através da rachadura no painel da porta, avistou o vulto de McCracken que se afastava para cuidar do incêndio. O fato de McCracken parecer confuso atingiu o consciente de Phil. Este se deu conta, pela primeira vez de que havia possibilidade de vitória. Era possível triunfar num combate contra um de seus semelhantes. Agora, Phil entendia uma parte do que McCracken mencionara indiretamente durante o cruzeiro.

McCracken retirou um grande extintor de incêndio de um dos armários do corredor.

Phil jogou para o corredor o pesado tinteiro. A tinta se espalhou pelo chão e a pena de ganso flutuou levemente até o chão. McCracken correu para o outro camarote. Então, recuou, combatendo as chamas. Phil pulou para a cozinha. Os queimadores do fogão estavam acesos. Phil arrancou as cortinas das vigias e as jogou sobre o fogão, juntamente com toalhas de papel, guardanapos, uma toalha de mesa e caixas de condimentos. Transformadas numa única massa de fogo, as chamas serviam de pavios. Phil jogou flores secas na fogueira. Depois, livros da estante. Então, abriu a garrafa de conhaque, que ainda estava em cima do balcão, e derramou a bebida sobre o fogão, o balcão e no chão.

Indo ao salão, pegou as garrafas de bebida e jogou-as pela porta, quebrando-as e inundando a cozinha. Então, bem a tempo, avistou a túnica branca, suja de sangue e fuligem. Atirou-lhe uma garrafa com toda força e escutou o vidro partir-se de encontro à parede do corredor. Partículas de fumaça nauseabunda o cegavam.

— Vou matá-lo, McCracken!

Uma seta de arpão atravessou a cozinha, passou rente ao pescoço de Phil e quebrou uma prateleira da estante,

— Com as mãos nuas! — berrou Phil.

McCracken entrou mancando pela porta da cozinha, ergueu o arpão e disparou.

No mesmo instante, o pulso de Phil bateu na própria testa. Erguera instintivamente o pulso para proteger-se do arpão. O braço atravessado pela seta, senão quebrado por ela, foi lançado para trás com força espantosa, batendo na testa e deixando Phil atordoado. Acima do forte zumbido nos ouvidos, Phil escutou distintos sons sibilantes e ameaçadores. Eram os queimadores do fogão e o fogo que consumia o isolamento da fiação elétrica ao longo do teto da cozinha.

— Grite, Sr. Williams! Clame aos céus! O seu último brado...

— Estamos empatados — balbuciou Phil, percebendo que McCracken disparara sua última seta.

Pedaços de carne pendiam do antebraço de Phil e ele não conseguia flexionar a mão, embora os dedos inertes ainda estivessem intactos.

— Lutei bem — arquejou ele roucamente, tropeçando, enchendo os pulmões com a venenosa fumaça carregada de chumbo.

— Sim, lutou bem, Sr. Williams — concordou McCracken, sacando da cintura o punhal com cabo de madrepérola. — Bem demais.

— Dei tudo o que tinha — sussurrou Phil, sem saber quem era ou onde estava, tropeçando para trás, já não sentindo mais as pernas, o braço esquerdo pendendo ao longo do corpo. — Tudo.

McCracken umedeceu os lábios. Absurdamente, agora que empunhava o punhal, parecia relutar em usá-lo, como se houvesse algo repugnante no combate corpo-a-corpo.

Phil fitou McCracken funestamente, os olhos brilhando na densa fumaça.

— Confesse, McCracken. Nunca houve alguém como eu no seu barco.

McCracken encarou Phil com desconfiança, recuando cada vez mais pelo corredor. De repente, Phil se abaixou e jogou o extintor vazio na direção da cabeça de McCracken. O extintor bateu na parede e rolou para a cozinha.

— Sim, Sr. Williams, somos do mesmo tipo!

— Não exatamente. Você é um louco! Assassino! Demente!

Phil pegou uma almofada no armário e a jogou contra McCracken. Este a desviou com um rápido movimento do pulso. Fumaça grossa vinha do camarote. Phil dobrou-se em agonia, com dores no estômago. Respirava com dificuldade, exalando com um som estranho o ar de seus pulmões torturados.

— E você, Sr. Williams? — berrou McCracken. — Está desesperado para me matar! Quem é o criminoso? Adúltero! Fornicador!

Phil recuou contra a porta, que cedeu. Ele entrou, meio caído, no camarote de ré, ante de perceber o erro que cometera. A fumaça jorrava das paredes em espessas cortinas. A tinta escorria em filetes pelo chão. O teto estava empolado com manchas escuras.

Phil ajoelhou-se, tossindo.

— Se negar isso, não passa de um inseto despezível! — sibilou McCracken.

Uma forte brisa penetrou no camarote, incendiando novamente as paredes. Então, um enorme estrondo, um relâmpago de luz e um golpe físico que atirou McCracken no chão. Os ouvidos de Phil reverberavam com a explosão. McCracken se pôs de pé e, depois, ajoelhou-se. Com os ouvidos sangrando e os olhos vidrados, brandia loucamente o punhal diante do corpo.

— Queime! Queime! — exultou Phil. — Veja só o seu barco, McCracken!

Um horrível estalar de vigas partidas soou na crescente escuridão.

— Fiz do barco o seu caixão! — gritou Phil. — Eu! Phil Sobel! Não Williams! Sobel! Fui eu!

— *Meu barco!* — engasgou-se McCracken.

Um segundo clarão iluminou o rosto de McCracken. Estilhaços de lata voaram pelo corredor. Um terrível cheiro de álcool se fez sentir ao mesmo tempo que uma explosão seca reverberava por todo o barco.

Phil engatinhou até o banheiro, fechou a porta e bateu cegamente nas chamas. Abriu as torneiras; do chuveiro e da banheira, deixando a água correr livremente. Mergulhando o rosto na água, procurou inalar oxigênio. Apoiando-se no braço direito sã, respirou junto ao ventilador, pelo qual entrava um leve sopro de ar puro.

— Williams! — rugiu McCracken.

— Meu Deus, deixai o barco afundar — rezou Phil.

Em sua alucinação, Phil viu centenas de dedos rasgando a porta. O verniz escorria em faixas. A fumaça emanava do painel interno da porta. McCracken confundira a porta do armário com o banheiro e, em seu delírio, usara o punhal para dilacerar as roupas que ainda restavam. Então, endireitou-se e invadiu o banheiro. Sua túnica branca estava suja de fuligem negra, sangue e manchas de óleo.

Numa fúria selvagem, Phil esmurrou-o no pescoço, mãos e rosto. O punhal de McCracken atingiu o braço arruinado de Phil. Este continuou a bater sem parar, inconscientemente, como um moinho. Via apenas um uniforme branco que se tornara vermelho, pontos pretos nas paredes e os brilhantes azulejos quadrados. Sentiu o chão desmoronar. Afinal, Phil conseguiu rastejar até o convés. Vomitou. Tinha os pulmões cheios de fuligem.

A fumaça jorrava em rolos do interior do barco.

Phil observou distraidamente a fumaça, sem compreender o que estava vendo. Tinha a impressão de haver ultrapassado uma barreira. Já não era o mesmo homem de antes. Mal sabia quem era. Pareceu-lhe natural avistar uma ilha que aparentava abrigar densa vegetação, cobras e insetos, mas nenhum ser humano.

McCracken estava em algum lugar do interior do barco. Morto? Ferido? Sufocando em fumaça carregada de chumbo venenoso? Phil não sabia. Phil andou pelo convés, estranhamente relaxado. O sol incidia sobre as brilhantes tábuas brancas. Então, o coração de Phil se alegrou ao ver bolhas de pintura

encrespando, o convés da popa. Fumaça negra subia pelas fendas em volta do mastro da bandeira.

Era como um lindo sonho. O sol lhe esquentava a pele, revigorando-o. A lassidão agia como uma espécie de narcótico, amortecendo-lhe a dor. A água azul da laguna parecia lambe suavemente as margens luxuriantes, num aplauso rítmico e constante, como se a natureza aprovasse tudo que ele fizera.

Phil entrou na casa do leme pela porta, estilhaçada. Ali, foi assaltado por inexplicáveis impulsos de energia. Lembrando-se de McCracken, atacou a bússola, o rádio, todos os instrumentos, destruindo-os completamente. Então, a fúria o abandonou e ele ficou como antes, exausto, respirando com dificuldade, pálido, assustando-se ao menor ruído.

Percebeu vagamente que estava sob o domínio de algo mais forte que ele próprio. Como se a distância, maravilhou-se com a violência de suas mãos poderosas, com a calma frieza assassina que circulava regularmente por todo o seu corpo. Quebrou todas as vidraças da casa do leme e atirou todos os objetos no mar. Haveria um machado de bombeiro com o qual abrir um rombo no assoalho e criar uma corrente de ar que alimentasse o incêndio? Havia apenas um curto tubo de metal, que servia de extensão, para o mastro da bandeira. Após alguns golpes, Phil desistiu. Foi para bombordo. Abaixo dele, a pequena vigia do camarote expelia uma coluna de fumaça mal cheirosa.

Phil atravessou o convés. Não havia bote a bordo. Voltou à casa do leme e pegou o cano de ferro para usar como muleta. Conseguiria nadar com a perna ferida? Qual a profundidade da água? Talvez pudesse boiar. Peixes pequenos nadavam na água rasa, acima do fundo arenoso — criaturas desprovidas de senso moral, assim como ele.

Fumaça branca jorrava pela porta da cabine como de uma chaminé.

Phil jogou as cadeiras de convés para o interior do barco. Então, tirou o guarda-sol do suporte e rolou-o para a escada. Fez o mesmo com todo o material inflamável que encontrou na casa do leme: lápis, almofadas, suéteres de reserva, até mesmo a rede de voleibol, os calções de banho e as camisas havaianas. Olhando para a densa escuridão, não avistou chamas mas sentiu o calor. De repente, as almofadas se inflamaram na escada. Phil jogou para baixo lascas da porta quebrada pelo tiro de arpão. Com um pontapé, fez o mesmo com a seta.

Andou pelo convés.

A fumaça saía também pelo teto da cabine em chamas. O fogo lambia o chão. Phil, usando os pés, empurrou para perto da porta o resto das cadeiras de convés. A fumaça brotava através da porta com um som grave. Phil procurou outros objetos inflamáveis: um pedaço de lona, enrolado, que era usado para proteger a porta da casa do leme contra a chuva, a gaveta da mesa da casa do leme. Tentou arrastar a mesa, mas as pernas não passavam pela porta.

Usando o cano, Phil quebrou a mesa. Cobriu os pedaços de madeira com toalhas, sandálias e o tripé de uma pequena luneta. Foi à porta da cabine. As chamas saíam como línguas pela porta da escotilha. O calor se espalhava pelo convés como uma cortina invisível, obrigando-o a recuar.

O *Penny Dreadful* mudou de posição, batendo com a proa em alguma obstrução.

Phil observava calmamente. A fumaça brotava por entre as tábuas do convés. Era invisível logo

acima do verniz, mas juntava-se a alguns centímetros de altura e se espalhava pelo ar. As cadeiras de convés pegaram fogo. Tudo satisfatório.

O *Penny Dreadful* estremeceu como um cão adormecido.

Louça caiu e se quebrou lá embaixo. Phil foi ao mastro de popa e recolheu as bandeiras. Jogou uma delas pela porta da cabine em chamas e a outra sobre os destroços empilhados na casa do leme. A brisa soprou ao encontro dele e o fogo exalou um cheiro horrível que lhe chegou às narinas. Divertindo-se, Phil continuou a observar enquanto recuava.

As chamas rolavam pelo convés, lançando línguas que se destacavam, estendendo-se contra o fundo azul do céu. Fumaça negra jorrava irregularmente da proa. O *Penny Dreadful* parecia mover-se. Sacudia-se de um lado para outro. Produziu-se um silvo violento. Vapor branco adicionou fumaça úmida ao incêndio. Phil verificou que, debruçando-se contra os degraus da escadinha da amurada, podia segurar-se com o braço direito e baixar a perna direita, manobrando assim para descer à água. Relutante em soltar-se, ficou agarrado ao último degrau. Agora, podia notar que a água era bem mais profunda do que ele imaginara. Um jogo de luz mostrou-lhe o fundo arenoso. Através da água espantosamente transparente, Phil avistou nitidamente os seixos e a areia. A sombra do *Penny Dreadful* produzia uma espécie de brilho na sombra evanescente da fumaça e do vapor.

Phil sentia dificuldade de respirar. O fogo consumia o oxigênio do ar. O casco do barco embolotou-se, a tinta resistindo às chamas. Aqueceu-se.

Phil fraquejou. Seu consciente deu a impressão de fragmentar-se. Só conseguia ver as pedras escuras sob a água, a sombra do barco e, acima dele, o fogo que produzia um rugido de sucção. O universo se contraía num espaço com três metros de raio, cheio de dor e... algo semelhante a satisfação. Os braços trêmulos de Phil começavam a ceder. As mãos dormentes estavam cortadas em muitos lugares e sujas de óleo e fuligem. Um brilhante reflexo de sol atingiu-lhe os olhos. Ele se sentiu escorregar para algo momo, macio e infinito. Mas não era o futuro. O futuro pouco lhe interessava, agora. Só podia tratar-se de uma mísera abstração. Em vez disso, uma forte gritaria encheu-lhe os ouvidos.

— Eu venci! — exclamou em voz alta.

Remotamente, sentiu os dedos se relaxarem, largando o degrau. Sentiu um impulso contra o rosto e o corpo. Deve ter sido uma onda. Boiando de costas, viu céu, fumaça, fogo, peixes, mata e o braço que sangrava. Ao mesmo tempo, teve a impressão de ouvir alguém chamá-lo pelo nome. A água límpida o envolveu. Phil rolou nela, delirante. O *Penny Dreadful* perdera a âncora, cujo cabo estava no convés. O barco derivava, fortemente adernado, em direção ao mar aberto. Fumaça negra baixou na direção de Phil. O calor da fumaça tocou a água sob a forma de uma espuma oleosa de partículas negras.

— Sr. Williams! — ecoou uma voz áspera, animal.

Na popa do barco adernado, uma corpulenta caricatura de um corpo humano rastejava penosamente. A carne disforme estava enegrecida de fumaça e roupas queimadas, os cabelos colados em mechas sobre a testa salpicada de sangue. Um espaço branco — a boca escancarada — tremia convulsivamente.

— Sr. Williams — gritou o vulto, lutando para levantar-se.

As mãos de Phil remavam como num sonho. Nem para frente, nem pra trás. Sua perna quebrada movimentava-se como uma alga nas suaves correntes de água.

Com um estalo das tábuas do convés, o vulto caiu. Um boné de Capitão rolou na superfície, antes de afundar. O *Penny Dreadful* achava-se agora a seis metros de distância, derivando mais depressa em direção à entrada da baía. Através da fumaça, Phil avistou um movimento do vulto pesado, um reflexo da túnica, as bolhas das queimaduras no rosto quadrado de McCracken.

De longe, chegaram os gritos de McCracken morrendo lentamente no ar.

— Parabéns, Sr. Williams! O senhor é... nota dez! Um dez... absoluto...!

O brilho da explosão do *Penny Dreadful* feriu os olhos de Phil. Com o rosto ardendo, foi impulsionado para trás pelo deslocamento de ar. Sentia-se triunfante. As palavras de McCracken ecoavam, sonoras, nas raízes de seu cérebro.

Phil perdeu os sentidos.

# Dezessete

## Barco Afunda, Três Desaparecidos

MIAMI, Flórida (UPI) — As autoridades das Bahamas anunciaram hoje a libertação do único sobrevivente de um incêndio que aparentemente custou as vidas de três pessoas em alto mar. Philip Sobel, de 38 anos, presidente das Indústrias Sobel, um famoso centro de modas em Nova York, foi tratado de queimaduras de primeiro-grau, ferimentos nos braços e pernas, exaustão e intoxicação por fumaça. O Sr. Sobel foi encontrado em péssimas condições na praia de uma ilhota desabitada cerca de dez milhas a leste de Nassau. Um avião particular que passava pelo local notificou as autoridades sobre o barco incendiado, o iate *Penny Dreadful*, de 25 metros, e os responsáveis pelas investigações seguiram o rastro de óleo até a angra da ilhota onde o Sr. Sobel foi encontrado. Segundo informações do Sr. Sobel, as três vítimas do sinistro foram a Sra. Tracey Hansen, de Manhattan, e John e Penny McCracken, de Coral Gables, na Flórida.

De acordo com o relato inicial do Sr. Sobel, o *Penny Dreadful* sofreu um vazamento no casco e ficou desarvorado em alto mar pouco depois de chegar ao limite das águas internacionais. O Sr. Sobel disse às autoridades que o barco foi rebocado a remos em direção à ilhota, onde foi eventualmente ancorado. O sobrevivente parecia abalado e confuso, recusando-se a prestar maiores declarações antes de ter garantias de imunidade. Depois de interrogado durante três horas pelas autoridades das Bahamas, foi entregue às autoridades norte-americanas.

Investigações posteriores revelaram que não consta o registro de um barco chamado *Penny Dreadful* em Coral Gables e que John e Penny McCracken são presumivelmente nomes falsos.

Após seis horas de interrogatório pelo FBI, o Sr. Sobel foi posto em liberdade, em Miami, permanecendo sob observação médica.

## In Memoriam

MORRISTOWN, Nova Jersey — Foram realizados ontem, na Igreja Católica de Santa Cruz, os

serviços fúnebres em memória de Tracey Elizabeth Hansen de 28 anos. A Sra. Hansen estava entre os desaparecidos no mar durante um incêndio a várias milhas de Nassau, há duas semanas. Era diplomada pela Universidade Bryn Mawr e ensinou Inglês durante dois semestres no Hunter College, em 1974. Além de ser uma notável amazona, fazia parte do Grupo de Música de Câmara de Morristown, onde tocava flauta. Casou-se com Lawrence Poster Hansen, então cursando o último ano de engenharia eletrônica no M. I. T., em 1975. O Sr. Hansen é atualmente analista do Departamento de Defesa dos Estados Unidos. Os Hansen fixaram residência em Manhattan. Não tinham filhos.

Compareceram: o Sr. Hansen; a Sra. Daniel Farrier, mãe da falecida; Isabel Harding Cutler, irmã; Janet Farrier, irmã; Ralph Hansen, irmão de Lawrence, e Philip Sobel.

## **Divorciado Sobrevivente do Barco da Morte**

Nova York, N. Y. (UPI) — Philip Sobel, único sobrevivente do incêndio do iate de recreio *Penny Dreadful* ao largo das Bahamas em janeiro último, está formalmente divorciado de sua esposa, Barbara Ann Stroud Sobel, com quem foi casado durante dez anos, que lhe moveu a ação sob alegação de adultério. O Sr. Sobel abriu mão da custódia de seus dois filhos, Mark, de 4 anos, e Philip Jr., de 7, bem como de qualquer participação no Centro de Modas Sobel, que permanece sob o controle de sua ex-esposa.

Sobel foi encontrado quatro meses atrás, ensanguentado e incoerente, na praia de uma ilha na região a leste das Bahamas. Os corpos das vítimas do naufrágio não foram encontrados. Revelou-se que a acompanhante de Sobel era a Sra. Lawrence Hansen, 28 anos, de Manhattan. Além disso, as autoridades investigaram as possibilidades de violência ou incêndio proposital, embora não tenham feito acusações formais. O depoimento de Sobel foi contraditório e confuso, não tendo sido esclarecido o que o *Penny Dreadful* fazia naquela angra isolada. Restos de carne queimada foram encontrados em pedaços de madeira que flutuavam a várias milhas da ilha.

Misteriosamente, um antigo cronômetro desenvolvido e fabricado pela Marinha Real Britânica em 1737 foi encontrado no interior de um armário que boiava no mar. Tal tipo de cronômetro está fora de uso há 200 anos. Sobel deixou sem resposta muitas indagações relativas ao sinistro, mas as investigações foram encerradas.

Os termos do divórcio não foram revelados, mas presume-se que incluíram o pagamento de uma importância, a Sobel, em lugar de pensão, enquanto todos os bens do Centro de Modas Sobel e suas subsidiárias, bem como, a totalidade de suas ações em firmas estrangeiras, ficaram de posse de Barbara Sobel.

Na leitura da sentença de divórcio, realizada ontem, Sobel esteve presente por apenas dez minutos, período em que os termos do acordo foram registrados no tribunal. O paradeiro atual de Sobel é

desconhecido.

Bárbara Sobel voltará a usar o nome de solteira, Stroud, e mudou-se para Manhattan, onde presidirá as Indústrias Sobel, agora com o novo nome de Modas Hudson Valley.

# VENDAS DE IATES SARASOTA

Corretores Registrados de Embarcações    Reg. Estadual nº 30655 FATURA 63064

21212 Sunrise Beach Road Sarasota, Flórida 7 de setembro de 1980

Nome do Iate: DEZ ABSOLUTO

Construção

Convés de mogno de pranchas duplas

Construtor: Estaleiros American Boat

Ferragens de bronze

Comprimento: 18 metros

Estruturas de carvalho

Largura: 5,40 metros

Resina resistente ao fogo

Calado: 1,80 metros

Motores. (2) GM 8V-71 diesel 300 HP

Vel. Cruzeiro: 15 nós

1.900 RPM 75 litros/hora

Sonda de profundidade

Vel. Máxima: 18 nós 2.300 RPM

Apelco MS 252

Rádio Apelco

Sistema Elétrico:

Sonda de profundidade digital Datamarine

(6) Baterias MD — 12/32/110

Radio-goniômetro Apelco ADF Radar Apelco mod. ADR7 alcance 12 milhas VHF de 12 canais

Auxiliar: Kohler 10 KW

Piloto automático (Bendix) Megafone eletrônico Hartman

Transformador: 12V p/ 110V

Equipamentos e acomodações:

Bote inafundável de fibra de vidro (sem motor de popa, a pedido do comprador)

Sistema automático de extintores de incêndio CO2

Tanques triplos: Combustível — 950 litros

Água — 375 litros

Acomodações para quatro pessoas, camarote principal na proa, camarote para duas pessoas na popa. Fogão elétrico de duas bocas. Salão a meia-nau com tamboretas de bar presos ao assoalho. Sistema de som estereofônico. Grandes armários de parede, banheiros azuleiados em

cada camarote. Roda do leme incluída. Grande quantidade de armários embutidos. Pia dupla de aço inoxidável na cozinha. Cadeira de pesca Harriman, com arreios de segurança e arpão montado em anteparo. Painéis dos lambris à prova de fogo.

Preço total: US\$ 23.4000

Comprador: Sr. Philp Williams

Casa Grande

Hotel Sarasota, Flórida

Atendemos também pelo Reembolso Postal

LIVRARIA FRANCISCO ALVES EDITORA S.A.

Rua Sete de Setembro, 177 — Centro

20.050, Rio de Janeiro, RJ

Composto pela Jaguaribe Gráfica e

Editora Ltda., Rua Riachuelo, 33,

lojas E/IV, tel. 252-7449 e impresso

no Departamento Gráfico do MAFG,

Rua Aristides Lobo, 106 — Rio.

---

[1] *Penny Dreadful* – expressão usada para designar brochuras baratas com histórias sensacionalistas e tem como tradução literal “Penny Medonha”. N.T.

[2] *Pretty Penny* – tem a tradução literal de “Bela Penny”, mas também significa, em gíria, o equivalente a “Uma Boa Grana”. N.T.